



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA**

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

RUI FILIPE MARQUES ARAÚJO

**O Cristão e o esotero-ocultismo.
Reflexão Pastoral sobre a magia, bruxaria e práticas
supersticiosas.**

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor José Paulo Leite de Abreu

**Braga
2016**

“Mas se houvesse um Feiticeiro, um Mago, e um Encantador, o qual governasse, e obrasse por mais alta sabedoria, e mais absoluto poder, que o de todos os anjos, e o de todos os Demónios, não há dúvida que este Feiticeiro venceria a todos os Feiticeiros, este Mago a todos os Magos, e este Encantador a todos os Encantadores. Isto suposto, pergunto agora: e há no mundo este tal Mago, e este tal Encantador, cujos feitiços vencem os de todos os Feiticeiros, e cujos encantos os de todos os Encantadores? Sim há, diz Ambrósio. E quem é? O mesmo Cristo, Deus e Homem, a quem os Escribas e Fariseus caluniaram de Feiticeiro, e Mago. (...) Cuidais que só nas sinagogas do Demónio, que são as Escolas da Arte mágica, há Feiticeiros, e Encantadores? Enganais-vos, diz Ambrósio, porque também a Igreja tem o seu Encantador, que é Cristo Jesus, contra o qual nenhuma coisa valem todas as Artes Mágicas, e Encantos. Bem sabeis o que fez Moisés no Egipto. Pois assim como Moisés não somente venceu as serpentes dos Feiticeiros, e Magos de Faraó; mas encantou aos mesmos Encantadores, tirando-lhes toda a arte, e toda a força: assim o nosso Divino Encantador, Cristo, com mais poderosos, e invencíveis encantos, não só desfaz todos os feitiços, mas enfeitiça, e encanta os mesmos Encantadores”¹.

¹ Ernesto RODRIGUES (coord.), *Obra Completa Padre António Vieira: Sermões do Rosário Maria Rosa Mística II*, v. IX, Col. Parenética, Tomo II, Ed. Círculo de Leitores, 2013, pág. 292-293.

Resumo

Este trabalho teve por objetivo explorar a relação e o conflito existentes entre os cristãos e o esotero-ocultismo, refletido na prática da bruxaria. Procedendo, à problematização de tal temática, optamos por traçar um caminho que partiu de uma aproximação aos conceitos, seguido de uma confrontação dos mesmos com a teologia, traduzida na Sagrada Escritura e nos Padres da Igreja, da observação geral da sociedade ao longo da história da Igreja cristã e, por último, do estudo da prática da bruxaria, nos cristãos da diocese de Braga. A partir de todo este percurso foi-nos permitido perceber não só as causas que levam os cristãos a negarem, consciente ou inconscientemente, o Senhorio de Deus, buscando respostas nas práticas esotéricas, como as atitudes que a Igreja deve agarrar na sua pastoral para ver este fenómeno a diminuir. No entanto, este trabalho não pretendeu esgotar esta temática, mas abrir portas para futuras reflexões e para uma possível mudança de paradigma na vida dos agentes pastorais da Igreja.

Palavras-chave: Deus. Ser humano. Esoterismo. Ocultismo. Esotero-ocultismo. Artes ocultas. Magia. Bruxaria. Símbolo. Ritual. Religião. Superstição. História da Igreja. Pastoral. Diocese de Braga.

Abstract

The present investigation has as its primary goal to explore the relation and conflict between Christians and the occult, mainly reflected in witchcraft. By putting such subject under the microscope, we have been able to approach some structural concepts, which we have paralleled with their theological counterparts, from the Scriptures, from the Fathers of Church, from the general social observation throughout the history of the Christian Church and, finally, from the impact of witchcraft in the Christians of the diocese of Braga, as a study case. This path has enabled not only the comprehension of the causes that impel Christians to, consciously or unconsciously, deny the Lordship of God, looking for answers in the occultism, but also an understanding of the attitudes Church must undertake in terms of her pastoral to further a decrease of the phenomenon. Nevertheless, this investigation has not intended to exhaust this subject, but to raise awareness for further research and, eventually, a paradigm shift in the life of the pastoral agents of Church.

Keywords: God. Man. Esotericism. Occultism. Esotero-occultism. Occult. Magic. Witchcraft. Symbol. Ritual. Religion. Superstition. History of Church. Pastoral. Diocese of Braga.

Índice

Resumo	5
Abstract.....	5
Abreviaturas e siglas.....	9
Introdução.....	11
I. Enquadramento.....	17
1. Problemática da terminologia entre esoterismo e ocultismo	17
2. O universo das ciências e artes ocultas.....	28
3. A Magia	31
3.1. Magia branca versus magia negra	36
3.2. Feitiçaria e os seus agentes.....	41
3.3. Bruxaria e seus agentes	43
3.4. Magos	46
3.5. A importância do símbolo	49
3.6. Os ritos e o ritual na magia.....	52
II. A natureza religiosa e a presença da magia no Homem	57
1. A origem da religião	60
1.1. Religião e Superstição	65
1.2. Religião e Magia	69
2. Artes ocultas e a Sagrada Escritura	74
2.1. No Antigo Testamento	76
2.2. No Novo Testamento	80
3. Artes ocultas e a Patrística.....	85
3.1. Didaché.....	87
3.2. São Justino de Roma	88
3.3. Orígenes	91
3.4. Hipólito de Roma	93

3.5. Santo Agostinho.....	94
3.6. São Martinho de Dume.....	97
III. A magia e os seus agentes à luz da História da Igreja	105
1. A Idade Antiga.....	109
2. A Idade Média.....	112
3. Idade Moderna	118
4. Idade Contemporânea	126
IV. O hoje dos cristãos e bruxas na Diocese de Braga	133
1. Os bruxos e bruxas diante da sua práxis!.....	137
2. Os símbolos presentes nos nossos bruxos.....	141
3. Problemas que conduzem as pessoas à bruxaria.....	146
4. O uso de rituais e os conselhos dados	150
5. Igreja: culpada ou não das pessoas recorrerem aos bruxos.....	159
6. A Igreja pode ou não ajudar	164
Conclusão.....	171
Bibliografia	175
Patrística.....	175
Magistério	175
Livros	176
Revistas	183
Anexo I.....	187

Abreviaturas e siglas

aC – antes de Cristo

adv - advérbio

Ap – Apocalipse de S. João

At – Atos dos Apóstolos

Col – Carta aos Colossenses

Comp – comparativo

II Cor – Carta II aos Coríntios

II Cr – Livro II das Crónicas

dC – depois de Cristo

doc - Documento

Dt – Deuterónimo

Ef – Efésios

Ex - Êxodo

Gal – Carta aos Gálatas

Is – Profeta Isaías

Jer – Profeta Jeremias

I Jo – Epístola I de S. João

Lc – Evangelho de S. Lucas

Lev – Livro do Levítico

Mt – Evangelho de S. Mateus

Os – Profeta Oseias

Prov – Livro dos Provérbios

Rom – Carta aos Romanos

Sab – Livro da Sabedoria

I Sam – Livro I de Samuel

Sl – Livro dos Salmos

Sup – Superlativo

Introdução

“Quem não acredita em Deus não significa que não acredita em nada, porque começa a acreditar em tudo”².

O ressoar destas palavras de Gilbert Keith Chesterton, no início deste estudo, mostra claramente qual o objectivo que nos levou a reflectir sobre o cristão diante do ocultismo e do estranho, nomeadamente diante da prática da bruxaria. Certamente, não o fizemos para satisfazer a curiosidade ou apresentar repostas às mais variadas questões que este tema suscita, ou dar a estas mais visibilidade do que já têm, mas recolocar Jesus Cristo no lugar que deveria sempre ocupar no coração de cada crente.

Realmente, é preocupante para a Igreja e, em particular, para os sacerdotes e demais responsáveis pela vida das nossas comunidades cristãs, as práticas de tipo supersticioso relacionadas, concretamente, com bruxas, feiticeiras, mulheres de virtude ou outras(os) que tais. Esta preocupação fundamenta-se em palavras-chave, tais como: ignorância, necessidade, medo, escravidão, ilusão, que descrevem os que procuram a bruxa, e exploração, negócio, fraude, que remetem para aqueles que se aproveitam da cegueira e necessidades dos que sofrem, e assim a fé em Jesus Cristo e na sua Palavra se esvanece.

Conscientes das profundas raízes destas práticas ocultistas, na cultura popular e no imaginário das gentes, partimos em busca de repostas para algumas questões iniciais: pode o cristão professar a sua fé num Deus todo-poderoso, que cura, salva e liberta, e recorrer a ajudas pretensamente religiosas? Será que tem consciência do ato que está a realizar? Porque é que nas horas de maior aflição alguns cristãos não têm coragem de se confiarem unicamente a Deus, na Igreja? Não terá Deus a resposta? Como pode a Igreja ajudar?

Dado que nos dirigimos a cristãos, não deixamos de apelar que devem viver, de forma lúcida e sustentada, a fé em Jesus Cristo, que alcançou vitória sobre o Maligno. Esta vitória,

² Apud FRANCISCO I, *O nome de Deus é Misericórdia*, Ed. Planeta, Lisboa, 2016, pág. 32.

libertando do medo e da procura de meios mágicos, restaura as forças dos crentes para um combate com as dificuldades da vida, que se apresentam com o aspecto de dramatismo e sofrimento muito intensos, especialmente numa sociedade como a nossa. Porém, tal não se verifica. Não é porque Deus tenha abandonado o ser humano à sua sorte ou porque não seja da Sua santa vontade realizar uma graça em favor daquele que lhe pede, mas porque as pessoas simplesmente não suplicam, não se lembram. Elas pedem hoje, para receberem amanhã! Todavia noutros é a própria Igreja e os seus ministros que não sabem ser rostos de Deus, no sentido da disponibilidade e acolhimento.

Para tentarmos responder às questões de partida e verificar a nossa hipótese de resposta, traçamos um percurso que passa por um primeiro capítulo para o enquadramento, onde será feita uma aproximação ao tema, através da análise genérica dos vocábulos até à análise mais concreta do objecto de estudo, isto é, a prática e os agentes da bruxaria, que podem ser apelidados de várias formas, mas cuja finalidade é a mesma. Também, mencionamos alguns elementos (rituais, símbolos) que atravessam a maior parte das realidades aqui tratadas, sem esquecer a superstição, a ignorância, as necessidades e as tentativas de dominar o futuro.

Um segundo capítulo, dedicado à natureza religiosa e à presença da magia no ser humano, onde se reflectirá, à luz da teologia, a aproximação e ao mesmo tempo afastamento entre a superstição e a religião, a magia e a religião, a bruxaria e a religião. Para isso, contamos com o precioso contributo da Sagrada Escritura e dos Padres da Igreja que, não só nos vão mostrar como estas duas realidades podem estar presentes no homem e na mulher crentes, mas aqueles que professam o catolicismo não podem aceitar que as suas vidas sejam dominadas por forças ocultas. O cristão não pode consentir que Deus passe a um segundo plano perante as falsas crenças. O Senhor Jesus, e somente Ele, tem o poder de derrotar, de guiar, de sarar as feridas do ser humano.

Um terceiro capítulo, consagrado à história, corresponde a uma breve auscultação da magia e dos seus agentes na relação ou combate com a Igreja. Neste sentido, observando as

várias idades contempladas no *cronos* da Igreja (Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea), vamos notar como a sociedade, concretamente os cristãos e as autoridades responsáveis pelo governo da Igreja, se continha (ou não) perante a magia, a superstição e as crenças.

Por fim, um quarto capítulo abordará mais de perto o fenómeno da bruxaria junto dos cristãos da atualidade. Para esta focagem servimo-nos de várias entrevistas, realizadas na área circunscrita à Diocese de Braga, a bruxos(as), frequentadores dos bruxos(as) e padres que se encontram na missão de acompanhamento a pessoas que passaram por experiências esotéricas, ou que passaram e passam por alguma dificuldade e necessidade na vida que não conseguem resolver.

Com este itinerário traçado, esperamos, no essencial, aproveitar os três primeiros capítulos para introduzir competentemente na descoberta das respostas a algumas questões que o oculto nos levanta. De facto, naturalmente, são mais as interrogações do que as respostas, todavia sairemos com uma fé mais esclarecida ao ponto de voltar a nossa existência para o único Deus, que tudo criou e a todos agraciou com o dom da salvação. No quarto capítulo, centrar-nos-emos numa análise mais particularizada da temática em questão, que com certeza suscitará algumas conclusões para uma pastoral a realizar junto das gentes que vivem atormentadas pelo sofrimento, pelo ódio, pela ingenuidade e pelo temor.

Certamente, existem muitas outras formas e muitos outros caminhos para estudar esta temática, no entanto, um só dever perpassa por este trabalho: insistir e ajudar no esclarecimento, tão profundo quanto o permitem as dimensões e as intenções da presente investigação, de tais práticas pretensamente religiosas.

CAPÍTULO I
ENQUADRAMENTO

I. Enquadramento

1. Problemática da terminologia entre esoterismo e ocultismo

Antes de apresentarmos o tema e refletirmos sobre ele, é imprescindível atendermos aos conceitos e à problematização que eles nos impõem. Nesse sentido, devemos deter o nosso olhar primeiramente sobre os termos “esoterismo” e “ocultismo”, semelhantes mas ao mesmo tempo diferentes, não só do ponto de vista conceptual, mas também social, religioso, científico e psicológico.

Observando, em primeiro lugar, o termo “esotérico”, preludiamos esta nossa reflexão esclarecendo que este é, do ponto de vista histórico e linguístico, de formação relativamente recente, mas de origem grega. Assim se compreende que “a palavra «esotérico» é encontrada com muita frequência na literatura atual e, por esse motivo é, na maior parte das vezes, abordada sem o menor rigor”³ o que, por sua vez, causa confusões, generalizações, relacionando, por vezes, o “esotérico” com doutrinas exóticas, sistemas iniciáticos, o suficiente para que as ciências modernas o taxem de falso e nem sequer o considerem uma ciência. Daqui brota a necessidade fundamental de olhar para o termo “esotérico”, quer enquanto adjetivo quer na sua versão substantiva.

Enquanto adjetivo, “esotérico” foi primeiramente aplicado por Clemente de Alexandria em 208 d. C, a respeito do ensinamento que Aristóteles facultava no seu liceu, nos anos de 384-322 a. C, a discípulos já instruídos. Todavia, “Aristóteles emprega «acroamático», que significa «transmitido oralmente», e não tem em mente nada que diga respeito aos Mistérios ou ao ocultismo. Estas obras de Aristóteles são orais e técnicas, sob um ponto de vista filosófico, ao passo que os «discursos exotéricos», tal como os designa Aristóteles, são obras de juventude que foram divulgadas entre o público e foram escritas num estilo fácil sobre

³ O. S. VIEIRA, «O Esoterismo; uma abordagem hermenêutico-conceitual», in *Revista de Estudos da Religião*, n.º 1 (2014), pág. 3.

questões de filosofia platônica. De igual modo, este sentido de «esotérico» alargou-se desde o teólogo alexandrino Orígenes (185-254 d. C.), discípulo de Clemente de Alexandria, e é visível na sua obra *Contra Celsum*, para designar tudo o que nas escolas de pensamento grego, filosóficas e religiosas, era ensinado apenas a discípulos já formados.

Na verdade, “O adjetivo *eksôterikos*, -ê, -on («exterior, destinado aos leigos, popular, exotérico») já existia em grego clássico, ao passo que o adjetivo *esôterikos*, -ê, -on («no interior, na intimidade, esotérico») surgiu na época helenística sob o Império romano”⁴. Ambos os termos têm a sua origem, respetivamente, em *eisô* ou *esô* que, como preposição, significa «dentro de» e, como advérbio, significa «dentro». Já *eksô*, como preposição, significa «fora de» e como adv. significa «fora». Daqui os gregos derivaram comparativos e superlativos, como no caso dos adjetivos. Em regra, o sufixo grego para o comparativo é -*teros* e para o superlativo é -*tatos*. Então, de *esô* obtém-se o comp. *esôteros*, em latim *interior* («mais dentro»), e o sup. *esôtatos*, em latim *intimus* («o mais dentro possível, íntimo»), sendo que do comparativo *esôteros* deriva, portanto, o adjetivo *esôterikos*. Porém, autores há que, pela imaginação, “propõem outra etimologia, baseada no verbo *têrô* que significa «observar, espiar; guardar, conservar». Assim, *esô* + *têrô* significaria qualquer coisa como «espiar por dentro e guardar no interior»⁵.

Por conseguinte, é clara a interpretação de São Clemente: “De Aristóteles dizem que entre as suas obras, algumas são esotéricas e outras exotéricas”⁶, transparecendo assim uma doutrina dupla, isto é, uma externa, pública ou “exotérica”, e uma interna, secreta ou “esotérica”. Esta dissemelhança é visível em Platão (427-347 a. C.), no diálogo Alcibiades (cerca 390 a. C.), que emprega a expressão *ta esô* no sentido de «as coisas interiores», e no diálogo Teeteto (aproximadamente 360 a.C.), onde emprega a expressão *ta eksô* com o significado de «as coisas exteriores». Por sua vez, Aristóteles (384-322 a. C.) usa o adjetivo

⁴ António de MACEDO, *A alquimia espiritual dos Rosacruzes e outros ensaios*, Ed. Digital, São Paulo, 2007, pág. 8 (acedido em 8 de Outubro de 2015) [http://www.christianrosenkreuz.org/antologia_antoniodemacedo.pdf].

⁵ Cf. *Ibidem*.

⁶ CLEMENT D’ ALEXANDRIE, *Les Stromates*, V, cap. 9, 58, texte critique et index par A. Le Boulluec. Tr. P. Voulet. SC, 278. Paris, Ed. Cerf, 1981, pág. 119.

eksôterikos na sua *Ética a Nicómaco* (I, 13), escrita por volta do ano 350 a. C., para qualificar o que ele chama «discursos exotéricos», no sentido já referido anteriormente⁷. Orígenes usa estes dois adjetivos com uma conotação com o oculto, o iniciático. Contestando as críticas do anti-cristão Celso, diz Orígenes:

“Dizer que nesses pontos a nossa doutrina é secreta é o cúmulo do absurdo! E o fato de existirem, além das matérias de ensino público, certos pontos inacessíveis às massas não é coisa exclusiva da doutrina dos cristãos; é também o caso dos filósofos que em certas doutrinas eram exotéricos, e em outras, esotéricos. Alguns ouvintes de Pitágoras se aferravam ao «Ele disse!» outros, porém, eram instruídos em segredo sobre verdades inacessíveis aos ouvidos profanos e ainda não purificados.”⁸.

Estas palavras, como podemos constatar, “são costumeiramente usadas para expressar dois aspetos básicos de todas as realidades humanas: a exterioridade e a interioridade. De facto, não só as religiões, mas as artes, as experiências de maravilhamento e paixão, nossa psique e nossos sonhos, e tudo o mais que seja humano, é marcado por um componente visível, claro, compreensível, e outro obscuro, enigmático, muitas vezes indecifrável”⁹. Foi nesta ótica que os antigos gregos criaram estes dois termos: o “exotérico” para significar a face exterior, aquilo que escapa ao mistério da realidade, ou seja, aquilo que é público, aquilo que é cognoscível e conhecido e ainda aquilo que é exterior, mas não forçosamente superficial e falso; “esotérico”, por seu turno, indica a face interior do nosso ser, as nossas elaborações, crenças e afetos. Assim, podemos verificar que entre “exotérico” e “esotérico” existe uma distinção que pode parecer, à primeira vista, irrelevante, o que mostra, muitas das vezes, ignorância e um suposto pretensioso domínio lexical. É importante ter bem presente esta distinção, não só para levar a cabo um estudo nesta área como para fazer um bom juízo do objeto de estudo. Como corolário de tudo isto, observámos que o “esoterismo” (...) “faz passar do exterior para o interior, através de uma revelação, duma iniciação que é como um

⁷ António de MACEDO, *op. cit.*, pág. 8-9.

⁸ ORÍGENES, *Contra Celso*, Col. Patristica, Ed. Paulus, São Paulo, 2004, I, 7.

⁹ Marcial MAÇANEIRO, *Esoterismo & Fé Cristã: encontros e desencontros*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1997, pág. 18.

despertar, um segundo nascimento, sendo que o conhecimento que ele pretende proporcionar é a iluminação, a intuição”¹⁰.

Efetivamente, de uma maneira geral, “esotérico” possui dois sentidos, um profano e um sagrado. No que toca à utilização profana deste termo podemos afirmar que remonta a Luciano de Samosata, cujo significado de “esotérico” vai no sentido de uma comunicação feita a um pequeno grupo, reservado a um círculo restrito de ouvintes, por motivos profanos, tais como: linguagem especializada, conhecimentos técnicos. Contudo, “«esotérico» só será associado a «segredo» em Clemente de Alexandria e, posteriormente, em Hipólito de Roma, Orígenes e Gregório de Nisa”¹¹. Podemos considerar ainda, no sentido profano, um juízo técnico, uma vez que “esotérico” requiere uma formação para poder ser entendido, e um juízo abstruso ou, segundo Larousse, “*absconse*”¹², que remete para o mistério, obscuro, de difícil compreensão. Aqui podemos perceber uma interpretação associada a este vocábulo, isto é, a de

“ «mistério», que torna o mundo uma experiência de aprofundamento, fora dos afazeres cotidianos, dos objectos comuns, para o insólito, em suma, para o extraordinário, ultrapassando os limites da linguagem e dos conceitos, e ingressa em um âmbito não comunicativo, ou no mundo do símbolo, do mito e do rito, da linguagem velada ou simbólica”¹³.

Já a utilização do termo “esotérico” no sentido sagrado remonta a Clemente de Alexandria que supõe, erradamente, que Aristóteles tinha uma doutrina secreta, uma filosofia oculta. Mas o que significa “esotérico” para aqueles que o professam?

Para aqueles que professam o esoterismo, “esotérico” apresenta três pontos de vista, a saber: hermético, em razão de uma escrita secreta, de uma disciplina do arcano que aconselha ou mesmo obriga a guardar segredo de uma prática ou ensinamento esotéricos, iniciáticos e ao uso de símbolos; gnóstico, porque contém conhecimentos metafísicos, disciplinas iniciáticas e, por último, com a fusão destes dois pontos de vista surge o oculto, que acaba por ser um

¹⁰ Jean VERNETTE, *Ocultismo, Magia, Encantamentos*, Ed. Salvator, Mulhouse, 1986, pág. 36.

¹¹ Cf. O. S. VIEIRA, *op. cit.*, pág. 4.

¹² Pierre LAROUSSE, *Grand Dictionnaire Universel*, Impression Larousse, v. XVII, Paris, 1888, pág. 17.

¹³ O. S. VIEIRA, *op. cit.*, pág. 4.

sinónimo de esotérico. De facto, “um elemento é esotérico ou oculto quando possui características bem definidas e perfeitamente específicas, cujos princípios são os seguintes: oposição esotérico-exotérico, analogias e correspondências, mistério e segredo, iniciação, ciência e artes ocultas, hermenêutica, uso de números simbólicos e de ciclos cósmicos, afirmação do espiritual e do subtil no macrocosmo e no microcosmo”¹⁴.

Enquanto substantivo, na história do pensamento, o vocábulo “esotérico” começou a ser usado por Jâmblico, por volta do ano 300. Jâmblico, filósofo e místico neoplatónico, quando aplicou este termo queria referir-se ao discípulo iniciado de Pitágoras ou, de uma forma mais geral, ao adepto:

“Estes, se tivessem sido julgados dignos de participarem nos ensinamentos graças ao seu modo de vida e à sua civilidade, após um silêncio de cinco anos, tornavam-se daí em diante *esotéricos*, e eram ouvintes de Pitágoras, usavam vestes de linho e tinham direito a vê-lo”¹⁵.

No entanto, na hermenêutica, o substantivo “esotérico” alude ao significado oculto de um texto, de uma obra, como nos mostra Henry Corbin, na sua obra *Histoire de la philosophie islamique*:

“A nossa causa é a verdade e a verdade da verdade. É o exotérico e é o esotérico do exotérico, bem como o esotérico do esotérico. É o segredo e o segredo do segredo; é o segredo daquilo que permanece velado, um segredo que permanece envolto no segredo”¹⁶.

Na metafísica, “esotérico” remete para o “conteúdo esotérico de um ensinamento, de uma ação, de uma doutrina, de uma ideia, de uma Tradição, ou de um ser, de uma coisa, de um acontecimento ou de um estado”¹⁷.

Todavia esta reflexão não seria coerente se, depois de observarmos o vocábulo “esotérico”, como adjetivo e substantivo, não o fizéssemos na mesma proporção no tocante ao vocábulo “esoterismo”. Daqui se pode inferir que entre “esotérico” e “esoterismo” há sentidos e aplicações diferentes. Vislumbrando a grelha cronológica, damos conta de que a criação do

¹⁴ Pierre RIFFARD, *Dicionário do Esoterismo*, Ed. Teorema, Lisboa, 1993, pág. 132.

¹⁵ JÂMBLICO, *Vita Pythagorica*, Ed. Gredos, Madrid, 2003, Cap. 17, pág. 72.

¹⁶ Henry CORBIN, *Histoire de la philosophie islamique*, Ed. Gallimard, Col. Idées, nº38, pág. 4.

¹⁷ Pierre RIFFARD, *op. cit.*, pág. 134.

conceito “esoterismo” é recente; ainda assim, autores como Jean-Pierre Laurant afirmam que este “aparece, pela primeira vez, em 1742 numa obra de um autor maçom, que o remete para um ensinamento interno, ou secreto, ministrado nas lojas aos seus integrantes”¹⁸. Por outro lado, Wouter Hanegraaff indica 1828 como o ano do surgimento deste substantivo, indicando a obra *Histoire critique du gnosticisme et de ses influences*, de Jacques Matter. Seguidamente, este termo foi utilizado por Jacques Etienne, em 1839, e Pierre Leroux. Nesta grelha, deve-se ao ocultista e cabalista Eliphas Lévi, nos anos de 1810 até 1875, a propagação do termo “esoterismo”, que conheceria a sua divulgação crescente, sobretudo depois de Helena P. Blsvatsky, A. P. Sinnett, Annie Besant, C. W. Leadbeater, da corrente teosofista, popularizarem o conceito, no último quartel do século XIX e ao longo dos inícios do século XX.

Remetendo, agora, para a sua etimologia, deparamo-nos com a carência de sugestões, um conteúdo lexical frágil, ou melhor, a estranheza. Com tais características, focando a nossa reflexão nas várias frações que constituem esta palavra, podemos atentar que “*eso*” indica para dentro, o *-ter* uma oposição, e o *-ismo* um sistema”¹⁹. Na realidade, “estar” ou “ir para dentro” sugere uma interiorização, um voltar-se para o interior. Todavia, urge uma questão: “estar fora” ou “dentro” de quê, se a palavra “esoterismo” não indica algo específico, mas antes a ideia de um significado, em que transparece uma infinidade de conteúdos? Efetivamente, “qualquer termo por si só é vazio de sentido e, por esse facto, este revelou-se passível de ser distendido, permeável. Desta forma, é importante não partir do que seria o esoterismo «em si», que com alguma certeza não existe”²⁰.

Neste sentido, passando de uma visão meramente cronológica e etimológica a uma visão de conceito, observamos que o “esoterismo” espelha muito as condições da sociedade de outrora, aristocrática e profundamente hierarquizada. Observando-se todo o seu percurso, verifica-se que o “esoterismo” sempre foi algo para poucos, facto que, em muitos dos casos,

¹⁸ Cf. J. P. LAURANT, *O Esoterismo*, Ed. Paulus, São Paulo, 1995, pág. 12.

¹⁹ Antoine FAIVRE, *O Esoterismo*, Ed. Papyrus, Campinas, 1994, pág. 8.

²⁰ Cf. Antoine FAIVRE, *op. cit.*, pág. 8-9.

trouxe consequências nefastas, pois a sua concepção do universo e da vida deu lugar a inúmeros conflitos, disputas e perseguições políticas, religiosas e sociais. Não obstante, a “palavra «esoterismo» atualmente tem sido utilizada para nomear uma extensa gama de práticas incluindo sistemas divinatórios, propostas de auto-ajuda, técnicas de relaxamento e meditação, celebrações e rituais colectivos, terapia de inspiração oriental e muitas outras modalidades”²¹. O “esoterismo” constitui a “totalidade dos ensinamentos e práticas esotéricas considerados como um todo, como uma Tradição única, universal, em toda a parte e sempre idêntica, apesar das diferenças rituais, doutrinárias ou outras, derivadas dos diferentes lugares, épocas e culturas”²².

Leuenberg afirma que “por esoterismo deve-se entender uma tradição espiritual milenar da humanidade com a qual, nós, ao menos no Ocidente, perdemos cada vez mais o contato no decurso dos últimos séculos”²³. Já Pierre Laurant diz que o “«esoterismo» apresenta-se como uma corrente de pensamento que arrasta na sua esteira uma sequência de noções conexas: iniciação, astrologia, alquimia, hermetismo”²⁴, entre outros. Na opinião do antropólogo José Jorge de Carvalho, num “mundo exaurido dos mistérios doutrinários e da causação sagrada do mundo e ascensão definitiva da ciência como fonte primordial de saber e gnose, o esoterismo deve ser entendido como a busca do sentido do arcano, transcendente e da experiência iniciática, individual e plena”²⁵. Com efeito, compreende-se o “esoterismo” como uma

“doutrina que rejeita a vulgarização dos ensinamentos esotéricos, a teoria da disciplina do arcano, o princípio segundo o qual não convém comunicar a qualquer pessoa e de qualquer maneira os Mistérios, isto por diversas razões de natureza metafísica (...), pedagógica (...), prática (...), política (...), entre outras”²⁶.

²¹ M. G. C. da SILVA, *Saber esotérico e cultura ocidental moderna*, in: XI Congresso Brasileiro de Sociologia, (Campinas, 2003), *Sociologia e Conhecimento: além das fronteiras*, gráfica UNICAMP, Campinas, 2003.

²² Pierre RIFFARD, *op. cit.*, pág. 135.

²³ Hans-Dieter LEUENBERG, *O que é esoterismo. A surpreendente história do esoterismo desde a Atlântida até os dias atuais*, Ed. Pensamento, São Paulo, 1997, pág. 7.

²⁴ Cf. J. P. LAURANT, *op. cit.*, pág. 7.

²⁵ José Jorge CARVALHO, *Antropologia e Esoterismo: dois contradiscursos da modernidade*, Ed. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, 1998, pág. 56.

²⁶ Pierre RIFFARD, *op. cit.*, pág. 135.

Na ótica de Antoine Faivre, o ponto central do termo “esoterismo” está na sua função. Para ele, parece metodologicamente mais seguro partir do ponto de vista empírico, tendo em conta que o “esoterismo” é uma noção ocidental, devendo, por isso, ser estudado no seu próprio contexto. A partir do momento em que se começou a buscar nomes para designar o “esoterismo” no seu conjunto Faivre propõe delimitar, por meio da sua pesquisa, elementos que seriam encontrados juntos num período histórico e numa determinada área geográfica. Assim, para este autor, “esoterismo é uma forma de pensamento, cuja natureza se trata de delimitar com base nas correntes que a ilustram”²⁷. Na referida pesquisa, este autor busca saber qual a abrangência do termo “esoterismo”, desde o momento em que começou a ser empregue e, por conseguinte, procura elencar um conjunto de características fundamentais que, reunidas, podem servir de base metodológica a uma história de correntes esotéricas. Desta forma, Faivre considera próprio do conceito de esoterismo

“seis características ou componentes fundamentais, das quais quatro são «intrínsecas», no sentido em que a sua presença simultânea é uma condição necessária e suficiente para que um discurso seja identificado como esotérico, e duas são «secundárias» ou «extrínsecas», e cuja presença pode ou não coexistir ao lado das outras quatro”²⁸.

Em linhas gerais, atendendo a este caráter polissémico do “esoterismo” moderno, os componentes ou características fundamentais seriam: “1) as *correspondências simbólicas* entre o natural e o sobrenatural; 2) a *natureza dotada de vida*; 3) a prática da *meditação* e de rituais simbólicos; 4) a *auto-transformação*; 5) a *prática da concordância*; 6) e a *transmissão*”²⁹. A legitimidade da pesquisa apoia-se na busca pelas respostas nas quais o homem, lançado neste mundo estranho e repleto de mistérios, perplexo, indaga sobre si e a sua existência.

Finalmente, ainda dentro do imenso oceano que o termo “esoterismo” ostenta, devemos atender aos vários tipos de “esoterismo”, com particular destaque para o esoterismo

²⁷ Antoine FAIVRE, *op. cit.*, pág. 26.

²⁸ António de MACEDO, *op. cit.*, pág. 12.

²⁹ Cf. Antoine FAIVRE, *op. cit.*, pág. 17-23.

tradicional, o esoterismo hermético e o esoterismo ocultista que, apesar de apresentarem algumas interconexões, não se identificam totalmente.

Quanto ao esoterismo tradicional podemos, por um lado, salientar que é “simultaneamente uma doutrina e uma praxis. Ele implica para o conjunto do ser, corpo, alma e espírito, um modo fundamentalmente «diferente de existência»”³⁰.

“Baseia-se (...) na existência duma «tradição primordial», que terá sido dada aos homens desde as origens, inteira mas velada. Os homens não dispõem então de meios intelectuais indispensáveis para a sua plena compreensão. Por isso, o «esoterismo» quer abrir uma porta para «fazer entrar» no conhecimento das verdades escondidas”³¹.

Por outro lado, o esoterismo tradicional é aquela dimensão interior presente em todas as religiões. Essa dimensão podemos designá-la de “mística”³², entendida como a profundidade espiritual que as religiões oferecem.

No que diz respeito ao esoterismo hermético, no seu sentido restrito, logramos entender que é uma corrente de ensinamentos religiosos e filosóficos, cuja origem e autoridade remontam ao deus pagão Hermes Trimegisto, da mitologia grega. Hermes é o inventor de todas as artes e de todas as ciências mas, acima de tudo, possuidor da palavra e da escrita. Ele fala aos seus adeptos e ensina-lhes os seus segredos. É ele quem possui as chaves da magia e da eternidade. Com o decorrer da história foram muitas as linhas de pensamento que evocaram o deus Hermes, reivindicando serem herdeiras dos seus ensinamentos. O hermetismo ligou-se a elementos do pensamento helenístico, especialmente da comunidade de Alexandria, no Egito. Este divide-se em duas correntes: o hermetismo popular e o hermetismo erudito. “O hermetismo popular consiste em textos astrológicos, mágicos, alquímicos, médicos, o hermetismo erudito é constituído pelo *Corpus Hermeticum*, pelo *Asclepius* latino e pelos extratos herméticos de Estobeu”³³. Com o passar dos anos, a Europa, no período da Renascença, viria a conhecer e acolher esta corrente através de vários autores, “cujas

³⁰ Raymond ABELLIO, *La fin de l'ésotérisme*, Ed. Flammarion, Paris, 1973, pág. 12.

³¹ Jean VERNETTE, *op. cit.*, pág. 36.

³² Marcial MAÇANEIRO, *op. cit.*, pág. 21.

³³ Pierre RIFFARD, *op. cit.*, pág. 172.

especulações misturavam escritos gregos, livros de magia e alquimia, filosofia e mitologia”³⁴. No seu sentido alargado, o hermetismo é uma “ciência oculta, uma cosmologia, um sistema de pensamento relacionado com a natureza, os Elementos, as Qualidades, as Virtudes”³⁵.

No tocante ao esoterismo ocultista, notamos que a sua criação é recente, em comparação com os outros esoterismos. A palavra “ocultismo” foi elaborada desde a Renascença e criada por Eliphas Lévi em 1856, na sua obra *Dogme et rituel de haute magie*: - “Ousámos pesquisar nos escombros dos velhos santuários do ocultismo”³⁶, a partir do adjetivo latino *occultus* que suporta em si os significados escondido, secreto e misterioso.

Antes de mais, o “ocultismo” tem as mesmas bases teóricas que o hermetismo, isto é,

“a crença numa Tradição Hermética, a presença de uma gnose oculta em todas as religiões, o paralelismo entre o macrocosmo e microcosmo, entre inteligência divina e intelecto humano, e demais comparações a partir da lei da analogia. Este conjunto de ensinamentos constitui a *ars speculativa* do esoterismo”³⁷.

Porém, esta arte da especulação no “ocultismo” apresenta uma ligeira distinção, uma vez que os ocultistas aprofundam, com um interesse prático, a gnose hermética, não se fixando nas teses e doutrinas, mas nas operações que daí advêm. Desta forma, num primeiro momento, é essencial atentar ao conceito de “ocultismo” na qualidade de “crença em forças ocultas e prática das ciências ocultas”³⁸. Enquanto crença, no “ocultismo” transparece a existência de “fluidos que manifestam um mundo invisível no interior do mundo visível, procurando analogias e correspondências entre visível e invisível e preconizando entre os seres humanos a guarda secreta de dogmas e ritos”³⁹. Como prática, o “ocultismo” supõe a utilização e conhecimento da astrologia, magia, com símbolos e práticas cerimoniais, medicina oculta, mancias e a alquimia. O “ocultismo” vai, sobretudo, procurar privilegiar a *ars operativa*, o lado prático do esoterismo, daí podermos falar de um “esoterismo ocultista”.

³⁴ Marcial MAÇANEIRO, *op. cit.*, pág. 21.

³⁵ Pierre RIFFARD, *op. cit.*, pág. 172.

³⁶ Eliphas LÉVI, *Dogme et rituel de haute magie*, Ed. Niclus, Paris, 1856, pág. 12.

³⁷ Marcial MAÇANEIRO, *op. cit.*, pág. 92.

³⁸ Pierre RIFFARD, *op. cit.*, pág. 262.

³⁹ Cf. *Ibidem*.

Num segundo momento, direcionamos a nossa atenção para a forma mais restrita do “ocultismo”, ou seja, para o conjunto das artes ocultas: a alquimia, a astrologia e a magia, mântica, medicina oculta, que podem ser resumidas, como referimos anteriormente, pela prática do “ocultismo” e no conjunto das ciências ocultas: o hermetismo, cabala, ciência dos prodígios e doutrina das correspondências, que designa, por oposição às artes ocultas, o ocultismo e os seus conhecimentos. Num terceiro e último momento, ressaltamos o “ocultismo” enquanto Escola francesa, fundada por Eliphas Lévi e estruturada por Papus.

Em conclusão, destas formas distintas de esoterismo desabrocha o chamado esoterismo contemporâneo. Este “deixa de lado a identidade das diferentes tradições religiosas e faz da subjetividade seu dogma e sua estratégia. Alimentado por buscas e processos subjetivos, não tem a preocupação de uma definição doutrinal”⁴⁰. Então, “o esoterismo designa (...) o ensinamento escondido, ocupando-se o ocultismo das práticas secretas”⁴¹. “Para o ocultismo, o importante é a posse de poderes materiais conseguidos, pensa-se, pela magia (negra)”⁴², presente em algumas técnicas que percorrem desde a bruxaria até à alquimia. Contudo, apesar de os conceitos de “esoterismo” e “ocultismo” poderem ser vistos, como os ocultistas defendem, em conjunto, sinónimos, aos olhos dos esoteristas, existem incompatibilidades, preferindo vê-los em separado, para não os confundir. É o caso de René Guénon que, nas suas obras *Le Théosophisme, histoire d'une pseudo-religion* e *L'Erreur spirite* denuncia esta amálgama e incompatibilidade:

“As suas «disciplinas» não têm uma história idêntica: os seus momentos não coincidem; não têm o mesmo objecto: o ocultismo limita-se ao psíquico, o esoterismo abrange o espiritual; não possuem o mesmo método: ao sincretismo do ocultista opõe-se a iniciação do esoterista; não possuem o mesmo objectivo: o ocultista visa um objectivo prático, o esoterista persegue um objectivo ideal”⁴³.

Todavia, os dois estão em estreita simbiose, como a teoria e a prática.

⁴⁰ Marcial MAÇANEIRO, *op. cit.*, pág. 22.

⁴¹ Jean VERNETTE, *op. cit.*, pág. 39.

⁴² *Idem.* pág. 37.

⁴³ Pierre RIFFARD, *op. cit.*, pág. 263.

2. O universo das ciências e artes ocultas

Para que possamos discorrer num pensamento conciso e firme acerca das ciências e artes ocultas precisamos de explorar, ainda que de uma forma suave, vários atalhos que, à primeira vista, podem parecer desnecessários mas, bem analisados, fazem todo o sentido. Um desses atalhos consiste em estabelecer a distinção entre ciências ocultas e artes ocultas, que tantas vezes são abordadas como sendo a mesma realidade. A verdade é que as artes ocultas podem constar na lista das ciências ocultas, não sendo menos verdade que uma pode ser oposta à outra, devido à sua conceção.

Neste sentido, começamos por assinalar que “a sabedoria hermética revelou aos iniciados as inúmeras correspondências que unem todas as coisas do universo”⁴⁴. Daqui resultou uma vasta gama de teorias, associações e estudos, ligados a uma verdadeira fusão entre as tradições do oriente, o misticismo de Pitágoras e os textos de Zoroastro, de deuses egípcios e de mitologia grega. Os ocultistas, de facto, procuraram seleccionar fragmentos das correntes místicas de diversas religiões e juntar elementos herméticos, tendo como objetivo a cientificidade daquilo que praticam. Perante tal cenário, à primeira vista obscuro e confuso, abrir-se-iam as portas da sabedoria oculta. Um verdadeiro labirinto de pensamentos, enigmas, crenças e práticas transitavam num vai e vem constante de analogias, mas foi neste ambiente que o “ocultismo” conheceu a sua primavera e procurou ingressar no labirinto hermético, a fim de conhecer os elementos e pôr em prática os resultados obtidos.

Também neste clima surgem novas práticas. Realmente, “a erudição da gnose cede lugar à magia: os ocultistas perscrutarão todas as possibilidades em busca de soluções para a vida e, assim, criarão o «esoterismo ocultista», menos intelectual e mais operativo”⁴⁵, onde verificamos a comparência da *ars operativa* testada nas salas de terapia oculta, passes de energia, sessões de êxtases e laboratórios alquímicos. O “ocultismo” havia buscado nos

⁴⁴ Marcial MAÇANEIRO, *op. cit.*, pág. 92.

⁴⁵ Marcial MAÇANEIRO, *op. cit.*, pág. 92.

antigos pergaminhos o segredo do ar e do vento, do fogo e das estrelas, dos espíritos e das mentes, sem, por isso, permanecer fechado e amarrado em cofres.

Com efeito, o “ocultismo” procurou acompanhar a evolução dos tempos. Na presença de ensaios de uma nova ciência da mente e da matéria, das descobertas da física, psicologia, matemática e parapsicologia, entre os séculos XVIII e XIX, buscou uma atitude de diálogo e aproximação. Deste modo, tinha como objetivo reconciliar a antiga gnose hermética e os resultados modernos das pesquisas científicas, e provar que tudo quanto a ciência moderna descobre nos seus estudos já era praticado e conhecido na ciência antiga.

E é nesse sentido que Papus, na sua obra *Tratado de Ciências Ocultas*, determina a existência, na antiguidade, de uma ciência tão poderosa, nos seus efeitos, quanto a atual. Para demonstrá-lo, recorre a bases sólidas, isto é, a obras de autores como Pitágoras, Platão, Aristóteles, Plínio, Tito Lívio, entre outros. Examinando tais obras e autores, apresenta alguns exemplos, no âmbito dos quais esta ciência antiga dá múltiplas provas da sua existência, a saber: a astronomia, com a teoria do movimento da terra em torno do sol; as marés produzidas pela atração lunar; a refração da luz; a vibração do pêndulo e o emprego de utensílios: o telescópio e os espelhos côncavos; a química, com os ácidos e sais; a medicina, com as descobertas da circulação do sangue, da antropologia e biologia; e a cultura egípcia, com o conhecimento da forma de trabalhar os metais, a douração, a pintura, a vidraria, exemplos do conhecimento que os antigos detinham e que, na ciência moderna, ainda que um pouco descartados, constituem um verdadeiro património. Não obstante, surge uma questão: - Como se adquire esta ciência?

“A educação e a instrução elementar eram ministradas pela família. Elas obedeciam aos ritos do velho culto dos ancestrais e dos sexos, no próprio lar (...). A educação e a instrução profissionais eram dadas (...) pela tribo, no sentido arcaico e pouco conhecido da expressão. Estudos mais completos, análogos à nossa instrução secundária, eram obra do templo e a parte do adulto, e se chamavam mistérios menores. Aqueles que ao fim de muitos anos haviam assimilado esses ensinamentos, recebiam o título de filhos da mulher, de heróis, de filhos do homem, e possuíam certos poderes sociais, tais como a terapêutica, a mediação junto aos

governantes, a magistratura arbitral etc. Os mistérios maiores completavam esses ensinamentos numa hierarquia de ciências e artes, dando aos iniciados os títulos de filhos de deuses e filhos de Deus”⁴⁶.

Dando continuidade a este tema, Papus afirma que a ciência antiga esteve sempre reclusa nos templos, considerados grandes centros de instrução e civilização, que exigiam, para alguém ser admitido na sua iniciação, pertencer a uma classe especial, com a agravante de que uma parte da nação seria mantida e explorada em total ignorância pelos iniciados, recrutados numa casta fechada. Então, para se aprender estas instruções que se administravam no templo, era necessário procurá-las nos restos dos ensinamentos conservados pelos alquimistas, que chegaram até nós. Porém, uma dificuldade surge, logo à partida, nestes trilhos da descoberta: o facto de os alquimistas usarem uma linguagem simbólica, histórias simbólicas, método alegórico, não acessíveis ao comum dos mortais, na modernidade. De contrário, poderíamos afirmar que já dispúnhamos de uma parte da ciência antiga. São, de facto, estas dissemelhanças que traçam o fosso entre a ciência antiga, que valoriza aquilo que está oculto sob a sua forma, o seu lado metafísico, ocupando-se do visível, unicamente, para descobrir o invisível que ele representa, que se dedica ao fenómeno em si mesmo, sem envolver o aspeto metafísico, e a ciência moderna. Assim, ainda dentro do pensamento do autor supramencionado, chegamos à conclusão de que a ciência antiga é a ciência do oculto, do esotérico e a ciência moderna é a ciência do visível, do exotérico.

Depois desta breve inserção que nos permitiu descrever a presença e particularidade da ciência oculta (antiga) face à nova ciência, será importante olharmos de forma mais incisiva as ciências ocultas na sua relação ou não com as artes ocultas. No sentido mais alargado, as ciências ocultas constituem o “ocultismo” nas suas várias ramificações, ou seja, as artes ocultas, doutrinas ocultas, práticas ocultas, estudos ocultos e saberes ocultos. Aqui vemos, como algo constitutivo do grande universo das ciências ocultas, as artes ocultas. No sentido

⁴⁶ PAPUS, *Tratado de Ciências ocultas*, v.1, Ed. Três, São Paulo, 1973, pág. 35-36.

mais restrito, e em oposição às artes ocultas, as ciências ocultas designam o “ocultismo” e os seus conhecimentos, no que concerne as suas disciplinas intelectuais: a cabala, o hermetismo, a ciclologia, a aritmosofia, a doutrina das correspondências, a teoria dos fluidos, o alegorismo, o conjunto teogonia – cosmogonia – antropogonia e o conjunto teosofia – cosmosofia – antroposofia⁴⁷.

Relativamente às artes ocultas, Helena P. Blavatsky afirma que estão baseadas no conhecimento da essência última de todas as coisas nos reinos da Natureza, tais como os minerais, vegetais e animais, pertencentes à esfera da natureza material⁴⁸. Assim, citando as artes ocultas: a alquimia, a astrologia e a magia, a medicina oculta e o magnetismo, podemos ver que estão inseridas na natureza e que, por conseguinte, a natureza é princípio de vida ou de magia.

Depois de tecidas estas considerações, arriscamos concluir, portanto, que o “ocultismo”, no mundo das ciências e artes, havia de conquistar para si alguns simpatizantes. De facto, isso sucedeu. Ocultistas famosos como Elifaz Lévi e Gérard Encausse dedicaram-se a estudar os antigos ritos e mistérios pagãos, descerrando, assim, as portas a um novo momento, onde a magia, o menos racional e o mais operativo se afirmam, com pretensões científicas.

3. A Magia

Após termos navegado pelo mar das ciências e artes ocultas, importa agora dedicar a nossa reflexão à magia, cuja existência se perde nos alvares da pré-história, num feliz “recurso psicoterapêutico do homem”⁴⁹ da mesma época, até à contemporaneidade. Não existe povo ou cultura, por remotos que estejam no espaço ou no tempo, em que não seja

⁴⁷ Cf. Pierre RIFFARD, *op. cit.*, pág. 86.

⁴⁸ Cf. Helena P. BLAVATSKY, *Ocultismo Prático*, Ed, Teosófica, Brasília, 2001, pág. 44

⁴⁹ Pedro José GONZÁLEZ-QUEVEDO, *Feiticeiros, Bruxos e Possessos*, Ed. A. O, Braga, 1980, pág. 22.

possível encontrar indícios de tais práticas, como nos refere Hegel. Por isso, ao nos depararmos com este fenómeno, é possível deduzir que disfrutava, de certa forma, da categoria de universal.

Antes de apresentarmos o itinerário que a prática da magia contempla, convém entender o próprio termo, que provém da palavra grega *mageia* que deriva, por sua vez, de *magoi*. Os *magoi* constituíam uma casta de sacerdotes persas que estudavam a astrologia e adivinhação⁵⁰. Mas apesar de o termo se referir à cultura persa, olhando para o Homem do paleolítico, deparamo-nos com o facto de que esta prática já existia, ainda que de forma diferente. O Homem do paleolítico vivia carecido de forças, por ele entendidas de forma misteriosa e hostil, e rodeado pela natureza, entendida da mesma forma. Apesar disto, sentia-se constantemente na angustiosa necessidade de se enfrentar com ela à procura de abrigo, sustento e perpetuação. Porém, esta contínua e angustiante obsessão conheceria um desfecho inesperado, a saber: a criação de uma técnica, uma arte por meio da qual pretendeu construir a ilusão de que controlava o que até ali era incontrolável ou, pelo menos, parecia incontrolável. É neste contexto, parafraseando Voltaire, que a magia surgiu, para o ser humano, como a arte de fazer o que a natureza não conseguia⁵¹. Não se tratou, como diz Crawford, de uma “intenção de racionalizar e entender as forças hostis da natureza. Foi um puro e desesperado apelar irracional; não havia possibilidade – nem desejo – de entender, mas de dominar (...) ou de construir ao menos a ilusão de que assim era”⁵². Foi com este aparente ato heroico que o Homem primitivo, completamente alienado, conseguiu mitigar o seu temor, dominar a sua ansiedade e evitar a sua angústia vital.

Mas o recurso à magia tinha, para estes povos, ainda outra finalidade. Para os nossos antepassados, os espíritos faziam parte integrante da vida, o que provavelmente fez com que desempenhassem rituais com a finalidade de lhes conferirem significado, equilíbrio e o

⁵⁰ Cf. Susan GREENWOOD, *Manual Enciclopédico de Magia e Feitiçaria*, Ed. Estampa, Lisboa, 2002, pág. 17.

⁵¹ Cf. Pedro José GONZÁLEZ-QUEVEDO, *op. cit.*, pág. 22-23.

⁵² J. R. CRAWFORD, *Witchcraft and Sorcery in Rhodesia*, Ed. Orford University Press, Londres, 1967, pág. 73.

sentimento de ligação entre eles e o mundo espiritual. A este mundo espiritual que coexiste com o mundo físico poderíamos atribuir a designação de mundo mágico que, devido à atual concentração do mundo na racionalidade e cientificidade, deixou de parte os espíritos, o que se traduziu na perda dessa ligação mágica. Do mesmo modo, quando as pessoas praticam a magia têm o objetivo de controlar e comunicar com os espíritos. Isto acontece com os técnicos da magia: feiticeiros, magos, bruxos que, partilhando uma relação com o reino espiritual, modificam as suas fronteiras com o mundo normal⁵³. A magia reveste, então, uma visão animista do mundo que, profundamente vivo desde os objetos até aos fenómenos naturais, possui consciência, a qual, por sua vez, se pode fundir com a consciência humana.

Fixando a magia numa aceção clássica, podemos reparar que constitui uma ação eficaz sobre um objeto real ou mental através do uso da palavra, do gesto, da imagem ou do pensamento, independentemente do espaço, tempo e causalidade, mas conforme correspondências analógicas ou mecânicas. M. Mauss, seguindo este pensamento, acrescenta que a magia compreende agentes, atos e representações. Por conseguinte, estes atos e representações simbólicos, utilizados na magia, caracterizam-se por serem ritos coercitivos, por possuírem forças imanentes, um estatuto clandestino e uma tradição secreta⁵⁴.

Por sua vez, na obra *Tratado de Ciências Ocultas*, Papus afirma que a magia é a sabedoria espiritual e o exercício de propriedades psíquicas adquiridas nos diversos graus da iniciação. Para isso, conta com a natureza como aliada espiritual, pupila e servidora. Segundo este prisma, o ser humano deve ter sempre em mente o desenvolvimento da vontade para atuar e comandar a natureza e as forças que nela habitam. Todavia, o ser humano, em certos momentos da vida, abandona por completo o uso da vontade e procura, perante isso, entrar em contacto com o mundo invisível, dando azo ao aparecimento de criaturas perversas, como os feiticeiros, cuja finalidade é o mal e não o bem. Hiérocles e Platão, a este respeito, diziam que a vontade, assistida pelo céu, fortalecida pela fé, pode subjugar a própria necessidade,

⁵³ Cf. Susan GREENWOOD, *op. cit.*, pág. 10-11.

⁵⁴ Cf. Pierre RIFFARD, *op. cit.*, pág. 214.

comandar a natureza e influir na providência, operando milagres. Contudo, esta doutrina não estava acessível a todos, mas somente aos iniciados. A magia, na verdade, é esta fonte de luz, que tira do nada alguma coisa, enquanto/sendo que a vontade que segue decididamente o seu caminho é a fé. A vontade modela a sua própria forma e, através dela, a alma recebe o poder de levar a sua influência a uma outra alma, penetrando-a mais intimamente. Com Deus, a vontade pode deslocar montanhas, rasgar os rochedos, confundir os ímpios, realizar prodígios, comandar os céus, o mar e aprisionar a própria morte. Tudo se submete a Deus, sucedendo que a alma, possuidora de um poder, imita os profetas e os santos, erradicando o mal⁵⁵. Portanto,

“um princípio vital comum preenche todas as coisas e ele pode ser resultado da vontade humana em seu mais elevado nível. O adepto pode estimular o movimento das forças naturais nas plantas e nos animais, em grau sobrenatural. Essas acções, longe de obstruir o curso da natureza, agem como coadjuvantes, fornecendo as condições de uma acção vital mais intensa”⁵⁶.

Para além disto, Papus, na linha do que Helena P. Blavatsky defendia, acrescenta que o adepto hábil na ciência oculta pode dominar as sensações e alterar as condições do corpo astral e físico de outras pessoas que não são adeptas, considerando que as categorias do tempo e do espaço não oferecem qualquer obstáculo a este domínio. O adepto pode exercer a sua acção sobre os elementais (princípio ou emblema da terra, água, ar, fogo, bem como da madeira, metal, éter, ou seja, espíritos dos elementos), mas não sobre o espírito imortal de algum ser vivo ou morto, uma vez que estes espíritos são os esplendores da essência divina e não se submetem a qualquer dominação estranha⁵⁷.

Importa ainda, dentro das definições de magia, dar conta do pensamento de Raymond Firth que, procurando também fazer uma classificação da magia e dos seus agentes, dividiu a magia em três partes: magia produtiva, magia protetora e magia destrutiva. Por magia produtiva, entendemos aquela magia que é socialmente aceite e que é praticada por indivíduos

⁵⁵ Cf. PAPUS, *op. cit.*, pág. 106.

⁵⁶ PAPUS, *op. cit.*, pág. 110-111.

⁵⁷ Cf. *Idem*, pág. 111.

que podem ser ou não especialistas de magia. Entre outras práticas de ritos e formas verbais, esta visa estimular a fertilidade das terras, o êxito de uma caçada, aparecimento da chuva e fertilidade da mulher. A magia protetora, para além de compreender as características da anterior, consiste em tentar afastar o azar, proteger as produções agrícolas, curar doenças e proteger viajantes. Finalmente, a magia destrutiva, socialmente desaprovada, serve, entre muitas outras coisas, para provocar tempestades, doenças ou morte, destruir colheitas. Este tipo de magia pode ser praticado por feiticeiros ou por bruxos⁵⁸. Por outro lado, temos Christina Lerner, que propôs a divisão da magia em duas grandes partes: a magia manipulativa e o diabolismo. No que toca à magia manipulativa, podemos concluir que podia ser usada com fins benéficos e praticada por bruxos, feiticeiros ou curadores, desde que estes usassem ritos e fórmulas que se abstivessem de qualquer relação ou pacto com o Diabo. Já o diabolismo, que envolvia contactos individuais ou coletivos com o Diabo, implicava, por parte dos seus agentes, poderes recebidos do Diabo⁵⁹. Esta divisão vai permitir estabelecer a grande diferença entre a magia branca e a magia negra. Ainda assim, dentro desta vastíssima temática contamos, para além desta, com inúmeras distinções, entre: magia positiva e magia negativa; magia inferior, com demónios e almas dos mortos, e magia superior, com anjos, deuses; magia operativa, através de atos reais, e magia espiritual; magia natural, que se apoia em acontecimentos e forças da natureza, e magia divina, que se apoia em Deus.

Além destas teorias patenteadas anteriormente, podemos observar ainda outras que afirmam, no caso de Freud, que a magia é uma forma de neurose com deslocamento do desejo; no caso de Jung, uma projeção psicológica; no caso dos metapsiquistas, uma manifestação de dons humanos e de forças naturais paranormais; no caso dos cientistas, um charlatanismo; no caso de Frazer, uma aplicação errada da associação de ideias; no caso de Lehmann, uma prática de superstições e no caso dos teólogos uma ação de origem diabólica⁶⁰.

⁵⁸ J. P. M. PAIVA, *Feitiçarias, Bruxarias e Curas Supersticiosas*, Publicações do Arquivo da Universidade de Coimbra, v. VII, Coimbra, 1985, pág. 373.

⁵⁹ J. P. M. PAIVA, *op. cit.*, pág. 374.

⁶⁰ Cf. Pierre RIFFARD, *op. cit.*, pág. 215.

Depois de apresentarmos estas teorias que nos descerraram um pouco do imenso mar que a magia encerra, vemos que tal prática e comportamento são tipicamente humanos mesmo na atualidade, uma vez que o homem, por natureza, é criador de mitos, de onde surge uma nova atitude perante o mundo, uma regra de vida: “a magia é a mãe da eternidade, da essência de todas as essências, porque produz-se a ela própria e é entendida no desejo. Ela não é nada em si senão apenas uma vontade. A magia é espírito, e o ser é o seu corpo (...) A magia é a coisa mais secreta”⁶¹.

3.1. Magia branca versus magia negra

Entre as várias distinções existentes na magia, elencadas anteriormente, pretendemos, na continuidade desta reflexão, ainda que de uma forma mais singular, analisar a distinção entre magia branca e magia negra. Detemo-nos sobretudo nesta distinção, não só pelo facto de esta se encontrar, atualmente, no centro da discussão, mas também pelo facto de, facilmente, a magia branca resvalar para a magia negra, por causa da ignorância e do crescente abatimento das fronteiras entre as duas práticas.

A história desta distinção é extremamente obscura, contudo não há dúvida de que, no seu aspeto principal, é moderna, como podemos atestar, naquilo que a faz depender de um acentuado contraste entre Espíritos benignos e malignos. Nas culturas egípcia, grega e índica observa-se esta distinção. Na verdade, quando se “opera para o bem, chama-se teurgia, palavra grega que significa «serviço divino» (*theós*, Deus; *ergôn*: serviço), uma vez que o oficiante crê colaborar com Deus (...). Esta baseia-se na ideia de que era possível chegar a Deus mediante uma ascensão na escala da criação, possibilitada por um caminho rigoroso de preces, jejum e preparação devocional. Quando se opera para o mal, chama-se goécia, palavra

⁶¹ J. BÖHME, *Cahiers de l’Hermétisme*, Ed. A. Michel, Paris, 1977, pág. 115-186.

que designa uma acção maléfica”⁶². Em todo o caso é necessário que o agente da magia seja iniciado nos mistérios ocultos para poder manusear as forças positivas e negativas da natureza.

Mas, não ficando apenas pelas culturas antigas e abrindo o leque à contemporaneidade, presenciemos que cada uma das ciências ocultas no passado, presente e futuro estará sujeita a um tipo de abuso técnico, conhecido como magia negra. Vejamos alguns casos que se sucederam com o decorrer do tempo. Em primeiro, o caso da astrologia ou das influências celestiais práticas sobre a vida do ser humano e sobre a natureza, que poderia ser deturpada, levando à composição de talismãs maléficos. Em segundo, o caso da medicina esotérica, que consistia na aplicação de forças ocultas para curar uma doença, sendo que, para isso, incluía um conhecimento tradicional das propriedades medicinais existentes em certas substâncias. Esta dava origem, na sua má aplicação, à ciência secreta do envenenamento e à destruição da saúde, mente e vida. Em terceiro, o caso da alquimia, que através da transmutação de metais conduzia à sua sofisticação. O mesmo aconteceu com a adivinhação que, no decorrer da sua adulteração, se transformou em diversas formas de feitiçaria e magia cerimonial, que lidava com os demónios.

Desta forma, “a magia cerimonial branca é, por definição, uma tentativa para comunicar com os espíritos benignos para um fim bom, ou pelo menos, inocente”⁶³. Na magia branca são indispensáveis a vontade e o amor-sabedoria, fatores que se condimentam. A estes dois ingredientes junta-se um terceiro, isto é, a inteligência ativa ao serviço do Espírito ficando, assim, formado o triângulo de ouro onde nenhuma sandália pecadora pisou e manchou⁶⁴.

Na magia operativa, existem muitas graduações que, nos seus correspondentes campos de aplicação, determinarão os níveis de eficácia.

⁶² Marcial MAÇANEIRO, *op. cit.*, pág. 106.

⁶³ A. E. WAITE, *O livro dos Feitiços: Rituais de feitiçaria e de magia negra*, Ed. Livros de Vida, Mem Martins, 2002, pág. 45.

⁶⁴ Cf. Isabel Nunes GOVERNO, *Logos, Devas e Elementais*, Ed. Centro Lusitano de Unificação Cultural, Lisboa, 2002, pág. 161.

“As concepções assumidas, as predisposições e as inclinações de um povo, de um agregado político, de uma classe social, de uma geração, sempre produzem resultados definidos, com algum peso, significado e projecção de novas decorrências por eles direccionadas”⁶⁵.

Neste sentido, verificamos que, em termos intencionais, o que está ao alcance do Homem comum ainda é irrelevante. O ser humano, na ótica de Isabel Nunes Governo, ainda não possui a requerida pureza de sentido, intenção verdadeiramente altruísta e capacidade de determinação volitiva, que lhe permitam direccionar a vontade de forma assertiva⁶⁶. Este apenas granjeia uma boa intenção continuada e persistente que, para alguns, se consubstancia numa oração. Efetivamente, a oração ou prece pelo bem de outrem tem muito valor e produz efeitos benéficos.

“A magia negra é a tentativa para comunicar com espíritos malignos para um fim mau ou qualquer outro”⁶⁷. Nesta tentativa de comunicação com os espíritos malignos são realizados rituais, estabelecidos pactos, com o objetivo de obter poder. Olhemos o exemplo da realização das missas negras, tão afamadas na crença popular, mas ao mesmo tempo tão repudiadas e temidas. No que diz respeito à realização das missas negras, Geral Gardner afirma que, em primeiro lugar, é necessário um sacerdote católico, que concretize uma transubstanciação válida; em segundo lugar que as pessoas que pretendem realizá-las procurem obter as hóstias, através do roubo da Igreja, da comunhão, conservando-as debaixo da língua, a fim de as guardarem. Em terceiro requer um celebrante que oficialize o rito, que contempla a utilização de cirios, um cálix cheio de vinho ou licor, uma campainha, uma espada e um cruxifixo invertido. O altar é uma mulher despida e os participantes levam vestidos trajes negros com capucho. Imitando mais ou menos a missa católica, com as orações em latim ou em francês e inglês, neste rito, em vez de se invocar o nome de Deus, invoca-se Satanás, através da oração do Pai-nosso, oração tão querida pelos cristãos desde os começos do cristianismo, rezada em sentido contrário (pai-nosso que estais no inferno) e blasfémias

⁶⁵ *Ibidem*.

⁶⁶ *Idem*, pág. 162.

⁶⁷ A. E. WAITE, *op. cit.*, pág. 45.

contra Jesus Cristo, com a hóstia, agora corpo de Deus, levada para o local, onde se celebra o rito, e aí profanada de várias maneiras, seja em práticas sexuais seja pisando repetidamente com ódio⁶⁸. Mediante tal prática, este autor diz que surpreenderia, nos dias de hoje, ver um padre católico entre as bruxas a tomar parte nos cultos, embora no passado isso acontecesse. Porém, acredita, que algumas vezes a Missa negra seja realizada.

“Eu costumava duvidar disso; mas, em Fevereiro de 1952, eu estava em Roma e me disseram que padres e freiras destituídos a celebravam de tempos em tempos. Meus informadores garantiram poder arranjar tudo para que eu assistisse a uma delas, mas me custaria vinte libras; eu não tinha dinheiro estrangeiro suficiente ou teria comparecido, para resolver essa questão para minha própria satisfação. Imagino que fosse provavelmente um espectáculo armado para turistas, embora a pessoa responsável me houvesse informado que não. Resumindo, acredito que as pessoas podem realizar Missas Negras às vezes para fazer medo, ou com intenção má; mas não creio que essas pessoas sejam bruxas, ou que saibam algo sobre bruxaria. Por acaso, encontrei mais de uma bruxa em Roma, embora as bruxas se mantenham distantes, e elas nada sabiam sobre a Missa Negra”⁶⁹.

De igual modo, ainda que em obra não referente à prática de Missas Negras, Kurt Seligmann adverte que todos os poderes que forem conferidos ao adepto da magia negra, pela realização de tais ritos, devem ser dominados astuciosamente, pois os espíritos infernais, apercebendo-se da sua timidez, tentam por todos os meios alijá-lo. Quando evocam os espíritos malignos, concretamente o diabo, ele aparece sob as formas mais bizarras, assumindo, posteriormente, uma fisionomia humana. Ainda nesta prática, Kurt Seligmann, afirma que os demónios odeiam servir, sendo que é apenas pela recompensa que representa a valiosa alma humana, que aceitam tal servidão e exultam quando surpreendem o incauto conjurador que infringiu as regras⁷⁰.

O contraste existente entre estas duas formas de magia, superficialmente, parece claro. Contudo, quando avançamos para a comparação da literatura cerimonial das duas formas, reconhecemos que a distinção não é assim tão acentuada, face a quanto podia ser inferido das

⁶⁸ Cf. José Luis VÁZQUEZ BORAU, *Los Nuevos Movimientos Religiosos*, Ed. San Pablo, Madrid, 2004, pág. 115.

⁶⁹ GARDNER, G., *A Bruxaria hoje*, Ed. Madras, São Paulo, 2014, pág. 18.

⁷⁰ Cf. K. SELIGMANN, *Magia, sobrenatural e religião*, Ed. 70, Lisboa, 2002, pág. 239.

definições. Veja-se o caso do chamado cerimonial Teúrgico, incluído na magia branca, que contém os ritos para a invocação dos espíritos malignos. Supondo que estes espíritos são invocados para a realização de algo que vai contra a sua génese, a magia branca deixa de ser vista apenas como comunicadora dos espíritos benignos, passando a ser definida como a tentativa de comunicar tanto com espíritos benignos como malignos, sempre tendo como horizonte o bem ou pelo menos o inocente. Realmente, segundo Arthur Edward Waite, os objetivos e ambições da magia são muito pueris. Na prática, não podemos dizer que a magia negra é invariavelmente má ou diabólica e a magia branca ocasionalmente má. O máximo que podemos afirmar é que a literatura encaixa, principalmente, em duas classes, uma que vulgarmente se designa de negra e outra branca, tendo em atenção que as duas se sobrepõem⁷¹.

Entretanto, Pedro González-Quevedo propõe, face à classificação clássica das práticas mágicas, que distingue entre aquelas que são benéficas e aquelas que são maléficas, uma nova classificação. Analisando bem esta distinção, chegamos à conclusão de que ela é altamente relativa, uma vez que depende muito da intenção com que se realiza algo. Por exemplo, os feitiços de caça, para o Homem da pré-história, são vistos como bons, pois trazem benefícios para a sua vida, mas outra seria a perspectiva dos animais. Para este autor, a distinção possível reside no sujeito visado, isto é, na abstração ou concretização do mesmo. Por isso, distinguirá entre feitiço abstrato, transitivo, que não procura o benefício exclusivo e egoísta, e o feitiço concreto, intransitivo, que é moralmente mau e egoísta. Todavia, conserva para o sujeito ativo a distinção entre benéfico e maléfico⁷².

Analisada esta grande distinção e classificação das práticas mágicas, podemos guardar a certeza de que tanto o pensamento mágico como a sua realização tiveram um início, que poderíamos qualificar de positivo. O ser humano, efetivamente, inventou a magia, primeiramente, com a intenção de servir-se beneficentemente dela. No entanto, o ser humano, na

⁷¹ Cf. A. E. WAITE, *op. cit.*, pág. 46.

⁷² Cf. Pedro José GONZÁLEZ-QUEVEDO, *op. cit.*, pág. 49-53.

atualidade, não tardou a descobrir que aquela força extraordinária poderia ser utilizada como alavanca de poder, prestígio, na sua maioria perverso. De igual modo, podemos afirmar que esta distinção não pode ser feita de forma inequívoca e que não existe uma regra universal, pois cada cultura interpreta-a ao seu modo.

3.2. Feitiçaria e os seus agentes

“A feitiçaria é parente próxima da magia, dado que quer conciliar os favores de poderes invisíveis que atuam no mundo, através de fórmulas e de ritos secretos”⁷³. Sendo tão antiga quanto o Homem, a magia encerra em si, entre vários agentes, os feiticeiros, cujo étimo alude a indivíduos que praticam a “magia com fins maléficos, tentando atentar contra a vida ou propriedade das pessoas, usando para o efeito apenas poderes que transportam consigo desde o seu nascimento”⁷⁴.

Posto isto, não é difícil adivinhar o porquê de estas figuras serem temidas na sociedade. Na prática, este temor que assolava as gentes devia-se especialmente aos critérios de seleção, utilizados desde sempre para conferir a um determinado indivíduo o *status* de feiticeiro. Tais requisitos, apesar de variarem de cultura para cultura, tinham em comum a característica de serem traços diferenciais, que rotulavam estes sujeitos de *sui generis*, à margem do comum dos mortais.

“Nuns casos tratava-se de «traços convincentes de autoridade», como a força física ou a coragem. Noutros, o facto de exercer previamente outra profissão misteriosa (enquanto relacionada com a doença ou com a morte): curandeiro, coveiro, etc. E mais frequentemente ainda, utilizavam-se como critérios seletivos os duvidosos «atributos» das taras físicas: corcundas, zarolhos”⁷⁵.

⁷³ J. VERNETTE, *op. cit.*, pág. 30.

⁷⁴ J. P. M. PAIVA, *op. cit.*, pág. 373.

⁷⁵ Pedro José GONZÁLEZ-QUEVEDO, *op. cit.*, pág. 31.

Apesar destes atributos, os feiticeiros podiam apresentar-se com figuras belas e com os seus encantos, a fim de conseguirem seduzir qualquer incauto. Crê-se que, entre outros poderes e conhecimentos, estes possuísem o poder de alterar a sua forma, com uma fisionomia humana ou animal, a sua substância, tornando-se invisível, o poder da ubiquidade, ou seja, de estar em dois lugares ao mesmo tempo e o conhecimento de ervas e plantas. Além destes, encontramos o poder maligno, que pode agir ou não de imediato sobre as suas vítimas, causando o seu efeito⁷⁶.

Diante de tal cenário, torna-se difícil considerar estas criaturas humanas. Na verdade, os feiticeiros são seres humanos, que possuem poderes não humanos ou sobrenaturais, uma vez que estão associados às trevas, à noite e à inversão da vida normal. Eles podem ser tidos como vizinhos que, nutrindo um sentimento de inveja e um sentimento de desejo pervertido, levam a cabo a realização de práticas obscuras, assustadoras, inextrincáveis e complicadas. É frequente o feiticeiro representar a cobiça, a devassidão, a corrupção ou o amor não correspondido, o que faz dele um ser temido e marginalizado pela sociedade. Apesar disto, os feiticeiros, no passado e no presente, são visitados e os seus trabalhos requisitados, pelo facto, inalcançável a alguns, complicado para outros, de todos procurarem não manchar as mãos, com medo de represálias e, ainda, pela sua capacidade de ouvir e compreender a angústia das pessoas em dificuldade que vêm expor as suas infelicidades.

Apresentado, o retrato dos feiticeiros, ainda que em traços gerais, torna-se necessário examinarmos as práticas destes agentes da magia, isto é, os feitiços, enquanto fórmula ritual e mágica. Não podemos afirmar tacitamente que os feitiços lançados pelos feiticeiros são sempre maléficos, pois aos feiticeiros recorrem pessoas cuja finalidade é controlar a ansiedade, pedir a cura, o sucesso nos negócios ou no amor e livrar de algum mal que outrem

⁷⁶ Cf. Susan GREENWOOD, *op. cit.*, pág. 58-59.

lhe causou. Este, dependente do tipo de clientela que o frequente, está livre de inventar novos encantamentos⁷⁷.

Efetivamente, os feitiços, ainda hoje, estão presentes nas nossas praças e na boca das pessoas que as habitam. Há, sem dúvida, uma procura de enraizamento das tradições pagãs e dos costumes populares, no sentido de dar ritmo aos dias e coesão entre as pessoas. A feitiçaria já não é a mesma que se praticava nas pequenas comunidades indígenas, nem o tipo de prática aterradora, mas antes um tipo de espiritualidade dentro de um grupo de práticas mágicas. Esta feitiçaria dita moderna, criada na década de 1950, por Gerald Gardner, está baseada em muitas fontes de magia da tradição ocidental e compreende um grande ritual de adoração às forças da natureza e um círculo cerimonial sagrado, dentro do qual os deuses, as deusas e os espíritos da natureza podem ser invocados. Ela tem atraído para si cada vez mais adeptos, pelo desencantamento do ser humano face às principais correntes religiosas, pela sacralização da mulher e da sexualidade e por uma maior consciencialização ecológica. Isto converteu a feitiçaria moderna numa religião nova, onde o passado é a inspiração e onde, embora nem sempre tenha precisão arqueológica e histórica nas suas reivindicações, está em sintonia com uma forma diferente e mais holística, isto é, integral de compreender o mundo⁷⁸.

3.3. Bruxaria e seus agentes

Já fomos observando ao longo desta reflexão que atribuir a alguém ou alguma coisa poderes de tipo sagrado é uma realidade universal. Efetivamente, faz parte do código genético de todos os povos e culturas uma mentalidade mágica. No entanto, esta mentalidade é mais perceptível nas populações rurais, que vivem e dependem em tudo da natureza, apesar de

⁷⁷ Cf. J. VERNETTE, *op. cit.*, pág. 30.

⁷⁸ Cf. Susan GREENWOOD, *op. cit.*, pág. 186-187.

atualmente assistirmos a um surto citadino da mesma. Com isto, deparamo-nos com a dificuldade de analisar este fenómeno e tudo o que ele implica, uma vez que as suas raízes mergulham no mais profundo da cultura popular. O seu nascimento deveu-se, por um lado, ao confronto do ser humano com forças que lhe eram desconhecidas e, por outro, ao desejo permanente de superar o mundo real, com os seus sofrimentos e tragédias, através da fuga para outro mundo, onde a realidade funcione ao ritmo dos desejos pessoais. Assim, mediante uma doença que um médico não conseguisse curar ou até diagnosticar, ia-se e ainda se vai à bruxa; se a criança chora de noite e os seus comportamentos são tudo menos normais, vai-se à bruxa, e se os ciúmes fazem suspeitar de infidelidade, vai-se à bruxa⁷⁹. - Mas o que é a bruxa e a bruxaria?

Na continuidade do que temos vindo a expor, desfrutamos da oportunidade de deter a nossa atenção sobre a bruxaria e os seus agentes, isto é, as bruxas. A bruxaria já tinha o seu relevo nas comunidades humanas da pré-história, mas é no Antigo Egipto, cerca do ano 1300 a. C, que encontramos o mais vetusto testemunho de bruxaria, com a instauração de um processo, embora existissem leis mais antigas, como é o caso do Código Hammurabi (2000 a. C), onde se prescreve a pena de morte a quem lançasse malefícios⁸⁰. Perante isto, atentamos que bruxaria consiste

“em teorias e práticas presentes em quase todas as civilizações e tempos, supondo que algumas pessoas (bruxas) conseguem relacionar-se directamente com as forças do bem, obtendo favores para quem as consulta e, mais frequentemente, com as forças do mal (diabo), obtendo poderes extraordinários que compensam a sua própria condenação”⁸¹.

As bruxas, como o próprio nome indica, são sobretudo mulheres que, para os antigos, eram velhas, feias e repelentes e, para a cultura hodierna, são jovens belas e sedutoras. A bruxa ganhou forma muito por causa dos cultos pagãos, da antiguidade, em honra das mulheres, como era o caso do culto à deusa da fertilidade, deusa Ártemis ou Diana.

⁷⁹ Cf. E. M. COUTO, *A nossa terra e suas devoções: perspectiva histórica e pastoral*, Ed. Companhia Editora do Minho, Esposende, 2002, pág. 379.

⁸⁰ Cf. *Idem*, pág. 380.

⁸¹ J. H. OLIVEIRA BARROS, *Não tenhais medo*, Ed. A. O., Braga, 2005², pág. 33.

Elas têm uma ligação com os assuntos da casa, da família e de cada indivíduo. Ajudam muito no combate às influências dos «maus-feitiços», que expedem malefícios, das amarrações, do mal de inveja, encostos, enguiços, morada aberta e dos «maus-olhados» que, segundo Pedro Quevedo, não se podem situar com propriedade entre as técnicas de feitiçaria, uma vez que é um feitiço espontâneo, que não exige técnica, agente mágico ou ritual algum. Há também quem considere o mau-olhado um feitiço típico de geração, isto é, um feitiço que surge do nada⁸².

As mulheres que exercem a bruxaria reivindicam para si o dom de que nasceram com uma missão especial a cumprir, dizem que ouvem vozes, têm visões, que estão em contacto com as almas do outro mundo e que adivinham o futuro. Elas podem sondar as intenções e os segredos dessas almas que afligem os vivos, identificando-os e prescrevendo o que é necessário cumprir para que o morto fique tranquilo na campa⁸³. Para além disto, gozam de um estatuto profundamente mediador, no sentido ascendente de cura e de recuperação e, no sentido descendente, de castigo e de mau-olhado do destino.

“Estas mulheres são consultadas para conhecer com antecedência o futuro da criança (...), para saber donde vem o problema de saúde do recém-nascido, ou para compreender o sentido do canto do pássaro do mau augúrio”⁸⁴. Perante os problemas que as pessoas apresentam, descobrem a solução ou, adivinhando o futuro, propõem o caminho certo para não cair nas armadilhas. Mas para compreenderem e adivinharem tais segredos, dão-se a um espectáculo ritual diante duma mesa cheia de objectos considerados mágicos, com a ajuda de orações, água benta, fotografias dos interessados, transe fingido, defumadouros que exalam perfumes exóticos, medalhas, amuletos, velinhas, ervas e até algum remédio farmacêutico. No final fornecem sempre, em troca de um pagamento, uma receita⁸⁵.

⁸² Cf. Pedro José GONZÁLEZ-QUEVEDO, *op. cit.*, pág. 87.

⁸³ Cf. J. S. LIMA, «Deus, não tenho nada contra...» *Socialidades e Eclesialidades no destino do Alto-Minho*, Ed. Universidade Católica Portuguesa, Porto, 1994, pág. 74-75.

⁸⁴ *Idem*, pág. 73.

⁸⁵ J. H. OLIVEIRA BARROS, *op. cit.*, pág. 34-35.

No entanto, anteriormente verificámos que, para ser bruxa, era essencial ter uma aliança/pacto com o demónio. O demónio era para a bruxa o seu deus e senhor, prometendo ajudá-la a satisfazer todos os anseios. No entanto, o facto de o contexto de demónio ser amplo fez com que o contexto de bruxa se alargasse, daí hoje em dia não ser considerada bruxa ou bruxo só quem pretende comunicar com o demónio, mas também quem comunica com os espíritos dos mortos, fadas, elementares e habitantes de outros planetas. As bruxas de antigamente, muito por causa desta sua ligação, não tinham como objetivo realizar milagres, bem pelo contrário, elas colocavam-se à margem destes. É por estas e por outras razões que elas são respeitadas e mantidas isoladas dos problemas da vida de cada um. Porém, na atualidade existem bruxas e bruxos que se apresentam como mensageiros de Deus. Modernamente, no conceito de bruxo destaca-se o aspeto de executor de prodígios e atribui-se a realização de ações estranhas, ou mais enfaticamente, próprias de uma mente doentia⁸⁶.

3.4. Magos

No seguimento desta reflexão, observamos que o ser humano já em tempos remotos contava com os serviços dos feiticeiros e das bruxas, a quem recorria e confiava as suas emoções e dificuldades, portanto, a sua vida. Face a isto, seria inconsistente da nossa parte apontar, somente, a existência destes dois agentes da magia, uma vez que os magos também se inserem neste grupo. Neste caso, passamos de um duo a um trio.

Confirmando esta ideia damos conta, em primeiro lugar, que a palavra mago “provém da antiga palavra iraniano-persa *magus* com que se designava quem hoje chamaríamos feiticeiro (para o mal)”⁸⁷. Os magos formavam uma das seis tribos dos Medos (século IX a.

⁸⁶ Cf. Óscar GONZÁLEZ-QUEVEDO, *Antes que os demónios voltem*, Ed. APPACDM Distrital de Braga, Braga, 1996, pág. 309-310.

⁸⁷ *Idem*, pág. 311.

C) e constituíam, na sua maioria, a casta sacerdotal deste povo ao serviço de Zaratustra. Contudo, encarando os magos pré-zoroastrianos, que se identificavam por usarem uma boina, que lhes cobria a boca, e uma vara, notamos que praticavam a magia, a astrologia, a oniromancia, ou seja, a adivinhação do futuro através da interpretação dos sonhos, entoavam uma teogonia durante o sacrifício, expunham os mortos aos cães e pássaros e eram dualistas. Já os magos ao serviço de Zaratustra, sujeitos à inovação e reforma por parte do mesmo, tinham algumas diferenças, entre as quais o facto de não serem dualistas⁸⁸. Com efeito, apesar das diferenças, eles gozavam de prestígio junto da sociedade.

Por conseguinte, ao longo do tempo, este conceito de mago, além de ir guardando como património algumas práticas, vindas de tempos áureos, foi sofrendo algumas alterações, sobretudo na forma como foi sendo visto. Assim, no mundo greco-romano, o mago era conhecido pela sua capacidade de produzir feitiços, de adivinhar, através da consulta dos oráculos, e de evocar. Com o cristianismo, os magos, ao contrário do que se possa pensar, foram reconhecidos. Efetivamente, para os cristãos, são os reis magos, como nos indica o evangelho de Mateus 2, 1-2: “Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que vieram uns magos do Oriente a Jerusalém, perguntando: «Onde está o rei dos judeus recém-nascido?»».

Posteriormente, para obterem curas, os magos juntaram às suas práticas elementos cristãos. De facto, as mezinhas para o enfeitiçamento estavam ligadas a preces católicas e a comuns prescrições de padre-nossos, ave-marias, credo e louvores ao Espírito Santo. A linguagem religiosa possuía um poder mágico que permitia poder ser utilizada para fins práticos. Isto era revelador de que a doença era vista como uma presença estranha no corpo e que, por isso, precisava de ser exorcizada⁸⁹.

⁸⁸ Cf. Pierre RIFFARD, *op. cit.*, pág. 220.

⁸⁹ Cf. Susan GREENWOOD, *op. cit.*, pág. 100.

Não obstante toda esta evolução, a distinção entre os magos e os feiticeiros e bruxos nem sempre foi muito clara, pois as divisões que se podem ver entre elas são fruto da mesma mentalidade supersticiosa e doentia⁹⁰. Na verdade, estes agentes da magia

“jogam com o domínio de certas forças e energias, sejam as suas próprias, inerentes à sua vitalidade, desenvolvidas ao longo de anos de aprendizagem e prática, sejam energias ou forças estrangeiras à sua constituição, como divindades ou seres elementais dos quais se servem”⁹¹.

Contudo, os magos ou feiticeiros brancos albergam uma grande diferença. Estes utilizam os seus poderes em prol do bem da comunidade, afastando-a de toda a ação nefasta dos bruxos e feiticeiros e das manifestações negativas de divindades e até dos ancestrais, descontentes por inúmeros motivos. Desta forma, os magos procuravam proporcionar uma análise exterior, aparentemente objetiva e imparcial das relações de determinada pessoa, facultavam mezinhas para dores físicas, explicavam a proveniência dessas dores.

No desempenho do seu trabalho, eram múltiplas as técnicas que se utilizavam, porém, havia uma prática comum, que consistia no facto de os magos dizerem às pessoas, sôfregas de auxílio que, se não tivessem vindo tão depressa, seria tarde demais. Isto criaria uma margem para a desculpa, caso a ação do mago não surtisse efeitos. Posto isto, o mago informava o cliente da dificuldade do trabalho e mandava-o para casa nove dias, para que o cliente pudesse pensar se queria ou não os seus serviços. É neste compasso de espera que os magos levavam a cabo uma espécie de investigação, cujo objetivo era obter toda a informação possível, tal como a natureza do problema, os relacionamentos sociais e o suspeito de infligir a desgraça sobre o seu potencial cliente⁹². Estrategicamente bem posicionado, face ao cliente, e praticamente imune a qualquer falha, o mago instruía e proporcionava condições para o cliente descobrir quem lhe andava a fazer mal. Estava criada uma defesa eficaz para o mago.

Importante será dizer que o mago, entre muitas práticas de magia e vias espirituais, é chamado a conhecer as forças e poderes ocultos e exercitar as operações mágicas. Para o

⁹⁰ Óscar GONZÁLEZ-QUEVEDO, *op. cit.*, pág. 312.

⁹¹ Fábio LEITE, «Bruxos e Magos», in *África: Revista do centro de estudos africanos*, nº 14-15, (1991/1992), pág. 76.

⁹² Cf. Susan GREENWOOD, *op. cit.*, pág. 98-99.

tornar capaz de intervir na ordem natural e nos desejos humanos, o mago deve ser iniciado nos mistérios herméticos, o que poderá implicar o uso da intuição, o uso das faculdades críticas da mente, o aprender a ver conexões entre aquilo que anteriormente teria visto de forma separada e a valorização das ligações do todo como parte de uma viagem que nos mergulha num outro mundo, habitado por espíritos⁹³. Finalmente, na atualidade, em alguns países, intitula-se de mago um indivíduo artista prestigiador ou ilusionista.

3.5. A importância do símbolo

“O ser humano, como espírito encarnado, ambivalente de alma e corpo ou espírito e matéria, para exprimir as diferentes linhas da sua vida espiritual, tem necessidade de mediações da ordem do sensível-material”⁹⁴. É neste contexto que nasce o símbolo. De facto, o modo de ver o mundo, de falar do mundo e de viver no mundo, já desde os povos ancestrais, sempre esteve marcado por um canto, ingénuo e direto, que são os símbolos. Eles sempre estiveram e estarão no centro, uma vez que são o coração da vida imaginativa. Como fundamento de tudo quanto somos, devido ao facto de constituírem a ideia no seu sentido originário, o arquétipo ou forma primordial, que vincula o existir com o Ser, revelam os segredos do inconsciente, conduzem-nos aos recantos mais ocultos da ação e abrem a mente ao desconhecido e ao infinito. Pelo símbolo, efetivamente, o ser humano manifesta-se a si mesmo: na criação de uma linguagem, na invenção de novos mundos, no jogo, no sofrimento, nas mudanças, no nascer e morrer⁹⁵.

De imediato, antes de falarmos da natureza dos símbolos, é fundamental distinguirmos de símbolo os vocábulos simbólico e simbolismo. Apesar de estes vocábulos estarem em

⁹³ Cf. Marcial MAÇANEIRO, *op. cit.*, pág. 106.

⁹⁴ Jorge COUTINHO, *Caminhos da razão no horizonte de Deus*, Ed. Tenacitas, Coimbra, 2010, pág. 29.

⁹⁵ Cf. J. O. PUIG, “Prólogo”, in J. CHEVALIER, A. GHEERBRANT, *Diccionario de los Símbolos*, Ed. Herder, Barcelona, 1986, pág. 9.

estreita ligação designa-se, por um lado, de simbólica, o conjunto das relações e das interpretações correspondentes a um determinado símbolo e, por outro, ao conjunto de símbolos característicos de uma tradição. Por vezes, também se designa com esta palavra a ciência ou teoria dos símbolos. Segundo Sigmund Freud, simbólica é “o conjunto de símbolos com significado constante que pode ser encontrado em várias produções do inconsciente”⁹⁶. Já Levi-Strauss deduziu uma noção similar, argumentando que “toda a cultura, que escreve, pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos onde está localizado em primeiro lugar a linguagem, as regras matrimoniais, as relações económicas, a arte, a ciência, a religião”⁹⁷. Quanto ao simbolismo, vemos que começou por designar uma escola teológica, exegética, filosófica ou estética, segundo a qual os textos religiosos e as obras de arte não tinham significação literal e objetiva, mas antes eram expressões simbólicas e subjetivas do sentimento e do pensamento. Para além disto, este termo serve, igualmente, para designar a capacidade, para servir de símbolo, de uma imagem ou uma realidade⁹⁸.

Passando à natureza do termo símbolo, observamos que a sua origem vem, como nos indica Ratzinger, de

“*symballein*, que significa «coincidir», «juntar». O seu pano de fundo é um costume antigo que consistia em usar duas partes de um anel, de um bastão ou de uma tabuleta que se encaixavam uma na outra como sinal de identificação para comensais, mensageiros e contraentes. Possuir a metade complementar dava direito a receber um determinado objecto ou a sentar-se à mesa. O símbolo é a parte que remete para a complementação no outro, criando mútuo reconhecimento e união”⁹⁹.

Realmente, a história do símbolo testemunha que todo o objeto natural, a começar pela mais simples pedra, árvore, animal, rio, e o objeto abstrato, seja um número, ritmo, ideia, podem revestir-se de valor simbólico.

⁹⁶ J. LAPLANCHE, J. B. PONTALIS, *Diccionario de psicoanálisis*, Ed. Labor, Barcelona 1971, pág. 475.

⁹⁷ *Ibidem*.

⁹⁸ Cf. J. CHEVALIER, A. GHEERBRANT, *Diccionario de los Simbolos*, Ed. Herder, Barcelona, 1986, pág. 21.

⁹⁹ Joseph RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo*, Ed. Principia, Cascais, 2005, pág. 67.

Neste sentido, pelo facto de a noção de símbolo ser bastante vasta, vamos, ainda que de forma breve, convocar as várias definições que alguns autores apresentam. Assim, Aristóteles diz que o símbolo é um meio de expressão, L. Lévy que o símbolo é um veículo de participação mística, E. Cassirer uma ligação espiritual entre o homem e o real, M. Eliade uma linguagem do sagrado, S. Freud a relação que une o conteúdo manifesto de um comportamento, de um pensamento, de uma palavra, ao seu sentido latente e Jung uma imagem apta para designar o melhor possível a natureza obscuramente suspeita do espírito¹⁰⁰.

Os esoteristas definem o símbolo como uma “correspondência natural de significante para significado. Existe uma ligação de parentesco e de simpatia, uma ligação portadora de sentido entre a forma e o fundo das unidades”¹⁰¹. Tudo pode ser símbolo, ou seja, simbolizante e simbolizado, por exemplo um acontecimento, um ser, um objeto, um desejo ou uma ideia. Porém, nem tudo pode ser símbolo de tudo, veja-se esta circunstância: o vermelho é símbolo do sangue, que, por sua vez, é símbolo da alma, no entanto, o vermelho não é símbolo da alma. Em sentido restrito, símbolo exprime uma “analogia natural e poderosa entre um elemento de ordem «inferior» ou «material», e um elemento de uma ordem «superior» ou «moral»”¹⁰². Isto é visível, por exemplo, em Mateus 10, 16: “sede prudentes como as serpentes e sem malícia como as pombas”. Aqui a serpente é símbolo de prudência e a pomba é o significante do significado de bondade, devido às propriedades inerentes a estas espécies de animais.

Em suma, os símbolos, como centro e coração da vida imaginativa, existem para nos fornecerem uma passagem, uma travessia, desde as formas de manifestação até às recônditas profundezas, desde as espécies sensíveis até ao conteúdo espiritual. Eles são arquétipo, que consiste, segundo Jung, na estrutura universal proveniente do inconsciente coletivo, uma vez que expressam vivências. Ainda, os símbolos revelam-nos os segredos do inconsciente,

¹⁰⁰ Cf. J. CHEVALIER, A. GHEERBRANT, *op. cit.*, pág. 22.

¹⁰¹ Pierre RIFFARD, *op. cit.*, pág. 331.

¹⁰² *Idem*, pág. 332.

conduzem-nos até aos cantos mais ocultos da ação, abrindo a mente ao desconhecido e ao infinito. Todas as ciências humanas, bem como artes e todas as técnicas que delas derivam, são símbolos no seu caminho. Devem, portanto, criar sinergias para decifrar os enigmas que estas semeiam¹⁰³. Tudo isto é visível na expressão simbólica, que traduz o esforço que o homem faz para decifrar e dominar um destino, que escapa através dos mistérios que o cercam.

3.6. Os ritos e o ritual na magia

Durante esta jornada, pelos trilhos da magia e os seus agentes, fomos deparando com a constância e valor dos ritos. De facto, encarando o rito e a ritualidade damos-nos conta de que são conaturais à condição humana. Em todas as culturas, sempre estiveram presentes nas suas práticas, nos seus cultos, na sua linguagem, enfim, na vida. Desde os primórdios, os ritos expressam-se em várias situações e são condição essencial, uma vez que “a vida humana, individual e colectiva, seria um caos, senão mesmo uma impossibilidade, sem código de comunicação, relação e conduta comum”¹⁰⁴, que os ritos proporcionam.

Depois destas considerações, passamos à terminologia. De acordo com o linguista Émile Benveniste, a etimologia de rito vem do vocábulo *ritus*, que significa ordem prescrita. Por conseguinte, *ritus* está associado a formas gregas, como: *artus* (organização); *ararisko* (harmonizar, adaptar) e *arthmos* (ligação, junção), cuja raiz *ar*, que deriva do indo-europeu védico, remete a análise para a ordem do cosmos, a ordem das relações entre deuses e os homens e a ordem entre os homens¹⁰⁵.

¹⁰³ Cf. J. CHEVALIER, A. GHEERBRANT, *op. cit.*, pág. 15.

¹⁰⁴ Fernando SAMPAIO, *A cura pela fé: Dimensão terapêutica da unção dos Enfermos*, Ed. Paulinas, Prior Velho, 2009, pág. 120.

¹⁰⁵ Cf. Martine SEGALEN, *Ritos e Rituais*, Ed. Publicações Europa –América, Mem-Martins, 2000, pág. 11.

No entanto, com esta mesma raiz e o mesmo significado são, de uma forma errada, utilizadas, frequentemente, palavras diferentes, tais como: ritual, cerimónia, ritualizar, ritualismo e ritualização. Por esse motivo, alguns autores propuseram-se estabelecer as fronteiras entre estas palavras. Assim, mencionaram que o ritual, meio mais eficaz de pôr em uso as forças mágicas, é uma ação simbólica constituída por sequências rituais, que englobam vários ritos de sacrifício ou cerimónias de purificação, onde as fórmulas e os gestos, por um lado, e os objetos e lugares, por outro, formam um conjunto ordenado e orgânico, rotulando-os com um caráter de verdade¹⁰⁶. Mantido ao longo dos tempos em segredo, tem em vista entrar em contacto com o sobrenatural e obter, quer para o agente quer para as pessoas que nele participam, resultados. Por sua vez, ritualizar é o processo pelo qual se formam ou se inventam os ritos e ritualização são certos comportamentos das pessoas e dos animais, sendo que ritualismo é uma entoação negativa do processo da ritualização¹⁰⁷.

Além disso, logamos afirmar que o rito não é um gesto vazio de sentido. No rito conseguimos distinguir dois aspetos: o externo e o interno. Quanto ao aspeto externo, que se expressa em gestos, atitudes, preces, fórmulas ou textos, podemos afirmar com certeza que não esgota o seu conteúdo. Quanto ao aspeto interno, o ~~aspeto~~ mais importante, podemos afirmar que comporta toda a realização, tornando presente e reatualizando o que ali se está a viver e celebrar¹⁰⁸. Também entre as distinções possíveis dentro desta temática, há que salientar, segundo o sociólogo e antropólogo Marcel Mauss, no que toca ao valor do rito, a diferenciação entre ritos negativos, expressos em proibições, tabus e usos especiais, e ritos positivos ou segundo Jean Cazeneuve, no que toca à função do rito, a diferenciação entre ritos comportamentais, ritos mágicos, patentes nos feitiços, encantamentos, magia contagiosa e ritos religiosos, patentes nas oferendas, sacrifícios e orações.

¹⁰⁶ Cf. Peter FIEBAG, Dr. Elmar GRUBER, Rainer HOLBE, *Enigmas do Ocidente*, Ed. Círculo de Leitores, Madrid, 2003, pág. 83.

¹⁰⁷ Cf. J. F. C. ESTEVES, J. M.G. CORDEIRO, *Liturgia da Igreja*, Ed. Universidade Católica, Lisboa, 2008, pág. 74.

¹⁰⁸ Cf. Timóteo de URQUIRI, «Rito: Rito como conjunto de fórmulas e cerimónias», in AAVV, *Gran Enciclopèdia RIALP*, Tomo XX, Ed. Rialp, Madrid, 1989⁶, pág. 337.

Mas por que recorremos a uma linguagem ritualística, aparentemente insensata, ao invés de recorrer a outras linguagens? Por que existem os ritos? O que há neles que os torna insubstituíveis e faz com que sejam repetidos por tanto tempo? Estas perguntas, à primeira vista, podem parecer de fácil compreensão, contudo, num ponto de vista mais profundo, mostram a sua complexidade. O rito, na verdade, permite a “transposição do real para uma realidade outra, é ponte para um outro mundo onde, pelo simbólico, se expressam as suas regras e significados”¹⁰⁹. Lima-Mesquitela, Martinez e Lopes-Filho dizem que a função do rito é manter

“a cultura integrada e estabelecer ligações com o passado dos indivíduos envolvidos, para que eles possam reviver determinadas experiências já vividas por seus antepassados. Sem a repetição das experiências, muitos significados podem ser esquecidos no decorrer do tempo. Ao se repetirem, mantêm e estabelecem uma coerência dentro da cultura e ao mesmo tempo ajudam-na a funcionar harmonicamente”¹¹⁰.

Assim, só com a ajuda do rito é que será possível que a realização do dever, da virtude interna, da benevolência e da justiça cheguem à perfeição.

¹⁰⁹ Fernando SAMPAIO, *op. cit.*, pág. 118.

¹¹⁰ Patrícia R. C. DIAS, «Ritos e Rituais – vida, morte e marcas corporais: A importância desses símbolos para a sociedade», in *Revista VIDYA*, v. 29, nº 2, (2009), pág. 73.

CAPÍTULO II

A NATUREZA RELIGIOSA E A PRESENÇA DA MAGIA NO HOMEM

II. A natureza religiosa e a presença da magia no Homem

No seguimento da reflexão que temos vindo a desenvolver, neste capítulo pretendemos avançar, sob a luz de um horizonte teológico, para a explanação de alguns meandros que, devido a práticas esotero-ocultistas, nos distanciam da religião e do cristianismo, que nos enfraquecem na relação com Deus. Dada a frequência cada vez maior deste tipo de práticas, torna-se conveniente, e até mesmo urgente, fazer uma breve alusão a este fenómeno dentro de uma ótica cristã. Não podemos, de algum modo, esquecer que para muitas pessoas este fenómeno revelou-se e revela-se ainda um verdadeiro drama, tanto pela presença e existência como pela experiência. Por isso, só uma atitude se mostra justa e devida: a preocupação atenta. Porém, esta atitude deve ser sempre compreendida com e na esperança de clarificar os cenários que se encontram misturados e enevoados, onde a fé se desenha e pinta.

Na verdade, olhando para a praxis do ocultismo, assinalada pelas crenças e práticas rituais, relacionadas com forças esotéricas (conhecimentos reservados), que se estendem desde a alquimia até à bruxaria, podemos constatar que “quase todas as religiões apresentam sequelas periféricas de ocultismo”¹¹¹. De facto, a religião, sendo um fenómeno comum a todas as culturas primitivas, foi sempre alimentada por formas de crença e de culto marcadas fortemente pelo “primitivismo cultural, como o animismo, a magia, o politeísmo”¹¹². Observando, concretamente, na bacia do mediterrâneo, as religiões arcaicas, observa-se o recurso, para além dos procedimentos já mencionados, a práticas de adivinhação, dos oráculos, da quiromancia, da leitura do futuro e do conhecimento da vontade dos deuses. Não obstante esta conduta, as religiões já tinham em comum, ora mais vaga, ora mais definida, a crença num Ser Supremo, cujo rosto é invisível, mas do qual todo o homem e o mundo

¹¹¹ Esperanza BAUTISTA, *Aproximación al estudio del hecho religioso*, Ed. Verbo Divino, Navarra, 2002, pág. 153.

¹¹² Jorge COUTINHO, *op. cit.*, pág. 21.

dependem¹¹³. Todavia, antes ainda da experiência religiosa, alguns estudiosos do fenómeno religioso consideram que se deve admitir algo mais primitivo, ou seja, a experiência do sagrado, entendido como “o advertir espontâneo, acessível a qualquer um, de qualquer coisa de imenso e infinito que domina o mundo e envolve todas as coisas no mistério do ser, causando em nós espanto e admiração”¹¹⁴. O ser humano aparece já, na experiência religiosa, como *animal religiosus*.

À vista disso, nesta e noutras temáticas, encontramos sempre o fator Homem em jogo, uma vez que o Homem é o principal fator, a causa primeira de todos os fenómenos. Em tempos remotos, o Homem foi achado como centro do mundo. Com o passar dos tempos, o abandono de visões homocêntricas acabou por reduzir o Homem a uma modesta e insignificante partícula, de uma imensa poeira cósmica¹¹⁵. Contudo, num mundo onde podem existir outros seres de inteligência e discernimento superiores ao Homem, porque haveria de ser ele o centro? Efetivamente, esta é uma questão que deve ser aceite e admitida por todos.

Porém, no mundo em que vivemos temos que admitir e aceitar a soberania do Homem, que nos força a conceder-lhe a primazia e o controlo de muitos fenómenos aí vividos. Na verdade, este começou por se sentir um produto de tudo o que o rodeava, mas com a lenta evolução orientada pela sua inteligência, pouco a pouco foi dominando todas as potências que o subjugavam.

Não obstante a centralidade e intelecto do Homem e o meio em que está inserido, reparamos que, nos tempos primitivos, debaixo de uma atmosfera vivencial predominantemente mágica, o Homem deixou-se esmagar por terrores e superstições, credices e ingenuidades, que marcaram todos os seus atos. Porém, era previsível que, séculos depois, com o progresso da matéria e das ideias, a par do evoluir da técnica, essa atmosfera mágica desaparecesse do seu horizonte vivencial. Mas terá desaparecido realmente?

¹¹³ Cf. Jorge COUTINHO, *op. cit.*, pág. 21.

¹¹⁴ Marcelo SANCHEZ SORONDO, «In che cosa credono quelli che non credono?», in *Aquinas*, n° XLI, fas. 3, (Roma 1998), pág. 469.

¹¹⁵ Cf. Pedro José GONZÁLEZ-QUEVEDO, *op. cit.*, pág. 8.

“Aceitando que os arquétipos do inconsciente colectivo marcam permanentemente a alma do Homem actual”¹¹⁶, devemos aceitar que, no fundo desse mesmo Homem, o património mágico dos primeiros tempos encontra-se cinzelado.

A magia pesou e pesa, concreta e objetivamente, na vida do ser humano, independentemente de ser intrinsecamente prejudicial ou não. Como a condição humana é por excelência débil e limitada, tem associada a si uma incomensurável ambição de bens terrenos e sobrenaturais que faz com que a magia se degrade na feitiçaria e bruxaria, dando condições favoráveis para o aflorar de feiticeiros, bruxos e magos. Estes agentes da magia, tentando captar e pôr ao seu serviço certos fatores dinâmicos concebidos como potências (demónios, espíritos e deuses)¹¹⁷, procuram dominar ou até mesmo possuir o poder de Deus. Esta situação está bem descrita no livro do Génesis 3, 5, quando a serpente diz à mulher: “Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal”. Na realidade, o centro deste relato encontra-se na problemática da pretensão humana em ser igual a Deus, ou seja, com “autonomia e imunidade frente à morte”¹¹⁸, rejeitando o estatuto de criatura, usurpando o lugar de Deus como criador supremo, único e verdadeiro e afirmando a sua auto-suficiência, que rompe com a harmonia e a comunhão com Deus.

Assim, estas considerações preliminares permitem desvelar um pouco do nosso itinerário teológico. Efetivamente, há três aspetos que não podemos de todo descurar, a saber: a religião que, praticamente, está na base de todas as culturas; o ser humano, que mal tomou consciência de si, se deu conta da sua limitação ante um Ser Superior e da sua necessidade de saber de onde vem e para onde vai e, por conseguinte, sente falta de saber o que está no fundo do mistério que envolve o mundo e a vida. Daí afirmar esse Ser Superior que, em última instância, dá sentido a todas as coisas. Por último, a magia e a superstição que, coexistindo,

¹¹⁶ Pedro José GONZÁLEZ-QUEVEDO, *op. cit.*, pág. 9.

¹¹⁷ *Idem*, pág. 10.

¹¹⁸ Juan Guillén TORRALBA, «Genesis», in Santiago Guijarro OPORTO, Miguel Salvador GARCÍA (org.), *Comentario al Antiguo Testamento I*, Col. La casa de la Biblia, Ed. Verbo Divino, Navarra, 2008, pág. 50.

acompanham, desde os tempos antigos, o ser humano e a própria religião, mesmo que em algumas ocasiões esta coexistência não fosse tão pacífica. Estes três aspetos, sob a diretriz da Sagrada Escritura e dos Padres da Igreja, ajudar-nos-ão a levantar os problemas que o ocultismo, nas suas mais variadas manifestações, inflige na religião cristã e no cristão.

1. A origem da religião

Depois de termos constatado a importância da religião para a identidade do ser humano, é fundamental atentarmos na sua natureza e origem. No que toca à etimologia, deparamo-nos com o facto de que, ao longo dos tempos, o termo “religião” não foi sempre entendido da mesma forma. Nesta lógica, Cícero considera que o termo “religião” provém de *religionem*, que é o acusativo do étimo latino *religio*. Outros associam a derivação do termo “religião” do vocábulo *relegere*, que transmite a ideia de ler de novo, observar algo atentamente, recordar as coisas de Deus. Para Lactânio, padre apologista do séc. IV, este termo deriva de *religare*, que passa o conceito de atar-se/ligar-se com Deus. Já Santo Agostinho olha para a “religião” como *reeligere*, ou seja, como uma escolha/eleição nova por Deus, que no fundo, transparece a renovação da opção por Deus após a consciência do pecado¹¹⁹.

Qualquer destas possíveis explicações etimológicas aponta para a religião como adesão ou união livre e voluntária do ser humano a Deus. Na verdade, a essência da religião deve ser vista como “resposta humana a uma interpelação ou questão originária”¹²⁰, ou seja, como a “resposta da consciência, do coração e do agir humanos à invocação que Deus faz a cada um no acto criador”¹²¹ e que o ser humano transporta consigo, ao longo da sua existência, como uma nostalgia da origem ou memória de Deus, à semelhança do que refere Santo Agostinho.

¹¹⁹ J. H. de OLIVEIRA BARROS, *op. cit.*, pág. 19.

¹²⁰ João DUQUE, *Cultura Contemporânea e Cristianismo*, Ed. Universidade Católica, Lisboa, 2004, pág. 14.

¹²¹ Jorge COUTINHO, *op. cit.*, pág. 24-25.

Esta memória e resposta livre, consciente e responsável, que o ser humano oferece a Deus, vai sendo conservada e vivida nos diversos ritos e cultos que a religião contempla e consente. No entanto, esta praxis não pode ser confundida e diluída com fenómenos externos à religião, cuja origem e intenção, em grande parte dos casos, é única e exclusivamente lucrativa ou proselitista, e ao mesmo tempo sectária e violentadora da liberdade.

Segundo o pensamento de Jorge Coutinho, na essência da religião residem três elementos fundamentais: a crença, o culto e a moral. Quanto à crença, é necessário mencionar que pertence ao campo da consciência que, através de uma resposta, procura religar-se a Deus ou a qualquer coisa de sagrado. Esta serve como quadro referencial de sentido para a vida do ser humano, nas suas dificuldades e questões existenciais. À resposta da consciência humana a Deus ou ao sagrado, segue-se a resposta do coração, cujo impulsionador é o culto. De facto, o culto, enquanto conjunto de práticas que religam e satisfazem o desejo do ser humano para Deus, é uma atitude devida do coração do Homem, como a adoração à entidade superior, que nós cristãos cremos ser Deus. Contudo, o agir humano não só conhecerá, no âmbito da religião, esta realidade dialogal e cultural a Deus, como também um código de conduta moral que, incidindo sobre a sua vida, prescreve regras conformes à respetiva crença, que possibilitarão vivê-la como um efetivo caminho de salvação¹²².

Descortinados os antecedentes do conceito de religião, não poderíamos encerrar a presente reflexão sem uma abordagem direta ao fenómeno religioso na sua relação com o ser humano. Na linha do anteriormente explanado, é de relevar que agrilhoadas à natureza do ser humano se encontra a religião, e mesmo naqueles que se intitulam ateus, os quais segundo Karl Jaspers, adoram o “Não-Deus, os falsos deuses ou ídolos, como o super-homem, a razão, a ciência e a técnica, o dinheiro, os prazeres, o poder; adoram-se a si mesmos”¹²³. A religião está praticamente na base de todas as culturas, trespassando desde a vida familiar até à vida social, a arte e a literatura, o culto aos mortos, na procura de um sentido para a vida e na busca

¹²² Cf. Jorge COUTINHO, *op. cit.*, pág. 27-28.

¹²³ J. H. de OLIVEIRA BARROS, *op. cit.*, pág. 20.

de sucesso diante dos medos e angústias, que flagelam a esperança. Na verdade, o ser humano, quando tomou consciência de si, deu-se conta da sua condição de criatura nas mãos do criador, portanto, dependente de um ser Superior. Face ao sentido da vida e da morte, esta criatura procurou a sua essência e desejou não morrer, desejou que a sua vida não se cingisse, somente, à enfermidade do tempo cronológico, mas que este ganhasse o cunho de eternidade. Por este motivo, “podemos afirmar que os povos primitivos apesar de às vezes adorarem as forças da natureza e de serem politeístas, não foram propriamente ateus, isto é, «sem Deus». Cada povo inventou os seus ritos ou cerimónias para se pôr em contacto com Deus”¹²⁴. Porém, a fé não é fruto da invenção humana, mas antes fruto da espontaneidade. Exemplo disto é a imagem da criança que se socorre no regaço da mãe. Esta mãe, não sendo criação da criança, goza de uma (pre)existência, que permite a relação e proteção daquele que, no mundo, está completamente desprotegido e dependente dos outros. De natureza igual, surge a relação entre o ser humano e a divindade, pois o Homem, na sua procura de Deus, não O cria nem O inventa, uma vez que Ele já (pre)existe.

Nesta linha, já Homero, na *Odisseia*, retratava o pensar e o viver primitivo que afirmava: “todos precisamos dos deuses imortais”¹²⁵. De igual forma, Plutarco, em *Contra Colotes*, desafia a que viajemos pelo mundo, onde poderemos

“encontrar cidades que não tenham muralhas, sem letras, nem casas, nem riquezas, cidades que não necessitam de moeda nem saber, sem teatros e ginásios; contudo, ninguém chegou e chegará nunca a ver cidades sem templos e deuses, uma cidade que não recorra a orações, juramentos e oráculos, a sacrificios pelos bens recebidos e a ritos para conjurar os males”¹²⁶.

¹²⁴ J. H. de OLIVEIRA BARROS, *op. cit.*, pág. 20.

¹²⁵ HOMERO, *Odisseia*, Canto III, verso 48, Ed. Livros Cotovia, Lisboa, 2005.

¹²⁶ PLUTARCO, *Obras morales y de costumbres*, (Moralia) XII Tratados Antiepicúreos, Ed. Gredos, Madrid, 2004, pág. 119.

Por sua vez, Dostoievski em *O grande inquisidor* afirma que “não há preocupação mais constante nem mais penosa para o homem do que, ao ficar livre, encontrar o mais depressa possível alguém diante de quem se inclinar”¹²⁷.

Neste sentido, os estudiosos do fenómeno da religião vão concordando com a evidência de que os povos primitivos já adoravam um Deus único, ou que foram monoteístas, facto que pressupõe uma revelação primitiva ou uma assistência especial da Providência Divina. No entanto, a esta forma primária de viver a religião foram-se introduzindo vários elementos apócrifos, mitológicos e supersticiosos, ao ponto de nascer um advento de diversos politeísmos.

Porém, num determinado ponto da história Deus interveio e revelou-se, progressivamente, através da Sua palavra, escolhendo Abraão, que pela fé respondeu. Esta palavra proferida por Deus oferece apoio para construir a casa de Abraão, o sentido como pessoa. Já a fé exprime a “compreensão da existência como resposta à palavra fundacional”¹²⁸, pois alcança a raiz mais originária, no sentido do cumprimento do ser homem, como o ar sem o qual não podemos respirar. Pela fé, é Deus que vem ao encontro do Homem, é Ele que se revela e quer entrar em comunhão com o Homem, salvando-o. Por isso, em Abraão, esconde-se o amor de Deus por toda a humanidade e um infinito respeito pela liberdade de cada ser humano. Deus renuncia à solução automática de regular tudo sozinho, sem mediações humanas, daí a eleição de Abraão, que mostra Deus a operar de forma salvífica no *cronos*, não sem o homem, mas sempre com e para o homem¹²⁹. Abraão torna-se, portanto, fonte de bênçãos para os outros, pois permite que os outros entrem no jogo, que espelha a ausência de poder ou vontade dominadora, não-poder, mas ação desprendida de qualquer interesse material e qualquer utilidade. O jogo produz uma situação sem dominadores: dá espaço ao aparecimento de uma dialética criativa, expressa numa “relação de

¹²⁷ Fiódor DOSTOIEVSKI, *Os Irmãos Karamázov*, Ed. Relógio D'Água, Lisboa, 2012, pág. 259.

¹²⁸ Joseph RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo.*, pág. 36-39.

¹²⁹ Cf. António COUTO, *Pentateuco. Caminho da Vida agraciada*, Ed. UCP, Lisboa, 2003, pág. 271.

solidariedade e não de supremacia nem domínio, onde as pessoas reciprocamente se apoiam, trabalhando juntas para um mesmo fim. Um outro universo, um outro imaginário. (...) um lugar de encontro, de troca, de permuta, (...) uma casa viva”¹³⁰, em que nos “sentimos um todo e não ilhas isoladas”¹³¹.

Na plenitude dos tempos, diante daquele povo que procurou adorar o seu único Deus, nasceu Jesus, o próprio Filho de Deus, a teofania suprema, isto é, o Deus que revela e é revelado. Ele é a única religião, cuja revelação se encarna numa pessoa que se apresenta como a verdade viva e absoluta, que acolhe e unifica em si todos os aspetos da verdade, ou seja, a transcendência da verdade que exprime as correntes platónicas, historicidade da verdade que desenha o pensamento moderno e contemporâneo, interioridade da verdade colocada à luz pelas diversas formas do existencialismo.

O cristianismo, nestes trâmites, fica a ocupar uma posição única e distinta das outras religiões, que se dizem reveladas. Todavia, esta condição não legitima, da parte do cristão, qualquer desrespeito pelas outras religiões, apesar de não as julgar todas com o mesmo fundo de verdade e valor. O Concílio Vaticano II, apesar de reconhecer que outras religiões contenham elementos positivos e parcelas de verdade, não deixa de afirmar que:

a “única religião verdadeira se encontra na Igreja católica e apostólica, à qual o Senhor Jesus confiou o encargo de levar a todos os homens, dizendo aos Apóstolos: «Ide pois fazer discípulos de todas as nações, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos prescrevi» (Mt. 28, 19-20)”¹³².

Depois de apreciar a origem e natureza da religião, vimos como a dificuldade se faz presente na sua análise. Por certo, falar de religião é difícil, mas ainda é mais difícil quando introduzimos nesta reflexão o ser humano, agente ativo e passivo, que acolita falando no modo como manifestar socialmente a fé. Neste sentido, concluímos que a par de uma religião

¹³⁰ Teolinda GERSÃO, *Paisagem com mulher e mar ao fundo*, Ed. Jornal, Lisboa, 1985³, pág. 72-73.

¹³¹ Fernando NAMORA, *Diálogo em Setembro*, Ed. Europa-América, Mem Martins, 1971⁴, pág. 336-337.

¹³² SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, *Declaração «Dignitatis Humanae»*, in *AAS*, 58 (1965) 1. Seguindo a edição portuguesa *Concílio Ecuménico Vaticano II: documentos conciliares e pontifícios*, Declaração *Dignitatis Humanae*, Ed. A. O., Braga, 1992¹¹, pág. 265.

depurada, autêntica caminha uma religião popular, com um certo caráter de clandestinidade. Podemos considerar que a situação, que outrora os nossos antepassados viveram e que nós hoje assistimos, é uma situação de «religião particular»: religião porque se trata dum conjunto de relações de proteção, de comunicação entre o mundo dos homens e o do além do mundo sensível; «particular» porque o monoteísmo, apesar de se ter evidenciado noutros tempos de forma mais nítida, nem sempre aparece em estado puro, apontando para uma espécie de sincretismo no tecido social¹³³.

1.1. Religião e Superstição

Atendendo à relação pessoal do Homem com o sagrado ou à sensibilidade deste para o transcendente, a religião, ao longo dos tempos, foi chamando a si uma responsabilidade ética e moral, que careceu do ser humano um apadrinhamento de padrões comportamentais, conforme os ditames contemplados na religião.

Entretanto, recobriu-se a religião de um caráter popular que, não sendo ordenado e funcionário do sagrado, viveu e vive intensamente as ideias religiosas, ao ponto de as tornar práticas comuns à comunidade que vive e celebra a fé. Esta religiosidade popular permite que o comum dos mortais expresse a sua fé em gestos coletivos e rituais espontâneos, onde se manifesta a criatividade. Ela está desenquadrada de cânones e liturgias, onde as gentes são como que removidas do anonimato, assistindo-se a um dilacerar de ideologias dominantes das estruturas sociais. De igual modo, a liturgia, que daqui brota, acaba por, em função de símbolos, sofrer uma reconversão própria que, não só mostra o povo como protagonista da própria fé, como não justifica ordens estabelecidas¹³⁴. Tudo isto é imagem de uma

¹³³ Cf. J. S. LIMA, op. cit., pág. 69.

¹³⁴ Cf. R. LOPES DA COSTA, «Religiosidade Popular: fenómeno, mística e o símbolo», in *Revista Diversidade Religiosa*, v. 1, nº 1 (2014) (acedido em 18 de Fevereiro de 2016) [<http://periodicos.ufpb.br/index.php/dr/article/download/18162/10349>].

religiosidade que abotoa do coração, mas que não é suficiente para habilitar a religião e o ser humano de imunidade face às superstições, sincretismo e elementos pagãos. “O sagrado e o profano, o religioso e o supersticioso andaram sempre muito interligados na crença popular”¹³⁵, sendo que a sua triagem é muito difícil de fazer.

Não é de todo fácil analisar este fenómeno, devido às suas profundas raízes semeadas na cultura popular, como há pouco referimos. O conceito de superstição, sendo complexo e vasto, aponta para ideias e comportamentos já ultrapassados ou reminiscentes, que sobrevivem como restos de mentalidade e atitudes do passado. Trata-se de uma certa ideia de sobreposição, onde os resíduos de antigas crenças religiosas, outrora mitigados e acondicionados, se sobrepõe à religião oficial, como seja o caso do ocultismo, satanismo, uso de amuletos (olho turco) ou talismãs e ainda o uso abusivo e perverso de relíquias, do escapulário, *Agnus Dei* e medalhas¹³⁶, que gozam de muitos desígnios, menos do desígnio de Deus.

Nas várias culturas, com destaque para a cultura helénica, o medo dos demónios e a crença em forças inexplicáveis que ameaçavam a espécie humana, e o poder sobre a natureza já demonstrava um desvio do religioso e o hábito, por parte do ser humano, com os seus medos e crendices, de conferir a outras pessoas e objetos poderes de tipo sagrado/ mágico, que em última instância não passavam de meros frutos do imaginário humano, pois tais pessoas e objetos não possuíram nem possuem tais características. Por conseguinte, a superstição passa a ser reflexo de um pensamento primitivo e ilógico, onde o Homem, ser finito e contingente, diante da angústia, do medo e da impotência, julga e procura controlar de qualquer modo as forças da natureza, isto é, o destino e os acontecimentos, com pensamentos e práticas obscuras. Posto isto, esta mentalidade mágica e supersticiosa foi sempre mais visível nas populações rurais, devido ao facto de estas dependerem e contactarem mais de

¹³⁵ J. CARNEIRO DA COSTA, «A criança em crenças populares, Hoje: uma questão pastoral», in *Revista Cenáculo*, v. XIX, nº 113 (1990), pág. 37.

¹³⁶ J. H. OLIVEIRA BARROS, *op. cit.*, pág. 30.

perto com a Natureza. Contudo, nos tempos que correm deparamo-nos com uma mudança de paradigma, ou seja, um surto notável de superstição nas populações mais citadinas.

Na verdade, entre nós é sabido que quando “sai a religião pela porta, entra a superstição pela janela”¹³⁷. A superstição recobre, assim, a generalidade das formas alternativas à religião, presenteando-nos com uma grande e rica expressão que, desde as rezas e rituais, crenças em sinais ou ações misteriosas e ocultas e práticas de magia, apresenta uma grande oferta para todos os gostos e feitios; desde os gatos pretos, as sextas-feiras treze, o mau-olhado, os feitiços, onde o azar espreita e o medo aumenta. Na prática, a este fenómeno está subjacente, por um lado, o confronto do ser humano com forças que de modo algum compreende; por outro, o desejo permanente de superar o mundo real, com fuga para outro mundo. Todos os povos e culturas preservam resquícios de uma mentalidade mágica que, nos vários aspetos da vida e da realidade, vêm características que ultrapassam a natureza.

Um grande número de pessoas vivem aterrorizadas com o que se sucederá depois da morte, com os espíritos e com os demónios; são problemas que as seguem e que, muitas vezes, acabam por provocar um medo tal, que elas chegam mesmo a fazer a sua profissão de fé em toda esta realidade. Todavia, quando estes crentes se encontram com pessoas que se declaram cétricas e indiferentes a estas prerrogativas apresentam prontamente a resposta: - Não acredito porque nunca precisaste! Sem sentido nem coração, mas com angústia e medo a pessoa está, no entender de Elias Couto, predisposta a acreditar em feitiços, possessões ou assombrações¹³⁸. Estas pessoas tornam-se frágeis e porosas, pois não só se deixam influenciar pelos vendedores do oculto como se deixam atingir pelos produtos que estes vendem, feitiços e vingança dos espíritos. A pessoa sofreu estas mudanças na vida porque acreditou e, por isso, precisou. Germinando do interior da pessoa, a superstição vai crescendo na medida da nossa disponibilidade para acreditar. O mesmo não acontece com aqueles que, dotados de um

¹³⁷ Jorge COUTINHO, *op. cit.*, pág. 51.

¹³⁸ Cf. E. M. COUTO, *op. cit.*, pág. 379.

espírito e atitude críticos e pouco dados a credices, são imunes a todo o tipo de males que brotam de tais práticas.

Perante tais factos, devemos ter em conta que todos, de um modo ou de outro, podemos resvalar a nossa fé cristã para estes terrenos baldios da superstição, infestos à fé cristã adulta e responsável, onde confundimos o que não deve ser confundido. A superstição, entendida como deturpação de teor mágico e idolátrico do comportamento religioso, traduzido “frequentemente na multiplicação de regras, no formalismo dos ritos, na atribuição de poderes sagrados a objectos «religiosos», ou no recurso ao bruxedo e ao curandeirismo”¹³⁹, pode “afectar o culto que prestamos ao verdadeiro Deus. (...) Atribuir só à materialidade das orações ou aos sinais sacramentais a respectiva eficácia, independentemente das disposições que exigem, é cair na superstição”¹⁴⁰. Por sua vez, esta enraíza-se em pessoas que se encontram psicologicamente débeis e alimenta-se, sobretudo, da ignorância religiosa. Não será por acaso que, na atualidade, se encontra grande número de comportamentos superficiais e sem teor de verdade entre pessoas com uma cultura geral relativamente ampla, mas que do ponto de vista religioso se ficaram pela infância, manifesta num falso culto ao Deus verdadeiro. Logo, a superstição não só se afasta da verdadeira religião como da ciência. Nesse sentido,

São João Crisóstomo pedia aos homens e mulheres que evitassem absolutamente os agoiros e as práticas supersticiosas, que não passavam e passam de “desvarios dos que ainda permanecem no império do erro”¹⁴¹, e pensassem somente no acolhimento do Rei do Universo. Mesmo assim, o Sínodo Nestoriano de 554 exortava a que “quando algum daqueles que caíram nesta grande enfermidade (superstição) se converter, ofereçam-lhe, como meio de

¹³⁹ M. Franco FALCÃO, *Enciclopédia Católica Popular*, Ed. Paulinas, 2004, pág. 487.

¹⁴⁰ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1993, 2111.

¹⁴¹ JEAN CHRYSOSTOME, *Huit catéchèses Baptismales*, Ed. Du Cerf, Paris, 2005, I, cap. 39.

cura, tal como àquele que está fisicamente doente, o óleo da oração benzido pelos sacerdotes e a água da oração”¹⁴².

1.2. Religião e Magia

Tão antiga como o ser humano, a magia continua, ainda hoje, a coexistir com a religião, ao ponto de não termos como distinguir uma da outra de maneira absoluta. Esta coexistência tem-se revelado, ao longo dos tempos, tudo menos pacífica, existindo até uma certa implacável hostilidade à mistura, que estimulava, principalmente, os sacerdotes a perseguir os agentes da magia. A proclamada auto-suficiência dos mágicos, a arrogância deles face aos poderes mais altos e as suas despudoradas alegações, no que toca ao domínio e exercício de faculdades reservadas ao sacerdote, constituíam motivos suficientes para que os ministros de Deus se sublevassem. Tais alegações e atitudes eram consideradas pelos sacerdotes uma usurpação de prerrogativas que pertencem unicamente a Deus. Porém, outros motivos, não tão fortes quanto os supracitados, contribuíram para a cisão dos sacerdotes com os mágicos. Os sacerdotes professavam-se condutores apropriados, os verdadeiros intercessores entre o Homem e Deus. No entanto, estes interesses e sentimentos, que nutriam, eram mais uma vez causa para um verdadeiro colapso com os profissionais rivais, os mágicos, que pregavam, supostamente em nome de Jesus, um caminho mais suave, seguro e fácil para o sucesso¹⁴³, através de artes negras, diabólicas¹⁴⁴, face ao caminho escarpado e doloroso do verdadeiro favor divino.

Esta batalha contra a magia dar-se-ia tanto no púlpito, pelas pregações, como nos tribunais, pelas sentenças. A Igreja e os seus ministros advertiam, a longo prazo, para os

¹⁴² SÍNODO NESTORIANO Apud AAVV, *Antologia Litúrgica*, Ed. Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura, Fátima, 2015², pág. 1454.

¹⁴³ Cf. Keith THOMAS, *Religião e o declínio da Magia*, Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 1991, pág. 214.

¹⁴⁴ Cf. Joseph HALL, *Works*, Ed. P. Wynter, Oxford, 1836, pág. 383.

malefícios que o comércio dos bruxos acarretavam para o crente, concretamente na vida espiritual, com a sua destruição definitiva, exortando para que, em tempos de necessidade, os crentes invocassem Cristo e deixassem de lado a ajuda dos agentes das artes ocultas. Todavia, tal não se sucedia. Na aflição, na perda e na doença, os homens viravam-se para a bruxa, deixando Deus de parte. Os ministros de Satanás, debaixo do seu domínio, surgem, para as pessoas ignorantes e perturbadas, em caso de infortúnio, perda ou outras calamidades, como solução, ao contrário dos ministros de Deus. No entanto este não é o retrato de toda a realidade, uma vez que, na idade média, foram vários os abades e priores que recorreram a bruxas para recuperarem objetos que se encontravam desaparecidos. Por seu turno, as antigas orações em latim, pertencentes ao depósito da fé da Igreja, e o simbolismo católico foram-se tornando particularmente populares no que toca ao uso nos ritos mágicos e em fórmulas encantatórias, tanto nas sessões dos magos rituais quanto nas técnicas de futurologia populares¹⁴⁵.

Apesar de todas estas barreiras temporais, a relação entre magia e religião revelar-se-ia, na história, algo inevitável, visto que a atitude mágica se encontra entrelaçada na atitude religiosa, representando, portanto, dois pólos do mesmo contínuo, inerentes ao próprio homem. Tal como a religião, a magia é uma tentativa de diálogo entre o homem e o Sagrado, que se apresenta como força, potência, poder oculto e misterioso, capaz de provocar ao mesmo tempo medo e fascinação¹⁴⁶. Mircea Eliade, na percepção da diferença entre o Sagrado e o Profano, vê uma experiência fundamental da qual cresceu a magia e a religião, sendo que a religião ganha destaque, já que é uma experiência mais fundamental, porque cria uma cosmologia¹⁴⁷. A magia pode ser, assim, considerada como um subtipo da religião, que se ocupa exclusivamente do Sagrado. Em contraste, James George Fraser, testemunha na magia

¹⁴⁵ Cf. Keith THOMAS, *op. cit.*, pág. 222-229.

¹⁴⁶ Rudolf OTTO, *Lo Santo. Lo racional y lo irracional en la idea de Dios*, Ed. Alianza, Madrid, 1980, pág. 30-67.

¹⁴⁷ Cf. Mircea ELIADE, *Historia de las creencias y las ideas religiosas I*, Paidós Ibérica, Buenos Aires, 1999, pág. 9-22.

a forma original da religião, o que leva a crer que o começo da religião está na tentativa mágica de dominar as forças misteriosas da natureza, e só depois é que os seres humanos se começam a aperceber da presença do sagrado¹⁴⁸. Ainda,

“porque a origem da magia não se encontra na razão, mas no plano do sentimento, é possível encontrar também num crente uma dissociação do mesmo tipo: através da razão torna-se claro que apresenta actos cristãos nos quais sabe que Deus e a sua graça estão presentes; mas no plano do sentimento, o que funciona no cristão pode ser uma atitude de tipo mágico, ligada unicamente ao desejo de obter algo ou de fugir a uma força impessoal que teme”¹⁴⁹.

De todas estas considerações, podemos inferir que não é fácil determinar, com clareza, na história humana e nos seus meandros, a abertura para a fixação de uma separação entre a atitude religiosa e a atitude mágica. Na realidade, o aspeto cronológico, nesta reflexão, não assume um valor significativo. Com efeito, é necessário evidenciar os elementos que, pela sua ausência ou pela sua presença, possibilitam esta distinção. Será possível fazer uma distinção objetiva entre religião e magia? Esta pergunta, à primeira vista, pode parecer um pouco inocente ou mesmo irrisória. Porém, olhando bem para estes dois conceitos, e tudo o que eles encerram, deparamo-nos com a sua pertinência. Na verdade, a definição de magia revela-se difícil de concretizar, devido à diversidade de fenómenos que a formam. Contudo, parece que há um dado fundamental aceite pelos peritos para se proceder a esta distinção. Deve ser feita no plano antropológico e cultural, isto é, na forma como ambas as experiências se referem ao transcendente. Sendo assim, a “religião refere-se diretamente a Deus e à sua ação, de tal maneira que não existe nem pode existir nenhuma experiência religiosa sem esta referência”¹⁵⁰; já a magia implica uma visão do mundo que crê na existência de um

“poder oculto, impessoal ou só vagamente pessoal, misteriosamente perigoso e não facilmente aproximável, mas capaz de ser encarnado, controlado e dirigido pelo homem. Como uma prática, a magia é a utilização desse poder para fins públicos ou privados que são bons ou

¹⁴⁸ Cf. J. G. FRAZER, *O ramo de ouro*, Ed. ZAHAR, Rio de Janeiro, 1982, pág. 80.

¹⁴⁹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DA TOSCÂNIA, *Magia e demónios: Nota pastoral*, Ed. Paulinas, Prior Velho, 2014, pág. 20.

¹⁵⁰ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DA TOSCÂNIA, *op. cit.*, pág. 17.

ruínas, ortodoxos ou heterodoxos, lícitos ou ilícitos, de acordo com os valores depositados nelas por uma sociedade específica”¹⁵¹.

Como vemos, a magia possui unicamente a pretensão de exercer o controlo sobre um poder, através de práticas rituais, capazes de produzir automaticamente resultados. Daí que a sua relação com o transcendente ou a divindade contemple somente o horizonte da finalidade e do aspeto funcional, ao ponto de subordinar a divindade às forças e aos efeitos desejados. A magia, não admitindo nenhum poder superior a ela própria, afirma que pode mesmo forçar e invocar os espíritos e os demónios a cumprirem aquilo que lhes é pedido.

Com base nestes factos, é possível vermos as dissemelhanças capitais entre a magia e a religião. Estas (dissemelhanças) ocupam a relação dos seres humanos com o transcendente, no ângulo da atitude e da intenção. Por este motivo, a diferença fundamental entre a atitude e intenção situa-se nas premissas que declaram, por um lado, que a magia aceita o facto de os seres humanos poderem controlar o Sagrado e, por outro, que a religião vê Deus ou o Sagrado, não somente livre, como diferente de nós e, portanto, não influenciável, de tal forma que a resposta de Deus às nossas orações, ritos e rituais é desconhecida¹⁵². A religião, na sua praxis, quando visa de forma imediata efeitos temporais (o que não constitui a sua dimensão primordial), age sempre de forma serviçal, submissa a uma vontade diferente da própria, esperando que essa outra vontade conceda, de forma livre e pródiga, o que lhe foi solicitado. Isto nunca foi ou será uma ordem, mas antes uma súplica do filho, que se reconhece pecador, indigente e pobre, ao Pai misericordioso. Assim, Deus enquanto intimamente ligado à vida humana, à criação, é imanente, mas ainda é fundamentalmente diferente, ou seja, transcendente.

Na magia, os humanos entram em contacto com Deus ou com o sobrenatural sempre sob o signo do poder e da autoridade. Na religião há uma aproximação, com temor e

¹⁵¹ Hutton WEBSTER, *Magic: A Sociological Study*, Ed. Standford, Standford University Press, 1948, pág. 55.

¹⁵² Cf. James REAVES FARRIS, «Ação pastoral e mágica: o Evangelho e a cultura à luz do sincretismo», in Ronaldo SATHLER-ROSA (org.), *Culturas e Cristianismo*, Col. Ciências da Religião, Ed. Loyola, São Paulo, 1999, pág. 146.

reverência, da criatura face ao criador, a Deus. Se na magia há o intento de dirigir o sobrenatural, na religião há o desejo de caminhar ao encontro de Deus, a fim de construir uma relação com Ele. Este permanente e radical desejo libertará o ser humano da irracionalidade e do medo, garantindo espaço para o acolhimento e o amor pelo e com o Outro. A pessoa, confiando-se à auscultação de Deus, de onde tudo nasce, crê que Ele é o todo-poderoso, sem o qual nada pode e perante o qual, igualmente, nada pode. Por isso, esta relação estará sempre alicerçada no respeito, na diferença e, acima de tudo, no amor e na gratidão¹⁵³.

Porém, a religião, como fenómeno complexo, é vista a partir de Max Weber, através de três tipos de ideais, ou seja, a religião feiticeira, a sacerdotal e a profética. Assim, a religião sacerdotal, organizada em redor de um corpo de doutrinas, dogmas e éticas, vividos de forma eclesial, proclama a renúncia do ego, no sentido de se orientar para o divino e, conseqüentemente, para a salvação. Por sua vez, a religião feiticeira dá ênfase a este mundo, agindo em relação aos demónios e outras forças prejudiciais à vida e prestando mais atenção às necessidades imediatas do ser humano, onde procura desenvolver um conjunto de frágeis doutrinas, dogmas e códigos éticos. Já a religião profética consiste, na perspectiva weberiana, no único meio de quebrar o poder da magia e estabelecer um padrão racional de conduta¹⁵⁴.

Para além destes tópicos reveladores de um divórcio entre a religião e a magia, na ótica de Rudolf Otto, a religião, enquanto modo de relação com o Sagrado, aparece marcada por elementos de racionalidade, conjugados com aspetos de irracionalidade. Para este autor,

“os elementos irracionais que continuam vivazes e vivos numa religião preservam-na de degenerar em racionalismo. Os elementos racionais, com que abundantemente está saturada, preservam-na de cair no fanatismo ou misticismo, ou de aí permanecer, elevam-na à categoria de religião cultivada, de religião da humanidade”¹⁵⁵.

Por seu turno, na magia não se verifica este equilíbrio de contrários, uma vez que a categoria do irracional é a dominante. Aqui, ao contrário da religião, há a tentativa de captar e

¹⁵³ Cf. E. M. COUTO, *op. cit.*, pág. 378.

¹⁵⁴ Cf. James REAVES FARRIS, *op. cit.*, pág. 146-147.

¹⁵⁵ Rudolf OTTO, *O Sagrado*, Ed. 70, Lisboa, 1972, pág. 183.

pôr ao serviço do Homem o poder de Deus, para assim controlar a criação. Esta vontade de poder, mais do que amar, está presente de um modo muito claro nas suas manifestações mais grosseiras, traduzidas na bruxaria e na feitiçaria. Nestas duas expressões já nem sequer se chega a conservar e observar a luminosidade própria da atitude mágica, dada pelo pressentimento do Sagrado, presente como mistério poderoso, mas o medo irracional e a crença acrítica¹⁵⁶.

Em suma, estes dois fenómenos, exibindo objetivamente uma distinção, quer na atitude quer na intenção, por vezes subjetivamente, patenteiam uma convergência em certos aspetos. Efetivamente, esta dura realidade não está muito longe da vida dos cristãos. A persistência da atitude mágica e, particularmente, das práticas supersticiosas, dela derivadas, sempre foram e serão um desafio para as religiões institucionais, nomeadamente para o cristianismo. A fé cristã vislumbra características de exclusividade, assumindo-se, para o ser humano, como mensagem libertadora alheada de qualquer agulhão que sujeita. A isto podemos ainda acrescentar a própria adesão a Jesus Cristo e ao seu Evangelho, que “deve traduzir-se numa afirmação clara da dignidade da pessoa humana, livre e responsável perante Deus e os irmãos, e não joguetes de forças ocultas ou de destinos mais ou menos perversos”¹⁵⁷, que nada têm a ver com o autêntico sentido da religião e do autêntico culto a Deus.

2. Artes ocultas e a Sagrada Escritura

Na ancestralidade do Homem o mundo era já habitado por forças hostis, que urgia controlar ou, pelo menos, tornar benéficas. É neste contexto que surge a prática da magia, com a arte do mago e, num sentido mais pejorativo, a prática oculta dos bruxos e dos feiticeiros que, sendo figuras especiais, dotadas de características físicas e psíquicas, se

¹⁵⁶ Cf. E. M. COUTO, *op. cit.*, pág. 378.

¹⁵⁷ E. M. COUTO, *op. cit.*, pág. 378.

diferenciavam do resto do comum dos mortais, conduzidos, por estes intermediários, às proximidades do mundo do mistério das forças celestes. Estas artes, não fundadas empiricamente e baseadas pretensamente numa sabedoria oculta ou esotérica, formam uma vontade, igualmente oculta, de dominar o tempo, a história e a humanidade. Todavia, esta primitiva presença da magia na vida do ser humano haveria de conhecer uma razão mais alta, isto é, a natureza religiosa do próprio Homem que, fazendo-se sentir em toda a sua existência de criatura gerada pelo Criador, o provoca no sentido da procura de uma direção para a sua existência, para a vida e para a morte pois, incapaz de se salvar por si mesmo, não se conforma com a ideia de que tudo acaba *post mortem*, condição própria do ser finito e contingente.

Estas duas realidades veem-se confrontadas na vida do ser humano. Se num primeiro momento até podem estar em relação, porque as práticas mágicas juntam numa só solução várias essências, inclusive a religiosa, rapidamente nos apercebemos que são contrárias pois, o que até ali parecia ter cunho religioso revela-se antes excrescências, que se situam na margem da verdadeira religião e da racionalidade, tendo antes a ver com a superstição e a irracionalidade. A religião procura, assim, instaurar um “quadro de diálogo com a divindade baseado na adoração, na aceitação e no reconhecimento da Sua superioridade; ao passo que a magia procura manipular o sobrenatural e instrumentalizá-lo ao serviço de algum fim”¹⁵⁸.

Na prossecução destes pensamentos e na panorâmica da vigilância da Igreja, deparamo-nos com o caso da abordagem analítica ao fenómeno da magia não ter presidido, quer no passado, quer no presente, às preocupações que assolam aqueles que abraçam a Boa Nova do Filho de Deus. Contudo, esta despreocupação não impediu a Igreja de, segundo os mandamentos contidos na Sagrada Escritura, condenar a magia e todas as práticas afins a esta, inequivocamente. Portanto, todos aqueles que creem em Jesus Cristo, como Salvador e

¹⁵⁸ Esperanza BAUTISTA, *op. cit.*, pág. 154.

Senhor das suas vidas, devem ter sempre como fundamento, do certo e do errado, a Bíblia Sagrada, considerada a regra de fé e prática.

Por este e outros motivos, e na consciência de que a advertência bíblica é hoje mais atual e urgente que nunca, nos passos que se seguem, vamo-nos deter, ainda que de uma forma sucinta, na Sagrada Escritura, mais concretamente no Antigo e Novo Testamentos. Desde logo, é importante referir que nas Escrituras a magia é uma realidade, bem como a condenação geral do oculto. A Sagrada Escritura, reconhecendo Deus como governante, afirma que Ele detém a jurisdição sobre a humanidade e tudo o que ela encerra, daí a condenação evangelizada neste livro sagrado “não derivar tanto da suspeita de que as operações mágicas sejam aproveitadas para fins dolosos, mas sim (...) de a magia ser moral e socialmente perniciosa, pois se entrega ao que é proibido e violenta os ensinamentos divinos”¹⁵⁹.

2.1. No Antigo Testamento

Na história e na vida do povo de Israel a magia não ocupou um papel tão relevante como na vida dos povos vizinhos, nomeadamente nos da Babilónia e do Egito. No entanto, esta pequena fração de povo, que estabeleceu a aliança no Sinai com o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob, não foi sinónimo de imaculabilidade, a respeito da concretização desta conduta.

Neste sentido, ao longo do Antigo Testamento verificam-se já algumas referências a pessoas que recorriam às artes ocultas, aos seus agentes e às atividades realizadas por eles. Uma das primeiras alusões aparece no livro do Êxodo, onde é retratado um “jogo mágico”¹⁶⁰

¹⁵⁹ K. SELIGMANN, *op. cit.*, pág. 37.

¹⁶⁰ Cf. J. GUILLÉN TORRALBA, «Êxodo», in Santiago Guijarro OPORTO, Miguel Salvador GARCÍA (org.), *Comentario al Antiguo Testamento I*, Col. La casa de la Biblia, Ed. Verbo Divino, Navarra, 2008, pág. 132.

entre o Faraó opressor que, com os seus sábios, encantadores e magos deseja desferir sortilégios, e Iahweh libertador que, através do envio e mensagem de Moisés e Ararão, procura realizar a obra da libertação, não aceite pelo Faraó devido à dureza do seu coração (cf. Ex 7, 9-12). Este episódio era já sinal de uma subtil distinção entre aqueles que realizavam prodígios em nome de Deus e aqueles que realizavam prodígios em nome das forças ocultas e maléficas¹⁶¹.

Diante de toda esta problemática Iahweh, por meio dos seus profetas, procura advertir o seu povo no sentido da repulsa pela escuta dos seus adivinhos, intérpretes de sonhos, feiticeiros e magos, porque julgava o que eles diziam mentira (cf. Jer 27, 9-10). Nesta linha, o livro do Deuteronomio, estigmatizando as diversas formas utilizadas para a suposta abertura ao conhecimento do futuro, usadas nas regiões circunvizinhas a Israel¹⁶², declarava:

“quando entrares na terra que Iahweh teu Deus te dará, não aprendas a imitar as abominações daquelas nações. Que em teu meio não se encontre alguém que queime seu filho ou sua filha, nem que faça presságio, oráculo, adivinhação ou magia, ou que pratique encantamentos, que interroge espíritos ou adivinhos, ou ainda que invoque os mortos; pois quem pratica essas coisas é abominável a Iahweh, e é por causa dessas abominações que Iahweh teu Deus as desalojará em teu favor” (Dt 18, 9-12).

Mas quão difícil era manter semelhante renúncia, e difícil era suportá-la. Exemplo disso foi a história do rei Saul (1030 a. C). Saul procurou impor este mandamento deuteronomístico, com a finalidade de erradicar toda a forma de magia porém, com a morte de Samuel e com medo, face à iminente guerra com o exército dos filisteus, consulta Iahweh, que nem por sonhos nem pelos profetas lhe respondeu. Este silêncio de Iahweh torna-se insuportável para Saul levando-o a procurar e, conseqüentemente, consultar uma necromante. Desta forma, dirigindo-se para Endor “disfarçou-se, vestiu outra roupa e, de noite, acompanhado por dois homens, foi ter com a mulher, e lhe disse: «Peço que pratiques para mim a adivinhação, evocando para mim o que eu te disser»” (I Sam 28, 8).

¹⁶¹ Cf. E. M. COUTO, *op. cit.*, pág. 380.

¹⁶² Cf. Joseph RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, Ed. A esfera dos livros, Lisboa, 2007, pág. 28.

Mas, ainda no seguimento cronológico da história do povo de Israel, temos outros reis que entregaram toda a sua vida a estas abominações, como o caso do rei Manassés (687-642 a. C) e do rei Amón. Para a história Deuteronomista Manassés é o mais nefasto impio dos reis de Judá. De facto, como nos relata o livro das Crónicas, este monarca, não se contentando com a imitação dos anteriores reis de Israel, “entregou-se à astrologia, à adivinhação e à magia, praticou a invocação dos mortos e a bruxaria e cometeu acções que desagradavam a Iahweh, provocando a sua indignação” (II Cr 33, 6). Com uma ampla e acumulada lista de delitos este acaba por se assimilar mais aos povos pagãos e cananeus, do que propriamente ao povo da aliança¹⁶³. Quanto ao rei Amón, é dito que, na continuação e imitação de seu pai, o rei Manassés, “ofereceu sacrifícios e prestou culto a todos os ídolos” (II Cr 33, 22).

Estas histórias são para nós sinal da extrema dureza com que o Antigo Testamento fala da magia e de quem atribuía a si próprio o poder de adivinhação que, segundo a Escritura Sagrada, tinha origem nos maus espíritos¹⁶⁴. Na prática, a razão de tanta severidade deve-se ao facto de a magia ser vista como uma forma de engano, escravidão e alienação do ser humano, que recusa o Deus único e verdadeiro. Por isso, “não vos voltareis para os necromantes nem consultareis os adivinhos. Eu sou Iahweh vosso Deus” (Lev 19, 31). Em caso algum se deve praticar a necromancia e a adivinhação (cf. Lev 20, 27) ou recorrer a estas práticas ou gentes (cf. Lev 20, 6). Entregar-se à magia é como entregar-se à prostituição: o “meu povo consulta o seu pedaço de madeira, e o seu bastão faz-lhe revelações; porque um espírito de prostituição os desviou, eles se prostituíram, afastando-se de seu Deus” (Os 4, 12). De igual modo, no livro da Sabedoria vemos descrita a entrega aos ritos mágicos. Este livro descreve esta entrega de forma irónica, aludindo à ideia de que em vez de estes nos conduzirem à salvação, nos conduzem em sentido contrário, ou seja, à condenação: “os artificios da magia haviam fracassado, seu alarde de ciência foi vergonhosamente confundido,

¹⁶³ Cf. J. MENCHÉN CARRASCO, «Primer Libro de las Cronicas», in Santiago Guijarro OPORTO, Miguel Salvador GARCÍA (org.), *Comentario al Antiguo Testamento I*, Col. La casa de la Biblia, Ed. Verbo Divino, Navarra, 2008, pág. 572-573.

¹⁶⁴ Cf. J. VERNETTE, *op. cit.*, pág. 21.

pois os que prometiam expulsar, da alma enferma, terrores e quebrantos caíam vítimas, eles mesmos, de apreensão ridícula” (Sab 17, 7-8).

Efetivamente, observando a lei do Senhor, Israel professava a crença de que as coisas escondidas pertencem a Iahweh nosso Deus e as coisas reveladas, porém, (...) a eles e aos seus filhos para sempre (cf. Dt, 29, 29). Desta forma, para o não cumprimento e afastamento dos preceitos do Senhor, na condição daqueles que praticam, era prevista a sanção de morte e apedrejamento (cf. Lev 20, 27), na condição dos praticantes, era Iahweh que, voltando a sua justiça contra eles, os exterminava do meio do seu povo (cf. Lev 20, 6).

Assim, a Sagrada Escritura contrapõe à magia o outro caminho de Israel, isto é, o caminho da fé. Este caminho pressupõe uma promessa: “Iahweh teu Deus suscitará um profeta como eu no meio de ti, dentre os teus irmãos, e vós os ouvireis” (Deut 18, 15). A instituição do profetismo em Israel dá a impressão de que ao profeta é atribuída a interpretação do presente e do futuro. Porém, as críticas ferozes aos falsos profetas formaram um alerta, porque se corria o risco de estes assumirem o papel de adivinhos, ao se comportarem e serem consultados como eles. Deste modo, se Israel não tomasse o devido cuidado, poderia cair na situação que os profetas tinham como missão evitar¹⁶⁵. Este problema leva conseqüentemente à procura por critérios para um justo discernimento entre os falsos e os verdadeiros profetas. “Uma coisa é a profecia, anunciadora da salvação do Senhor, e outra coisa os presságios de adivinhos e magos, portadores de falsidade e engano”¹⁶⁶. Nesse sentido, o hagiógrafo, pegando no exemplo de Moisés, traça o autêntico desenho do profeta.

“O profeta não é a variante israelita do adivinho, como efectivamente era considerado por muitos e como muitos aparentes profetas a si mesmo se consideravam. O seu significado é totalmente diferente: o seu objectivo não é comunicar os acontecimentos de amanhã ou depois, colocando-se assim ao serviço da curiosidade ou da necessidade de segurança dos homens, mas mostrar-nos o rosto de Deus e, assim, mostrar-nos o caminho que devemos seguir. O futuro de

¹⁶⁵ Cf. Joseph RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, pág. 29.

¹⁶⁶ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DA TOSCÂNIA, *op. cit.*, pág. 24.

que se fala nos seus ensinamentos ultrapassa em muito aquilo que se procura saber dos adivinhos. Indica (...) a estrada que leva a Deus”¹⁶⁷.

Chegados aqui, reconhecemos que Israel, escutando os seus profetas, espelha uma comunidade na presença de Deus e a caminho para Ele. Tudo deve provir da pura graça de Deus e não de técnicas mágicas consideradas atos de apostasia para com Deus, único salvador do seu povo, e a Sua Palavra (cf. Dt 13, 6). O povo da aliança viu-se na obrigação de erradicar todas estas abominações do meio da terra, que mana leite e mel, e do meio do si que, escolhido e libertado por Deus, tinha como função distinguir-se das outras nações e ser santo como Ele é santo. Na verdade, “Eu e só Eu é que sou Iahweh, e fora de mim não há nenhum Salvador. Fui eu que revelei, que salvei e falei, nenhum outro Deus houve jamais entre vós” (Is 43, 11-12). Assim, não devemos roubar o que é próprio de Deus pois, amando-nos gratuitamente e oferecendo-nos ocasiões de purificação e entrega, Ele nos escolheu desde toda a eternidade, antes da criação do mundo, a fim de sermos irrepreensíveis na sua presença¹⁶⁸.

2.2. No Novo Testamento

Em contraste com a superlativa dureza e a pena de morte que o Antigo Testamento decretava contra os feiticeiros, médiuns, bruxos e pitonisas, o Novo Testamento manifesta, mais do que nada, desprezo e descrença por estas artes ocultas. Na realidade, apesar de ainda serem realidades visíveis, estas artes ocultas e os seus adeptos não são muito referenciados nos livros do Novo Testamento. Esta situação deveu-se sobretudo ao radicalismo cristão que, supondo o abandono de quaisquer cultos ou práticas alienantes, exortava por um lado à liberdade e confiança plena em Jesus, o Verbo de Deus, e no Pai providente, que no seu olhar misericordioso a todos quer salvar; por outro lado, instava à civilização greco-romana que,

¹⁶⁷ Joseph RATZINGER, *Jesus de Nazaré*, pág. 30-31.

¹⁶⁸ Cf. J. M. CASCIARO, AAVV, *Sagrada Biblia: Comentario*, Ed. EUNSA, Navarra, 2010, pág. 720.

contemplando os horizontes da racionalidade e da prática, faz da bruxaria uma arte para a distração dos aristocratas, condenando-a ao limbo das práxis consideradas supérfluas ou supersticiosas¹⁶⁹.

É certo que tais práticas subsistiam particularmente entre as camadas populares. Dessa persistência dá testemunho o livro dos Atos dos Apóstolos, que relata a história de Simão, o mago. Simão era alguém que buscava prestígio a todo o custo. Para isso, vai recorrer à venda de ilusões mágicas que despoletaram, no povo da Samaria, excitação e admiração, ao ponto de todos, do maior ao menor, lhe prestarem respeito, afirmando que ele era o Poder de Deus. Porém, estes espetadores e o próprio Simão, ao escutarem o apóstolo Filipe que anunciava a Boa Nova do Reino de Deus, em nome de Jesus Cristo, converteram-se e pediram o Batismo (cf. At 8, 9-12).

São Lucas aproveita este episódio para mostrar a desigualdade entre os genuínos milagres operados pelos discípulos, em nome e com o poder de Jesus Cristo, e os prodígios reais ou fingidos de um impostor. De facto, Simão surge-nos como o protótipo de impostor que, levando a cabo as suas práticas, através de meios inadequados (magia), procura obter efeitos sobrenaturais ou até dominar as forças ocultas. Este comportamento de Simão parece espelhar uma religião desfigurada e corrupta e não uma religião natural que, purificada e completada pela revelação sobrenatural, é em si mesma uma busca legítima e necessária de Deus, que sai ao encontro da inquietude humana para a conduzir à salvação¹⁷⁰. Só Deus criador conhece os mistérios do Tempo e da História, “porque n’Ele foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra as visíveis e invisíveis: Tronos, Soberanias, Principados, Autoridades, tudo foi criado por Ele e para Ele” (Col 1, 16). Deus revela e revela-se à criatura que ama, sem perder o horizonte do bem da criatura.

Todavia, Simão não se deixa dominar pela ânsia do protagonismo e do poder. O seu coração longe e inquieto por Deus acolhe, converte-se e proclama a Sua Palavra e pede o dom

¹⁶⁹ Cf. E. M. COUTO, *op. cit.*, pág. 381.

¹⁷⁰ Cf. J. M. CASCIARO, *AAVV*, *op. cit.*, pág. 1164.

da fé no único Senhor Jesus e o Batismo em seu nome, o que exige todo um processo de metamorfose, isto é, de permanente esforço pela recusa dos pensamentos fúteis, de entendimentos embriagados que, alienando-nos da vida de Deus, não nos permitem remover o modo de vida anterior, o homem velho, que se corrompe ao sabor das concupiscências enganosas, e renovar pela transformação espiritual da mente, com o Homem Novo, criado segundo Deus, na justiça e santidade da verdade (cf. Ef 4, 17-24). Como vemos, não basta “uma aceitação superficial da palavra, nem sinais sem Espírito, nem manipulações humanas do mesmo Espírito. Tão pouco é suficiente uma aceitação autónoma, separada do resto da comunidade e dos seus representantes”¹⁷¹. É necessário viver segundo os mandamentos de Deus.

Ainda no livro dos Atos dos Apóstolos, encontramos a história de um outro mago, Elimas. Nela é-nos relatada a chegada de Barnabé e Saulo à ilha de Pafo e o convite que estes recebem para se dirigirem ao encontro de um homem prudente, o procônsul Sérgio Paulo que, na companhia do mago Elimas, procurava abeirar-se da palavra de Deus. O falso profeta Elimas, diante de tal cenário, não tardou a virar-se contra Barnabé e Saulo, com o objetivo de afastar o procônsul do caminho de uma fé esclarecida anunciado pelos apóstolos. Porém, Saulo, cheio do Espírito Santo, fixando nele os olhos, disse: “Homem cheio de toda a falsidade e de toda a malícia, filho do diabo e inimigo de toda a justiça, não cessarás de perverter os caminhos do Senhor, que são retos? Pois agora, a mão do Senhor está sobre ti: ficarás cego, e por um tempo não verás mais o sol” (At13, 10-11).

Através deste episódio, é certo existir uma oposição nítida entre o anúncio da fé e a magia. Indicando um dos poucos milagres punitivos do Novo Testamento, os exegetas gostam de o fazer notar antes pelo seu caráter medicinal e passageiro do que pelo caráter castigador¹⁷². Paulo, ao proferir tais palavras, plenas de castigo e lotadas de esperança, abre a

¹⁷¹ F. PASTOR RAMOS, «Hechos de los Apostoles», in Santiago Guijarro OPORTO, Miguel Salvador GARCÍA (org.), *Comentario al Nuevo Testamento*, Col. La casa de la Biblia, Ed. Verbo Divino, Navarra, 1995, pág. 358.

¹⁷² Cf. J. M. CASCIARO, AAVV, *op. cit.*, pág. 1171.

Elimas a possibilidade de se converter e de se abandonar à orientação da fecunda luz da verdade de Deus. Mais do que sofrer de uma cegueira exterior, que o impossibilitou de ver a luz do sol, Elimas sofre de uma cegueira espiritual, que o impede de se deixar iluminar pela luz da Palavra de Deus. Ainda assim, este sinal de Paulo, realizado pela ação do Espírito, transfigura-se num ensejo fecundo para Elimas e para o procônsul que, maravilhado pela doutrina do Senhor, abraça a fé (cf. At 13, 12).

Diante destes dois episódios dos Atos dos Apóstolos, torna-se simples apontar a existência de um denominador comum, isto é, a conversão. Efetivamente, São Lucas, cinzelando a mensagem de Jesus, procurou mostrar que a força salvífica do Evangelho que liberta os homens não é a magia, mas a conversão à verdadeira fé: “muitos dos que haviam abraçado a fé começaram a confessar e a declarar as suas práticas. E grande número dos que haviam exercido a magia traziam seus livros e os queimavam à vista de todos” (At 19, 20). Os verdadeiros crentes, que se confiavam “ao único profeta, o Senhor Jesus, o filho encarnado do Pai e às Escrituras dadas pelo Espírito Santo à sua Igreja”¹⁷³, são convidados a viver na certeza de que “há um só corpo e um só Espírito, assim como é uma só a esperança da vocação a que fostes chamados; há um só Senhor, uma só fé, um só baptismo; há um só Deus e Pai de todos, que está acima de todos, por meio de todos e em todos” (Ef 4, 4-5).

Por conseguinte, nos outros livros do Novo Testamento é afirmado que a feitiçaria em qualquer das suas formas faz parte das obras que, contrárias à carne e ao Espírito, afastam o crente do Reino de Deus (cf. Gal 5, 16-20). Tanto assim é que São Paulo, na carta aos Gálatas, adverte para que o Espírito permaneça sempre como a bússola que, nos frutos do “amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e autodomínio” (Gal 5, 16-22), nos guia por caminhos de vida e salvação em direção às “verdes pastagens”, onde poderemos repousar (Sl 23, 2). O mesmo se diga a respeito do livro do Apocalipse que exclui

¹⁷³ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DA TOSCÂNIA, *op. cit.*, pág. 25.

da Jerusalém Celeste “os cães, os mágicos, os impudicos, os homicidas, os idólatras e todos os que amam ou praticam a mentira” (Ap 22, 15).

Em síntese, relativamente ao Antigo Testamento, fiel à tradição bíblica e aos ensinamentos de Deus, o Novo Testamento revela o novo modo como a relação entre o cristianismo e os adeptos das artes ocultas se processava. Por certo, nos escritos neotestamentários não se faz alusão às punições e à violência executada sobre as gentes que praticavam o ocultismo, mas antes ao arrependimento, à fé, ao perdão e ao acolhimento que os apóstolos e a comunidade cristã ofereciam a estes irmãos. Aqueles que eram fiéis a Deus e ao seu amor deixaram não só de temer os poderes dos bruxos como de os consultarem. O mesmo acontece com os bruxos que, reconhecendo o poder de Cristo, se convertem e renunciam às suas práticas. Ainda assim, permanece a certeza de que a magia não deixa de ser uma forma de substituir Deus pelas criaturas e de representar uma repetição da tentação diabólica, a que o próprio Jesus se quis submeter, triunfando:

“O diabo, levando-o para mais alto, mostrou-lhe num instante todos os reinos da terra e disse-lhe: «Eu te darei todo este poder com a glória destes reinos, porque ela me foi entregue e eu a dou a quem quiser. Por isso, se te prostrares diante de mim, toda ela será tua». Replicou-lhe Jesus: «Está escrito: Adorarás ao Senhor teu Deus, e só a ele prestarás culto” (Lc 4, 5-8).

A partir desta passagem fica também patente a ideia de que Satanás trava um combate contra o «Reino de Deus», para fazer triunfar o seu próprio reino. Tentando insinuar-se nas estruturas da sociedade, procura pela iniquidade crescente e a perda da caridade (cf. Mt 24) levar o homem à recusa de amar. Satanás, sendo representação dos falsos deuses ou ídolos, pretende que o homem lhe preste adoração ou culto. Daí que, do ponto de vista teológico, não se possa reduzir estas práticas unicamente a fenómenos psíquicos desviantes ou a atos pecaminosos do Homem. Como nos ensina o livro do Apocalipse, o diabo, no pouco tempo que lhe resta, servir-se-á de todos os seus poderes para enganar os batizados a fim de os desviar do grande plano de salvação que Deus arquitetou. Na realidade,

“um duro combate contra os poderes das trevas atravessa, com efeito, toda a história humana; começou no princípio do mundo e, segundo a palavra do Senhor, durará até ao último dia. Inserido nesta luta, o homem deve combater constantemente, se quer ser fiel ao bem; e só com grandes esforços e a ajuda da graça de Deus conseguirá realizar a sua própria unidade”¹⁷⁴.

Por sua vez, esta adoração exteriorizada em toda a prática oculta nada mais é do que manifestação da idolatria que desvia, portanto, o homem daquilo que ele é: a imagem dum Deus que é Amor¹⁷⁵.

3. Artes ocultas e a Patrística

Depois de percorrido um itinerário possibilitador de um desnudamento da relação entre as artes ocultas e a teologia, pode invadir o nosso interior um misto de sentimentos que, oscilando entre a incerteza e a conversão, reclamam por mais clareza e ajuda. Desta forma, surge o itinerário da patrística que, não sendo mais do que um pequeno desvelamento da evolução cultural e religiosa já referenciada no Novo Testamento, nos anuncia a forma como viviam e eram catequisados os cristãos dos primeiros séculos da vida da Igreja.

Pode parecer nos dias que correm, pela distância temporal, que aquilo que outrora os Padres da Igreja exortaram para que os cristãos vivessem e celebrassem faça parte apenas de uma grande coleção de livros antigos que, caindo num suposto desuso e falta de sentido, mais não servem do que para estar numa vitrina. No entanto, acontece que estes escritos da patrologia, quando lidos e interiorizados de forma verdadeira e correta pelo ser humano, continuam a ser atuais e a fazer muito sentido. Na prática, nós, enquanto particulazinha da

¹⁷⁴ SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, *Constituição «Gaudium et Spes»*, in *AAS*, 58 (1966) 1. Seguindo a edição portuguesa *Concílio Ecuménico Vaticano II: documentos conciliares e pontifícios*, Constituição *Gaudium et Spes*, Ed. A. O., Braga, 1992¹¹, pág. 369.

¹⁷⁵ Cf. J. VERNETTE, *op. cit.*, pág. 56.

criação, desejamos louvar a Deus. Deus incita a que nós nos deleitemos nos Seus louvores, porque nos criou para Ele e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousar n'Ele¹⁷⁶.

Os escritos patrísticos a respeito da problemática em questão mostram-se unânimes, pois o ensino na fé cristã administrado nesta época e em outras é constante no que toca à incompatibilidade entre a magia e a fé. Na verdade, a maioria dos Padres da Igreja partilhava um juízo que achava a magia de natureza demoníaca e a fé cristã a vitória sobre o poder do demónio e tudo o que o mundo demoníaco abrange¹⁷⁷.

Perante as muitas dificuldades atravessadas por aqueles que aderiam à fé em Jesus Cristo, nomeadamente o abandono dos costumes pagãos, houve a necessidade de considerar todas aquelas práticas ligadas ao ocultismo obras do demónio e possessão demoníaca. Foram muitas as posições equilibradas face a este problema, mas foram igualmente muitas as posições que, desenvolvendo a ideia de malefício, se revelaram fortemente hostis a estas práticas.

Todos os ditames acima descritos implicam a magia na religião. Sendo uma arte de produzir efeitos extraordinários, que colocam de certa forma a *ars mágica* num duelo direto e indireto com Deus, seguidamente, apresentaremos a visão de alguns padres da Igreja, bem como de algumas obras dos mesmos, acerca da sua relação ou não relação. Nesta aceção, colocam-se dois problemas para os padres e fiéis cristãos desta época no que respeita às artes ocultas na vida dos crentes: a acusação de magia lançada contra os cristãos e a resposta que foi dada, e também a existência e sobrevivência de práticas mágicas no cristianismo, que mereceu da parte dos cristãos uma resposta firme e verdadeira que asseverava, por um lado, que a magia é demoníaca e, por outro, que o cristianismo é a rutura com a *ars demoniaca*, e por conseguinte, com a magia, uma vez que Deus todo-poderoso, manifestando-se por intermédio de Seu Filho, desfez as obras do diabo (cf. I Jo 3, 8).

¹⁷⁶ AGOSTINHO DE HIPONA, *Confissões*, Col. Grandes Filósofos, Ed. Apostolado da Oração, Braga, 2008, I, 1.

¹⁷⁷ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL DA TOSCÂNIA, *op. cit.*, pág. 26.

3.1. Didaché

Apesar de ter sido descoberta apenas no ano de 1873 em Constantinopla, a *Didaché* goza nos nossos dias de uma inegável notoriedade, pelo facto de ser o “mais antigo manual das primeiras comunidades cristãs que chegou até nós”¹⁷⁸.

O seu estilo, contexto e vocabulário situam-nos num ambiente de uma comunidade judeo-cristã de tipo helenista que, folgando de uma abundante abertura, compreendia elementos oriundos do paganismo. Por este motivo, a *Didaché*, apresentando-se como a doutrina do Senhor transmitida pelos Apóstolos, revela-se rica na sua mensagem, pois constitui, para o cristão, um sinal que tudo recomenda e norteia, no sentido do bom, belo e verdadeiro espírito que as comunidades cristãs devem seguir.

Dividido em quatro partes, este escrito procura estabelecer um itinerário: primeiro, pelos trilhos da catequese e moral; segundo, pelos da liturgia; terceiro, pelos da disciplina e conduta e em quarto pelos trilhos da vigília e perseverança na fé, numa tónica escatológica e apocalíptica.

Diante deste itinerário, sem esquecer a problemática em questão, caminhamos especialmente sobre a calçada da catequese e da moral. Estendida com base no esquema das *Duas vias* ou dos dois caminhos, esta pretende apresentar, por um lado, o caminho da vida e, por outro, o caminho da morte.

Com grande declive entre eles, o caminho da vida sustenta o amor a Deus criador e ao próximo, que implica: não matar, não cometer adultério, não praticar a pederastia, não fornicar, não roubar, não praticar a magia nem sortilégios, não abortar nem cobiçar o alheio¹⁷⁹, mas afastar-se de tudo quanto é mal ou semelhante a ele. Ao contrário aparece o caminho da morte que, carregado de maldição e de todo o tipo de vícios e pecados, assinala-se, entre outros aspetos, pelos homicídios, adultérios, roubos, idolatrias, magia, falsos

¹⁷⁸ *Didaché*, Col. Philokalia, Ed. Livraria Espanhola, Lisboa, 2004, Pág. 5.

¹⁷⁹ Cf. *Op. cit.*, II, 1-2.

testemunhos, hipocrisias, duplicidade de espírito, malícia, soberba e arrogância¹⁸⁰ que, no fundo, não são mais do que a fuga ao caminho da vida.

Desta forma, na *Didaché* somos exortados para não nos entregarmos e escutarmos os adivinhos, encantadores, astrólogos e purificadores, raízes de toda a idolatria e demolidores da proximidade com Deus, mas para estarmos numa atitude permanente de vigilância, sob as diretivas da mansidão, misericórdia, humildade e justiça, com o propósito de evitar que alguém nos desvie do caminho da doutrina viva e verdadeira¹⁸¹. Assim, segundo esta obra, “se, pois, puderes suportar todo o jugo do Senhor, serás perfeito; se não fores capaz, faz o que puderes”¹⁸².

3.2. São Justino de Roma

São Justino de Roma foi considerado por muitos o mais importante Padre apologista do segundo século. Convertido ao cristianismo, considerado como verdadeira filosofia, por volta do ano 132 d. C, São Justino procura defender esta nova religião nascente e expor os conteúdos da fé, através de uma linguagem e de categorias de pensamento compreensíveis aos seus contemporâneos¹⁸³. Para isso, este filósofo e mártir, constrói, ao longo do seu ministério, um verdadeiro opúsculo de obras que vão marcar a escolha decidida da Igreja antiga que, de uma forma corajosa, opta pelo caminho da razão, do pensamento filosófico, e abandona a religião dos pagãos e todas as práticas que a ela se ligam.

É neste seguimento que surge a *primeira Apologia*. Assente numa estrutura ternária, este escrito adverte a humanidade para que tenha cuidado com os demónios. De facto, “por

¹⁸⁰ Cf. *Idem*, V, 1.

¹⁸¹ Cf. *Idem*, III, 4-9.

¹⁸² *Idem*, VI, 2.

¹⁸³ Cf. BENTO XVI, *Os Padres da Igreja - De Clemente de Roma a Santo Agostinho*, Ed. Editorial Franciscana, Braga, 2008, pág. 23.

aparições em sonhos ou por artes de magia, eles se apoderam de todos aqueles que, de um modo ou outro modo, não trabalham por sua própria salvação”¹⁸⁴. Os demónios combatem na expectativa de, por um lado, impedirem o ser humano de ler e entender as advertências e, por outro, de o tomar como seu escravo e servidor. No entanto, quem antes professou a sua fé no Verbo deve, segundo São Justino, afastar-se deles para seguir, por meio de Jesus Cristo, o único Deus unigénito. Assim,

“antes nós nos comprazíamos na dissolução; agora, abraçamos apenas a temperança; antes, nos entregávamos às artes mágicas; agora, nos consagramos ao Deus bom e ingénito; antes, amávamos, acima de tudo, o dinheiro e as rendas de nossos bens; agora, colocamos em comum o que possuímos e disso damos uma parte para todo aquele que está necessitado; antes, nós nos odiávamos e nos matávamos mutuamente e não compartilhávamos o lar com aqueles que não pertenciam à nossa raça pela diferença de costumes; agora, depois da aparição de Cristo, vivemos todos juntos, rezamos por nossos inimigos e tratamos de persuadir os que nos aborrecem injustamente, a fim de que, vivendo conforme os belos conselhos de Cristo, tenham boas esperanças de alcançar connosco os mesmos bens que esperamos de Deus, soberano de todas as coisas”¹⁸⁵.

De igual modo, pegando nos ensinamentos do próprio Cristo, este padre apologista atesta a ideia de mudança e conversão que deve acontecer na vida de cada crente. Efetivamente, o crente deve deixar de parte a idolatria e o paganismo e adorar unicamente a Deus, pois o maior e primeiro mandamento é amar o Senhor com todo o coração, com toda a alma e com todo o espírito (Cf. Mt 22, 37-38). Amar não só na língua, mas nas obras, porque “nem todo aquele que me diz «Senhor, Senhor» entrará no Reino dos Céus, mas sim aquele que pratica a vontade de meu Pai que está nos céus”(Mt 7, 21). Também deve ter cuidado com os falsos profetas que se aproximam do ser humano disfarçado com pele de ovelha, mas por dentro é um lobo devorador (Cf. Mt 7, 15). Quem assim não viver e se disser cristão apenas de nome deve ser castigado e declarado não cristão¹⁸⁶. “De fato vos avisamos de antemão,

¹⁸⁴ JUSTINO DE ROMA, *I Apologia*, Col. Patrística, Ed. Paulus, São Paulo, 1995, 14.

¹⁸⁵ JUSTINO DE ROMA, *op. cit.*, 14.

¹⁸⁶ *Ibidem*.

que, se vos obstinais em vossa iniquidade, não escapareis do futuro julgamento de Deus. De nossa parte, exclamaremos: «Aconteça o que Deus quiser»¹⁸⁷.

Por sua vez, no *Diálogo com Trifão*, São Justino procura fazer uma apologia da figura de Jesus Cristo, que a tradição rabínica desacreditava ao ponto de O apresentar como feiticeiro.

Tomando como tema central a derrogação da Lei antiga e o advento da nova, neste escrito começa por transparecer a ideia de que a mitologia e tudo o que os pagãos ouviam e diziam eram obra dos demónios. Na verdade, para este Padre do século II a mitologia grega nada tinha a ver com a Escritura e muito menos com Cristo. Por este motivo, vai mergulhar na Sagrada Escritura, que possibilitará, aqueles que permanecem no deserto do conhecimento de Deus, compreenderem facilmente que, mesmo com os olhos e com o coração, não viam e não entendiam. Assim, a partir das palavras do profeta Isaías, 35, 1-7, São Justino vai afirmar que

“Cristo brotou no deserto do conhecimento de Deus, isto é, na terra das nações. Ele apareceu no meio do povo, curou os cegos de nascimento segundo a carne, os surdos e coxos, fazendo, apenas com a sua palavra, que uns saltassem, outros ouvissem, outros recobrassem a vista; ressuscitando os mortos e dando-lhes a vida, por suas obras estimulava os homens para que o reconhecessem”¹⁸⁸.

Contudo, aqueles que testemunharam tais prodígios realizados por Jesus não foram capazes de os reconhecer como sendo de Deus e, por isso,

“consideraram como coisa mágica e, de fato, tiveram a ousadia de dizer que Jesus era um mago e sedutor do povo. Mas ele fazia isso para persuadir aos que iriam acreditar naquele que, mesmo quando alguém tivesse algum defeito corporal, como guardião dos ensinamentos que por meio dele nos foram dados, o ressuscitará íntegro em sua segunda vinda e, ao mesmo tempo, o tornará imortal, incorruptível e impassível”¹⁸⁹.

¹⁸⁷ *Idem*, 68.

¹⁸⁸ JUSTINO DE ROMA, *Diálogo com Trifão*, Col. Patrística, Ed. Paulus, São Paulo, 1995, 69.

¹⁸⁹ *Ibidem*.

3.3. Orígenes

Orígenes de Alexandria, teólogo, exegeta, apologista, asceta e precursor dos Padres do deserto, revelou-se uma das grandes personalidades determinantes para todo o desenvolvimento do pensamento cristão. De facto,

“ninguém, amigo ou inimigo, pôde subtrair-se à sua influência. Não houve nome, na Antiguidade cristã, mais discutido que o de Orígenes; nenhum foi pronunciado com tão apaixonado entusiasmo ou tão profunda indignação. Homens nobres e doutos aderiram a ele. Não poucos heréticos alegaram sua autoridade, mas também mestres ortodoxos dele aprenderam”¹⁹⁰.

Na obra *Contra Celso*, Orígenes busca responder e refutar o *Discurso verdadeiro*, primeiro escrito carregado de invetivas e impugnações contra os cristãos, do filósofo platónico-eclético Celso. Para isso, espera que lhe sejam dadas as palavras tal como ao profeta Jeremias: “Eis que ponho as minhas palavras em tua boca. Vê! Eu te constituo, hoje, sobre as nações e sobre os reinos, para arrancar e destruir, para exterminar e para demolir, para construir e para plantar” (Jr 1, 9-10). Doravante este precisa de dominar as palavras capazes de arrancar as raízes das ideias contrárias à verdade de toda a alma e de demolir os edifícios de toda a opinião falsa e pretensões da edificação de Celso.

Focados na temática em reflexão, observamos mais de perto o conteúdo desta obra que a dado momento coloca Orígenes a prefaciá-lo Jesus que, mais do que advertir e afastar os seus discípulos dos feiticeiros em geral, adverte-os para não se ligarem àqueles que, por graças e seduções, se apresentam como sendo de Cristo: “Então, se alguém vos disser: «Olha o Cristo aqui!» ou «ali», não creiais. Pois hão-de surgir falsos Cristos e falsos profetas, que apresentarão grandes sinais e prodígios de modo a enganar, se possível, até mesmo os eleitos (Mt 24, 23-27)”¹⁹¹.

¹⁹⁰ B. ALTANER, A. STUIBER, *Patrologia. Vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja*, Ed. Paulus, São Paulo, 1988², pág. 205.

¹⁹¹ ORÍGENES, *Contra Celso*, Col. Patrística, Ed. Paulus, São Paulo, 2004, II, 50.

Efetivamente, segundo este Padre da Igreja, a vinda do ímpio será assinalada com a atividade de Satanás, através de embustes, prodígios e seduções da iniquidade, que causam dano àqueles que se perdem, e não com a atividade de Cristo e dos seus seguidores, que em tudo não pretende ser nociva, mas antes salvífica. Logo,

“assim como o lobo não é da mesma espécie que o cão, apesar da semelhança aparente na forma do corpo e na voz, nem o pombo-bravo é da mesma espécie que a pomba doméstica, assim também uma obra do poder de Deus nada tem de semelhante àquilo que provém da feitiçaria”¹⁹².

Por conseguinte, no desejo de responder a Celso, que nutria um certo desejo e vontade de provar que os animais irracionais eram mais divinos e mais sábios que os humanos, Orígenes vai acrescentar, entre muitas outras coisas, que alguns maus demónios, outrora caídos do céu e errantes pela terra, não revestidos de corpos terrestres se insinuam nos mais rapinantes, cruéis e astutos animais com a finalidade de realizar as ações que ele deseja. Servindo-se de algumas das suas capacitações no âmbito do discernimento futurista, os demónios, através de sinais, dirigem-se ao género humano que, seduzido pelo poder divinatório, cai de novo num raciocínio ao nível da terra, das aves, dos lobos e das serpentes, deixando de aprofundar a verdadeira piedade e procurar o Deus verdadeiro, que contem o universo¹⁹³. Ao contrário acontece com a verdadeira Divindade que, para o conhecimento do futuro, não emprega animais nem homens quaisquer, mas antes as mais puras e santas almas humanas inspiradas em Seu nome a profetizar.

Desta forma, este padre apologista, ancorado na lei moisaica, exorta a que não pratiquemos a adivinhação e os encantamentos (cf. Lev 19, 26) e que guardemos o nosso coração acima de tudo (cf. Prov 4, 23), para que nenhum demónio ou espírito hostil penetre e governe a seu belo prazer o nosso espírito. Por esta causa, devemos orar, para fazer brilhar o “conhecimento da glória de Deus” (II Cor 4, 6) nos nossos corações, que é o Espírito de Deus

¹⁹² *Idem*, II, 51.

¹⁹³ ORÍGENES, *op. cit.*, IV, 92.

que reside na nossa imaginação e nos torna filhos de Deus¹⁹⁴, e esperar no Senhor que, na qualidade de Salvador e de bom médico, veio para aqueles que estão cheios de pecados e não para os justos.

3.4. Hipólito de Roma

Apesar dos dados biográficos de Hipólito serem confusos, muitos estudiosos fazem dele um ilustre sacerdote da Igreja de Roma. Considerado um escritor erudito, procura dedicar o seu amor à Igreja e todo o respeito à autêntica tradição apostólica, que buscou reconstituir através da escrita de memórias e costumes¹⁹⁵. Além de padre de Roma, Hipólito foi também bispo cismático e primeiro anti-papa, devido a uma quezília com o Papa Zeferino. Porém, esta desunião na fé não teria a última palavra, uma vez que Hipólito, abraçando o martírio da fé, deixa de parte todas as separações e abraça a comunhão com o Deus de toda a santidade, justiça e verdade.

Entre as várias obras que este padre da Igreja escreveu, salientamos a *Tradição Apostólica*, uma vez que faz alusão à temática aqui em estudo. Como o próprio nome indica, este escrito tem como finalidade transmitir a tradição da Igreja. Mediante uma divisão tripartida, descreve: numa primeira parte, a constituição da comunidade nos seus aspetos hierárquicos; numa segunda parte, a iniciação cristã e, numa terceira parte, uma série de observâncias que a comunidade deve atender¹⁹⁶.

Desta forma, focando a nossa atenção na segunda parte, apercebemo-nos que Hipólito, a dado momento, faz um breve rol dos trabalhos e ocupações que deveriam ser recusados por aqueles que queriam ser instruídos. Neste sentido, vai afirmar: “Não seja apresentado à

¹⁹⁴ Cf. *Idem*, IV, 95.

¹⁹⁵ Cf. HIPÓLITO DE ROMA, *Tradição Apostólica de Hipólito de Roma*, Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 1981², pág. 7-12.

¹⁹⁶ Cf. *Idem*, pág. 16.

inquirição o mágico. O feiticeiro, o astrólogo, o adivinho, o intérprete de sonhos, o charlatão, o falsário e o fabricante de amuletos renunciem ou sejam recusados”¹⁹⁷.

As renúncias a Satanás e a tudo o que o representa não eram palavras vazias, mas antes uma conversão do candidato a um novo tipo de relação com a Igreja, as situações sociais, os costumes pecaminosos e as ocasiões de pecar. Numa época tão assolada pelo sincretismo, a Igreja não se podia contentar com os pseudocristãos. A fé não deve ser apenas interior, nem a religião ser conforme o belo prazer de cada um, mas tudo na vida, estilo e mesmo a profissão, devem ser condizentes com a prática do Evangelho testemunhado diante de todos¹⁹⁸, o que leva a que se façam propostas de um longo caminho de preparação, o catecumenado.

3.5. Santo Agostinho

Agostinho, santo e doutor da Igreja, sendo um homem de paixão e de fé, de grande inteligência e incansável solicitude pastoral, ficou conhecido não só por aqueles que se professavam cristãos como por aqueles que ignoravam o cristianismo ou simplesmente não tinham familiaridade com ele. Esta fama deveu-se, sobretudo, ao facto de Santo Agostinho ter deixado um sinal muito profundo na vida cultural do Ocidente e do mundo inteiro¹⁹⁹.

Através do bispo de Hipona, o cristianismo e a cultura conhecem um novo expoente e desenham novas estradas. Esta construção contou com a impagável ajuda da superabundante tradição manuscrita das suas mãos. Efetivamente, alguns escritos agostinianos assumem um papel basilar na história do cristianismo e na formação do conhecimento ocidental. É o caso da obra “De doctrina Christiana” que, inaugurando a sua redação por volta do ano 397, ano do começo do episcopado de Santo Agostinho, conheceu a sua versão final nos anos 426 ou 427.

¹⁹⁷ *Idem*, II, pág. 38.

¹⁹⁸ Cf. *Idem*, pág. 21.

¹⁹⁹ Cf. BENTO XVI, *op. cit.*, pág. 181.

Logo nos primeiros anos à frente da igreja de Hipona, Agostinho esforçou-se por legar algum contributo à formação das gentes. É nesta condição que desabrocha este escrito que, para alguns estudiosos, cresce mais no sentido de um verdadeiro tratado de exegese e hermenêutica, destinado de forma restrita ao clero; para outros, porém, mais no sentido de uma obra de finalidade essencialmente didática e pastoral, que visa proporcionar a todos os cristãos cultos os métodos e o conteúdo para uma boa formação de base bíblica. Mas, Vitorino Capánaga prefere intitulá-la: “Um manual de formação cultural cristã”, pois apresenta as regras de investigação religiosa para conseguirmos compreender o pensamento divino. De facto, aquele que procura crescer no esclarecimento da fé deve observar tanto as normas morais, que originam uma indulgente disposição de coração, como os apoios científicos²⁰⁰.

Não obstante os distintos olhares sobre esta obra, importa agora direccionar a nossa atenção para o seu conteúdo, mais concretamente para o segundo livro. Neste, a partir da autêntica e cuidada leitura da Sagrada Escritura, o doutor da graça interpela os cristãos a esclarecerem a sua fé e a rejeitarem as ficções supersticiosas, que a todo o tempo os afastam da Verdade, que é propriedade do Senhor. Para tal, o crente deve revestir-se de ações morais assentes nos frutos do Espírito Santo e deve lamentar e evitar os homens “que tendo conhecido a Deus não o honraram como Deus nem lhe renderam graças; pelo contrário, eles se perderam em vãos arrazoados, e seu coração insensato ficou nas trevas. Jactando-se de possuir a sabedoria, tornaram-se tolos e trocaram a glória do Deus incorruptível por imagens do homem corruptível, de aves, quadrupedes e répteis” (Rom 1, 21-23).

Mas, para que esta ideia se possa atingir, é essencial perceber que existem duas categorias de ciências entre os pagãos, a saber: a categoria das coisas que foram instituídas por Deus e a categoria das coisas que foram instituídas pelo ser humano, que em parte é superstição e em parte não. A superstição, abrangendo tudo o que os homens estabeleceram em vista à fabricação e culto de ídolos, compreende duas realidades:

²⁰⁰ Cf. AGOSTINHO DE HIPONA, *A doutrina cristã*, Col. Patrística, Ed. Paulus, São Paulo, 2002, pág. 12-13.

“de um lado, tudo que tende ao culto de qualquer criatura como se fosse o próprio Deus. Por outro lado, tudo o que leva a consultar e fazer pactos e aliança com os demónios, por meio de sinais combinados e adotados, tais como os encontrados em fórmulas mágicas”²⁰¹.

A esta categoria somam-se os livros dos arúspices, os amuletos e remédios que, condenados pela ciência médica, se apresentam em forma de encantamentos e conjurações, destinadas não a trazer saúde ao corpo, mas a produzir certos efeitos ocultos, e outras mil das mais vãs excentricidades.

Santo Agostinho, detendo-se concretamente no caso dos astrólogos, afirma que estes não devem ser julgados isentos da realidade supersticiosa. Na verdade, os astrólogos, ao investigar a posição dos astros aquando do nascimento de alguém e ao se esforçarem por deduzir ou prever daí as ações da vida, cometem um grave erro, vendendo a preço barato uma penosa escravidão ao Homem. Realmente, o ser humano que, até consultar os astrólogos, contemplava o esplendor da liberdade paga-lhes para sair escravo dos astros que, independentemente de tudo, são criados, ordenados e queridos por Deus²⁰². Então “querer predizer os costumes, atos e eventos, baseando-se sobre esses tipos de observações, é grande erro e desvario”²⁰³.

Mas por que razão há tanto repúdio na vida do cristão por estas práticas? Este repúdio pelas artes supersticiosas deve-se à circunstância de estas serem nocivas, uma vez que se baseiam num acordo maléfico, de infelicidade e engano, entre o ser humano e o demónio. Estes anjos prevaricadores são como “um cão raivoso que ladra muito alto, agita-se muito, mas que está solidamente preso e só morde aqueles que se atiram voluntária ou imprudentemente para as suas goelas”²⁰⁴. Portanto, pelos seus escárnios e enganamentos realizam-se adivinhações supersticiosas, onde se anunciam eventos passados e futuros que, desenrolados pelas observações dos astrólogos, conduzem e convencem a se entregarem com paixão a estas práticas e a se envolverem mais com os laços deste pernicioso erro.

²⁰¹ AGOSTINHO DE HIPONA, *A doutrina cristã*, II, cap. 21, 30.

²⁰² Cf. AGOSTINHO DE HIPONA, *A doutrina cristã*, II, cap. 22, 32.

²⁰³ AGOSTINHO DE HIPONA, *A doutrina cristã*, II, cap. 22, 32.

²⁰⁴ J. VERNETTE, *op. cit.*, pág. 56.

“No fundo, todos esses sinais valem o que a pretensão do espírito do homem combinou com os demónios, ao afirmarem certa linguagem comum para se entenderem. (...) Os sinais não são observados por possuírem em si próprios algum valor mágico, mas porque os homens lhes deram atenção e atribuíram-lhes essa significação, e desse modo eles adquiriram tal valor”²⁰⁵.

Assim, em vista da nossa salvação, Santo Agostinho, pela Sagrada Escritura, não cessa de advertir os cristãos para não se entregarem e acreditarem em tais sinais fictícios, que estimulam o culto dos ídolos ou de uma criatura qualquer, como se se tratasse de Deus, e para verificarem a intenção com que empregam alguma prática, uma vez que se pode correr o risco de esta ter um significado oculto. Estas artes, não sendo instituídas para o amor de Deus e ao próximo, porque se fundamentam no desejo privado, constituem, no pensamento deste padre da Igreja, uma fornicção da alma e uma infidelidade que nada mais merece do que a condenação salutar²⁰⁶.

3.6. São Martinho de Dume

O Bispo Martinho procurou contribuir para um crescimento humano, espiritual e intelectual do povo de Deus. Foi marcante na organização eclesiástica do território bracarense, não só porque introduziu o modelo de vida cenobítica como, promovendo a conversão e fé do povo suevo, conseguiu gerar um ambiente de paz suficiente para reorganizar e doutrinar a sua Igreja, com normas de vida exemplares. Interveniente e benevolente cuidou, sobretudo, de uma pastoral direta, sem deixar de dotar a sua Igreja de textos fundamentais e de se dedicar à produção literária, que incide, “prevalentemente, em questões morais, ascéticas e de disciplina. Ajudam também a reconstruir a vida de um povo

²⁰⁵ AGOSTINHO DE HIPONA, *A doutrina cristã*, II, cap. 25, 37.

²⁰⁶ Cf. AGOSTINHO DE HIPONA, *A doutrina cristã*, II, cap. 24-30, 35-45.

nos seus costumes ainda marcados pelo paganismo, nas suas celebrações litúrgicas – mormente alguns sacramentos – e na sua estrutura eclesial”²⁰⁷.

O *De Correctione Rusticorum*, apresentando-se como uma instrução pastoral solicitada pelo bispo de Astorga, revela-se um exemplo paradigmático do empenhamento e zelo deste bispo de Braga. Assim, pretende Martinho dar testemunho sobre as práticas religiosas, de natureza supersticiosa, catequizar e julgar comportamentos e estabelecer normas de vida para afastar os fiéis de caminhos errados.

De facto, firmando o nosso leme no conteúdo da obra, compreendemos que, “pelos costumes corrigendos, os rústicos visados seriam precisamente camponeses profundamente marcados por um costado, genético e cultural, dificilmente quantificável, mas qualitativamente céltico”, que Martinho pretendia reconduzir à pureza de práticas cristãs.

Assim, Martinho começa por ensinar que o demónio é inimigo do Homem porque, sublevado por tamanha glória de ter sido feito arcanjo, não prestou honra a Deus e proclamou-se igual a Ele, o que lhe mereceu a expulsão daquele assento celestial. Despeitado por tal situação e pelo facto do Homem ocupar um lugar no Reino de Deus, que outrora foi dele, tenta influenciá-lo, a fim de o levar a transgredir as ordens de Deus para cultos indevidos, onde há uma conformidade com outras divindades, que não passam de fraudes montadas pelo demónio²⁰⁸.

Seguidamente, abarcando a história religiosa da humanidade, Martinho apresenta-nos três momentos fundamentais, isto é, o esquecimento do Criador, o abandono do Criador e o culto antropomórfico. Quanto ao esquecimento e afastamento primitivo de Deus, São Martinho socorre-se das figuras bíblicas de Adão e Eva para mostrar que, praticando muitos crimes, estes exasperaram Deus até à indignação, fazendo-O enviar um dilúvio, que matou todos os seres humanos exceto Noé, que era justo. Em seguida, num clima já de pós-dilúvio,

²⁰⁷ Pio G. ALVES DE SOUSA, *Patrologia Galaico-Lusitana*, Ed. Universidade Católica Editora, Lisboa 2001, pág. 95.

²⁰⁸ Cf. MARTINHO DE BRAGA, *De Correctione Rusticorum: Instrução Pastoral sobre Superstições Populares*, Col. Medievalia, Ed. Cosmos, 1997, pág. 3-7.

onde o género humano foi restabelecido, temos de novo uma humanidade alienada de Deus e entregue ao culto de criaturas como o sol, o fogo e a água. Aqui a “intensificação da malícia humana, sujeita a insídias do demónio, degenera em atitude intelectual e em desvios culturais, num deslize acentuado que vai da adoração ritual à conceção metafísico-teológica, em que a criatura se torna independente e acaba por se considerar autora de si própria”²⁰⁹. A este momento mais naturalista segue-se o culto antropomórfico. Uma vez mais, o agente provocador é o demónio que, aproveitando-se da ignorância e do abandono do Criador pelas criaturas, transmuta-se em figuras míticas que reclamam para si sacrifícios, cultos, templos, imagens, altares, onde se deve derramar sangue não só de animais como de seres humanos.

As formas que assumem esta vã religiosidade parecem inócuas. Por isso, no desenvolvimento Martiniano vemos projetado o seu juízo no plano teológico, onde se assiste a uma sacralização das coisas e do tempo, nomeadamente dos dias da semana, através de práticas de culto ao verdadeiro Deus e da caridade fraterna, pois tudo foi, é e será objeto de criação e ordenação por parte desse mesmo Deus.

Na verdade, a rusticidade das gentes exige de São Martinho várias advertências que trespassam sobretudo duas ideias, a saber: o engano que o demónio expele sobre a humanidade e a consequente ambiguidade dos comportamentos dos homens e mulheres que, alienados, cultuam simultaneamente Deus e o demónio. Relativamente à primeira ideia, no prisma deste santo Padre, devemos atender que Deus não determinou ao homem o conhecimento do futuro, uma vez que só a Ele pertence saber algo antes que aconteça²¹⁰, daí as adivinhações e os augúrios serem coisas vãs, porque “quanto mais andar inquieto o homem com elas, tanto mais vive no engano o seu coração”²¹¹. Assim, devemos viver sempre no temor de Deus, esperar d’Ele orientação e auxílio para a vida e aceitar a verdade revelada em Cristo, que nos veio resgatar do engano diabólico. Quanto à segunda ideia é importante reter

²⁰⁹ *Idem*, pág. 55.

²¹⁰ Cf. MARTINHO DE BRAGA, *op. cit.*, pág. 12.

²¹¹ *Ibidem*.

que, incidindo sobre a responsabilidade humana, São Martinho vai procurar confrontar os destinatários com os compromissos batismais, outrora professados com a finalidade de mover os rústicos a regressarem às práticas esquecidas ou postergadas. Fazendo uma anamnese lembra o sacramento do batismo e as promessas:

“Vós, pois, homens crentes, que tiveste acesso ao batismo, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, considerai que pacto fizeste com Deus nesse mesmo batismo. (...) prometeste renunciar ao diabo e aos seus anjos e a todas as suas obras más, e confessastes que acreditáveis no Pai e no Filho e no Espírito Santo e que esperáveis no fim dos séculos a ressurreição e a vida eterna”²¹².

Mediante esta condição de graça vai procurar elencar e confrontar os crentes com os vários cultos ao demónio e as ações maléficas e idolátricas praticadas por eles. Na verdade, quem se atém a outras práticas congeminadas por homens do mal, quem procura e realiza bruxarias do símbolo santo e da oração dominical, que recebeu com a fé de Cristo, está a ser infiel ao pacto celebrado com Deus e está a calcar a fé de Cristo. “Não se pode cultuar ao mesmo tempo Deus e ao diabo”²¹³.

Porém, a invetiva de São Martinho não se fica por um intento atormentador, mas construtor. Assim, por um encaminhamento retórico e por uma ação suasória pastoral, este bispo bracarense faz uma exortação moral, onde escancara as portas da esperança e da misericórdia para quem, nas mais variadas práticas, rompeu com a fé em Cristo, mas agora a Ele se quer converter e abraçar de todo o coração. Efetivamente, são muitos os que se desesperam em seu coração e meditam: “Como fiz tantas coisas más depois do batismo, talvez Deus não me perdoe os meus pecados”²¹⁴. Contudo, a lógica Martiniana não se fica por este pessimismo antropológico, uma vez que aponta a esperança, de numa lógica sincera, fazer um novo pacto de coração fundado com Deus, que é ocasião de misericórdia e perdão através: do cumprimento dos Seus mandamentos, da penitência de contrição e da prática de boas obras, do afastamento de qualquer ato reprovável e do sublinhar da cruz como único

²¹² MARTINHO DE BRAGA, *op. cit.*, pág. 15.

²¹³ *Idem*, pág. 16.

²¹⁴ *Idem*, pág. 17.

verdadeiro sinal e símbolo. No fim de tudo isto a recompensa será a vida eterna entre os anjos de Deus²¹⁵.

²¹⁵ Cf. *Idem*, pág. 18.

CAPÍTULO III

A MAGIA E OS SEUS AGENTES À LUZ DA HISTÓRIA DA IGREJA

III. A magia e os seus agentes à luz da História da Igreja

Neste terceiro capítulo queremos sobretudo analisar a relação problemática entre a novidade da mensagem de Cristo, encarnada no mundo e a presença da astrologia, feitiçaria, curas pela magia e adivinhação, em que tanta gente acreditava. Fazendo uma breve incursão pela idade antiga, passando pela idade média, idade moderna e idade contemporânea rapidamente percebemos que o cristianismo e a magia, nas suas mais variadas manifestações, se distinguem. Porém, nem sempre foi o que aconteceu ao longo da história. Foram muitos os momentos que revelaram uma íntima relação entre as crenças mágicas e o cristianismo. De facto, ao oferecerem-se como explicação para o infortúnio e ao apresentarem-se como um meio de compensação para momentos de grande adversidade, as práticas ocultas desempenhavam um papel muito próximo da Igreja oficial; mas se algumas vezes as práticas ocultas vão aninhar-se, como verdadeiros parasitas, nos ensinamentos cristãos, outras (vezes) vão mostrar uma franca rivalidade com a Igreja.

Observando desde logo os nossos antepassados mais remotos, podemos ver que já possuíam um conhecimento íntimo das características do mundo que os rodeava; por exemplo, o nascer e o pôr-do-sol, o movimento da lua no espaço, as plantas e os animais e as mudanças de estações. Este conhecimento era para eles uma questão de sobrevivência. O mesmo não acontece com as crenças que eles observavam que, de todo, são fáceis de descrever e identificar. Tudo o que podemos saber acerca delas é-nos dado pelos artefactos das suas culturas. Provavelmente, para o homem primitivo a espiritualidade estava associada à manutenção da união de um grupo social e das relações com ambientes mais vastos, à cura de doentes e ao controlo do mundo natural. Tudo isto envolveria muito daquilo que hoje descreveríamos como magia, mais tarde designada religião, pois formalizada por textos sagrados²¹⁶.

²¹⁶ Cf. Susan GREENWOOD, *op. cit.*, pág. 6.

Contudo, ingressando concretamente na história da Igreja, vemos o ser humano, a dado momento, deparando-se com o descrédito dos deuses pagãos e com uma série de problemas a nível social e político que o colocam numa angústia e insatisfação. O Império Romano, com estes sinais, apresentava marcas de fraqueza. Sem uma única resposta, o Império abre-se a novas religiões, trazidas do oriente, e mesmo ao esoterismo. É neste clima que o cristianismo se sublima, como boa nova de fé para toda a humanidade. Na realidade, o cristianismo vê nestes fatores brechas pelas quais pode atravessar o muro considerado intransponível do Império Romano. Apresentando uma doutrina e ensinamentos capazes de dar resposta aos anseios do ser humano, o cristianismo depara-se com o paganismo e o esoterismo. Sendo contra, não deixa de apontar o ideal aos crentes que querem abraçar esta nova fé, advertindo que não poderiam dedicar-se a este tipo de práticas. Foi difícil, durante os começos do cristianismo, porque muitas pessoas vinham de uma cultura enraizada no paganismo e no ocultismo. Porém, a situação manteve-se estável e as penas de morte prescritas no Antigo Testamento, para pessoas que praticassem crimes como estes, não estavam a ser aplicadas. A Igreja apenas advertia os crentes para não se dedicarem a estas práticas, sob pena de serem consideradas pessoas culpadas de heresia, punidas com penas como: excomunhão, suspensão e interdição²¹⁷. Apesar disto, houve quem fosse acusado e, portanto, condenado à morte por causa deste delito.

A partir do século XII, com uma sociedade feita de altas assimetrias, flagelada pela fome e pela peste, a Igreja vai ver aumentar a sua ação sobre as almas dos fiéis. A Igreja e o sobrenatural, efetivamente, passaram a estar presentes em todas as situações e dimensões da vida do ser humano. A religião medieval vê-se, portanto, rodeada por um “sentido autêntico do sobrenatural, credulidade popular, amor do maravilhoso, interesses muito tangíveis”²¹⁸, que demonstravam uma verdadeira amálgama de formas, onde não se faz a separação entre o

²¹⁷ Cf. E. M. COUTO, *op. cit.*, pág. 381.

²¹⁸ DANIEL, ROPS, *A Igreja das Catedrais e das Cruzadas*, Col. História da Igreja de Cristo III, Ed. Livraria Tavares Martins, Porto, 1961, pág. 57.

que é aceitável e o que não é. Dentro desta espécie de sincretismo, caminha nas práticas da magia, bruxaria e feitiçaria, que eram condenadas pela Igreja, uma vez que eram obra do demónio. Esta razão, como muitas outras, levaram a que a harmonia espiritual existente na Idade Média rapidamente colapsasse, obrigando a Igreja a tomar medidas, por exemplo, a Inquisição, no sentido de procurar colmatar os estragos.

Com a modernidade seria de esperar que houvesse, tanto na Igreja como nos seus crentes, uma maior purificação no pensamento e nas ações. Esperava-se também que, a par desta purificação na Igreja, houvesse uma diminuição das práticas mágicas. A verdade é que essa situação não se verificou. Com uma fé mergulhada na angústia, exaltação e descontrolo, com uma humanidade afundada na crença do demónio, numa estranha proximidade com a morte e o final dos tempos, a fé vai reagir com uma exaltação, muitas vezes suspeita e aparatosa, excessivamente sensível e cheia de rudezas, o que abriu um amplo espaço para que as mais variadas superstições se desenvolvessem e com elas as mais absurdas crenças, como a magia. A Europa e a Igreja sofriam de uma verdadeira epidemia de superstições que conduziram à necessidade de mostrar o que nada tinha a ver com o espírito do Evangelho de Jesus, -incutindo o medo, ao ponto de se criar um estereótipo do agente da magia que, estando unido ao diabo, causa todo o tipo de malefícios ao ser humano. Isto porque se acreditava que estas práticas constituíam os mais maléficos crimes, visto representarem todos aqueles que trabalhavam contra Deus e a sociedade virtuosa, o que levou a uma forte necessidade de eliminar esta essência falsa da religião. Para tal função, a Igreja e o poder secular vigente contaram com o desempenho da Inquisição, que deu início ao sangrento período de *caça às bruxas*. Os inquisidores gozavam de uma larga autonomia que implicava o poder de castigar os pequenos delitos no local, prender os suspeitos mais graves e instaurar processos. Todavia,

as multas e os confiscos de bens assumem um aspecto muito importante, pois funcionam como uma espécie de instrumento fiscal para a manutenção da instituição”²¹⁹.

As autoridades civis e religiosas procuravam as pessoas suspeitas destes crimes, a fim de lhes aplicarem penas pesadas, incluindo a morte na fogueira. Esta situação conheceu um agravamento com o advento do protestantismo, que perseguia estes condenados de forma feroz. A esta brutalidade acresce que, em muitos casos, tais condenações corriam o risco de injustiça, pois as confissões destes crimes eram arrancadas com base na tortura. Contudo, é importante referir que tanto protestantes como católicos eram aliados nesta perseguição, mas os protestantes eram mais rigorosos nas suas perseguições²²⁰.

Se na Idade Média e Idade Moderna vivíamos tempos terríveis no Catolicismo, devido às perseguições levadas a cabo pela Igreja, este tempo em que vivemos não é menos terrível, pois damos-nos conta de que são muitas as nossas infidelidades ao Evangelho de Jesus Cristo. Desde logo, porque o pensamento mágico e seus agentes não desapareceram, antes sofreram uma reestruturação da imagem que a Igreja, em outras épocas, tinha deixado pintado na mentalidade da população. Realmente, o pensamento mágico, na contemporaneidade, continua a fazer parte de uma realidade aterradora que escraviza as pessoas de todo o mundo. O fenómeno da magia apresenta-se com aspetos notavelmente complexos e diversificados, abrangendo desde formas gerais de superstição a práticas mágicas de diferentes níveis, que vão desde o espiritismo até à adivinhação, chegando mesmo a grupos e seitas satânicas²²¹. Face a isto a Igreja, fiel ao mandato do Senhor que diz para amar os inimigos, não incita a nenhum tipo de violência para com os agentes e frequentadores do ocultismo, mas adverte para que ninguém se entregue a eles, pois é contra o mandamento que afirma: “Ao Senhor teu Deus adorarás e só a ele prestarás culto” (Mt 4, 10).

²¹⁹ Cf. Francisco BETHENCOURT, *História das Inquisições – Portugal, Espanha e Itália*, Ed. Círculo de Leitores, 1994, pág. 185.

²²⁰ Cf. E. M. COUTO, *op. cit.*, pág. 382.

²²¹ Cf. Pedro José GONZÁLEZ-QUEVEDO, *op. cit.*, pág. 210-211.

1. A Idade Antiga

Em todo o grande movimento religioso ou político, os primeiros anos são aqueles que, quase sempre, apontam e dirigem o futuro. Assim aconteceu com o Cristianismo que, ainda em tempos de ensaios e tentativas, viu rapidamente a Boa Nova de Cristo difundir-se por inúmeras terras, que estavam sob a direção do Império Romano²²². Esta grande sementeira cristã, ciente das dificuldades impostas pelo poder e cultura vigentes, teve como principais agricultores os apóstolos, que puderam contar, ao mesmo tempo, com o corajoso trabalho de milhares de crentes anónimos estabelecidos nas fortificadas comunidades cristãs.

Perante a pequenez da Igreja nascente e o colosso do Império Romano depressa concluimos que, num possível conflito entre estas duas instituições, o Cristianismo sairia completamente aniquilado. Porém, a história revelou que até aqueles que aparentemente são fracós saem vencedores das lutas. De facto, a inevitabilidade da luta entre Roma e a Cruz acabou por mostrar o triunfo da Cruz. No entanto, é importante perguntar se na estrutura desta grande sociedade imperial não haveria já certas brechas que permitiram a entrada de uma nova doutrina capaz de provocar um processo de dissociação²²³.

Na verdade, estas brechas existiam, contudo não eram perceptíveis aos olhos dos seus contemporâneos. Se nos primeiros dois séculos o Império Romano vivia um tempo áureo, no século III vê decair rapidamente esse tempo. O século III, época de ditaduras militares, começou por acusar a sua enfermidade na ordem social, concretamente na baixa de valores aristocráticos, traduzida no enfraquecimento do regime municipal, chave da abóbada do Alto Império, na espoliação, que se estende desde o palácio imperial até ao mais pequeno centurião, e no dinheiro, que se torna o rei das gentes. Estas enfermidades, de forma similar, começaram a sobressair nos princípios morais. Os povos do Império deixaram a sua simplicidade de lado e revestiram-se de vaidade e ferocidade. Nesta época, não havia reinado

²²² Cf. DANIEL, ROPS, *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*, Col. História da Igreja de Cristo I, Ed. Livraria Tavares Martins, Porto, 1961, pág. 123-131.

²²³ Cf. DANIEL, ROPS, *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*, pág. 131-133.

algum que não desse exemplo de um caso de divórcio e da concubinação. A atmosfera moral também se viu impregnada de um feminismo de novo estilo, trazido do Oriente. De igual modo aconteceu com as letras, que entram em declínio, e a língua latina avilta-se e desagrega numa vulgarização²²⁴. Tal não aconteceu com a arte, que mesmo assim acusava falta de senso e de verdadeira grandeza. Na realidade,

“a civilização ocidental estava enfraquecida pela confusão crescente das doutrinas, dos costumes, das classes, das raças, e dos povos, por uma espécie de anarquia intelectual e moral que havia contaminado mais ou menos todos os meios, pela mobilidade, tornada geral, de todos os elementos da vida social, por uma espécie de febre universal que sobreexcitava as vontades e as inteligências, tornando-as capazes de esforços muito intensos mas curtos, e, finalmente, pela vulgarização de todas as actividades do espírito e de todos os bens da terra”²²⁵.

Face a este clima de desespero vivido pela sociedade romana, que se debate no sentido de encontrar soluções para os problemas de Deus, da morte e do destino, surge um esforço pela procura de respostas. Tudo o que o homem vê na terra é falaz, por isso ergue os olhos ao céu para encontrar o sentido e as respostas para as suas interrogações. Todavia, as respostas que recebe são tão variadas e contraditórias que a sua alma e o seu espírito ficam insatisfeitos.

Assim sendo, as divindades indígenas, célticas e ibéricas continuam a viver graças ao povo simples, enquanto o Imperador e toda a sua coorte mantêm o culto das divindades de Estado e

“o inumerável Panteão asiático despela uma inundação sem cessar renovada de poderes sobrenaturais que têm todos os seus adoradores, ao mesmo tempo que todos os ocultismos, todos os esoterismos e a magia com a astrologia pululam e se espalham por toda a parte”²²⁶.

Desta forma, a astrologia era uma crença, com exceção dos cristãos, afim a todo e qualquer vassalo do Império. Na consciência pagã desta época a astrologia satisfazia o desejo supersticioso de conhecer o futuro. Todos querem ter o seu horoscópio! Depois tínhamos a religião de Mitra que não apresentava, para ser adorado, um Deus feito homem próximo do coração. Com sistemas dualistas, esta religião encerrava uma opção contra a vida, isto é, sem

²²⁴ Cf. DANIEL, ROPS, *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*, pág. 362-365.

²²⁵ Guglielmo FERRERO, *La Ruine de la Civilisation Antique*, Ed. Emprimeurs-Éditeurs, Paris, 1921, pág. 53.

²²⁶ DANIEL, ROPS, *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*, pág. 368.

esperança e sem paz. Por último, é importante salientar o neoplatonismo, que se apresenta, ao mesmo tempo, como filosofia e religião. Muitos dos que estavam descontentes com o politeísmo banal veem nesta religião um sistema teológico e moral que vai, ainda assim, ficar aquém do próprio cristianismo. Contudo, a tendência mais forte neste século é associar e fundir todos os elementos novos, do velho paganismo greco-romano e das religiões orientais, ou seja, o sincretismo²²⁷.

Perante este organismo imperial, cujas forças e estruturas estão em declínio, ergue-se o cristianismo com o vigor crescente. Saído da sombra, onde crescera e se desenvolvera, propõe ser agora luz para os povos.

“O cristianismo não é nada mais e nada menos do que a Revelação da Verdade eterna e total, por meio do ensino, o exemplo, a morte e a ressurreição de Jesus, Deus feito homem. Mas, ao mesmo tempo, desde que é «o Caminho, a Verdade e a Vida», faz desabar, ao seu contacto, tudo aquilo que, no mundo de então, é erro, fingimento e matéria morta”²²⁸.

Foi segundo estes cânones que os cristãos viveram a sua vida e a sua fé. De facto, tudo aquilo que representasse uma marca supersticiosa, idolátrica e pagã do mundo, da religião e de Deus, na vivência dos crentes, era reprovado por aqueles que, nos tempos da Igreja nascente, desenvolveram o pensamento teológico, isto é, os Padres da Igreja. De igual forma, quando as portas do Império se abriram a esta nova forma de olhar o mundo e de se relacionar com Deus, estas visões foram desamparadas até pelo Imperador, ao ponto de haver até uma certa intolerância religiosa. Exemplo disto é o episódio em que o Imperador dá ordem ao Perfeito da Gália e ao Vigário da Espanha para que Prisciliano e Instâncio comparecessem em Bordéus, para serem julgados num concílio dos Bispos. Seguidos dos seus acusadores Idácio e Ithácio partem, no ano de 385, para Bordéus, onde Instâncio foi deposto e desterrado, e Prisciliano, apelando a César, viu arrastado todo o seu processo. A causa de Prisciliano foi remetida ao Perfeito Evódio que o declarou culpado, sendo que depois subiu ao Imperador que o condenou à pena de morte. A causa secreta de condenação foi o crime de heresia;

²²⁷ Cf. DANIEL, ROPS, *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*, pág. 372-373.

²²⁸ Cf. DANIEL, ROPS, *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*, pág. 158.

porém, o motivo arguido foi o crime de magia, crime energicamente perseguido com grande severidade pelo poder central, que se serviu dele para darem à condenação uma aparência de legalidade²²⁹.

2. A Idade Média

Para compreender o homem e os acontecimentos da Idade Média, é essencial não nos desligarmos da ideia de que tudo e todos não existem senão em função da fé cristã. Na verdade, a religião impõe-se aos espíritos, do mais humilde ao mais culto, como um absoluto que ninguém discute, mas em que todos creem. Também é importante salientar que nesta época a demarcação entre sobrenatural e natural não estava bem definida, daí que as crenças mágicas e a vida quotidiana aparecessem estreitamente ligadas.

A Igreja, durante os tempos bárbaros, soube impor a fé aos espíritos, fazendo dela a única luz de salvação, o único guia de vida moral e o único meio de civilização. Esta fé, ainda mal ordenada, mal entendida, mal expurgada, mal polida e cheia de superstições, patenteava características de rusticidade e de violência. Todavia, no decurso da Idade Média vai repisar-se um esforço pela procura em colmatar esta fé, na esperança de a tornar mais intensamente viva. A fé medieval apresenta-se, assim, interessada mas, ao mesmo tempo, pouco exemplar.

A sociedade medieval exibia um rosto de insegurança e de carência de estruturas que, através do endurecimento do sistema feudal e do nascimento das monarquias, foi ganhando outros contornos. Assim, a Igreja, depurando todos os aspetos que não a dignificavam, vai ver aumentar a sua ação sobre as almas. “A fé progride, tanto em intensidade como em qualidade”²³⁰. Porém, nesta harmonia espiritual e na sociedade começam-se a abrir fendas

²²⁹ José Augusto FERREIRA, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga (Séc. III- Séc. XX)*, Tomo I, Ed. Mitra Bracarense, Braga, 1928, pág. 29-30.

²³⁰ DANIEL, ROPS, *A Igreja das Catedrais e das Cruzadas*, pág. 52.

que, transmitindo insegurança e inquietação, levam a Igreja a refletir e a contra-atacar com as Ordens Mendicantes, a Suma de São Tomás D'Aquino e a Inquisição.

Por conseguinte, o homem da Idade Média, a partir do momento em que descobre que Deus é o todo-poderoso e que a explicação última da vida está para além dela, começa a ver o oculto por toda a parte e a reconhecer a revelação do sobrenatural em tudo. Todo o visível se apoia no invisível e o conhecível sobre todo o inconhecível²³¹. De facto, da mentalidade medieval faz parte a crença no sobrenatural que mudará em muito o pensar e o viver do Homem, uma vez que o exalta e lhe dá a certeza, criadora de grandes coisas, de que ele pode ultrapassar-se a si próprio.

Numa tal atmosfera, ninguém se poderia admirar ao ver que os milagres dos santos abundavam e se tornavam o meio mais eficaz de a Igreja Medieval demonstrar o seu monopólio da verdade. Realmente, nos séculos XII e XIII, as vidas dos santos haviam assumido um modelo estereotipado, muito parecido com a estrutura de um conto mágico, ou seja, que trespassava a ideia de uma certa sobreposição da magia com os milagres²³². Elas relatavam os feitos milagrosos dos santos, como podiam profetizar o futuro, controlar o clima, dar proteção contra incêndios e inundações, transportar magicamente objetos pesados e trazer alívio aos doentes. Como é óbvio, isto causava confusão ao povo. Os santuários e outros locais sacros transformam-se em autênticos centros de peregrinação, aos quais acorrem todo o tipo de crentes, inclusive enfermos que, dirigindo-se em longas e cansativas viagens, esperavam confiantes uma cura sobrenatural. Em geral, a veneração dos santos dependia da crença de que estes, além de terem sido exemplos de um código ideal de conduta moral no passado, podiam empregar ainda poderes sobrenaturais para aliviarem as adversidades dos seus devotos na terra. As doenças, assim como as profissões e as localidades, eram atribuídas

²³¹ Cf. DANIEL, ROPS, *A Igreja das Catedrais e das Cruzadas*, pág. 54.

²³² Cf. Azzurra RINALDI, «A Superstição e a magia na religião cristã da Idade Média», in *Revista Labirinto*, v. 20 (2014), pág. 8.

aos cuidados especiais de um santo apropriado²³³. Os santos eram, deste modo, parte integrante da sociedade medieval.

Na alta Idade Média, as autoridades eclesiásticas procuraram desenvolver um vasto e amplo leque de fórmulas para atrair a bênção prática de Deus sobre as atividades seculares. O ritual que estava na base de toda a manifestação religiosa era a bênção com sal e água para a saúde do corpo e a expulsão do demónio de algum objeto material²³⁴. Estes rituais incluíam a presença de um padre, o uso de água benta, persignação, preces e a invocação do nome de Deus.

A religião medieval vê-se, portanto, rodeada por um “sentido autêntico do sobrenatural, credulidade popular, amor do maravilhoso, interesses muito tangíveis”²³⁵, os quais demonstram uma verdadeira amálgama de formas incentivadas pela Igreja, onde não se faz a separação entre o que é aceitável e o que não é. Em nenhum caso, esta amálgama é mais clara do que no das relíquias, que desde a sua origem tinha deslizado pela ladeira do feiticismo, talismãs e amuletos. Os teólogos sustentavam que não era superstição trazer um pedaço de papel ou uma medalha com alguns versículos dos evangelhos ou a cruz, desde que não se empregassem símbolos não cristãos²³⁶. De igual modo, não se reprova que as multidões se agrupem em volta dos relicários. O que não pode acontecer é que tais práticas se convertam em idolatria e que apenas o interesse se vire para a eficácia da relíquia, deixando de parte o ensinamento do santo. Todo este tipo de resguardo eclesiástico destinava-se a dar proteção a uma ampla variedade de contextos.

Este ambiente de confusão conhece um pouco das suas raízes nos sacramentos da Igreja, particularmente no sacramento da eucaristia, associada a um poder mágico, muito por causa da doutrina da Igreja. Os teólogos, refinando consideravelmente a doutrina da transubstanciação, tornaram-na demasiado complicada para ser compreendida pelas pessoas

²³³ Cf. Keith THOMAS, *op. cit.*, pág. 36-37.

²³⁴ *Idem*, pág. 38.

²³⁵ DANIEL, ROPS, *A Igreja das Catedrais e das Cruzadas*, pág. 57.

²³⁶ Cf. Keith THOMAS, *op. cit.*, pág. 39.

comuns, o que fez com que apenas se destacasse a ideia mágica de que, pela mera enunciação de palavras, de maneira ritual, se poderia efetuar uma transformação na natureza de objetos materiais²³⁷.

Também faz parte da mentalidade medieval o medo do diabo, que mais não é do que uma característica do sobrenatural e do seu gosto pelo maravilhoso. A fé medieval, tendo em conta o pecado e a virtude da penitência, nutria um temor pelo Inferno e o diabo. Efetivamente, o diabo, no século XII e XIII, era visto como aquele

“que vem atormentar as almas fiéis, atacando de preferência as mais virtuosas; é ele que, sob aparências, umas vezes terríveis e outras perturbadoras, assola os mosteiros; é ele que, como íncubo, violenta as virgens e gera no seu seio filhos malditos, ou que, como súcubo, arrasta para a tentação os homens consagrados ao Senhor”²³⁸.

Contudo, há que notar que Satanás nem sempre se revestiu destas sinistras aparências. Muito frequentemente esta figura apresentava-se com atraentes feições associadas à figura da mulher, talvez por causa do pecado de Eva. Assim, o diabo vai aparecer representado nos capitéis das igrejas, nas coortes, no juízo final dos lintéis, nas miniaturas, nos frescos e nas peças teatrais. Esta forte presença e obsessão pelo maligno, por parte dos espíritos crédulos, revelar-se-ia uma verdadeira fonte de psicoses, aliada àquele fundo antigo, ainda não elaborado pela fé, que se chama de superstição²³⁹.

Na realidade, a superstição, enquanto forma degradada da fé no sobrenatural, foi uma espécie de lepra espiritual que, arrastando consigo penosas consequências, credenciava a veracidade da bruxaria e unia a crença nos demónios às antigas tradições mágicas, que a Igreja nunca conseguiu desenraizar. Estas crenças e práticas, creditadas pela convicção da sua eficácia, não conheceriam entre os séculos XI – XIV uma crise, antes um aumento de importância. De facto, a bruxa, a mulher envenenadora e a nigromante veem alargar-se o seu campo de ação:

²³⁷ Cf. Keith THOMAS, *op. cit.*, pág. 41.

²³⁸ DANIEL, ROPS, *A Igreja das Catedrais e das Cruzadas*, pág. 60.

²³⁹ Cf. DANIEL, ROPS, *A Igreja das Catedrais e das Cruzadas*, pág. 59-63.

“Afirma-se que se podem utilizar as forças infernais contra um inimigo, fabricando uma estatueta de cera com a sua efigie e atravessando-a com um punhal: é o feitiço. Diz-se também que se podem mudar homens em animais, que correm pelos campos para cometer inúmeros crimes: são os licantropos ou lobisomens. Acrescenta-se ainda que as mulheres possesas voam de noite para irem assistir aos «sabbat» de Satanás”²⁴⁰.

A Igreja Medieval, perante tal cenário, mostra-se como um grande reservatório de poderes sobrenaturais, que podiam ser distribuídos aos fiéis para auxílio nos seus problemas do quotidiano, sendo difícil pensar em alguma aspiração humana a que ela não pudesse atender. Praticamente qualquer oração ou passagem das Escrituras, associada ao ritual eclesiástico, podia assumir uma aura mágica, um poder místico aos olhos do povo, à espera de ser descoberto. Era inevitável que, em torno da Igreja, o clero e todo o seu aparato sagrado congregassem uma infinidade de superstições populares, que conferiam aos objetos religiosos um poder mágico que os próprios teólogos nunca haviam reivindicado. Todavia, seria uma caricatura rústica sugerir que a Igreja medieval oferecia deliberadamente aos leigos um sistema de magia organizado, destinado a apresentar remédios sobrenaturais a serem aplicados em problemas terrenos. As principais preocupações da Igreja eram espirituais. Os eclesiásticos medievais, de modo geral, davam ênfase à natureza intercessora dos ritos da Igreja. No âmbito popular, o mesmo não se verificava, pois ligavam-se os ritos da Igreja à ideia de funcionamento automático ou um meio mecânico de manipulação²⁴¹.

Na sua maioria, na religião a presença da magia e das práticas a ela associadas era parasitária, sendo contestadas com maior ou menor energia pelas autoridades eclesiásticas, que não as conseguiram fazer desaparecer.

Exemplo paradigmático desta contestação é São Tomás D’Aquino que, na *Suma Teológica*, revela uma posição crítica equilibrada no tocante às superstições. A certa altura, este doutor da Igreja abre à discussão a prática da adivinhação, em que declara tacitamente que é uma prática ilícita, pois “toda a adivinhação é obra dos demónios, quer claramente

²⁴⁰ DANIEL, ROPS, *A Igreja das Catedrais e das Cruzadas*, pág. 61.

²⁴¹ Cf. Keith THOMAS, *op. cit.*, pág. 40-51.

invocando-os para se saber o futuro, quer porque o demónio se envolve em vãos prognósticos do futuro para envolver os homens em sua própria vaidade”²⁴². O mesmo se passa com a utilização de palavras sagradas ao pescoço. Segundo São Tomás D’Aquino, devem evitar-se duas coisas, isto é:

“em primeiro lugar, não desconhecer o que está escrito e o que se fala, porque se há invocação ao demónio, trata-se de superstição e, evidentemente, serão essas práticas ilícitas (...) Em segundo lugar, devem ser evitadas para que, com as palavras sagradas inscritas, não se ponham coisas vãs como caracteres desenhados, a não ser o sinal da Cruz”²⁴³.

Porém, entre as várias posições da Igreja e dos seus representantes está a célebre perseguição das bruxas, ainda que não se verificassem tantos casos de perseguição como na Idade Moderna. Esta época considerava:

“Até aos finais do século XIII, as mulheres que eram um pouco extravagantes (...) *bonae feminae*; a partir do século XIV, pelo contrário, muda-se o nome e começam a ser chamadas de *stringes*, pois se via nelas a encarnação da anti-Igreja e da anti-sociedade. A pincelada que remata o quadro é a dos *aquejarres*, fantásticas reuniões diabólicas, onde se imagina ocorrer todo o tipo de atrocidades e actos repugnantes”²⁴⁴.

Em suma, as práticas como a adoração da hóstia, veneração dos santos e das relíquias, a recitação de preces ou o uso de talismãs e amuletos podiam chegar a excessos, mas os teólogos não as consideravam um problema, pois o efeito pretendido era unir mais o povo à verdadeira Igreja e ao verdadeiro Deus²⁴⁵. O cristianismo procurava, portanto, acolher e expandir algumas modificações naqueles que queriam abraçar a mensagem radical de Cristo tendo, para isso, os crentes que deixar os cultos pagãos, obra do demónio, e abraçar a Verdade (Deus), com a ajuda dos cultos supracitados²⁴⁶.

²⁴² SÃO TOMÁS D’AQUINO, *Suma Teológica*, Ed. Loyola, São Paulo, 2005, II, 2, 95, 4.

²⁴³ *Idem*, II, 4, 96, 5-6.

²⁴⁴ Franco PIERINI, «La Edad Media», in Juan María Laboa – Franco Pierini – Guido Zagheni, *Historia de la Iglesia*, Ed. San Pablo, Madrid, 2005, pág. 404.

²⁴⁵ Cf. Luciano Bezerra AGRA FILHO, «Religião e magia na Idade Moderna no campo historiográfico», in *História: imagem e narrativas*, nº 6 (2008), pág. 4.

²⁴⁶ Cf. Azzurra RINALDI, *op. cit.*, pág. 17-18.

3. Idade Moderna

No fim da Idade Média e inícios da Idade Moderna, com o Renascimento e o Humanismo, seria de esperar um afrouxamento da magia e da feitiçaria entre os homens e mulheres desse tempo. A verdade é que tal não aconteceu, observando-se antes uma exacerbação das mesmas. Nas pessoas prevalecia ainda a mentalidade romana, ou seja, a crença de que o universo estava povoado de espíritos, em especial dos parentes e vizinhos, que se intrometiam na vida privada das famílias e das pessoas singulares.

“A doença apresentava-se, portanto, como uma nefasta interferência desses espíritos maus dos antepassados e vizinhos, que haviam possuído comportamento pouco edificante na vida das pessoas: metendo-se nelas agitavam-nas com ruídos, pancadas, abertura das portas, morte violenta ou repentina dos animais ou das pessoas, desastres e outros acidentes; ou então entraram nelas por possessão, como nos casos da histeria”²⁴⁷.

Esta doença poderia ser resultado de nefastas práticas de pessoas vivas, familiares ou vizinhos, que recorriam a feitiços para pôr doentes e prejudicar as pessoas até à sua completa liquidação. Para que as pessoas se pudessem libertar deste flagelo recorriam também às feitiçarias, na esperança de afastar de si os males, escorraçá-los para “areias gordas ou o mar coalhado, ou então para lhes fechar o corpo aberto mediante a chave do sacrário”²⁴⁸. Evidentemente, também se aceitava a existência de espíritos bons e santos, protetores das famílias e do ser humano, que na sua vida se pautaram por um comportamento exemplar.

A par disto caminhava a fé que apresentava sinais de angústia, exaltação e descontrolo. A alma cristã, nos rostos de cada ser humano, confessava um tempo e uma vida carregados de angústia e medo. Estes rostos impressionavam pelo seu aspeto triste e pela melancolia quase romântica dos seus traços que, para muitos, não era mais do que a causa dos sofrimentos e os dissabores que a época infligia aos vivos, isto é, a fome, a peste, a guerra e a mortalidade.

²⁴⁷ Franquelim NEIVA SOARES, «Medicina popular e feitiçaria nas visitasões da Arquidiocese de Braga nos séculos XVI e XVII», in *Revista de Guimarães*, nº 103 (1993), pág. 68.

²⁴⁸ *Ibidem*.

A humanidade vive mergulhada numa estranha proximidade com a morte: numa sôfrega fascinação e, ao mesmo tempo, numa extraordinária familiaridade. São cada vez mais os pregadores que, do alto do púlpito, falam da morte não para anunciar a vida eterna, mas para fazer penetrar no espírito dos seus ouvintes o *Memento quia pulvis es*. Também a arte vai participar nesta evocação do horror. Enfim, o Homem morre e com ele todo o mundo. “A angústia apocalíptica que, por assim dizer, é de todos os tempos, mas que se torna mais aflitiva nas épocas de provações, pesa sobre estas dolorosas décadas”²⁴⁹. Muitos são os que se vão dedicar a cálculos sobre o fim dos tempos. Entre o humilde povo, os fenómenos naturais gozam de grande importância.

Agrilhoadas a tamanha angústia, sacudidas pelas emoções brutais e pelos acontecimentos, a fé, nas suas mais variadas manifestações, vai reagir por uma exaltação muitas vezes suspeita. A piedade vai tornar-se aparatosa, excessivamente sensível e cheia de rudezas; o misticismo e o simbolismo vão mostrar-se exacerbados e desregrados, convertendo o sublime em ridículo. Este exagero e falta de regras vai levar a um pulular de seitas, que desencadearam práticas místicas²⁵⁰.

“A grosseria anda a par com a exaltação fanática. As mesmas pessoas que choram em altos soluços, quando ouvem um pregador evocar as torturas sofridas por Cristo, passam o resto do dia de festa em pândegas, jogos de cartas e devassidões. É vulgar que se dance nas igrejas e nos cemitérios, entoando, ao mesmo tempo, as menos convenientes cantigas”²⁵¹.

Num ambiente de tal natureza é normal que proliferem as mais variadas superstições. Elas germinam por toda a parte, insinuando-se nas devoções mais bem fundamentadas e legítimas. Todas as crenças que, na Idade Média, estavam infetadas por superstições, como por exemplo o culto aos santos e a veneração das relíquias, vêm aumentar, na Idade Moderna, essa infecção.

²⁴⁹ DANIEL, ROPS, *A Igreja do Renascimento e da Reforma*, Col. História da Igreja de Cristo IV, 1º, Ed. Livraria Tavares Martins, Porto, 1961, pág. 143.

²⁵⁰ Cf. DANIEL, ROPS, *A Igreja do Renascimento e da Reforma*, pág. 144.

²⁵¹ DANIEL, ROPS, *A Igreja do Renascimento e da Reforma*, pág. 146.

Contudo, para melhor compreendermos o clima espiritual da época moderna, isto é, entre os séculos XV, XVI e XVIII, temos que emergir nas crenças mais absurdas, reveladoras de um desequilíbrio psíquico, que conhecem uma popularidade extraordinária. Desta forma, recordemos a astrologia que, decorrida do tão disseminado medo do futuro, estuda a conjugação dos astros e outros sinais do céu. Servindo os homens, incluindo alguns papas, os astrólogos veem aumentar a sua clientela. O mesmo se processa com a alquimia e, ainda pior, com a demonologia e a bruxaria que, segundo um inquisidor, estava de tal maneira espalhada, que um terço da Cristandade a praticava.

Para muitos cristãos, o mundo estava dividido entre o bem e o mal, ou seja, entre Deus, representante do bem, e o diabo, aquele que representa e governa o reino do maligno. A crença no diabo era tão unânime e tão forte, que as pessoas se viam rodeadas pela sua ação, por toda a parte, e não hesitavam em ter relações com ele ou, até mesmo, em lhe pedirem certos serviços”²⁵². Dado que o principal objetivo do diabo era seduzir as almas, afastando-as da sujeição divina, estava sempre ativo com a tentação mais apropriada para conseguir o seu propósito. O mesmo aconteceu com Jesus Cristo que, tentado pelo Diabo com a oferta de todos os reinos deste mundo, em troca, lhe tinha de prestar adoração. Esta ideia serviu de base para começar a pensar que alguns conquistados por poderes, aparentemente conferidos pelo Diabo, como predizer o futuro e descobrir as coisas ocultas, entregavam-se à sua adoração, por um pacto²⁵³. Assim, em todas as aldeias encontravam-se:

“praticantes de magia – «pessoas ardilosas», magos e feiticeiros – e requeriam-se os seus serviços para a identificação das bruxas, para encontrar bens perdidos ou roubados, para ler a sina e indicar mezinhas para uma série de doenças, tanto nos humanos como nos animais”²⁵⁴.

A partir de então, o pensamento mágico e religioso continuaram estreitamente unidos em confronto, por vários séculos. Foi, precisamente, este sincretismo cada vez mais aberrante que despoletou junto da Igreja, na imagem da sua Hierarquia, reações cruéis.

²⁵² DANIEL, ROPS, *A Igreja do Renascimento e da Reforma*, pág. 149.

²⁵³ Cf. Henry Charles LEA, *History of the Inquisition of the Middle Ages*, Ed. Harper & Brothers, New York, 1888, pág. 365.

²⁵⁴ Susan GREENWOOD, *op. cit.*, pág. 96.

Portanto, ao contrário do período saxónico que tinha uma crença razoavelmente tolerante sobre a magia, a bruxaria e a feitiçaria, na idade moderna assiste-se a uma época de terrível perseguição. A Igreja, incutindo o medo, cria o estereótipo do agente da magia como um causador de malefícios ao ser humano (doenças, esterilidade, impotência, transformações), que se une ao Diabo por um pacto de assistência, de corpo e alma, alguém especializado em matanças canibalescas das crianças para adquirir poder sobrenatural, preparar poções e unguentos e alguém que participa nos sabats²⁵⁵, e faz com que se apodere do povo um assomo de cólera, que o leva a precipitar falsos e verdadeiros feiticeiros nas fogueiras.

Na realidade, a magia e, concretamente, a feitiçaria e bruxaria não eram vistas como crimes vulgares. Acreditava-se que estas práticas constituíam os mais mefíticos crimes, pois representavam todos aqueles que trabalhavam contra Deus e a sociedade virtuosa, o que levou a uma forte necessidade de eliminar esta falsa essência da religião. Para tal função, a Igreja e o poder secular vigente contaram com o desempenho da Inquisição, que deu início a um longo e penoso período de perseguição, denominado período da *caça às bruxas*. A instituição da Inquisição já se tinha dado na Idade Média, sobretudo com a finalidade de combater as heresias, nomeadamente o movimento dos Cátaros, que provinha de uma raiz genuinamente não cristã, maniqueísta-dualista. Porém, na Idade Moderna, além do combate às heresias, a Inquisição teve como principal função a erradicação das práticas mágicas e tudo aquilo que tinha uma marca diabólica.

O sistema legal de caça às bruxas foi um estímulo ao surgimento de profissionais que se dedicaram à perseguição de pessoas consideradas nefastas para a sociedade, pelo facto de praticarem a feitiçaria e a bruxaria. Encaradas no âmbito das superstições e julgadas como maléficas e demoníacas, estas práticas tornaram-se, assim, uma das principais metas de repressão destes profissionais. Por conseguinte, com o desenrolar do mesmo sistema surgiram

²⁵⁵ Cf. Susan GREENWOOD, *op. cit.*, pág. 130.

numerosas obras de demonologia que aprimoravam a doutrina da realidade da bruxaria²⁵⁶. É neste contexto que Kramer e Sprenger, inquisidores dominicanos, dão início à composição de um manual, intitulado *Malleus Maleficarum*. Publicado em 1486, este manual constitui um verdadeiro tratado de demonologia, onde é construída uma síntese, simples e eficaz, da realidade em relação com a ilusão da bruxaria, e uma prescrição às autoridades competentes, do modo como haviam de identificar, remediar e condenar a bruxaria.

É segundo esta situação que o *Malleus Maleficarum* procurou elucidar as pessoas, apresentando um estereótipo complexo de bruxaria com a marca e intervenção diabólica. Atribuindo a estas nefastas figuras um suporte teológico, estes dois inquisidores vão afirmar e defender que o demónio, pelo seu engenho e pelos seus agentes (bruxas e feiticeiras), conseguia infligir doenças e toda a sorte de sofrimento e de padecimento humanos, reais e verdadeiros:

“A opinião mais certa e mais católica é a de que existem feiticeiros e bruxas que, com a ajuda do diabo, graças a um pacto com ele firmado, se tornam capazes, se Deus assim permitir, de causar males e flagelos autênticos e concretos, o que não torna improvável serem também capazes de produzir ilusões, visionárias e fantásticas, por algum meio extraordinário e peculiar”²⁵⁷.

Todavia, a maior contribuição desta obra foi a introdução de um elemento sexual, isto é, a mulher. Kramer e Sprenger concordaram, pela experiência pessoal e a psicótica interpretação de textos e factos, que as mulheres tinham uma natureza rebelde e uma debilidade congénita, que as conduzia a um sentimento de vingança. Exemplo disso é a figura de Eva, do livro do Génesis. Criatura criada a partir de uma costela recurva do Adão, Eva era ícone de todas as mulheres, defeituosas, imperfeitas e sempre prontas a enganar, responsáveis

²⁵⁶ Cf. Bruno G. OLIVEIRA GONÇALVES, O mal da Bruxaria, XXVI Simpósio Nacional de História, São Paulo, Universidade de São Paulo, 17 a 22 de Julho de 2011, (acedido em 12 de Maio de 2016) [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1299637317_ARQUIVO_2011-XXVIANPUH-Artigo-Omaldabruaxaria.pdf], pág. 6.

²⁵⁷ Heinrich KRAMER, James SPRENGER, *O martelo das feiticeiras*, Ed. Rosa dos Tempos, São Paulo, 2001, pág. 56.

pela queda do homem²⁵⁸. Dessa forma, com uma maior sensibilidade à tentação demoníaca e ao malefício, as mulheres eram mais dadas à superstição, à credulidade e à renúncia da fé que, provocando afetos e paixões desordenadas, levava ao emprego de várias vinganças, através da feitiçaria ou outros meios.

Os inquisidores Kramer e Sprenger, não obstante todos estes ditames, apensaram à capa do livro a Bula *Summis desiderantes affectibus*, do Papa Inocêncio VIII, para fazerem crer que gozavam de aprovação oficial e não terem complicações, em procedimentos judiciais contra as feiticeiras, com as autoridades eclesiásticas e seculares locais. Não sancionando a obra, o Papa Inocêncio VIII encorajou os dois inquisidores a perseguirem as bruxas.

Tudo isto serviu para que a *caça às bruxas* e os respetivos processos, na história da Igreja e da intervenção da Inquisição, pesassem mais do que a perseguição aos hereges, iniciada na Idade Média. Representando uma operação judicial muito extensa contra os que professavam a fé católica e mantinham, ao mesmo tempo, a crença em práticas ocultas, muitos foram os que conheceram e experimentaram sofregamente o julgamento deste tribunal, na sua maioria mulheres pobres e velhas. Estes julgamentos, decorrendo nos tribunais eclesiásticos e nos tribunais seculares, principalmente depois de 1550, avolumaram-se durante o século XV e reduziram-se no século XVI, aumentaram dramaticamente no final deste século e no início do seguinte e voltaram a declinar para no final do mesmo e princípio do século XVIII²⁵⁹.

Nesta época era frequente utilizar-se a tortura para obrigar um acusado a confessar crimes de feitiçaria, o que fez aumentar, em muito, o número dos condenados. Foram, de facto, muitos os métodos utilizados por este tribunal. Estes iam desde a privação do sono até ao uso de instrumentos de distensão, como por exemplo uma roldana que elevava a pessoa do chão pelos braços, e de compressão, como por exemplo com tarraxas para os dedos dos pés e

²⁵⁸ Maria do Amparo TAVARES MALEVAL, «Representações diabolizadas da mulher em textos medievais», in Sérgio Nazar DAVID, *As mulheres são o diabo*, Col. Clepsidra, Ed. UERJ, Rio de Janeiro, 2004, pág. 48.

²⁵⁹ Cf. Susan GREENWOOD, *op. cit.*, pág. 123.

para as pernas. Todavia, o uso da tortura contemplava uma rigorosa lista de regras que, na prática, eram desrespeitadas, negligenciadas e escarnecidas pelos acusadores²⁶⁰. A Igreja, nestas posições que foi tomando, não fez mais do que aderir ao que então era normal e geral e a que nenhuma outra instituição conseguiu escapar; até aqueles que se tinham separado da Igreja Católica com a Reforma se mostraram unânimes quanto à necessidade de arrancar o flagelo da magia no mundo²⁶¹.

Mediante estes acontecimentos é-nos proporcionado compreender, ainda que não diretamente, que a oposição a estas loucuras é extremamente fraca. A Inquisição bem se encarniça contra a bruxaria e feitiçaria mas o certo é que, ao tomar estas atitudes e ao manifestar um certo medo, revela crença nestas práticas, dá-lhes crédito. A Bula com que Eugénio IV fulminou o crime de «vauderie» mostra bem que a fé no diabo, na sua ação por este mundo, e a realidade da feitiçaria fazem verdadeiramente parte da fé cristã²⁶², independentemente dos seus exageros e loucuras. Como não haveria o povo de acreditar nestas coisas quando ouvia falar que alguns inquisidores endoideceram por causa dos horrores que tinham presenciado?

Foram raros os casos em que homens tentaram arrumar os perigosos desregramentos do espírito de forma justa e discernida, o que fez com que acontecimentos desta natureza manchassem a história da Igreja e a humanidade com o sangue e desgosto de muitos inocentes. Surgiu a maior epidemia de loucura coletiva da história. Quase ninguém escapa às funestas consequência desta situação e os maiores excessos e despropósitos surgem em todas as partes, tendo a repressão bárbara gerado um efeito contrário ao esperado e aumentado a audácia dos seguidores da mentalidade mágica. Na verdade, nestes séculos foi posto em marcha um círculo vicioso: ação-reação que, cego pelo medo, protagonizou uma contra-ofensiva severa, com os mais inimagináveis episódios. Efetivamente,

²⁶⁰ Cf. *Idem*, pág. 130-131.

²⁶¹ Cf. Jan EHRENWALD, *Psychotherapy: Myth and Method*, Ed. Grune & Stratton, New York, 1966, pág. 15.

²⁶² Cf. DANIEL, ROPS, *A Igreja do Renascimento e da Reforma*, pág. 149.

“deixaram de existir limites para as práticas desumanas de carrascos brutais. Verteu-se muito sangue inocente, abatendo-se sobre a humanidade um excesso de terror e de sofrimento. (...) Fanáticos cegos espalharam um sofrimento infinito, em nome de Jesus, o autor misericordioso do sermão da montanha e da Boa Nova da Redenção”²⁶³.

Em todo o caso não podemos esquecer que a crença nos temidos malefícios das bruxas era geral e que os processos por bruxaria eram mais cruéis e mais numerosos nos tribunais civis do que nos eclesiásticos²⁶⁴.

Dentro deste ambiente de superstição e de perseguição surge, nos anos de 1545-1563, o Concílio de Trento. Ainda que na sua génese não estivesse singularmente o problema das superstições, este concílio, entre muitas reformas, preocupou-se em “erradicar dos crentes o recurso à magia, à astrologia e à feitiçaria mediante uma fé mais profunda e viva em Deus, de Quem se devia esperar e a quem se devia suplicar o auxílio na doença e nas mais dificuldades da vida”²⁶⁵. Logo no decreto sobre a publicação e uso da Sagrada Escritura este concílio, ordenando que ninguém se valesse das palavras da Sagrada Escritura para abusos, reprimiu toda a temeridade com que se aplicam e torcem a qualquer assunto profano as palavras e sentenças da Sagrada Escritura: bufonaria, fábulas, vaidades, adulação, murmurações, superstições, encantos ímpios e diabólicos, adivinhações, sorte e libelos caluniosos. No decreto sobre o que se devia observar e evitar na celebração da missa, Trento proibiu os sacerdotes de celebrarem missas fora das horas devidas, de darem valor a celebrações e orações noutros ritos, que não naquele que tenha sido aprovado pela Igreja, pois tudo isto fomenta mais o espírito de superstição do que religião. Este concílio, abordando a questão das relíquias e das imagens, ordena que se retire toda a superstição da invocação dos santos, da veneração das relíquias e do sagrado uso das imagens.

No entanto, o nefasto processo de caça às bruxas só conheceria o seu fim entre os séculos XVII e XVIII, pois a sociedade, de uma forma geral, foi conquistada por um certo

²⁶³ August FRANZEN, *Breve História da Igreja*, Ed. Editorial Presença, Lisboa, 1996, pág. 223.

²⁶⁴ Cf. Ludovico MACINALI, *Uomini e Spiriti*, Ed. Desclée – Lefebvre, Roma, 1906, pág. 62.

²⁶⁵ Franquelim NEIVA SOARES, *op. cit.*, pág. 69.

sentimento de desconforto e obstinação pelo julgamento destes agentes da magia. Muitos historiadores afirmam que a razão pela qual se deu o fim desta cruel perseguição e o afastamento da superstição ficou a dever-se ao progresso da humanidade que, durante o conhecido período do Iluminismo, se traduziu no racionalismo moderno e na ciência. No entanto, apesar deste período de luzes e de declínio da magia, a crença numa visão mágica do mundo manteve-se, uma vez que fazia parte do grande arcaboiço imemorial do ser humano.

4. Idade Contemporânea

Durante o século XVII, a magia foi considerada cada vez mais irracional, muito por causa do progresso científico e técnico. Nessa altura, os que praticavam as artes ocultas remeteram-se ao silêncio, originando a formação de várias sociedades secretas, entre as quais a teosófica, a rosa-cruz e a maçonaria²⁶⁶. Apesar deste novo afloramento do oculto, no século XVIII, assistimos a um acentuado declínio do elemento mágico. A magia não mais viria a ocupar uma posição tão destacada como aquela que tinha aquando da Idade Média e inícios da Idade Moderna, pelo menos na Igreja Católica.

Neste sentido, observando os capítulos do passado, mas ao mesmo tempo os do presente, vemos que na contemporaneidade, ao contrário do que se fazia prever, o pensamento mágico não deixou de fazer parte de uma realidade aterradora que escraviza as pessoas de todo o mundo. Atualmente, mais do que uma magia supersticiosa, encontramos uma superstição mágica, nociva e alienante que deixa o ser humano completamente impossibilitado de sair do círculo vicioso em que entrou²⁶⁷. O fenómeno da magia apresenta-se com aspetos notavelmente complexos e diversificados, abrangendo desde formas gerais de superstição a práticas mágicas de diferentes níveis, que vão desde o espiritismo até à

²⁶⁶ Cf. Susan GREENWOOD, *op. cit.*, pág. 161.

²⁶⁷ Cf. Pedro José GONZÁLEZ-QUEVEDO, *op. cit.*, pág. 210-211.

adivinhação, chegando mesmo a grupos e seitas satânicas²⁶⁸. Mas como é possível explicar que se constate, numa época caracterizada pelo desenvolvimento do pensamento racional e científico, uma difusão tão ampla e vasta de atividades do tipo mágico-ocultistas?

Num primeiro momento é visível que, sem juízo crítico e amadurecimento pessoal, o seguidor das ideias mágicas está

“absolutamente dominado pelo intuicionismo: as suas ideias não afluem mediante raciocínio, mas sim mediante intuições, quer dizer, sentimentos, que se traduzem em preconceitos. As suas convicções são completamente impermeáveis à experiência e à contradição. Pré-lógicos como são, resistem invencivelmente a toda a tentativa de intromissão lógica”²⁶⁹.

Depois, o incremento deste fenómeno, pelo menos em termos gerais, pode estar conexo a questões existenciais, como a necessidade de concepções englobantes ou totalizantes da vida, capazes de justificar o mistério que a rodeia, a procura de libertação do mal, da dor e do medo da morte, a procura de seguranças que permitam ultrapassar situações de angústia, de temor e incertezas do amanhã e a necessidade de encontrar pontos de referência²⁷⁰. Também pode estar ainda conexo à

“procura confusa de «factos extraordinários e milagrosos» que, inclusivamente, se encontram em meios cristãos: uma procura que recorre por vezes a um falso misticismo ou a fenómenos de «revelações privadas» e que chega até a transmutar-se em referências demonológicas, sem qualquer comprovação racional e fora de uma autêntica maturidade da fé”²⁷¹.

Estas questões reais e dramáticas levam alguns a tomar um atalho, ou seja, estruturas ou pessoas que se apresentam sob a aparência do “sobrenatural”, na expectativa de estas darem a solução para as interrogações e as dificuldades da vida. Contudo, ao mesmo tempo que este fenómeno se enraíza e cresce, este mundo, que está baseado numa mentalidade lógico-crítica,

²⁶⁸ Cf. *Ibidem*.

²⁶⁹ Pedro José GONZÁLEZ-QUEVEDO, *op. cit.*, pág. 211.

²⁷⁰ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL DA TOSCÂNIA, *op. cit.*, pág. 14.

²⁷¹ *Ibidem*.

presenteia o supersticioso, com a marginalização, o que não ajudará em nada no processo de libertação.

O então cardeal Joseph Ratzinger, de forma lúcida, denunciou há alguns anos:

“A cultura ateia do Ocidente moderno vive ainda graças à libertação do medo e dos demónios trazida pelo Cristianismo. Porém, se a dita luz redentora de Jesus Cristo chegar a extinguir-se, pese embora toda a sua sabedoria e tecnologia, o mundo mergulhará no terror e no desespero”²⁷².

É, de facto, com e sobre estes sinais que o mundo e a Igreja estão despertados. Hoje assistimos a um retorno das forças obscuras através de diferentes vias, que vão desde as várias formas de feitiçaria contemporânea, onde as pessoas de ambos os sexos trabalham sozinhas ou em conjunto, até à Nova Era, que possui uma vastíssima variedade de expressões e crenças. Um dos pontos que todas estas demonstrações do oculto têm em comum é o facto de muitos dos seus seguidores procurarem a comunicação com aquilo que frequentemente se designa por “outro mundo”, definido e personificado de várias maneiras. Assistimos, também, a um alargamento do contexto da demonologia, do conceito dos agentes da magia e dos cultos satânicos.

No seguimento da visão contemporânea do fenómeno da magia e dos seus agentes observamos que, se antigamente o bruxo não pretendia fazer milagres, reservados unicamente aos mensageiros de Deus, mas antes se encontrava na margem completamente oposta a estes, uma vez que se dizia que fazia um pacto com o demónio, hoje há muitos bruxos que se apresentam como mensageiros do próprio Deus. Na atualidade, bruxo não só é quem pretende comunicar com o Diabo como quem pretende comunicar com exús e orixás, com espíritos dos mortos ou com outros seres imaginários, tais como fadas, elementares e habitantes de outros planetas. Neste sentido, o bruxo destaca-se como uma pessoa à qual se atribuem ou que realiza ações estranhas, próprias de uma mente doentia²⁷³.

²⁷² Joseph RATZINGER, Diálogos sobre a fé, Ed. Verbo, Lisboa, 1985, pág. 50.

²⁷³ Cf. Óscar GONZÁLEZ-QUEVEDO, *op. cit.*, pág. 309-310.

O mesmo se pode notar na concepção de feitiçaria e de feiticeiro. Efetivamente, a adoção desta prática e dos seus agentes anda muito distante daquela que a Igreja cristã proclamava durante as suas perseguições. A feitiçaria constitui, nos dias que correm, uma nova espiritualidade que venera a natureza, o que a retira da ligação com o diabo e com atos maléficos. Em estreita simbiose com a natureza e as mudanças de estações no mundo natural, experimentadas sob a forma de um conhecimento intuitivo, a feitiçaria atual vai buscar as suas raízes à antiguidade. A figura do feiticeiro, deixando de ser sinónimo de pessoa anti-social a quem as comunidades atribuem poderes mágicos e sabedoria, passa a ser entendido como uma pessoa em perfeita sintonia com as forças da natureza, vista como sagrada²⁷⁴.

Os agentes da magia, concretamente os magos, são ainda hoje em dia considerados adeptos do diabo que, praticando o mal, são parcelas de uma força cósmica maligna que trabalha contra as forças do bem, isto é, contra Deus. No entanto, nenhuma destas formas de ver os magos corresponde àquela que eles reclamam para si. A imagem que estes adeptos querem fazer valer e crer, que é a sua verdadeira imagem, é a de que os poderes mágicos que utilizam não têm finalidades negativas e destrutivas, mas somente positivas, ou seja, de cura²⁷⁵.

A par de toda esta realidade caminha a Igreja de Jesus Cristo. Desde a sua génese o povo da aliança do Sinai tinha recebido o mandamento de Deus, que proibia honrar outros deuses, além do único Senhor que Se lhes tinha revelado. Assim, esta Igreja fiel à aliança com Deus procurou, ao longo da sua história e concretamente na atualidade, reprovando todas as práticas que se colocam à margem do respeito e da honra e que transparecem algum desvio do sentimento religioso e das práticas que ele impõe.

Exemplo paradigmático desta falta de temor amoroso para com Deus é a adivinhação e a magia. Por um lado, a adivinhação que, segundo o Catecismo da Igreja Católica, deve ser recusada, pois o

²⁷⁴ Cf. Susan GREENWOOD, *op. cit.*, pág. 186.

²⁷⁵ Cf. *Idem*, pág. 216.

“recurso a Satanás ou aos demónios, evocação dos mortos ou outras práticas supostamente «reveladoras» do futuro. Consultar horóscopos, recorrer à astrologia, à quiromancia, à interpretação dos presságios e das sortes, aos fenómenos de vidência e aos médiuns, tudo isso é capa duma vontade oculta de dominar o tempo, a história, os homens, ao mesmo tempo que é desejo de conluio com os poderes ocultos”²⁷⁶.

Por outro lado, a magia ou a feitiçaria que, espelhadas numa sede de domínio de poderes ocultos e obtenção de poderes sobrenaturais ao serviço de um agente sobre o próximo, são, no entender da doutrina da Igreja, ainda que para o bem e cura, “gravemente contrárias à virtude da religião. Tais práticas são ainda mais condenáveis quando acompanhadas da intenção de fazer mal a outrem, recorram ou não à intervenção dos demónios”²⁷⁷. De igual modo, acrescenta-se que o espiritismo, tendo em si muitas vezes práticas mágicas e divinatórias, merece cautela por parte dos crentes e o uso de amuletos é repreensível²⁷⁸.

Em síntese, assistimos, na atualidade, a um retorno impressionante às práticas ocultas. Este fenómeno tende a impor-se na vida social e pessoal de muitas pessoas, daí que a advertência bíblica seja hoje mais atual do que nunca. Sem perseguições, a Igreja fundada pelos apóstolos e fiel ao mandato do Senhor, vai apontando caminhos pelos quais os crentes devem virar-se. Os crentes devem deixar-se habitar pela fé na vitória do Senhor ressuscitado que, vencendo o Maligno, trouxe uma nova vida, repleta de luz e de graça²⁷⁹.

²⁷⁶ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1993, 2116.

²⁷⁷ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1993, 2117.

²⁷⁸ Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1993, 2117.

²⁷⁹ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL DA TOSCÂNIA, *op. cit.*, pág. 13-16.

CAPÍTULO IV

O HOJE DOS CRISTÃOS E BRUXAS NA DIOCESE DE BRAGA

IV. O hoje dos cristãos e bruxas na Diocese de Braga

Colocadas as bases para nos situarmos correctamente perante o tema, vamos agora passar à análise da prática e frequência da bruxaria, entre os crentes, na diocese de Braga. É claro que ao tratar desta temática temos a consciência de nos estarmos a meter num terreno bastante delicado, por isso, cremos ser fundamental, antes de mais nada, delimitar muito claramente o campo e os pontos sobre os quais nos vamos debruçar.

Esta primeira manifestação de “bulimia de irracional”²⁸⁰ encontra-se espalhada um pouco por todo o lado. Este fenómeno é visível mediante o crescente aumento da imprensa ocultista, “que tem claramente perante o oculto uma atitude de crença (e não uma atitude estética como a da imprensa fantástica, ou científica como a da imprensa parapsicológica)”²⁸¹. Nesse sentido, através dos anúncios publicitários nos *mass media*, em programas de televisão, cujo tempo de antena está reservado exclusivamente para o tipo de práticas ocultas, vemos um claro aumento e até dedicação. Se há alguns anos atrás tínhamos, em Portugal, uma só estação de televisão a transmitir um programa de índole ocultista, com um espaço de antena pouco significativo, agora passamos a ter três canais, que de ano para ano vão reservando cada vez mais tempo, contando com um público cada vez mais numeroso e crente em tudo aquilo que dizem e fazem, a estas práticas. Mas estaríamos a ser inocentes se apontássemos só a televisão como o único meio por onde o ocultismo se tem difundido. Este também está a crescer e a demarcar na imprensa escrita, com especial destaque para os jornais, que se encontram em cada banca. No presente momento temos jornais como; o Jornal de Notícias, Correio do Minho, Correio da Manhã, que contam com, pelo menos, uma página para anúncios de astrólogos, videntes, médiuns, entre outros. O mesmo acontece no âmbito da literatura²⁸². Podemos observar que são cada vez mais os livros cujo título sugere o mundo do oculto e cada vez mais os leitores, que comprando devoram, devotamente, com a leitura, exemplo

²⁸⁰ Jean VERNETTE, *op. cit.*, pág. 8.

²⁸¹ *Ibidem.*

²⁸² Cf. Antoine FAIVRE, *op. cit.*, pág. 7.

disto são os livros de Paulo Coelho. Perante tal cenário são várias as questões que assombram o nosso pensamento. De facto, como discernir o que há de engano e autêntico no universo de oculto? O que se passa com o ser humano, para procurar ajuda, nestas pessoas e locais, para os enigmas da vida e cura da alma e corpo?

Contudo, este florescer do interesse pelo desconhecido traz conexo a si “manifestações elementares de inquietação religiosa”²⁸³. Por sua vez, esta inquietação será recuperada por seitas ou pessoas, que a par de um saber sagrado entroncam em grande parte nas ciências ocultas. “Desenvolve-se assim uma «espécie de microcultura», tocando os domínios pouco explorados do infra-religioso”²⁸⁴, fazendo nascer assim grupos que substituem as religiões.

Efectivamente, a relação mais ou menos permanente entre os crentes e pessoas que se dedicam à bruxaria continua a ser um facto bem real e em plena expansão, hoje tal como no passado, como nos mostram as entrevistas feitas aos bruxos. Na verdade,

“espíritos com contas bancárias; bruxos que se aproveitam do corpo das clientes; espíritos que determinam o preço da consulta; espíritos que não sabem que morreram; pulseiras ionizadas que dão felicidade às pessoas; campas assaltadas e violadas na sua muda solidão não são coisas do outro mundo ou então factos que já passaram à história”²⁸⁵.

Com efeito, o bruxo 1 afirma chegar a atender, por mês, oitocentas pessoas, homens e mulheres, de todas as idades (cf. doc. 1) e o bruxo 2 vê, no espaço de onze anos, em alguns meses, a clientela subir de cem para quinhentas pessoas, ainda assim mais mulheres do que homens (cf. doc. 2). Mas será que toda esta expansão, que espelha as inquietações e entrega do ser humano aos agentes do oculto, tem um custo? Segundo os bruxos 1 e 2, testemunhamos não existir qualquer custo, mas somente aquilo que a pessoa quiser dar. No entanto, o bruxo 1 afirma que se lhe disserem que estão desgraçados e vêm de carro, exige que lhe paguem, senão chama as autoridades (cf. doc. 1); o bruxo 2 acrescenta que tem produtos a vender (cf. doc. 2). Já na óptica dos frequentadores, verificamos que a

²⁸³ Jean VERNETTE, *op. cit.*, pág. 9.

²⁸⁴ *Idem*, pág. 10.

²⁸⁵ J. CARNEIRO DA COSTA, *op. cit.*, pág. 45.

remuneração destas consultas é uma realidade. Apenas o frequentador 2 e 7 dizem não ter pago qualquer montante em dinheiro.

Por sua vez, as razões para a permanência nesta situação encontram-se, fundamentalmente, no facto de o sagrado e o profano, o religioso e o supersticioso andarem sempre muito interligados na crença popular.

“De facto, se participar na Eucaristia é um acto bom e até obrigatório para o católico nos Domingos e Festas de Guarda, o mesmo não se pode dizer do «mandar dizer ou ouvir» um certo número de missas. Ou então, se rogar uma praga é prejudicial para a pessoa a quem se roga, muito mais prejudicial, porque mais eficaz, se tal praga se roga «entre o pão e o vinho», isto é, entre a elevação da hóstia e do cálice”²⁸⁶.

O povo, misturando tudo, junta o útil ao agradável. Veja-se o caso da cruz que em muitos funciona como mero objecto de adorno, mas que para outros serve para bem mais, ou seja, para evitar o mau-olhado ou então para trazer a sorte ou afastar o azar.

“Diz a nossa gente: «coisinhas do Senhor, quantas mais melhor» mesmo que tal deus não seja Deus. Muitas vezes estas práticas têm origem directa no paganismo e a elas foi acrescentado ou adaptado algo relacionado com o fenómeno cristão. «Pelo sim, pelo não o melhor é estar bem com os dois! Nunca fez mal nenhum acender uma velinha a Deus e outra ao Diabo»”²⁸⁷.

A estes factos se junta, nos tempos actuais, a inquietação ancestral perante o desconhecimento de si e os fantasmas da doença, dos dias-não da vida, das preocupações, enfim, da morte. Se, por um lado, a teoria diz que o nível cultural mais elevado afasta práticas menos razoáveis, clarifica a mente humana e desfaz mitos, por outro, a prática parece mostrar-nos que outras práticas se acentuam, outros mitos se levantam e reinam nas pessoas, fazendo com que menos ideias claras haja sobre o ser humano e as suas questões.

Face a isto, que acção pastoral exercer? Será que a Igreja e os seus agentes pastorais têm alguma responsabilidade pelo facto de fazer parte dos cenários da quotidianidade das gentes uma proliferação de práticas ocultistas e o recrudescimento de fenómenos para-religiosos?

²⁸⁶ J. CARNEIRO DA COSTA, *op. cit.*, pág. 37.

²⁸⁷ *Idem*, pág. 38.

Será que os cristãos, que frequentam os sacramentos, eucaristia e reconciliação, e professam a fé num Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo, que cura, salva, perdoa e liberta, têm consciência do que estão a fazer quando vão à bruxa? Será possível casar Deus e as bruxas e bruxos? Segundo o Papa Bento XVI, no ser humano, criado à imagem de Deus, existe a sede do divino. Por isto, o ser humano não pode limitar-se ao finito, ao empírico: “ a perspectiva do seu ser é a de entrar na esfera divina, de sair da pura realidade física e tocar uma realidade mais profunda”²⁸⁸. Porém, continua o Papa Bento XVI, este desejo perdeu-se, porque “parece demasiado difícil andar realmente à procura de Deus, elevar-se e deixar-se elevar pelo Amor Divino e chegar assim a um verdadeiro encontro com Deus pessoal, que me criou e me ama”²⁸⁹. Na realidade; “as aventuras passageiras são mais fáceis do que um amor profundo, o amor de uma vida. E tal como nesta vida humana um amor fiel, um verdadeiro amor que vai até ao mais profundo do nosso ser, exige um empenho bem diferente do das aventuras fáceis, também as realidades espirituais exigem um empenho profundo, uma fidelidade, uma disciplina interior, a humildade de traçar a própria vida no seguimento de Deus”²⁹⁰. Aqui está presente a doutrina fundamental da Igreja, onde, por um lado, encontramos a natureza criada por Deus, e por outro, esta tendência que se lhe opõe, isto é, o pecado original. Este caminho é claramente uma busca pelo fácil, uma busca por não se submeter ao amor e ao poder divinos, uma busca por dominar a realidade, que no entender do Papa Bento XVI constitui uma perversão da relação mais profunda do nosso ser: “em vez de adorar a Deus, de se submeter a Deus, o homem tenta controlar a realidade, usando esses poderes ocultos”²⁹¹. Continuando, o mesmo Papa diz que sem o demónio, “que provoca esta perversão da criação, não seria possível todo este mundo de ocultismo e de magia”²⁹².

²⁸⁸ Marco TOSATTI, *Dicionário do Papa Ratzinger*, Ed. Paulus, Lisboa, 2006, pág. 77.

²⁸⁹ *Ibidem*.

²⁹⁰ *Ibidem*.

²⁹¹ Marco TOSATTI, *op. cit.*, pág. 78.

²⁹² *Ibidem*.

Neste sentido, comprovamos como alguns crentes se entregam ao ocultismo, por um lado, tendo noção de que bruxas e Deus são inconciliáveis e, por outro, como uma ofensa a Deus, mas por necessidade na vida.

Preludiados por estes pontos que nos indicam qual o campo de reflexão, neste capítulo propomo-nos proceder a um estudo que teve por base a entrevista, como método de recolha de informação, que nos permitirá esclarecer e retirar elementos de reflexão muito ricos e matizados²⁹³. Este método, aplicado na área circunscrita à diocese de Braga, contou com a colaboração de dois bruxos(a), apesar de terem sido abordados oito, que num primeiro momento se mostraram disponíveis, mas depois, tomando conhecimento da seriedade do estudo, fecharam-se e recusaram prestar qualquer esclarecimento. Aliás, um dos bruxos, aquando da abordagem, respondeu que o nosso objectivo era fazer experiências com ele e outro que nenhuma das perguntas tinha a ver com ele. Contou, além disso, com a colaboração de oito frequentadores, com idades compreendidas entre os 18 e os 80 anos, sete do sexo feminino e um do sexo masculino, de condição social remediada, com excepção do frequentador 2 que se considera de condição social pobre; todos afirmaram professar o catolicismo. Por último, neste estudo foram entrevistados três padres, que estão mais directamente ligados ao atendimento e ajuda de pessoas com problemas/dificuldades e de alguma forma associadas a este âmbito.

1. Os bruxos e bruxas diante da sua práxis!

Olhando para a bruxaria como um conjunto de teorias e práticas presentes em quase todas as civilizações e tempos, considerando que os seus agentes se conseguem relacionar directamente com as forças do bem, obtendo favores para quem as consulta, e mais

²⁹³ Cf. Raymond QUIVY, Luc Van CAMPENHOUDT, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Ed. Gradiva, Lisboa, 2003, pág. 192.

frequentemente com as forças do mal, obtendo poderes extraordinários, colocámos algumas perguntas aos bruxos e bruxas, da diocese de Braga, no sentido de compreender, não só a forma como interpretam e descrevem as suas práticas, mas também o que elas compreendem na sua realização, nos dias que correm.

Em geral, parece que as mulheres exercem mais a feitiçaria do que os homens. As bruxas não gostam muito que as apelidem com este nome e preferem chamar-se mulheres ou homens de virtude, videntes ou médiuns. Estas bruxas e bruxos dizem ouvir vozes e ter visões ou estar em contacto com as almas do outro mundo. Reivindicam para si um dom e, como facto, que nasceram com uma missão especial a cumprir. Na realidade, normalmente estes agentes do oculto foram crianças enfermas, o que faz denotar, além da debilidade da saúde física, a debilidade da saúde psíquica. Outros bruxos e bruxas não realizam as suas práticas, a não ser para ganhar dinheiro.

Neste sentido, atendendo à primeira pergunta, que procura apurar o olhar dos bruxos perante as suas práticas, os entrevistados começaram por salientar a problemática da morada aberta como uma condição *sine qua non* para iniciar-se nas práticas ocultistas (cf. doc. 1 e 2). Na realidade, a morada aberta permite que a pessoa se veja dotada de poderes sobrenaturais concedidos por Deus para ajudar as pessoas (cf. doc.1). Contudo, isto não é suficiente, uma vez que é fundamental que a estes dons se junte uma vontade e necessidade de os cultivar, como refere o documento 2:

“Se eu parar de fazer este trabalho, deixo de conseguir entrar numa igreja. Por exemplo, às vezes vou de férias e, se eu não cultivar ou fizer estes trabalhos, começo a andar pior. Para isso, procuro fazer certas coisas para mim própria, normalmente com fotos que tenho sempre em casa, porque senão começo a inchar. Também conto com as minhas orações, que me ajudam a libertar. Estas orações têm um carácter secreto, mas são todas da religião católica. No fundo, as orações são sobre o Credo e outras que a Igreja contempla. Mas tenho uma oração que é mesmo minha, criada por mim e – essa não revelo a ninguém” (doc. 2).

As perguntas quatro, cinco e seis permitem-nos ir mais longe no conhecimento destas práticas e seus agentes. De facto, é fundamental perceber se nos trabalhos que os bruxos e

bruxas realizam está patente o bem ou o mal, isto é, a magia branca ou a magia negra. Desta forma, há que ressaltar que ambos os entrevistados responderam que praticavam somente a magia branca, a magia do bem, uma vez que “a magia negra é para destruir, para matar” (doc. 1). O entrevistado do documento 1 afirmando que é um bruxo do bem diz que:

“A magia negra é feita de várias maneiras. Há um ritual, isto é, uma missa cantada e oferecida a Lucifer, ou a Satanás ou à Besta. Essa oferenda pode ser feita no cemitério, numa encruzilhada, à beira mar, onde o bruxo(a) do mal entender que deve ser realizada” (doc.1).

Ainda neste documento é referido que para a magia negra são usadas orações adequadas, por exemplo com um osso de defunto, animais torturados até à morte, charutos cubanos, galinhas pretas, terra do cemitério, fotografias das pessoas que são para destruir, e hóstias consagradas, que devem ser utilizadas quando “o padre ergue a hóstia e o cálix e diz: - «Tomai comei e bebei todos este é o Meu corpo, este é o Meu sangue da nova e eterna aliança, que vai ser derramado por vós»” (doc. 1). Nestas palavras

“o bruxo(a) do mal pega na fotografia e pega na hóstia consagrada e entre esta oração que eu referi atrás e o cálix é-lhe rogada uma praga a essa pessoa. Tudo isto tem lugar dentro da casa de Deus, que são as Igrejas, sempre à beira da Pia do Baptismo. O bruxo(a) depois de fazer este ritual dentro da Igreja dá continuidade a este seu trabalho nas encruzilhadas, onde chega à situação de colocar velas pretas, a foto das pessoas em causa no meio e a hóstia consagrada completamente picada por um prego de caixão de um defunto. Todo este ritual é levado a uma campa do cemitério” (doc.1).

Por sua vez, o entrevistado do documento 2 declara que nunca usou magias negras. Logo que começou a realizar os trabalhos, afirma o mesmo, jurou que iria sempre ajudar as pessoas e nunca fazer mal (cf. doc. 2). Contudo, acrescenta que existem pessoas que praticam a magia negra. Estas pessoas, depois de a praticarem, vêm-se impossibilitadas de ajudar no bem, pois perdem os seus dons. Nesta impossibilidade, dedicam o resto da sua vida a fazer o mal. Espelho disto são as muitas pessoas que aparecem e se queixam que lhes apareceu à porta “carne, ossos, pós, terra do cemitério e até velas” (doc. 2). Estas magias revelam-se para o entrevistado um duro trabalho, um sofrimento. Elas implicam ir à própria casa da pessoa e trabalhar a fundo (cf. doc. 2).

Posto isto, acresce que “muitos bruxos que se veem diante de um caso de magia negra têm a necessidade de passar para o lado de Lúcifer, a fim de lhe pedir permissão para alagar essa feitiçaria” (doc. 2) Este não precisa de fazer tal, porque, quando passa para além da porta das pessoas, consegue logo sentir se alguém fez alguma coisa, o seu corpo dá sinais. Depois de sentir isso, sabe qual a pessoa que fez o mal, mas não revela a identidade para não haver mais problemas (doc. 2).

Em contraposição com este, temos o bruxo(a) do documento 1, que refere que na presença de certos casos tem de usar rituais satânicos, afirmando a existência de espíritos malignos que não querem ser libertados para o bem e que impedem todos os caminhos para chegar ao Reino de Deus. Este bruxo(a) diz que

“só tem uma coisa a fazer, isto é, excomunga-lo e mandá-lo para o mar coalhado, onde o espírito vai permanecer toda a vida. Para que se possa proceder a isto temos que pedir às pessoas do mar se nos dão licença de fazer um ritual, porque este espírito não quer ser libertado para o bem” (doc. 1).

Para estes, diz que tem uma lista de nomes de pessoas, que vestidas a rigor, fazem consigo os cânticos e danças a sataná (cf. doc. 1).

Desta forma, concluímos que os bruxos na diocese de Braga, dotados supostamente de dons, praticam a magia branca, muitas vezes confundida com algumas práticas satânicas, ou seja, a magia negra.

“A expressão «magia branca» pode relacionar-se com duas práticas muito distintas. Pode entender-se como arte de realizar prodígios através de meios naturais; neste sentido, equivale aos jogos de prestidigitação ou aos fenómenos de ilusionismo. É evidente que semelhante arte, por não utilizar elementos ilícitos e não ter objectivos desonestos, em si mesma é inofensiva e legítima. (...) Mas é totalmente diferente se, por «magia branca», se entendem formas de intervenção que pretendem alcançar objectivos, ainda que sejam aparentemente benéficos, como o restabelecimento de uma relação sentimental, a cura de uma doença, a resolução de problemas económicos”²⁹⁴.

²⁹⁴ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DA TOSCÂNIA, *op. cit.*, pág. 21.

Esta última é a forma de magia a que este estudo se refere. Contudo, mais grave é a magia negra. Nesta, de forma directa e indirecta, o bruxo recorre a poderes diabólicos para fins maléficis ou para influenciar o curso dos acontecimentos, ou para o seu próprio interesse.

“Esta forma de magia é uma verdadeira expressão de anticulto, que procura que os seus seguidores se transformem em «servidores de Satanás». Compreende todos esses ritos esotéricos, com fundo satânico, que tem o seu ponto culminante no que se denomina por «missas negras»²⁹⁵.

Ainda assim, os bruxos veem aquilo que fazem como bom, pois as pessoas que recorrem aos seus serviços, depois de uma sessão, sentem-se bem, libertadas dos seus problemas (cf. doc. 2).

2. Os símbolos presentes nos nossos bruxos

No ponto anterior, foi-nos possibilitado compreender como a prática da bruxaria é vista e interpretada pelos seus agentes. De igual modo, o presente estudo revelou-se também uma oportunidade de ajuizar sobre o destino da bruxaria, isto é, o bem, expresso na magia branca, e o mal, expresso na magia negra, sem com isto esquecer que a distinção entre estes dois é relativa, uma vez que se misturam muito facilmente - o que para mim pode trazer benefícios para o meu vizinho pode traduzir-se em malefícios. Por sua vez, neste segundo ponto, pretendemos continuar a desvelar o desconhecimento da prática da bruxaria, agora segundo a temática dos símbolos e o seu significado. Neste aparte, não teremos somente a visão dos bruxos, mas também daqueles que os frequentaram.

Ao longo do dia, da noite, na linguagem, nos gestos e nos sonhos, o ser humano apercebe-se, ou não, de que utiliza símbolos. Os símbolos dão rosto aos desejos, modelam comportamentos e atraem êxitos e fracassos. Todas as ciências humanas, artes e todas as

²⁹⁵ *Ibidem.*

técnicas que estão presentes na vida do homem encontram símbolos no seu caminho²⁹⁶. “O símbolo vem preencher lacunas de expressão, vem suprir a insuficiência da linguagem, ele caminha e esclarece muitas almas”²⁹⁷. Isto mostra que vivemos num mundo repleto de símbolos e que um mundo de símbolos vive em nós.

Desta forma, segundo os dados das entrevistas, podemos ver que os símbolos estão e são utilizados pelos bruxos nos seus trabalhos. Os símbolos que utiliza o bruxo(a) 1 são: “cruz, terço, anjos, chaves do sacrário e santos” (doc. 1). Já o bruxo 2, além dos símbolos do bruxo(a) 1, utiliza o *Agnus Dei*, medalha milagrosa, velas brancas, água e sal benzidos e o olho-turco (cf. doc. 2).

No que respeita ao significado destes símbolos, é fundamental referir que ambos os bruxos(a) foram muito parcios nas suas respostas. Assim sendo, o bruxo(a) 1 vê na cruz, símbolo por excelência, Cristo: “Para mim a cruz significa Cristo. Através de Cristo pedimos ao Pai, pedimos que o Filho interceda por nós junto do Pai e dos seus discípulos porque Ele tem o poder para tal” (doc. 1). Por conseguinte, para este agente do oculto, o terço, à imagem de outras orações, serve para rezar pela purificação do espírito que habita dentro de uma pessoa; os anjos, pertencentes a Deus, são escolhidos para protegerem o Filho do Homem; as chaves do sacrário são utilizadas para fechar a morada aberta e os santos, que não são estas imagens que se encontram na sala, mas por estas os que se encontram no céu. No entanto, acautela que os símbolos que não são de Deus ou litúrgicos são satânicos e que tudo o que é vendido em lojas esotéricas não faz parte do espiritismo e do sobrenatural, sendo simplesmente ingredientes falsos, meios para extorquir dinheiro às pessoas (cf. doc. 1).

Em todo o caso, o bruxo(a) 2 refere que a cruz não é Deus, porque Deus não está ali (cf. doc. 2).

“Para mim, tenho a cruz como um símbolo muito especial, porque ela ajuda-me a comunicar com Deus, que nela sofreu. Como na cruz está representado o que Deus sofreu, e

²⁹⁶ Cf. J. CHEVALIER, A. GHEERBRANT, *op. cit.*, pág. 15.

²⁹⁷ Aarão de LACERDA, *O fenómeno Religioso e a Simbólica*, Col. Filosofia & Ensaaios, Ed. Guimarães Editores, Viseu, 1998, pág. 93.

como sofreu, tenho oportunidade de ali ganhar força para auxiliar, para mostrar um caminho àquela pessoa que me procura no seu desespero. A cruz de Jesus Cristo, como refiro sempre às pessoas, é um amparo e uma protecção na vida” (doc. 2).

Assim sendo, continua expondo que o *Agnus Dei* e a medalha milagrosa são benéficos e aconselhados às crianças; invoca os santos, e com especial devoção a Senhora da Guia, que, em todas as manhãs, é invocada porque ajuda na questão das guias abertas; o Menino Jesus das Pragas livra das maldições e o Santo António auxilia no tratamento de muitos casamentos que passam por crises e pessoas que sofrem de feitiços; a água benta e o sal têm um carácter sagrado (cf. doc. 2).

“A água benta para mim significa a paz. Ela é benzida por um padre. Eu tenho água benta, não porque tenha sido eu a arranjá-la, mas tenho conhecimentos que ma arranjam. Não tento arranjar eu, junto de um padre, porque eles a mim não ma dão. A água benta tem um grande significado, porque nos lembra quando fomos baptizados. O sal tanto dá para o bem como para o mal. Quando eu vejo que as pessoas estão carregadas pelo mal, eu recomendo que elas tomem um banho com sal e folhas de oliveira. Não é preciso ser um sal especial, comprado nas ervanárias ou lojas exotéricas, tem de ser sal puro, usado somente com a finalidade de libertar” (doc. 2).

Para além destes símbolos, ao contrário do outro bruxo(a) entrevistado(a), usa amuletos, no caso o olho-turco, que recomenda aos seus clientes, afirmando que depois de comprar este amuleto e de o pôr em sua casa começou a ter significado, pois ajudou a livrar do mal de inveja (cf. doc. 2).

Por seu turno, as entrevistas aos frequentadores dos bruxos(a), permitiram-nos não só asseverar a comparência da realidade simbólica na bruxaria, como os símbolos que dela fazem parte. Efectivamente, alguns começaram por afirmar que os símbolos presentes nos consultórios dos bruxos(a) pertencem à Igreja católica (cf. docs. 3, 5 e 9), tal ficando a dever-se, segundo um frequentador inquirido, a uma tentativa de criar unidade entre a bruxaria e a Igreja e atrair os cristãos para estes lugares (cf. doc. 9).

Posto isto, no compito geral das respostas foi salientada a presença da cruz. A juntar a este símbolo estão os santos, como por exemplo Santo António, a Beata Alexandrina de

Balasar, Santa Bárbara e São Jorge (cf. docs. 7 e 9), evidenciados por todos os frequentadores, à exceção do frequentador 4; Nossa Senhora, evidenciada somente pelos frequentadores 1, 3 e 5 (cf. docs. 3, 5 e 7); o terço, referido pelo frequentador 7 (cf. doc. 9); a Bíblia e amuletos, como por exemplo o olho da sorte, pretos velhos, sacos de água à porta, charutos cubanos e cachaça, evidenciados pelo frequentador 1 (cf. doc. 3); a imagem da Sãozinha de Alenquer salientada pelo frequentador 2 (cf. doc. 4); a chave do sacrário confirmada pelo frequentador 3 (cf. doc. 5) e amuletos caseiros, salientado pelo frequentador 8 (cf. doc. 10).

Na continuação da pergunta, se foi ou não aconselhado a usar algum tipo de amuleto ou símbolo, podemos dizer que 50% respondeu afirmativamente e 50% negativamente. Desta forma, o frequentador 1 afirma: “cheguei a usar junto ao peito sal e uma cruz oferecida por uma bruxa, que com o tempo percebi que estava amaldiçoada e deitei-a fora. Uma destas mulheres, a certa altura, pediu que lhe levasse charutos cubanos de melhor e cachaça” (doc. 3). Por sua vez, o frequentador 3 relatou:

“Primeiro, aconselhavam-me a dormir com uma cruz debaixo da almofada, depois a andar com uma chave, dita do sacrário, presa a um fio colocado ao pescoço, para fechar a morada que estava aberta. Se esta chave fosse em ouro tinha um custo de 50€, se fosse em prata era mais barata. Elas tinham a vender, mas geralmente mandava-nos ir a um padre” (doc. 5).

Já o frequentador 6 disse que foi aconselhado a andar com um fio constituído por missangas, cujo significado desconhece até á data (cf. doc. 8), e o frequentador 8 disse que foi aconselhado a andar como uma espécie de amuleto caseiro, composto por um saco e alho, que servia para proteger do mal de inveja (cf. doc. 10).

Nesta lógica, podemos concluir, antes de mais, que na simbólica há uma simbiose entre a religião cristã e os bruxos. Na realidade, os bruxos servem-se dos símbolos cristãos para mostrarem que são cristãos e para realizarem os seus rituais. Porém, descontentes com os símbolos cristãos, associam-nos a amuletos e símbolos satânicos, numa tentativa de arranjar supostas soluções e respostas para todos os problemas.

Consequentemente, são muitas as pessoas, normalmente supersticiosas e com problemas difíceis de resolver, dispostas a acreditar em tudo e de tal modo, que se entregam e compram Cristo e Satanás. Destes objectos e símbolos não se pode dizer muito.

“A simples razão leva-nos a pensar no absurdo que é atribuir a coisas materiais um tão grande poder na nossa vida. Como pode uma simples cruz ou medalha comandar a minha vida? Afinal, sou uma pessoa livre que vai construindo o seu destino ou sou um boneco subjugado pelo suposto poder mágico de certas coisas ou pessoas”^{298?}

“A «fé» estigmatiza-se; parece «plastificada» em certos objectos mediadores, como se se tratasse duma solidificação do absoluto e do mistério”²⁹⁹. Os símbolos “convidam a penetrar na realidade empírica que serve de fundo ao quotidiano, procurando uma espécie de «transcendência» do universo habitual da vida diária, dado que à permanência plástica das formas sucede uma permanência dinâmica das significações”³⁰⁰.

Por isto, a simbólica não deixa de ser uma realidade para a religião cristã. No seio da vida quotidiana, além das celebrações, ritos e gestos, os símbolos constituem marcas de crenças ou indícios de transcendência³⁰¹. O símbolo, contendo uma grande massa de significado, oferece uma percepção rápida e contagiosa. Ele tem um papel fundamental na vivência da fé e na relação com o transcendente, pois o significante permite-nos chegar ao significado. Porém, colocar a confiança em amuletos, à luz cristã, é repreensível³⁰², sendo o mesmo que renegar a Deus. Na verdade, Jesus disse: “Adorarás o Senhor, teu Deus, e só a Ele prestarás culto” (Mt 4, 10). Assim, se alguém coloca a sua confiança e o futuro num objecto qualquer, está, sem dúvida, a dar a um ídolo, um falso deus, o lugar verdadeiro que deve ser ocupado somente por Deus³⁰³.

²⁹⁸ E. M. COUTO, *Cristãos e Bruxas: Reflexão Pastoral sobre bruxaria e práticas supersticiosas*, Ed. Conselho Pastoral de S. Paio de Antas, Esposende, 1991², pág. 41.

²⁹⁹ J. S. LIMA, *op. cit.*, pág. 53.

³⁰⁰ *Ibidem*.

³⁰¹ Cf. Peter BERGER, *La Rumeur de Dieu*, Ed. Le Centurion, Paris, 1972, pág. 81.

³⁰² Cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1993, 2117.

³⁰³ Cf. E. M. COUTO, *op. cit.*, pág. 41.

3. Problemas que conduzem as pessoas à bruxaria

O nosso povo sempre foi supersticioso, devido à sua pouca cultura, entendimento e às muitas tribulações por que passa. Indigente, perante uma doença ou uma situação limite na vida, procura remédio na bruxa, no astrólogo, no espírita ou numa seita qualquer. Na verdade, este recurso aos agentes do oculto, para além dos medos ancestrais e actuais e da atracção pelo oculto e pela novidade (neofilia), traduz um desejo de curar as mazelas físicas e psíquicas a todo o custo, sem olhar a meios³⁰⁴. De facto, no desespero o povo não só procura tudo, como diz que vale tudo.

Por conseguinte, analisamos agora os motivos que levam as pessoas à bruxaria, na óptica dos bruxos(a), frequentadores e dos padres. Desta forma, segundo o bruxo 1 os principais motivos que levam as pessoas a recorrerem à sua ajuda são as doenças; a morada aberta, que “diz respeito a todo aquele espírita que tem poderes sobrenaturais para ajudar os outros. O bruxo faz a consulta, utiliza o seu poder, usa o seu espírito e usa as suas orações fazendo sair tudo aquilo que a pessoa possa ter” (doc. 1); o mal de inveja; o mau-olhado, que tem por detrás um ritual muito poderoso.

“Não chega, simplesmente, fazer algum comentário invejoso, por exemplo, «a vida de tal pessoa devia de correr mal». Para que a vida de uma pessoa comece a correr mal, para que lhe seja rogado um mau-olhado é preciso recorrer a um bruxo(a) do mal, que não está com Deus mas com o Demónio, e pagar-lhe os serviços” (doc. 1).

Salienta ainda os cortes de vida, que consistem em “todo aquele ritual, feitiçaria, que é feito para destruir o caminho da pessoa, com o objectivo da pessoa ficar doente ao ponto de se suicidar” (doc. 1); as feitiçarias; as pessoas que dizem ver e ouvir pessoas mortas e pessoas que, começando a gastar tudo o que têm, deixam de ser felizes, de amar e ser amadas (cf. doc. 1). Assim, “o amor é o principal motivo que trás as pessoas aqui. O amor é a trama da vida das pessoas, sem ele elas não podem viver” (doc. 1). Segundo o bruxo(a) 2 os principais

³⁰⁴ J. H. de OLIVEIRA BARROS, *op. cit.*, pág. 11.

motivos que conduzem as pessoas à prática da bruxaria são os problemas de amarrações, feitiçarias, cisma das pessoas, desavenças com os vizinhos, algum azar que se deu na vida, barulhos dentro de casa e o mal de inveja. Contudo, este bruxo(a), na linha do bruxo(a) 1, salienta o problema do amor como o que mais gente conduz até à sua presença. Segundo este agente do oculto, o problema de amor está associado a namorados que se zangam e pensam ter sido vítimas de um feitiço para os separar, crises conjugais e divorciados que dizem ter problemas com o ex-marido ou ex-mulher devido a feitiçarias (cf. doc. 2).

Por sua vez, questionamos também os bruxos(a) no sentido de saber se, diante dos motivos expostos pelas pessoas, alguma vez sentiram que não conseguiriam ajudar. O bruxo(a) 1 afirmou que: “Quem tem poderes não pode afirmar que não consegue, que vê mas não pode. Quem assim o fizer é um falso vidente, um falso bruxo” (doc. 1). Já o bruxo(a) 2 revelou que já teve casos em que não conseguiu ajudar. Esta incapacidade face ao dilema deveu-se ao facto de as pessoas apresentarem o mesmo problema que o bruxo(a) tinha e tem, isto é, a morada aberta (cf. doc. 2). “Com a morada aberta, a pessoa nunca está bem, sente-se em baixo por tudo e por nada. Este mal-estar constante deve-se ao facto de as pessoas com morada aberta absorverem os males de todos que se cruzam no seu caminho” (doc. 2).

Em harmonia com a óptica de todos os frequentadores, à excepção do frequentador 7, podemos começar por comprovar que as doenças físicas e psíquicas são o principal motivo que levou estas pessoas a recorrerem aos bruxos. No entanto, são destacados outros, a saber: a curiosidade e fascínio dos poderes de adivinhação e da morte de alguém muito querido (cf. doc. 3); o medo (cf. doc. 4); situações anormais, como por exemplo, a porta que se fecha e abre sem razão aparente, visão de um gato preto (cf. doc. 4) e a visão de figuras humanas desconhecidas que provocam insónias (cf. doc. 8); alguém da família que, acreditando, participava, incentivando outros a esta prática; situações difíceis da vida, como a necessidade de passar num concurso, no estudo e na procura da felicidade (cf. doc. 9) e, por último, a

busca de conhecer o futuro, neste caso saber se iria ou não reprovar mais uma vez no exame de condução (cf. doc. 10).

Em virtude das entrevistas feitas aos padres, conseguimos confirmar que são idênticos os problemas que levaram e levam as pessoas aos bruxos e os problemas que conduzem as mesmas aos padres. Na verdade, as “questões de saúde cientificamente não evidentes, as questões monetárias associadas a factos estranhos, os distúrbios no seio familiar sem razão aparente e a hipersensibilidade ao que os outros pensam” (doc. 11) são os principais problemas diagnosticados. Contudo, o padre 3, além destes, acrescentou a busca da felicidade. Na prática, para este todas as dificuldades podem resumir-se na falta de felicidade. De facto, afirma que “por mais que as pessoas procurem uma só coisa buscam, a felicidade, que comporta em si muitos aspectos, como por exemplo as coisas materiais que escondem por trás este sublime desejo de felicidade” (doc. 13). Assim sendo, foi-nos permitido concluir que, essencialmente, os problemas que conduzem as pessoas aos bruxos são os problemas que conduzem as pessoas aos padres. Todavia, há aspectos acrescentados pelos padres que são dignos de relevo. O padre 1 afirmou que as pessoas que têm problemas e que recorrem a alguma ajuda, nomeadamente aos padres, procura uma figura de mediação (cf. doc. 11). O padre 2 disse que as questões de dinheiro são um problema levantado por pessoas que gastaram em bruxos e bruxas que, “ao contrário dos padres e da Igreja, querem dinheiro em troca da cura para o mal que a pessoa ali lhe traz e confia” (doc. 12). Já o padre 3 afirma que para além da busca da felicidade as pessoas estão “à procura de Deus, mesmo nos caminhos do ocultismo” (doc. 13). O mesmo continua, dizendo:

“As pessoas quando vêm à minha procura, elas trazem toda a dor que as habita. Assim, à medida que vou falando e escutando dou conta que esta dor é uma busca pela felicidade e uma busca de Deus. Por isso, quando elas se dirigem aqui vêm na certeza de que estão a caminhar para Deus, na amizade com Ele” (doc. 13).

Deste modo, podemos concluir que os problemas destacados pelos bruxos(a) são os mesmos que os frequentadores e padres destacam. Com efeito, esses problemas geralmente

estão ligados a fases complicadas da vida, marcadas pelo medo, desemprego, dinheiro, morte de um ente-querido, saúde, desastres pessoais, solidão, amor, felicidade, desespero, futuro e busca de Deus.

Segundo Barros de Oliveira, o factor medo é aquele que está presente em todas as realidades. “Não há maior escravidão para o ser humano do que o medo e não há maior liberdade para o mesmo do que ultrapassar esse medo”³⁰⁵. Nós somos “filhos do medo, da ansiedade ou da insegurança”³⁰⁶. Temos medo de Deus, dos Homens e do diabo. Medo de nós e dos outros que nos rodeiam. Temos medo dos vizinhos, amigos e inimigos. Medo dos mestres, médicos e políticos. Medo de perder o emprego, da situação social, política e económica, medo do terrorismo e do racismo. Medo do passado, do presente e do futuro. Medo da liberdade e da escravidão. Medo da vida e da morte, que no fundo tudo resume. São várias as espécies de medos e diversificada a raiz dos medos, porém, na sua grande maioria os medos radicam na infância ou na estrutura da personalidade³⁰⁷.

Efectivamente, é razoável que as pessoas tenham o desejo de curar as mazelas da vida, uma vez que ninguém gosta de estar doente e de ver os outros sofrer. Assim, diante de cenários dantescos o ser humano deve

“procurar um bom médico e, se um não acerta, consultar outro, embora não se possa percorrê-los a todos, buscando milagres impossíveis. Se se sofre de problemas psíquicos ou de neurose nas suas mais variadas formas (ansiedade, fobias, obsessões, hipocondria), melhor é consultar um bom psicólogo. E em todos os casos também um sacerdote sábio e compreensivo, não com a ideia mais ou menos inconsciente de que se trata de «coisas espirituais» (expressão que transparece muitas vezes coisas do diabo e outro mundo), mas porque ele pode esclarecer e ajudar a dar mais sentido ao sofrimento físico e moral, e ainda animar-nos na confiança em Deus...”³⁰⁸

³⁰⁵ J. H. de OLIVEIRA BARROS, *op. cit.*, pág. 10.

³⁰⁶ *Idem*, pág. 8.

³⁰⁷ Cf. *Idem*, pág. 8-11.

³⁰⁸ J. H. de OLIVEIRA BARROS, *op. cit.*, pág. 11.

4. O uso de rituais e os conselhos dados

Tanto a magia como a religião dependem frequentemente de rituais, para preservarem a ordem cósmica, “quer através da comunicação com uma variedade de seres sensíveis quer com a adoração de um deus criador. O ritual gera um espaço entre os mundos que permite a comunicação com seres espirituais e com poderes sobrenaturais”³⁰⁹. Por isso, neste ponto, vamos reflectir sobre os rituais e conselhos empregados pelos bruxos mediante os diferentes problemas expostos pelas pessoas. Igualmente, contrabalançando com a conduta dos bruxos, iremos reflectir sobre a práxis ritual e exortativa dos padres na presença das situações limites dos crentes.

Neste sentido, o presente trabalho permitiu-nos divisar quais os rituais que os bruxos(a) utilizam. Na realidade, o bruxo(a) 1, sem adiantar muito, diz que tanto no espiritismo, como no sobrenatural usa a magia branca. Todavia, para a bruxaria, feitiçaria, mau-olhado, mal de inveja e cortes de vida tem outros ingredientes e outras orações adequadas a cada problema (cf. doc. 1). Neste âmbito, este bruxo diz praticar exorcismos. Para ele, o exorcismo:

“não é mais do que uma oração contra o poder do mal. O exorcismo até poderá estar em vias de extinção, porque o bruxo que se incorpora se tira o espírito do ser humano deixa de ter importância em parte alguma. O exorcismo é a oração que tem a faculdade de poder destituir o espírito maligno dentro do corpo de uma pessoa. O exorcismo é simplesmente uma oração, por exemplo, «Vai em paz e o Senhor te acompanhe»” (doc. 1).

Além disso, o mesmo diz fechar a morada aberta mediante o poder conferido por Deus e as orações. Uma dessas orações invoca São Pedro, dono das chaves do Reino de Deus, para que ele possa entrar. Então, afirma, “pegando numas chaves do sacrário, que eu possuo, abro para a esquerda, faço a purificação das guias espirituais, faço as orações de limpeza, defumo a pessoa, benzo a pessoa e termino com as chaves para a direita, duas vezes, a fim de fechar” (doc. 1).

³⁰⁹ Cf. Susan GREENWOOD, *op. cit.*, pág. 17.

O bruxo(a) 2, por sua vez, afirma que os seus rituais baseiam-se sobretudo nos defumadouros e no contacto espiritual com alguém falecido, em orações para libertar, feitiços para cortar outros feitiços, sendo que para estes feitiços conta com outros produtos (cf. doc. 2). Aprofundando esta questão, somos capazes de entender quais as soluções e conselhos que os bruxos(a) costumam apresentar para os problemas das pessoas. Assim, tanto o bruxo(a) 1 como o bruxo(a) 2 dizem utilizar e aconselhar purgantes, para que as pessoas possam vomitar a feitiçaria, por cima ou expeli-la pelas fezes (cf. doc. 1); banhos com essências (cf. doc. 1), sal e folhas de oliveira, para que as pessoas se possam sentir libertadas do peso que carregam (cf. doc. 2) ou de uma feitiçaria feita por cânticos satânicos (cf. doc. 1); água benta; acender velas brancas às almas do purgatório a pessoas que sonham com familiares falecidos (cf. doc. 2) e defumadouros, por exemplo, o “defumadouro espiritual contra as invejas, contra as forças espirituais e o defumadouro do anjo da guarda, para uma criança com problemas” (doc. 2). Estes defumadouros levam várias essências: arruda, mirra, mostarda, alecrim, essência em pó, coração, folha de oliveira, alho seco, palha, barba de milho, entre outras (cf. doc. 1 e 2). O defumadouro, para ser bom, segundo o bruxo(a) 1,

“tem de ter trinta essências e depois de reunidas deve juntar-se o álcool e o fogo, que, por sua vez, deve ser benzido por mim dizendo as palavras: - «Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo». De seguida em voz baixa, como manda Ezequiel, devo fazer as minhas orações e defumar o doente” (doc. 1).

Não obstante, o bruxo(a) 2 refere que defuma as pessoas com uma cruz, colocada no corpo, e com as suas orações (cf. doc. 2). Ainda aconselha produtos espirituais que contam sobretudo com as suas orações. Geralmente, trata-se de chás, porém há uma parte que só o próprio a pode fazer, isto é, as orações que vão libertar as pessoas. No entanto, são igualmente indispensáveis as orações das pessoas, sempre feitas à sua maneira. As pessoas, afirma o bruxo(a), se

“quiserem ir à missa, que o façam, mas que não seja só para dizer que está lá. Já disse a muita gente que não é por rezar um terço que se resolvem as coisas. Bastam umas pequenas palavras nas orações para a pessoa falar, com o próprio coração, aquilo que sente” (doc. 2).

De igual modo, as entrevistas aos frequentadores, indicam os rituais levados a cabo pelos bruxos(a). Desta forma, os frequentadores 2, 3 e 7 evidenciaram o ritual dos defumadouros e os frequentadores 1, 2, 3 e 8 as rezas ou orações, com fotografias (cf. doc. 5) e com um carácter estranho (cf. doc. 1). Por seu turno, o frequentador 5 acrescentou o ritual em que a bruxa lhe tocou com uma cruz, sobre a cabeça, e fez uma oração, em voz baixa (cf. doc. 7); o frequentador 7 destacou os banhos com folhas, o palestrar e adorar os deuses, o toque traduzido no abraço e rituais de comida e oferta, por exemplo, animais (cf. doc. 9) e o frequentador 8 falou do ritual de deitar as cartas, juntamente com uma reza e crucifixo e andar à volta de uma pessoa, neste caso a avó, com um crucifixo, sons estranhos e suspiros e sal lançado com a expressão: «Vai para o mar coalhado» (cf. doc. 10). Ao contrário destes, temos os frequentadores 4 e 6 que afirmam não terem assistido, durante as consultas, a qualquer tipo de ritual, mas a frequentadora 4 diz ter-se apercebido, durante a consulta, de que a bruxa segurava um crucifixo na mão e balbuciava orações que não eram perceptíveis (cf. doc. 6).

Neste seguimento analisamos os conselhos ou remédios receitados pelos bruxos mediante as dificuldades expostas. Assim, o frequentador 1 diz ter sido aconselhado pelo bruxo(a) a acender velas, a rezar orações, nomeadamente o salmo 91, a usar pós e sal, a visitar a igreja Silva Escura, na Maia, onde faziam umas rezas estranhíssimas, que nada tinham de católico, e onde uma senhora levava cerca de 30€, para rezar pelas dificuldades das pessoas; foi igualmente exortado a dar várias quantias de dinheiro, a saber: 2000€, para ser acompanhado durante um tempo, fazendo rituais com carne, pois, segundo o bruxo, a alma do pai precisava de ser encaminhada, caso contrário a sua vida não andaria para a frente; 800€ com a sugestão de algo semelhante, mas mais mórbido: a matança de uma galinha preta, para posteriormente, o próprio bruxo, beber o seu sangue (cf. doc. 3), e a frequentar Igrejas. Recorde-se que a Alexandra Solnado dizia que:

“podíamos entrar nas Igrejas ou ir a Fátima, mas não quando celebravam a Santa Missa, pois podíamos receber as más energias de toda aquela gente junta, ou seja, utilizavam os meios

católicos como «isca», mas quando Jesus estava presente (Santa Missa; Adoração) fugiam a sete pés” (doc. 3).

O frequentador 2 assevera que foi aconselhado, para o problema da filha, a comprar um medicamento da farmácia, mais concretamente um purgante, e a dar banhos, com água própria, que os bruxos fazem e têm um ritual a cumprir. Estes banhos, informou o frequentador, podem ser feitos com sal ou com a própria água do mar, que liberta das impurezas. Na verdade, depois de dar banho à filha, como nos relatou, rezava os pai-nossos indicados pelo bruxo, deitava a água, deixando-a escorrer pela cabeça abaixo, e no fim enxugava. Para o problema do filho, foi aconselhado, pelas bruxas, a levá-lo a um psiquiatra. Porém, outro bruxo sugeriu ao filho, numa sessão feita em casa, a dar um abraço e a pedir perdão por todo o mal que fez e lhe foi feito (cf. doc. 4). O frequentador 3 comenta que lhe foram receitados, pelos bruxos, remédios, defumadouros, comprar velas e colocá-las em casa com sal e um copo de água, além da leitura do livro de São Cipriano. Todos os cuidados recomendados deviam-se, na lógica dos bruxos, a pessoas mortas, feitiçarias e mal de inveja (cf. doc. 5). O frequentador 4 diz que lhe foram prescritos a oração, a purificação do ambiente da casa com vapores de eucalipto, o lançamento de sementes em água corrente, com a dita que esqueceria a pessoa em questão, e a procura de um padre, devendo levar sal grosso e água para ele benzer e ter sempre em casa (cf. doc. 6). O frequentador 5 respondeu que o bruxo(a) nada lhe receitou, apenas lhe disse que estava a ser vítima de magias negras (cf. doc. 7). O frequentador 6 falou que o bruxo(a) lhe vendeu uma vela que, devendo arder, noite e dia, requeria rezar previamente uma oração, a saber:

“Eu (o nome do que reza),
Com a ajuda do Dr. Sousa Martins,
Filho de Deus, feito à sua semelhança
E com o seu sangue redimido,
Ponho preceito aos teus padecimentos... (o nome do doente),
Assim como Jesus Cristo
Aos enfermos da Terra Santa
E aos paralíticos de Sidónia.

Pois assim eu vos peço,
Senhor meu Jesus Cristo,
Que vos compadeçais deste vosso servo
E não o deixeis, Senhor,
Sofrer mais atribulações na vida.
Lançai sobre ele a vossa santíssima bênção,
E eu direi, com autoridade do nosso Senhor,
Que desapareçam todos os padecimentos.
Misericordioso Dr. Sousa Martins,
Vós que gozais do prémio eterno das Vossas virtudes,
intercedei por... (o nome do doente),
Obtendo a misericórdia divina
E a cura de todos os males”³¹⁰.

Finalizando estes passos, o ritual deveria continuar no jardim, não no rio, onde deveria deixar o que restava, sem olhar para trás e voltando por outra rua que não aquela que utilizou para lá chegar. Outros bruxos, continuou o mesmo frequentador, receitaram um fio com missangas, uma novena a São Bento pelo mal de inveja, rezar um trintário de missas pelo marido e fazer um defumadouro, deitando-o depois ao rio (cf. doc. 8). O frequentador 7 começou por referir que os bruxos(a) lhe pediam identidade e fidelidade ao que procurava. Efectivamente, o frequentador não foi aconselhado a fazer defumadouros, tomar os banhos ou mezinhas, mas acrescenta que “as pessoas ligadas ao ramo da magia, bruxos e bruxas, querem assemelhar-se aos católicos, por isso, usam e aconselham velas, a participação na eucaristia em alguns dias e a utilização de certas roupas eclesiásticas”(doc. 9). Por último, o frequentador 8 diz ter sido aconselhado a ligar para a bruxa para ela fazer uma reza, visto que nas cartas ainda não era visível se iria ou não passar no exame de condução. Por sua vez, a sua avó foi aconselhada a defumar a roupa do tio que se encontrava doente (cf. doc. 10).

Além disto, os frequentadores 1, 2, 3, 6, 7 e 8 dizem não terem tido resultados alguns com os rituais e conselhos administrados pelos bruxos e bruxas. Alguns inclusivamente, referiram ter sido tudo uma ilusão (cf. doc. 9). O frequentador 1 afirmou que este tipo de

³¹⁰ Pagela dada ao frequentador pelo bruxo(a).

prática não só não o ajudou, como fez crescer nele um sentimento de confusão e vontade por procurar mais. Na verdade, isto “era como uma droga. Quanto mais procurava, mais portas se abriam” (doc. 3). Contudo, o frequentador 4 disse que, a partir da sua consulta, passou a dormir sossegado e a não ter necessidade de qualquer tipo de medicação (cf. doc. 6) e o frequentador 5 disse que sentiu melhorias durante algum tempo (cf. doc. 7).

Os frequentadores entrevistados destas práticas ocultas, com exceção do frequentador 4, afirmaram ainda terem sido aconselhados, por amigos (cf. docs. 3, 5 e 8); pessoas conhecidas (cf. docs. 3, 5, 7 e 9) de fé e prática religiosa (cf. docs. 4 e 5), nomeadamente conterrâneos (cf. docs. 4 e 10); *sites*; colegas (cf. doc. 9) e familiares, designadamente pai (cf. doc. 9) e avó (cf. doc. 10). No entanto, não aconselham a ninguém a visita a estes locais e pessoas.

Na presença de todos estes sinais, reflectindo um pouco sobre os sentimentos que despoletados pela memória das experiências vivenciadas nos bruxos(a), todos os frequentadores, com exceção do frequentador 4, asseveraram não recorrerem, no presente aos bruxos e bruxas. Além disto, o frequentador 1 afirmou ter vivido aquele tempo com uma venda nos olhos (cf. doc. 3); o frequentador 2 disse, por um lado, que teve uma experiência ridícula, por outro, que teve uma boa experiência, pois encontrou alguns bruxos que não eram impostores (cf. doc. 4); o frequentador 3 achou que todas as frases que os bruxos(a) diziam eram mentira e uma forma de levar dinheiro:

“Eles dizem que é fulano ou sicrano o culpado e nós vamos convencidas que é, porque estamos doentes. Mas não é nada disso: é apenas um placebo para a gente ir mais descansada em casa, que se revela numa autêntica droga, porque não nos conseguimos mais desligar, tendo sempre mais e mais necessidade de lá voltar” (doc. 5).

Ainda, o frequentador 4 falou da experiência nos bruxos como algo transcendente e inexplicável, porque parecia que o bruxo visualizava, à sua frente, o livro da sua vida (cf. doc. 6); o frequentador 5 considerou a sua busca no ocultismo normal, uma vez que, sendo um pouco ingénuo, estava à procura de uma resposta para uma situação limite e intensa (cf. doc.

7); o frequentador 6 declarou, por um lado, ter sido uma experiência triste, uma vez que se considera que foi burlado, e por outro lado, uma experiência feliz e aliviante, pois encontrou resposta para o problema que tinha (cf. doc. 8); o frequentador 7 considerou a experiência um momento de conhecimento, pois aprendeu a viver os momentos, a distinguir o certo do errado e as trevas da verdade (cf. doc. 9); por último, o frequentador 8 reputou a experiência no bruxo(a) como uma experiência peculiar, pois a cena teatral levada a cabo pelo mesmo tinha o objectivo creditar a pessoa e a prática, e uma experiência assustadora, uma vez que os suspiros fortes e rezas despoletaram medo (cf. doc. 10).

Em contraposição com os rituais e conselhos salientados pelos frequentadores e levados a cabo pelos bruxos e bruxas, temos a práxis da Igreja, mais concretamente dos padres. Neste âmbito, o padre 1 garante a escuta activa, a releitura do problema, o despertar dos recursos pessoais e familiares e a iluminação do problema, pela fé em Jesus Cristo e pela oração. Este também diz que em algumas situações mais problemáticas as pessoas são “encaminhadas, paralelamente ao acompanhamento espiritual, para o âmbito da psicologia e mesmo da psiquiatria” (doc. 11). O padre 2 afirma que escuta e fala com as pessoas, no sentido de perceber quais os problemas/dificuldades que as inquietam. Depois de fazer isto, caso seja necessário, reza a Bênção de um Adulto Doente, do *Rituale Romanum*, em latim:

“(…) *Oremus.*

Intróeat, Dómine Jesu Christe, domum hanc ad nostræ humilitátis ingrèssum pax et misericórdia tua; effúgiat ex hoc loco omnis nequítia daemonum, adsint Angeli pacis, domúmque hanc déserat omnis maligna discórdia. Magnífica, Dómine, super nos nomen sanctum tuum: et bénedic nostræ conversatióni: Qui sanctus et pius es, et pérmanes cum Patre et Spírítu Sancto in saecula sæculórum. R. Amen.

Orémus.

Réspice, Dómine, fámulum tuum (fámulam tuam) in infirmitáte córporis laborántem, et ánimam réfove quam creásti: ut, castigatióibus emendátus (-a), contínuo se séntiat tua miseratióne salvátum (-am). Per Christum Dóminum nostrum. R. Amen.

Orémus.

Miséricors, Dómine, fidélium consolátor, quaesumus imménsam pietátem tuam, ut ad intróitum humilitátis nostræ hunc fámulum tuum (hanc fámulam tuam), super lectum dolóris sui

jacéntem, visitáre dignéris, sicut socrum Simónis visitásti: propítius adésto ei, Dómine, quátenus prístina sanitáte recépta, gratiárum tibi in Ecclésia tua réferat actiónes: Qui vivis et regnas Deus in saecula saeculórum. R. Amen.

(...)

Dóminus Jesus Christus apud te sit, ut te deféndat: intra te sit, ut te consérvet: ante te sit, ut te ducat: post te sit, ut te custódiat: super te sit, ut te benedícat: Qui cum Patre et Spíritu Sancto vivit et regnat in saecula saeculórum. R. Amen.

*Benedíctio Dei omnipoténtis, Patris, et Filii, + et Spíritus Sancti, descéndat super te, et máneat semper. R. Amen*³¹¹.

Finda esta oração, asperge água benta. As pessoas começam a sentir-se melhores e com força para continuar a percorrer a caminhada da vida. Mas não fica por aqui a pastoral deste padre. No encontro, ele faz ainda algumas perguntas às pessoas, tais como: Vão à Missa ao domingo? Rezam o terço ao longo da semana? Após as quais aponta os benefícios do sacramento da eucaristia e da meditação diária do terço (cf. doc. 12). No fim, não deixa as pessoas irem para casa sem três recomendações:

“primeira, a Santa Missa como culto mais importante do mundo é necessária para qualquer crente que se quer manter fiel ao mandamento do Senhor e quer alimentar a sua espiritualidade; segunda, a oração diária do terço, quer em família quer individual; terceira, não ir aos bruxos nem a qualquer tipo de ocultismo, porque eles são nefastos para a vida. Esta última recomendação é importante porque são muitas as pessoas que batem à porta dos padres e vão à bruxa” (doc. 12).

³¹¹ RITUALE ROMANUM: PAULI V PONTIFICIS MAXIMI JUSSU EDITUM ALIORUMQUE FONTIFICUM CURA RECOGNITUM ATQUE AD NORMAM CODOCIS JURIS CANONICI ACCOMMODATUM, Ed. Desclée & Cie, Romae, Tornaci, Parisiis, 1952, pág. 440-441. [(...) Oremos. Senhor Jesus Cristo, em toda a nossa humildade, entrai nesta casa com a vossa paz e misericórdia; afastai deste lugar toda a astúcia do demónio, manifestai os anjos da paz para que afastem toda a maligna discórdia. Ensinai-nos, Senhor, a reconhecer a majestade do vosso nome, e a abençoar o que estamos prestes a fazer, Tu que és santo e bom, e permaneces com o Pai e o Espírito Santo pelos séculos dos séculos. R: Ámen.

Oremos. Olhai, Senhor, para o vosso servo(a) fraco(a) e débil, e renova a alma por Vós criada para que purificado(a) continue a se sentir salvo(a) na tua misericórdia. Por Cristo Senhor nosso. R: Ámen.

Oremos. Senhor misericordioso, consolador dos vosso fiéis, te rogamos por tua imensa piedade para que, por nossa humilde presença junto deste(a) vosso(a) servo(a) deitado no seu leito de dor, vos digneis a o(a) visitar assim como o fizestes à sogra de Pedro; Senhor sede-lhe(a) propício para que recuperando a sua saúde (força) possa Te dar graças junto da Tua Igreja, Vós ó Deus que viveis e reinais pelos séculos dos séculos. R: Ámen.

(...)

Que o Senhor Jesus Cristo esteja contigo e te guarde; em ti e te conserve; diante de ti e te conduza; atrás de ti e te proteja; acima de ti e te abençoe; Ele que com o Pai e o Espírito Santo vive e reina pelos séculos dos séculos. T: Ámen.

Que a bênção de Deus todo-poderoso, Pai, Filho, + e Espírito Santo desça sobre ti, e permaneça para sempre. R: Ámen.]

De igual modo, o padre 3, na pastoral que executa, procura rezar, escutar e falar com as pessoas que, confiando as suas dificuldades e anseios, procuram constantemente por Deus. Também procura saber se as pessoas têm necessidades materiais para que, na medida dos possíveis, se possa praticar a caridade. Com esta prática, abre caminho para o aconselhamento, isto é: a celebração dos sacramentos da Eucaristia e da Penitência, que trarão a cura e a reconciliação, e o acompanhamento espiritual (cf. doc. 13).

Assim, quem procura os bruxos não o faz a não ser por mera ignorância, credence superstição, debilidade mental, ou por susceptibilidade e exploração da parte de quem exerce esta arte. Os bruxos e bruxas, fazendo trabalhos de toda a espécie, como tirar feitiços, as amarrações, o mau-olhado, mal de inveja e encostos, realizam as mais variadas curas através das rezas, água benta e sal, fotografias, roupa dos clientes, transes fingidos, defumadouros, velas, ervas, remédios farmacêuticos, símbolos, amuletos, medalhas, cartas e adivinhação. Diz-se que estes agentes do oculto adivinham. O certo é que só adivinham quando conhecem os problemas que levaram a pessoa lá porque alguém, por exemplo, espias, taxistas ou os próprios bruxos, escuta o que diz o cliente enquanto está à espera de ser atendido. Em algumas situações ainda, estes adivinham e acertam devido a um certo sentido psicológico e até intuitivo.

Além disto, há que atender que normalmente quem faz bem ou mal é a própria pessoa. As pragas, mau-olhado e mal de inveja são absurdos, pois é evidente que se alguém me quer fazer mal ou me roga alguma praga, eu começo a cismar nisso e acabo por deixar crescer isso na vida. A inveja só faz mal a quem lhe dá importância. Se o mal que eu quero desejar ao outro ou o outro a mim me fizesse andar automaticamente doente ou até morrer, todos andávamos mortos ou já tínhamos todos morrido³¹².

Não obstante, a Igreja na sua pastoral procura dar resposta a esta necessidade do povo. Na verdade, como vimos, precisamos de ser curados espiritualmente ou moralmente na nossa

³¹² Cf. J. H. de OLIVEIRA BARROS, *op. cit.*, pág. 35-36.

relação com Deus, para depois procurarmos e obtermos a cura do corpo. Deus foi e continua a ser solidário com a nossa dor e a nossa morte, ao ponto de se entregar como vítima inocente pelos pecadores. Todos nós devemos estar cientes de que não é fácil ser-se cristão, mas é necessário uma conversão contínua a Deus e aos irmãos; é necessário um cristianismo comprometido e não alienado. É claro que muitas vezes, ou na maior parte das vezes, deve começar pelos padres, que, na sua escuta atenta e nos seus bons conselhos e práticas, falam e mostram um Deus que é Pai e Mãe, Misericórdia e Bondade.

5. Igreja: culpada ou não das pessoas recorrerem aos bruxos

Após termos analisado, no ponto anterior, a práxis dos bruxos e bruxas e a práxis de alguns padres, fica-nos a pergunta: será que as pessoas recorrem primeiro aos padres ou aos bruxos?

Efectivamente, analisando as respostas dadas pelos oito frequentadores, confirmamos que todos, com excepção do frequentador 5, recorreram primeiro aos bruxos e só depois procuraram ajuda na Igreja, nomeadamente nos padres. Por conseguinte, a esta evidência o frequentador 1 junta o facto de não recorrer ao pároco porque pensava que não necessitava de se confessar, uma vez que o fazia directamente a Deus, e bastava ter os santos, os anjos e Deus no seu coração (cf. doc. 3). Por sua vez, os frequentadores 2 e 3 afirmaram que foram aconselhados a procurarem estas mulheres e homens do oculto, que iriam resolver os seus problemas (cf. docs. 4 e 5). O frequentador 4 diz nem sequer ter pensado no assunto, pois não só não viu disponibilidade por parte dos padres para os assuntos relacionados com o oculto, como não sentiu que algum padre o pudesse ou quisesse ajudar (cf. doc. 6). O frequentador 8 declarou não ter ido a nenhum padre, uma vez que estes não iriam dar resposta aos problemas e preocupações que a sua vida lhe colocava. Pelo contrário, o frequentador 5 afirmou ter

procurado, antes de qualquer bruxo ou bruxa, um padre. Porém, este padre não teve sensibilidade para o aconselhar. Acerca desta visita ao padre, este frequentador afirmou:

“foi até um pouco irónico nas palavras que utilizou para falar da minha situação. O desprezo deste Senhor Padre foi tal que levou-o a dizer um chavão que, actualmente serve para tudo: - «É tudo da sua cabeça». Este ministro de Cristo em nada aliviou o meu sofrimento, não foi capaz de me dar um pouco de ânimo e esperança, mas desconforto e revolta pela Igreja, que se diz acolhedora e mãe, sendo fria e estéril. Mas a contradição foi quando eu fui à bruxa e, bem recebida, os sintomas aliviaram”.

Mediante este cenário, que não se mostra muito favorável à Igreja, uma outra pergunta se levanta: Quem será responsável pelas pessoas que, professando o catolicismo, se confiam e procuram ajuda nos bruxos e bruxas? A esta pergunta todos os frequentadores responderam os padres. No entanto, os frequentadores 3 e 8 acrescentaram os bruxos e bruxas e o frequentador 7 acrescentou os católicos.

Com efeito, o frequentador 1, ao apontar os padres como culpados, apresenta as razões deste juízo. Na verdade, segundo este, o erro começa logo na formação dos futuros padres, que não aborda esta realidade. Depois temos padres que até procuram dinamizar as paróquias com jantares, convívios e teatros, mas não incentivam à prática da oração, do sacramento da reconciliação, *lectio divina* e a formações simples, básicas e necessárias. Existem propostas, por parte dos leigos aos padres, da recitação diária do terço, confissões diárias, grupos de oração, devoção das primeiras sextas-feiras e sábados que são recebidas com sorrisos jocosos, que fazem com que muitos católicos continuem com uma fé infantil (cf. doc. 3). O frequentador 2, expondo a situação de que muita gente em tempo de aflição recorre, sem pensar, a qualquer coisa que lhe possa dar uma resposta, justifica este cenário, por um lado, com uma Igreja que, mentindo e rindo, não deixa os sacerdotes realizarem o que Cristo lhes ordenou, isto é, o exorcismo. Por outro lado, acrescenta que os padres, sofrendo de um défice

de paciência, não ajudam as pessoas a libertarem-se e a sentirem-se melhores. Os padres, no entender deste frequentador, são

“os únicos que podem ajudar melhor que ninguém, nem que seja somente levar a pessoa à frente de um sacrário, e dizer ali umas palavras: Senhor, Vós tendes todo o poder, curai, libertai, porque só vós podeis Senhor! Eles nem isso fazem. Têm sempre os portões das suas residências fechados para não serem incomodados” (doc. 4).

Eles dizem e fazem coisas que deixam as pessoas muito magoadas, porque parecem não ter tempo a perder, muito menos com os problemas das pessoas. Veja-se o caso de alguns padres que dizem: - “É o Senhor que quer que nós sofram” (doc. 4), uma frase capaz de colocar as pessoas em pior estado do que elas já estão, na relação com Deus. O frequentador 3 considerou não só os padres como responsáveis, devido a um encontro que teve com um padre que mostrou uma atitude grosseira e expulsiva, como as próprias bruxas e bruxos que, cobrindo-se com a carcaça da Igreja católica para credibilizar o seu trabalho, montam um esquema, para o que contam com a ajuda de pessoas divulgadoras do seu nome (cf. doc. 5). O frequentador 4 indicou os padres como responsáveis, pois tratam o oculto como tabu. Esta atitude de fechamento faz com que as pessoas não se abram ao diálogo com os padres, sobre os assuntos que elas consideram do oculto, e o façam com as pessoas que estejam disponíveis a falar e ajudar, ou seja, os bruxos (cf. doc. 6). O frequentador 5, não encontrando directamente um responsável, salienta que alguns padres, ao não ajudarem as pessoas com um “bom acolhimento, sem desrezos ou ironias pelas histórias expostas, tempo para escutar” (cf. doc. 7), entregam um cartão de visitas para os bruxos. Por último, o frequentador 6 fundamenta o facto de ter apontado os padres como culpados com a falta de disponibilidade destes para a escuta dos fiéis (cf. doc. 8).

Por seu turno, a óptica dos padres entrevistados, concretamente a dos padres 2 e 3, legitima a culpabilidade dos padres e da Igreja, na circunstância das pessoas recorrerem ao ocultismo, e a irrealização do ministério, igualmente dos padres e da Igreja. Esta culpabilidade deve-se, entre outras coisas, à personalidade dos próprios padres que, achando-

se os mais importantes e detentores únicos da verdade e poder de Deus, não dão importância aos problemas e às pessoas, que tratam com um certo desprezo (cf. doc. 12); deve-se igualmente à falta de coerência de vida visível nos padres que, não estando disponíveis, são infiéis à vocação que portam de Deus e rosto falso desse mesmo Deus (cf. doc. 13), bem como ao facto da Igreja não só se fechar no “rótulo da experiência de solidão, que não leva as pessoas à reflexão, mas à muralha da impossibilidade de sentir Deus e o calor humano no coração, como se fechar em belos discursos que, não sendo realistas, transparecem um Deus que não é de todos” (doc. 13). Daqui, um frequentador conclui que, assistindo a este crescente fenómeno, os padres estão a ocultar-se do que lhes compete, tendo uma atitude de omissão. No fundo, os padres continuam

“atrás das secretárias, nas salas de aulas e na administração de grandes Centros Sociais, enfim verdadeiros e bons profissionais da fé. Porém, profissionais existem muitos, mas padres existem poucos. As pessoas precisam e querem caminhar nos trilhos da Igreja, mas os padres, a quem foi confiada a missão de conduzir o rebanho, escondem-se” (doc. 13).

Contudo, para o padre 1 é fundamental, mais do que encontrar culpados, atender à existência de uma “responsabilidade não assumida pelos agentes eclesiais de acompanhar espiritualmente os fiéis, quer por falta de tempo, quer por se sentirem sem recursos pessoais para o acompanhamento” (doc. 11), e ainda pela escassa existência de espaços para se aprofundar a fé de um modo personalizado, já que os agentes pastorais andam ocupados com outras coisas (cf. doc. 11). Para este, “os padres estão a realizar o seu ministério o melhor que conseguem. No entanto, há que redefinir prioridades. Aliás, essas prioridades estão definidas nas conclusões do congresso internacional sobre o presbítero realizado em Braga há alguns anos” (doc. 11).

Ainda assim, fica-nos uma outra questão: Se a Igreja e os padres realizam o seu ministério, por que não está a resultar? Segundo o padre 1 não existe uma resposta unívoca.

“Por um lado a sociedade tem outros polos de agregação e de interesse; por outro não tem uma fé personalizada e conseqüentemente não tem recursos para avaliar as propostas de

espiritualidade; por outro a fragmentação da vida eclesial por momentos mais ou menos desligados entre si provoca um vazio de respostas” (doc. 11).

Do mesmo modo pensa o padre 2. Por seu turno, o padre 3 lembra mais uma vez que, na sua óptica, a Igreja não está a realizar o ministério ordenado por Jesus. Quando fala da Igreja, não fala do Magistério ou da Igreja no seu todo, “porque a Igreja vai procurando falar sobre os mais variados assuntos, inclusive deste. A Igreja vai buscando impor-se em determinadas matérias e, neste caso, não deixou de se pronunciar a respeito da sua posição” (doc. 13). Quando fala da Igreja, fala de alguns padres, que, não acreditando, não cumprem o chamamento de Deus. É muito importante hoje, como noutros tempos, entender que as pessoas precisam de falar e precisam de ser ouvidas (cf. doc. 13). Porém, parece que hoje os padres já não querem ouvir, já não querem ter atenção para com as pessoas, já não querem aconselhar, já não querem falar, já não querem informar e formar, porque não têm tempo. É fundamental que os padres tenham atenção e preocupação pelas pessoas.

“Os problemas existem, mas é preciso atenção da nossa parte. Segundo o Papa Francisco: «Não há pecado algum que não possa ser perdoado!», todavia alguns padres não acreditam nisto. Por isso, é preciso que alguns padres acordem e tomem posse daquilo que lhes é dado e confiado na sua ordenação. A unção, o ser pai, o ouvir e o cuidar através do toque são fundamentais para que os pastores tenham o cheiro das ovelhas. Os padres não podem querer ter muitos cheiros menos o cheiro das ovelhas. É por causa disto que, actualmente, muitas ovelhas se estão a perder” (doc. 13).

Diante de todo este cenário, somos levados a perguntar se a Igreja está receptiva a que os crentes frequentem as práticas e os agentes do oculto?! Todos os frequentadores responderam que a Igreja não está receptiva, o que nos permite concluir que os frequentadores das práticas ocultas têm consciência do divórcio existente entre os padres e bruxos, a Igreja e o oculto, entre Deus e o Demónio. Ainda assim, os frequentadores 1 e 4 dizem saber da existência de padres que frequentam e colaboram com os bruxos e bruxas (cf. doc. 3 e 6); padres que praticam *reiki* e paróquias que anunciam aulas de *reiki* e *yoga* (cf. doc. 3). Não obstante a Igreja não estar receptiva a que os crentes frequentem o ocultismo, não se abrir à

problemática do bem e do mal e das forças demoníacas, ela deve ser capaz de dar e de estar disponível para os problemas que surgem nas vidas das pessoas (cf. doc. 7), procurando promover as bênçãos, sacramentos e as leituras santas (cf. doc. 5).

Através das entrevistas realizadas, pudemos compreender que a Igreja, na pessoa dos padres, tem uma cota parte de responsabilidade no facto de as pessoas cada vez mais recorrerem aos bruxos e bruxas. Também compreendemos que a Igreja, não tendo abertura para as questões do oculto, e alguns padres, não exercendo o seu ministério, praticam certos esoterismos e associam-se a práticas das bruxas.

Face a isto, fica-nos a convicção de que “quando o hospital melhor do mundo, a Igreja, não consegue dar respostas aos casos que lhe aparecem, as pessoas ou morrem, ou têm de procurar alguém que os ajude” (doc. 3). Na realidade, os padres devem assumir no exercício do seu múnus uma atitude de disponibilidade para escutar, falar, rezar e abençoar. Os padres, mediadores de Deus, sacralizam o mundo e os caminhos do homem, pois possuem uma espécie de «graça de estado» que torna Deus presente. Estes devem não só estar próximos da porção de povo que lhes foi confiado, como devem manter uma intimidade com o Céu. Desta forma, os padres aparecem como os homens vinculados ao sagrado, que oferecem o sagrado, que confeccionam o sagrado, que presidem ao sagrado e que o levam consigo³¹³.

6. A Igreja pode ou não ajudar

Apesar de no ponto anterior termos concluído a culpabilidade da Igreja e dos padres, no caso central para o presente estudo, e termos registado algumas práticas que deveriam e devem ser adoptadas, quer pela Igreja, quer pelos padres, no auxílio a pessoas com dificuldades e problemas, neste ponto buscamos reflectir, de forma mais directa e

³¹³ Cf. J. S. LIMA, «Deus, não tenho nada contra...» *Socialidades e Ecclesialidades no destino do Alto-Minho*, Ed. Universidade Católica Portuguesa, Porto, 1994, pág. 86-87.

individualizada, sobre a forma como a Igreja pode ou não ajudar as pessoas que recorrem às práticas e aos agentes do oculto.

Expressados os frutos que desejariam ver crescer mediante os seus testemunhos, os frequentadores entrevistados manifestaram designadamente o desejo de que as pessoas compreendam que os bruxos e bruxas fazem tudo por dinheiro (cf. doc. 5). Os seus pretensos resultados mais do que uma fantasia (cf. doc. 4 e 10), são um malefício, uma droga que cria dependência no corpo e no espírito, ao ponto de alienar quem lá vai da realidade, criando uma sensação de bem-estar tal, que as pessoas não precisam de recorrer a Deus (cf. doc. 4); nem se encaminham para Deus (cf. doc. 8); que Deus resgate quem anda por estes caminhos de perdição e mostre aos sacerdotes o que se passa em seu redor, ou seja, as grandes aflições que reclamam apoio por parte deles (cf. doc. 3) e a necessidade de levar a misericórdia e o amor de Deus às pessoas (cf. doc. 9). Mas todos estes desejos resumem-se num só, ou seja, o auxílio que a Igreja e os seus agentes pastorais devem prestar às pessoas que, sentindo-se perdidas e necessitadas, sem um horizonte de esperança e estabilidade, se entregam àqueles que dizem ter a charada para o sucesso, para a cura, enfim para a verdadeira felicidade.

De facto, diante de todos estes anseios deve perguntar-se: Como colmatamos as necessidades das pessoas? Quem terá as armas imprescindíveis para as ajudar? Todos os frequentadores afirmaram que a Igreja e os padres são aqueles que estão mais preparados e que têm a organização adequada para desempenhar um importante papel neste vasto e ainda desconhecido terreno do ocultismo. Concretamente, o frequentador 1, afirmando que a Igreja e os padres podem e devem ajudar, aponta um caminho que passa pela oração, criação de grupos de oração, fomentação de formações simples, práticas e directas sobre estes assuntos, catequização dos fiéis e o acompanhamento, durante algum tempo, da pessoa lesada, para saber, com profundidade, a causa do problema (cf. doc. 3). Os frequentadores 2, 3, 4, 5, 6 e 8 indicaram que os sacerdotes devem procurar disponibilizar mais do seu tempo ao

atendimento, acolhimento e acompanhamento das pessoas que se encontram doentes, a necessitar de falar e ser ouvidas.

“A Igreja, concretamente os padres, quando veem que uma pessoa está em baixo, doente, a precisar de falar e de ser ouvida, deve colocar-se inteiramente ao dispor. É claro que o padre não vai adivinhar que a pessoa está doente, mas quando esta solicita os seus serviços, o padre nunca se deve negar nem fazer por fazer. Mesmo os leigos devem procurar ajudar estas pessoas que estão a passar por dificuldades” (doc. 5).

A Igreja não deve ter medo, nem se deve esconder ou evitar dizer às pessoas para pararem de recorrer ao esoterismo, porque, por vezes, este traz mais malefícios do que aqueles que aparentemente procura solucionar. O frequentador 2 ainda referiu que os padres devem procurar cultivar os dons da paciência, escuta, palavra, amizade, pureza, para puderem abençoar; devem procurar cultivar uma maior sensibilidade para os problemas e desesperos das pessoas (cf. doc. 4), sem “ganhar qualquer remuneração” (doc. 5) e devem dar bênçãos ou então ter simples gestos como pôr a mão na cabeça ou dar um abraço; o frequentador 3 salientou a recitação do terço; o frequentador 4 mencionou, para além da disponibilidade da Igreja, uma maior abertura desta para conversar sobre o oculto, sem temor nem tabus, e a preparação de pessoas conscientes para o auxílio do ser humano em situações limite (cf. doc. 6); o frequentador 5 mencionou uma maior abertura da Igreja e dos padres, uma melhor e maior elucidação sobre o poder do sacramento da reconciliação e do valor e graças da adoração do Santíssimo Sacramento e a não recusa dos padres a prestar qualquer ajuda, devendo rezar as orações que a Igreja tem contempladas para as diferentes situações (cf. doc. 7). Este frequentador afirmou que “a Igreja não deve ter medo nem se deve esconder ou evitar dizer às pessoas para pararem de recorrer ao esoterismo porque, por vezes, este traz mais malefícios do que aqueles que aparentemente procura solucionar” (doc. 7).

Por sua vez, o frequentador 6 disse que já ouvia dos seus avós e dos seus pais que “os males ficaram no mundo, mas Deus deixou os remédios para os curar” (doc. 8). Efectivamente, é no factor mal que coloca o campo de acção da Igreja. “A Igreja, nos seus

variados ministérios, deve procurar levar a cura aos doentes, oferecida por Deus. A Igreja não deve deixar que os bruxos se apoderem de uma missão que foi confiada unicamente aos apóstolos e aos seus sucessores” (doc. 8). O frequentador 7 acrescentou a formação das gentes na base destes temas e que

“a Igreja precisa de ser aberta ao olhar e toque de Deus. A Igreja deve falar a linguagem da Humanidade, não no sentido de fazer o que a Humanidade pedir, mas ir até onde o ser humano não tem coragem de ir: até onde as pessoas que sofrem estão e até aos pobres ou refugiados, que não têm dinheiro. Mas mais do que isto a Igreja deve é levantar esta Humanidade falando e testemunhando a Misericórdia, a vivência e a pertença de Deus. Por isso, precisamos de uma linguagem diferente. As pessoas estão cansadas de discursos bonitos e de livros muito belos. As pessoas desesperam perante o vazio que se vive nas palavras e gestos da Igreja, precisamos de preenche-los com Cristo, que cura e salva o coração” (doc. 9).

O frequentador 8 em primeiro lugar, acha que deve haver nas pessoas uma maior coragem para falar e confiar os seus problemas, doenças, angústias e medos, e depois, que deve haver da parte da Igreja e, concretamente, dos padres maior disponibilidade para a escuta e aconselhamento das pessoas que estão com problemas. Este frequentador referiu que caso as pessoas tenham já frequentado estas ajudas esotéricas e depois recorram a um padre, este, sempre pronto a acolher a ovelha tresmalhada, deve mostrar como Deus é misericordioso (cf. doc. 10).

Por seu turno, os padres entrevistados, embebidos sobre o sentir eclesial perante os mistérios do oculto, mostraram também como a Igreja deve dar resposta às pessoas que têm problemas/dificuldades na vida. O padre 1 declara que não sabe responder a deveres, mas ao facto de que as pessoas estão à espera de uma resposta à medida das inquietações. Esta resposta dispensa qualquer generalização, por muito santa que ela pareça (cf. doc. 11). “A missão, como em Jesus, é decisiva no tu-a-tu” (doc. 11). O padre 2, dizendo que a Igreja vê como nefasta a recorrência às práticas ocultas, assevera que

“as pessoas que se dedicam à prática das artes ocultas estão a enganar-se e a enganar os outros. Por exemplo, os bruxos até podem convencer que têm poderes capazes de resolver determinado problema das pessoas, mas isso não vai resultar porque tudo aquilo não passa de

um teatro e de uma ilusão. As pessoas com tanta confusão de ritos, palavras, gestos ficam alienadas da realidade e pensam que tudo está resolvido, mas certo é que isto não faz mais do que prejudicar em muito as pessoas” (doc. 12).

Este padre prossegue, afirmando que são muitas as pessoas que, depois de ir aos bruxos e bruxas, se desligam de Deus e de Nossa Senhora. No entanto, garante o mesmo, “Deus e aqueles a quem Ele confiou a continuidade da Sua missão nunca as abandona, estão sempre disponíveis para acolher o filho ou filha que, num momento de grande provação” (doc. 12), se entregou às mãos de gente que, por várias artes, quer cortar ou enfraquecer este precioso vínculo.

Por último, o padre 3, declarando também que a Igreja reprovava totalmente qualquer manifestação do oculto, diz que a resposta da Igreja às pessoas que frequentam as práticas ocultas passa pela informação, formação e misericórdia. A Igreja, diz o mesmo padre,

“tem de indicar quais os caminhos da misericórdia. A nossa Igreja é muito bela e os passos que ela faz percorrer para a conversão de vida são igualmente belos. Acho que nós enquanto Igreja de Jesus Cristo precisamos de mostrar a todo o mundo estes passos, mas não de uma forma engessada. Nós temos tendência a engessar Jesus e o que Ele nos pede. Nós engessamos muito a graça e a misericórdia, que nos impossibilita de perceber e aproximar de Deus. Ninguém consegue perceber um Deus engessado e um Deus traidor. Lembro mais uma vez o Papa Francisco que nos falava da Igreja como alfandegária. Não é preciso tanto engessamento da Igreja para recebermos a graça e o perdão dos pecados. Deus é livre” (doc. 13)!

A partir de todos estes aspectos, relevados pelos frequentadores e pelos padres entrevistados, cremos que podemos concluir com as palavras do Papa Francisco na obra *O nome de Deus é Misericórdia*. Em harmonia com a resposta deste Papa, sempre existiram, na história da humanidade, adivinhos, magos e cartomantes, mas nem sempre foram tantas as pessoas que procuraram neles a saúde e a cura espiritual. As pessoas, no fundo, sempre procuraram quem as ouvisse, sempre procuraram “alguém disposto a dispor do seu tempo

para ouvir os seus dramas e as suas dificuldades”³¹⁴. A isto o Papa Francisco chamou de “apostolado do ouvido”³¹⁵.

De facto, aqui encontramos a chave para a resolução das necessidades das pessoas e a pastoral a desenrolar pelos agentes na vasta sementeira, onde a Igreja se plantou. O Papa Francisco, deixando-nos a chave de leitura, diz aos confessores, no fundo aos padres:

“falem, ouçam pacientemente e acima de tudo digam às pessoas que Deus quer o seu bem. E se o confessor não pode absolver, que explique porquê, mas que não deixe de dar uma bênção, mesmo sem absolvição sacramental. O amor de Deus também existe para quem não está disponível para receber o sacramento: também aquele homem ou mulher, aquele rapaz ou aquela rapariga são amados por Deus, são procurados por Deus, desejosos de bênção. Sejam afectuosos com estas pessoas. Não as afastem. As pessoas sofrem. Ser confessor é uma grande responsabilidade. Os confessores têm à sua frente as ovelhas tresmalhadas que Deus tanto ama, se não lhes demonstrarmos o amor e a misericórdia de Deus, afastam-se e talvez nunca mais voltam. Por isso, abracem-nos e sejam misericordiosos, mesmo que não os possam absolver. Dêem-lhes uma bênção”³¹⁶.

³¹⁴ FRANCISCO I, *op. cit.*, pág. 32-33.

³¹⁵ *Idem*, pág. 33.

³¹⁶ *Ibidem*.

Conclusão

Ao terminarmos esta reflexão, fica-nos a certeza de que muito mais haveria a abordar no âmbito da temática do esotero-ocultismo. Não sendo, todavia, nossa pretensão esgotar o tema, que é bastante amplo e merecedor de diferentes análises profundas, procuramos traçar um percurso que partiu de uma visão macro do esoterismo, refletido no amplo oceano do ocultismo, até alcançarmos uma visão micro, expressa na prática da bruxaria, isto é, nas suas superstições e crendices e na sua relação com Deus e a Igreja.

Este percurso tornou possível fazer uma aproximação aos conceitos envolvidos nesta matéria; verificar as conexões e os confrontos da teologia com a magia, bruxaria e a superstição; olhar o comportamento mágico e religioso das gentes e da Igreja no tempo e identificar algumas questões ligadas tanto à bruxaria como à doutrina e pastoral, realizadas pela Igreja e professadas pelos cristãos, na diocese de Braga. Desta maneira, pudemos de forma mais simples e clara, apontar as directrizes que a Igreja, nos seus padres e leigos, deve assumir, para oferecer ao povo uma reta compreensão e vivência da fé no Deus todo-poderoso.

A temática do esotero-ocultismo enquadra-se, em sentido lato, numa espécie de religião, mesmo que vários grupos se apresentem como simples filosofias ou vias de conhecimento das leis escondidas do Universo. Porém, é fundamental atender que esta religião é pagã, uma vez que a sua ampla utilização das Escrituras e da tradição cristãs nos poderiam enganar. Na realidade, o seu deus não é o da Bíblia. Aliás, o nome de Cristo e as Suas palavras tornam-se vulgarmente ensinamentos. O Cristo cósmico de que falam não é o Jesus da história. O homem de Nazaré é visto como o Mestre, o Despertador, ou seja, como um grande Avatar, não como o Filho de Deus.

De igual modo, num contexto próximo, a mesma temática emoldura-se nas artes mágicas, concretamente na bruxaria, que demonstrou ter as suas raízes entranhadas na

religiosidade popular e no inconsciente ou consciente mágico das pessoas. Na verdade, elementos como rituais e símbolos estão presentes na bruxaria e na religião. Mas estes divergem quando a religião, numa referência direta a Deus e à sua ação, julga a prática da magia e presencia a utilização, sobre a vida do ser humano, de supostas forças ocultas impessoais sobre-humanas pelas quais os agentes do oculto (feiticeiros, bruxos e magos) pensam poder exercer um poder de controlo mediante práticas rituais.

Efetivamente, o ser humano, um ser religioso e ritual, precisa de coordenadas interiores; carece, emocional e racionalmente, de razões últimas para os problemas; deseja controlar o corpo, o espírito e a vida, em suma: necessita de sentido e respostas. Mas porque hoje a sociedade não é capaz de dar respostas, especialmente em caso de necessidade, em situações de fragilidade e insegurança crescentes, o homem é impelido a buscar a magia. Realmente, esmagado por terrores, superstições e ingenuidades, o ser humano, hoje como no passado, foi colocando a sua fé noutros deuses, que não o único Deus verdadeiro, ou seja, na magia e outras artes ocultas, independentemente se estas eram intrinsecamente prejudiciais ou não.

Face a isto interrogamo-nos: será que os cristãos baptizados e catequizados, que vão buscar fora do cristianismo a resposta para algumas das suas necessidades e das suas questões, ofendem a Deus? Podem ou não, professando a sua fé em Deus, ir à bruxa? Objetivamente, “não há nada de mais embaraçoso do que associar a fé cristã (e, no pior dos casos, quando são os próprios crentes a fazê-lo) ao duvidoso bando de ocultistas, esoteristas, parapsicológicos amadores, espiritistas, curandeiros e charlatães”³¹⁷. Os cristãos, professando a sua fé em Cristo, incorrem numa contradição ao recorrerem aos bruxos e bruxas. O crente ao honrar e reverenciar uma criatura em lugar de Deus, quer se trate de deuses ou de demónios do poder, do prazer, da raça, dos antepassados, do dinheiro, não está a ser fiel às promessas do seu baptismo. O Senhor Jesus ensinou com frequência o seu povo em relação a este perigo:

³¹⁷ Tomás HALÍK, *A noite do Confessor*, Ed. Paulinas, Águeda, 2013, pág. 213-214.

“Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem esculpida de nada que se assemelhe ao que existe lá em cima no céu, ou cá em baixo na terra, ou nas águas que estão debaixo da terra. Não te prostrarás diante desses deuses nem os servirás, por que Eu, Iahweh teu Deus, sou um Deus ciumento” (Deut 5, 7-9).

Na sua essência esta conduta, levada a cabo por muitos cristãos, incorre na idolatria, isto é, na recusa do senhorio único de Deus. Como tivemos oportunidade de referir, pela Sagrada Escritura e pelas obras dos Padres da Igreja, somente o Senhor Jesus tem o poder de derrotar o acusador dos homens para tornar vitoriosos os seus irmãos. Só Jesus, o Ressuscitado, que nos ama e liberta do pecado e do sofrimento, é o Salvador. “Pois não há, debaixo do céu, outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos” (At 4, 12).

Mediante isto podemos dirigir-nos em qualquer situação de necessidade a Cristo com o coração de irmãos. Contudo, numa grande parte dos casos tal não acontece, como mostram as entrevistas realizadas aos bruxos, frequentadores de bruxos e padres. Na prática têm sido cada vez mais os crentes que, consciente ou inconscientemente, se entregam, ao invés de a Deus e aos seus ministros, às artes ocultas.

Mas porque é que isto acontece? Será que a Igreja dá impressão de que não tem respostas para os dilemas da vida? Será que a Igreja tem cumprido a missão transmitida por Jesus aos seus apóstolos? Se somos o rosto visível de Cristo, se transportamos a sua graça e a sua misericórdia, que caminhos devemos tomar para travarmos a expansão do ocultismo e dos seus agentes? Estas são, no nosso entender, as perguntas e desafios fundamentais que presidiram ao presente estudo e que se colocam à Igreja de hoje.

De facto, nisto apresenta-se, em primeiro, a urgência de um anúncio cristão e entusiasta do Evangelho e da graça de Cristo. “Só com uma redescoberta capilar e ampla do verdadeiro sentido da religião e da fé em Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, permite responder de maneira adequada à expansão da magia”³¹⁸. Os agentes do oculto encontram terreno fértil onde existe ausência e vazio de evangelização e, no fundo, de esclarecimento, pois uma grande parte das

³¹⁸ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DA TOSCÂNIA, *op. cit.*, pág. 41.

peessoas que têm esta conduta desconhece os malefícios e a ofensa que comete a Deus. Os sacerdotes, na homilia e no exercício do seu ministério de confessores e directores espirituais e os catequistas devem advertir os fiéis contra o perigo da busca imoderada do que é extraordinário na fé e do que se apresenta como pretensamente religioso. Em segundo, mostra-se o dever dos sacerdotes receberem, com toda a alegria e disponibilidade, as pessoas que querem conversar, que querem confiar, nas suas mãos e nas mãos de Cristo, a vida, os sofrimentos e as necessidades, sobretudo espirituais. Em terceiro e último, manifesta-se a importância dos sacerdotes não negarem a dádiva de uma bênção especial, sobre as pessoas ou sobre os objetos (por exemplo, casas, carros). Daqui nasce a necessidade de valorizar os sacramentais (por exemplo, o exorcismo), que, no nosso entender, devem estar unificados a uma preocupação por explicar que nenhuma bênção é eficaz sem as disposições requeridas, isto é, a renúncia ao pecado, as orações pias e, acima de tudo, os sacramentos, com especial destaque para os sacramentos da Eucaristia e Penitência, que devem ser parte integrante da vida de cada crente.

Em suma, todo trabalho poderá ser resumido nas palavras contidas no Livro do Deuterónimo: “(...) eu te propus a vida ou a morte, a bênção ou a maldição. Escolhe, pois, a vida, para que vivas tu e a tua descendência, amando a Iahweh teu Deus, obedecendo à sua voz e apegando-te a ele” (Deut 30, 19). É uma opção que se repete na vida de cada um e na história de cada nação. Na verdade, para muitos cristãos, hoje, a vida e a bênção está na bruxaria, na magia, na superstição. Mas Deus continua a repetir e a insistir: - “Escolhe a vida” (Deut 30, 19): não podes escolher ser cristão e viver sujeito ao medo e à superstição; não podes fazer o sinal da cruz com a mão direita e fazeres as benzeduras com a esquerda. Propus-te a vida ou a morte, a bênção ou a maldição (cf. Deut 30, 19).

Qual preferimos?

Bibliografia

Patrística

AGOSTINHO DE HIPONA, *A doutrina cristã*, Col. Patrística, Ed. Paulus, São Paulo, 2002.

AGOSTINHO DE HIPONA, *Confissões*, Col. Grandes Filósofos, Ed. Apostolado da Oração, Braga, 2008.

CLEMENT D' ALEXANDRIE, *Les Stromates*, V, cap. 9, 58, texte critique et index par A. Le Boulluec. Tr. P. Voulet. SC, 278, Paris, Ed. Cerf, 1981.

Didaché, Col. Philokalia, Ed. Livraria Espanhola, Lisboa, 2004.

HIPÓLITO DE ROMA, *Tradição Apostólica de Hipólito de Roma*, Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 1981².

JEAN CHRYSOSTOME, *Huit catéchèses Baptismales*, Ed. Du Cerf, Paris, 2005.

JUSTINO DE ROMA, *I Apologia*, Col. Patrística, Ed. Paulus, São Paulo, 1995.

JUSTINO DE ROMA, *Diálogo com Trifão*, Col. Patrística, Ed. Paulus, São Paulo, 1995.

MARTINHO DE BRAGA, *De Correctione Rusticorum: Instrução Pastoral sobre Superstições Populares*, Col. Medievalia, Ed. Cosmos, 1997.

ORÍGENES, *Contra Celso*, Col. Patrística, Ed. Paulus, São Paulo, 2004.

Magistério

BENTO XVI, *Os Padres da Igreja - De Clemente de Roma a Santo Agostinho*, Ed. Editorial Franciscana, Braga, 2008.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1993.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL DA TOSCÂNIA, *Magia e demónios: Nota pastoral*, Ed. Paulinas, Prior Velho, 2014.

RITUALE ROMANUM: PAULI V PONTIFICIS MAXIMI JUSSU EDITUM ALIORUMQUE FONTIFICUM CURA RECOGNITUM ATQUE AD NORMAM CODOCIS JURIS CANONICI ACCOMMODATUM, Ed. Desclée & Cie, Romae, Tornaci, Parisiis, 1952.

RITUAL ROMANO, *Celebração dos Exorcismos*, Ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2000.

RITUAL ROMANO, *Iniciação Cristã dos Adultos*, Ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1979.

SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, *Constituição «Gaudium et Spes»*, in *AAS*, 58 (1966) 1. Seguindo a edição portuguesa *Concílio Ecuménico Vaticano II: documentos conciliares e pontíficos*, Constituição *Gaudium et Spes*, Ed. A. O., Braga, 1992¹¹.

SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, *Declaração «Dignitatis Humanae»*, in *AAS*, 58 (1965) 1. Seguindo a edição portuguesa *Concílio Ecuménico Vaticano II: documentos conciliares e pontíficos*, Declaração *Dignitatis Humanae*, Ed. A. O., Braga, 1992¹¹.

SÍNODO NESTORIANO Apud AAVV, *Antologia Litúrgica*, Ed. Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura, Fátima, 2015².

Livros

ABELLIO, Raymond, *La fin de l'ésotérisme*, Ed. Flammarion, Paris, 1973.

ALTANER, B., STUIBER, A., *Patrologia. Vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja*, Ed. Paulus, São Paulo, 1988².

- ALVES DE SOUSA, Pio G., *Patrologia Galaico-Lusitana*, Ed. Universidade Católica Editora, Lisboa 2001.
- BAUTISTA, Esperanza, *Aproximación al estudio del hecho religioso*, Ed. Verbo Divino, Navarra, 2002.
- BERGER, Peter, *La Rumeur de Dieu*, Ed. Le Centurion, Paris, 1972.
- Bethencourt, Francisco, *História das Inquisições – Portugal, Espanha e Itália*, Ed. Círculo de Leitores, 1994.
- BLAVATSKY, Helena P., *Ocultismo Prático*, Ed. Teosófica, Brasília, 2001.
- BÖHME, J., *Cahiers de l'Hermétisme*, Ed. A. Michel, Paris, 1977.
- CARVALHO, José Jorge, *Antropologia e Esoterismo: dois contradiscursos da modernidade*, Ed. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, 1998.
- CARVALHO, Miguel, *Por caminhos do Sobrenatural - Fernando Nogueira, o Bruxo de Fafe*, Ed. Fernando Nogueira, Arões São Romão, 2006.
- CASCIARO, J. M., AAVV, *Sagrada Biblia: Comentario*, Ed. EUNSA, Navarra, 2010.
- CHEVALIER, J., GHEERBRANT, A., *Diccionario de los Símbolos*, Ed. Herder, Barcelona, 1986.
- CORBIN, Henry, *Histoire de la philosophie islamique*, Ed. Gallimard, Col. Idées, nº38.
- COUTINHO, Jorge, *Caminhos da razão no horizonte de Deus*, Ed. Tenacitas, Coimbra, 2010.
- COUTO, António, *Pentateuco. Caminho da Vida agraciada*, Ed. UCP, Lisboa, 2003.
- COUTO, E. M., *A nossa terra e suas devoções: perspectiva histórica e pastoral*, Ed. Companhia Editora do Minho, Esposende, 2002.
- COUTO, E. M., *Cristãos e Bruxas: Reflexão Pastoral sobre bruxaria e práticas supersticiosas*, Ed. Conselho Pastoral de S. Paio de Antas, Esposende, 1991².

- CRAWFORD, J. R., *Witchcraft and Sorcery in Rhodesia*, Ed. Orford University Press, Londres, 1967.
- DANIEL, ROPS, *A Igreja das Catedrais e das Cruzadas*, Col. História da Igreja de Cristo III, Ed. Livraria Tavares Martins, Porto, 1961.
- DANIEL, ROPS, *A Igreja do Renascimento e da Reforma*, Col. História da Igreja de Cristo IV, 1º, Ed. Livraria Tavares Martins, Porto, 1961.
- DANIEL, ROPS, *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*, Col. História da Igreja de Cristo I, Ed. Livraria Tavares Martins, Porto, 1961.
- DOSTOIEVSKI, Fiódor, *Os Irmãos Karamázov*, Ed. Relógio D'Água, Lisboa, 2012.
- DUQUE, João, *Cultura Contemporânea e Cristianismo*, Ed. Universidade Católica, Lisboa, 2004.
- EHRENWALD, Jan, *Psychotherapy: Myth and Method*, Ed. Grune & Sttraton, New York, 1966.
- ELIADE, Marcea, *Historia de las creencias y las ideas religiosas I*, Paidós Ibérica, Buenos Aires, 1999.
- ESTEVES, J. F. C., CORDEIRO, J. M.G., *Liturgia da Igreja*, Ed. Universidade Católica, Lisboa, 2008.
- FAIVRE, Antoine, *O Esoterismo*, Ed. Papyrus, Campinas, 1994.
- FALCÃO, M. Franco, *Enciclopédia Católica Popular*, Ed. Paulinas, 2004.
- FERREIRA, José Augusto, *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga (Séc. III- Séc. XX)*, Tomo I, Ed. Mitra Bracarense, Braga, 1928.
- FERRERO, Guglielmo, *La Ruine de la Civilisation Antique*, Ed. Emprimeurs-Éditeurs, Paris, 1921.
- FIEBAG, Peter, GRUBER, Dr. Elmar, HOLBE, Rainer, *Enigmas do Ocidente*, Ed. Círculo de Leitores, Madrid, 2003.

- FRANCISCO, *O nome de Deus é Misericórdia*, Ed. Planeta, Lisboa, 2016.
- FRANZEN, August, *Breve História da Igreja*, Ed. Editorial Presença, Lisboa, 1996.
- FRAZER, J. G., *O ramo de ouro*, Ed. ZAHAR, Rio de Janeiro, 1982.
- GARDNER, G., *A Bruxaria hoje*, Ed. Madras, São Paulo, 2014.
- GERSÃO, Teolinda, *Paisagem com mulher e mar ao fundo*, Ed. Jornal, Lisboa, 1985.
- GONZÁLEZ-QUEVEDO, Óscar, *Antes que os demónios voltem*, Ed. APPACDM Distrital de Braga, Braga, 1996.
- GONZÁLEZ-QUEVEDO, Pedro José, *Feiticeiros, Bruxos e Possessos*, Ed. A. O, Braga, 1980.
- GOVERNO, Isabel Nunes, *Logos, Devas e Elementais*, Ed. Centro Lusitano de Unificação Cultural, Lisboa, 2002.
- GREENWOOD, Susan, *Manual Enciclopédico de Magia e Feitiçaria*, Ed. Estampa, Lisboa, 2002.
- GUILLÉN TORRALBA, J., «Exodo», in OPORTO, Santiago Guijarro, Salvador, GARCÍA, Miguel (org.), *Comentario al Antiguo Testamento I*, Col. La casa de la Biblia, Ed. Verbo Divino, Navarra, 2008.
- HALÍK, Tomás, *A noite do Confessor*, Ed. Paulinas, Águeda, 2013.
- HALL, Joseph, *Works*, Ed. P. Wynter, Oxford, 1836.
- HOMERO, *Odisseia*, Canto III, verso 48, Ed. Livros Cotovia, Lisboa, 2005.
- JÁMBLICO, *Vita Pythagorica*, Ed. Gredos, Madrid, 2003.
- KRAMER, Heinrich, SPRENGER, James, *O martelo das feiticeiras*, Ed. Rosa dos Tempos, São Paulo, 2001.

- LACERDA, Aarão de, *O fenómeno Religioso e a Simbólica*, Col. Filosofia & Ensaio, Ed. Guimarães Editores, Viseu, 1998.
- LAPLANCHE, J., PONTALIS, J. B., *Diccionario de psicoanálisis*, Ed. Labor, Barcelona 1971.
- LAROUSSE, Pierre, *Grand Dictionnaire Universel*, Impressão Larousse, v. XVII, Paris, 1888.
- LAURANT, J. P., *O Esoterismo*, Ed. Paulus, São Paulo, 1995.
- LEA, Henry Charles, *History of the Inquisition of the Middle Ages*, Ed. Harper & Brothers, New York, 1888.
- LEUENBERG, Hans-Dieter, *O que é esoterismo. A surpreendente história do esoterismo desde a Atlântida até os dias atuais*, Ed. Pensamento, São Paulo, 1997.
- LÉVI, Eliphas, *Dogme et rituel de haute magie*, Ed. Niclaus, Paris, 1856.
- LIMA, J. S., «Deus, não tenho nada contra...» *Socialidades e Eclesialidades no destino do Alto-Minho*, Ed. Universidade Católica Portuguesa, Porto, 1994.
- MAÇANEIRO, Marcial, *Esoterismo & Fé Cristã: encontros e desencontros*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1997.
- MACEDO, António de, *A alquimia espiritual dos Rosacruz e outros ensaios*, Ed. Digital, São Paulo, 2007 (acedido em 8 de Outubro de 2015)
[\[http://www.christianrosenkreuz.org/antologia_antoniodemacedo.pdf\]](http://www.christianrosenkreuz.org/antologia_antoniodemacedo.pdf).
- MACINAI, Ludovico, *Uomini e Spiriti*, Ed. Desclée – Lefebvre, Roma, 1906.
- MENCHÉN CARRASCO, J., «Primer Libro de las Cronicas», in OPORTO, Santiago Guijarro, GARCÍA, Miguel Salvador (org.), *Comentario al Antiguo Testamento I*, Col. La casa de la Biblia, Ed. Verbo Divino, Navarra, 2008.
- MOLINA, N. A., *Antigo Livro de São Cipriano*, Ed. Editora Espiritualista, Rio de Janeiro, 1993⁵.

- NAMORA, Fernando, *Diálogo em Setembro*, Ed. Europa-América, Mem Martins, 1971.
- OLIVEIRA BARROS, J. H., *Não tenhais medo*, Ed. A. O., Braga, 2005².
- OLIVEIRA GONÇALVES, Bruno G., O mal da Bruxaria, XXVI Simpósio Nacional de História, São Paulo, Universidade de São Paulo, 17 a 22 de Julho de 2011, (acedido em 12 de Maio de 2016) [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1299637317_ARQUIVO_2011-XXVIANPUH-Artigo-Omaldabruaria.pdf].
- OTTO, Rudolf, *Lo Santo. Lo racional y lo irracional en la idea de Dios*, Ed. Alianza, Madrid, 1980.
- OTTO, Rudolf, *O Sagrado*, Ed. 70, Lisboa, 1972.
- PAIVA, J. P. M., *Feitiçarias, Bruxarias e Curas Supersticiosas*, Publicações do Arquivo da Universidade de Coimbra, v. VII, Coimbra, 1985.
- PAIVA, José Pedro, *Bruxaria e Superstição – num país sem “caça às bruxas”*, Ed. Editorial Notícias, Lisboa, 1997.
- PAPUS, *Tratado de Ciências ocultas*, v.1, Ed. Três, São Paulo, 1973.
- PASTOR RAMOS, F., «Hechos de los Apostoles», in OPORTO, Santiago Guijarro, GARCÍA, Miguel Salvador (org.), *Comentario al Nuevo Testamento*, Col. La casa de la Biblia, Ed. Verbo Divino, Navarra, 1995.
- PIERINI, Franco, «La Edad Media», in Juan María Laboa – Franco Pierini – Guido Zagheni, *Historia de la Iglesia*, Ed. San Pablo, Madrid, 2005.
- PLUTARCO, *Obras morales y de costumbres*, (Moralia) XII Tratados Antiepicúreos, Ed. Gredos, Madrid, 2004.
- PUIG, J. O., “Prólogo”, in CHEVALIER, J., GHEERBRANT, A., *Diccionario de los Símbolos*, Ed. Herder, Barcelona, 1986.

- QUIVY, Raymond, CAMPENHOUDT, Luc Van, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Ed. Gradiva, Lisboa, 2003.
- RATZINGER, Joseph, *Diálogos sobre a fé*, Ed. Verbo, Lisboa, 1985.
- RATZINGER, Joseph, *Jesus de Nazaré*, Ed. A esfera dos livros, Lisboa, 2007.
- RATZINGER, Joseph, *Introdução ao Cristianismo*, Ed. Principia, Cascais, 2005.
- RIFFARD, Pierre, *Dicionário do Esoterismo*, Ed. Teorema, Lisboa, 1993.
- RODRIGUES, Ernesto (coord.), *Obra Completa Padre António Vieira: Sermões do Rosário Maria Rosa Mística II*, v. IX, Col. Parenética, Tomo II, Ed. Círculo de Leitores, 2013.
- SAMPAIO, Fernando, *A cura pela fé: Dimensão terapêutica da unção dos Enfermos*, Ed. Paulinas, Prior Velho, 2009.
- SÃO TOMÁS D'AQUINO, *Suma Teológica*, Ed. Loyola, São Paulo, 2005.
- SEGALEN, Martine, *Ritos e Rituais*, Ed. Publicações Europa –América, Mem-Martins, 2000.
- SELIGMANN, K., *Magia, sobrenatural e religião*, Ed. 70, Lisboa, 2002.
- SILVA, M. G. C. da, *Saber esotérico e cultura ocidental moderna*, in: XI Congresso Brasileiro de Sociologia, (Campinas, 2003), *Sociologia e Conhecimento: além das fronteiras*, gráfica UNICAMP, Campinas, 2003.
- SOUSA LARA, Duarte, *Deus está a Salvar-me... e a libertar-me de todo o mal...*, Ed. Lucerna, Cascais, 2015.
- TAVARES MALEVAL, Maria do Amparo, «Representações diabolizadas da mulher em textos medievais», in DAVID, Sérgio Nazar, *As mulheres são o diabo*, Col. Clepsidra, Ed. UERJ, Rio de Janeiro, 2004.
- THOMAS, Keith, *Religião e o declínio da Magia*, Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 1991.

- TORRALBA, Juan Guillén, «Genesis», in OPORTO, Santiago Guijarro, GARCÍA, Miguel Salvador (org.), *Comentario al Antiguo Testamento I*, Col. La casa de la Biblia, Ed. Verbo Divino, Navarra, 2008.
- TOSATTI, Marco, *Dicionário do Papa Ratzinger*, Ed. Paulus, Lisboa, 2006.
- URQUIRI, Timóteo de, «Rito: Rito como conjunto de fórmulas e cerimónias», in AAVV, *Gran Enciclopèdia RIALP*, 6ª ed., Tomo XX, Ed. Rialp, Madrid, 1989.
- VÁZQUEZ, BORAU, José Luis, *Los Nuevos Movimientos Religiosos*, Ed. San Pablo, Madrid, 2004.
- VERNETTE, Jean, *Ocultismo, Magia, Encantamentos*, Ed. Salvator, Mulhouse, 1986.
- WAITE, A. E., *O livro dos Feitiços: Rituais de feitiçaria e de magia negra*, Ed. Livros de Vida, Mem Martins, 2002.
- WEBSTER, Hutton, *Magic: A Sociological Study*, Ed. Standford, Standford University Press, 1948.

Revistas

- AGRA FILHO, Luciano Bezerra, «Religião e magia na Idade Moderna no campo historiográfico», in *História: imagem e narrativas*, nº 6 (2008), pág. 1-10.
- CARNEIRO DA COSTA, J., «A criança em crenças populares, Hoje: uma questão pastoral», in *Revista Cenáculo*, v. XIX, nº 113 (1990), pág. 35-46.
- DIAS, Patrícia R. C., «Ritos e Rituais – vida, morte e marcas corporais: A importância desses símbolos para a sociedade», in *Revista VIDYA*, v. 29, nº 2, (2009), pág. 71-86.
- LEITE, Fábio, «Bruxos e Magos», in *África: Revista do centro de estudos africanos*, nº 14-15, (1991/1992), pág. 69-80.

- LOPES DA COSTA, R., «Religiosidade Popular: fenómeno, mística e o símbolo», in *Revista Diversidade Religiosa*, v. 1, nº 1 (2014) (acedido em 18 de Fevereiro de 2016) [<http://periodicos.ufpb.br/index.php/dr/article/download/18162/10349>].
- LOPES DE MIRANDA, J. C., «Omnia ad usum Hominum: Tipologias cultu(r)ais e ética antropocêntrica no De Correctione Rusticorum de S. Martinho de Dume», in *Revista Teológica*, 2ª série, v. 47, nº 2 (2012), pág. 521-540.
- NEIVA SOARES, Franquelim, «Medicina popular e feitiçaria nas visitas da Arquidiocese de Braga nos séculos XVI e XVII», in *Revista de Guimarães*, nº 103 (1993), pág. 67-97.
- REAVES FARRIS, James, «Ação pastoral e mágica: o Evangelho e a cultura à luz do sincretismo», in SATHLER-ROSA, Ronaldo (org.), *Culturas e Cristianismo*, Col. Ciências da Religião, Ed. Loyola, São Paulo, 1999, pág. 141-155.
- RINALDI, Azzurra, «A Superstição e a magia na religião cristã da Idade Média», in *Revista Labirinto*, v. 20 (2014), pág. 5-20.
- SANCHEZ SORONDO, Marcelo, «In che cosa credono quelli che non credono?», in *Aquinas*, nº XLI, fas. 3, (Roma 1998), pág. 465-482.
- VIEIRA, O. S., «O Esoterismo; uma abordagem hermenêutico-conceitual», in *Revista de Estudos da Religião*, nº 1 (2014), pág. 1-13.

ANEXO I

ENTREVISTAS (BRUXOS, FREQUENTADORES E PADRES)

Anexo I

Bruxo 1

(doc. 1)

1. Como descreve e interpreta estas suas práticas?

Estar no sobrenatural e no espiritismo é uma conjugação de situações que é denominado por exegeta, conjunto público, chamado morada aberta, que é uma pessoa com poderes paranormais, que Deus lhe concedeu para ajudar uma pessoa.

2. Quais os rituais/práticas que utiliza nesta prática oculta?

Portanto, eu pratico tanto no espiritismo como no sobrenatural, eu só posso usar a magia branca. A magia branca é usada simplesmente para combater a magia negra, para combater o mal, só serve para esse fim e absolutamente para mais nada. Depois, para a bruxaria, para a feitiçaria, mal de inveja, mau-olhado, para os cortes de vida há outros ingredientes, outras orações adequadas a cada problema.

Não obstante, eu pratico também o exorcismo. O exorcismo não é mais do que uma oração contra o poder do mal. O exorcismo até poderá estar em vias de extinção, porque o bruxo que se incorpora se tira o espírito do ser humano deixa de ter importância em parte alguma. O exorcismo é a oração que tem a faculdade de poder destituir o espírito maligno dentro do corpo de uma pessoa. O exorcismo é simplesmente uma oração, por exemplo, «Vai em paz e o Senhor te acompanhe». Contudo, aos padres falta-lhes o melhor, ou seja, o poder que eu tenho.

3. Sente necessidade de cultivar a sua espiritualidade? Como faz?

Sinto que é importante. Eu procuro fazer as minhas orações e os meus trabalhos, ou seja, ajudar as pessoas nas suas mais variadas dificuldades.

4. Que tipo de crenças/fundamentos estão presentes nesta espiritualidade (magia branca, magia negra, pragas, entre outros)?

Somente fazer o bem e ajudar as pessoas. Quando eu iniciei estes meus trabalhos sempre pensei em ajudar as pessoas que recorressem à minha ajuda. Quando alguém recorre

aos meus trabalhos para fazer mal a alguém eu convido a retirar-se, pois não foi para isso que eu me iniciei.

5. Considera clara a distinção entre magia branca e magia negra? Se sim, qual o teor dessa distinção?

Para mim é clara a distinção entre a magia branca e a magia negra. A magia negra é para destruir, para matar, só serve para matar, já a magia branca é baseada na destruição da magia negra. A magia negra é feita de várias maneiras. Há um ritual, isto é, uma missa cantada e oferecida a Lucifer, ou a Satanás ou à Besta. Essa oferenda pode ser feita no cemitério, numa encruzilhada, à beira mar, onde o bruxo(a) do mal entender que deve ser realizada, sendo que só pode ser feita entre a primeira onda da manhã e as 5 e 30 da manhã. Daqui para a frente não pode fazer mais nada, porque elas são feitas diante das horas abertas e as horas mais abertas que nós temos, por incrível que pareça, é de noite.

6. Pratica magia branca? E magia negra? Se sim, quais as práticas de uma e de outra?

Eu sou o bruxo do bem, pratico magia branca. Quanto às práticas de uma e de outra posso dizer que são usadas orações adequadas ao tipo de magia negra que foi feita, por exemplo, com animais que foram torturados até à morte, onde só é aproveitado simplesmente o sangue desse animal, um osso de defunto, charutos cubanos, uma determinada porção de ingredientes como frangos assados, galinhas pretas e brancas, sendo que as brancas podem dar tanto para o bem como para o mal, terra do cemitério e as fotografias das pessoas que são para destruir, isto tudo no que toca à magia negra. Mediante isto o bruxo do bem, como eu, usa as orações do poder do Pai, com a utilização de velas brancas, pano de cetim branco, cálix de Cristo, a hóstia consagrada, tudo inverso do ritual negro, para se proceder à purificação das pessoas, que foram afectadas com a magia negra, para obter a cura das mesmas, sempre pedindo ao Pai, porque Ele é soberano em tudo.

As hóstias consagradas nunca são para magia negra. Estas são sempre para o bem, mas também dão para o mal. Veja-se o caso em que as hóstias consagradas são utilizadas na magia negra: isto acontece quando o padre ergue a hóstia e o cálix e diz: - «Tomai comei e bebei todos este é o Meu corpo, este é o Meu sangue da nova e eterna aliança, que vai ser derramado por vós», então o bruxo(a) do mal pega na fotografia e pega na hóstia consagrada e entre esta oração que eu referi atrás e o cálix é-lhe rogada uma praga a essa pessoa. Tudo isto tem lugar dentro da casa de Deus, que são as Igrejas, sempre à beira da Pia do Baptismo. O bruxo(a) depois de fazer este ritual dentro da Igreja dá continuidade a este seu trabalho nas encruzilhadas, onde chega à situação de colocar velas pretas, a foto das pessoas em causa no

meio e a hóstia consagrada completamente picada por um prego de caixão de um defunto. Todo este ritual é levado a uma campa do cemitério. Perante tal prática está rogada uma praga à pessoa (s), que daqui para a frente deixa de ser a mesma, pois a sua vida começa a ser destruída. Há muitas formas na bruxaria e no sobrenatural de destruir a vida de uma pessoa.

7. Utiliza símbolos nas suas práticas? Quais?

Utilizo. A cruz, terço e anjos, chaves do sacrário, santos.

8. Qual é para si o significado desses símbolos? Como os relaciona?

A cruz que está sempre presente. Para mim a cruz significa Cristo. Através de Cristo pedimos ao Pai, pedimos que o Filho interceda por nós junto do Pai e dos seus discípulos porque Ele tem o poder para tal. Uso o terço, quando tenho de rezar pelo espírito que uma pessoa tem dentro de si. O Credo e outras orações que eu tenho apropriadas, que posso e devo usar, para benefício da purificação do espírito que habita dentro da pessoa. Quando uma pessoa está possuída por um espírito faço uma incorporação, o espírito fala dizendo quem é, de onde é, o que quer que lhe seja feito. Daqui para a frente se seguir direito o que o espírito quer, a pessoa deixa de estar possuída. Uso o símbolo dos anjos como protectores divinos. Os anjos são de Deus, escolhidos por Deus para protegerem o Filho do Homem, sendo que uma pessoa pede autorização ao Pai para poder invoca-los, como por exemplo, o arcanjo São Miguel, para poder fazer uma purificação, com orações a Deus, no sentido de libertar as pessoas do mal.

Quanto às chaves do sacrário posso afirmar-lhe que são utilizadas para fechar a morada, aliás a morada só pode ser fechada com a presença desta. No tocante, aos santos é importante atender que não utilizo estes que tenho aqui na minha sala, mas os que estão no céu. Estes simbolizam aqueles que estão no céu.

No que toca a símbolos que não sejam de Deus ou litúrgicos posso dizer-lhe que são satânicos. A seguir aos símbolos de Deus só há cunhos satânicos. Porém, tudo o que há a vender nas lojas esotéricas, por exemplo, o olho-turco, não fazem parte do espiritismo e do sobrenatural, são simplesmente ingredientes fingidos, ingredientes para poder roubar dinheiro às pessoas. Os bruxos(a) que compram nessas lojas esotéricas esses produtos têm a consciência de que estão enganar os outros.

9. Na sua opinião, o número de «crentes» tem aumentado?

Cada vez mais, porque os médicos não têm solução para os problemas espirituais, mas nós médiuns de incorporação, nós espiritas também não temos solução para as doenças que estão reservadas aos médicos. Posso-lhe dizer que atendo por mês à volta de 800 pessoas.

É importante relevar que os padres não têm poderes, nem espirituais nem sobrenaturais, excepto os que têm a morada aberta como eu tenho e como outros a têm. Até agora o Vaticano nunca ligou ao espiritismo nem ao sobrenatural, afirmava que não existia nada disso. Tanto que é mentira e está provado biblicamente que Jesus curou pessoas possuídas do espírito, por isso já no tempo de Jesus Cristo já existia espíritos maus. Na Bíblia diz: «ai de vós que praticais o mal, jamais tereis perdão perante Mim», por isso, o mal existe. Se a nossa Bíblia católica, apostólico-romana é sagrada só pode ter coisas boas, então o que está a fazer Satanás? Devia de ter um livro à parte que explicasse o satanismo.

De igual modo, com que direito o Vaticano diz ter um padre, por cada freguesia, para fazer exorcismos? O Vaticano deu um curso para preparar padres exorcistas. Onde são tirados esses cursos? São reconhecidos por quem, porque ministério? Jesus Cristo curou não com um curso, mas com um poder. Por isso, a Igreja já vem tarde de mais. Estão a tentar ignorar os bruxos (as) dando cursos aos padres para fazerem exorcismos. Então São Cipriano não foi bruxo e decapitado? Agora ele é santo. Tantas bruxas que foram queimadas no fogo eterno. Não acha que quem as matou não deveria ter morrido também? Apesar da Igreja ter pedido perdão isto não vai por esse caminho, jamais. No tempo da inquisição ultrapassaram os 800.000 mortos e o pior é que foi a minha religião católica, certamente que estão todos no inferno a arder. Pode até haver padres bons, mas a maioria está a arder no inferno.

Vem aqui gente de todos os níveis sociais e de todas as idades. Eu trabalho para todo o mundo, tenho gente de outros países a procurar-me. Eu sou o único bruxo que fiz uma conferência de imprensa para 685 padres, ortodoxos e católicos, na Polónia.

Eu aqui atendo gente de todas as idades. Desde crianças de 5 e 6 anos de idade acompanhados pelos pais. Até aos 18 anos eu não atendo as pessoas, sem que elas estejam acompanhadas por um adulto. Mesmo com idade superior a 18 anos há pessoas que têm que vir acompanhadas, devido a terem a doença de alzheimer, parkinson ou doenças mentais.

No que toca ao sexo das pessoas que aqui vêm posso dizer-lhe que ultimamente é meio por meio. Antigamente, de facto era mais mulheres do que homens, mas agora não noto diferença no número de mulheres e homens que me procuram. Posso dizer-lhe que estes cada vez mais têm crença no bruxo de Fafe. – Porventura com a crise o número de pessoas tem aumentado? Não, a doença espiritual sempre existiu e existirá enquanto o mundo for mundo.

10. Quais os principais motivos/problemas que levam os «crentes» a procurá-lo?

Problemas de doença cujas pessoas seguidas por 4 e 5 médicos fizeram exames e análises e nada foi detectado. Mediante tal cenário as pessoas recorrem a um bruxo para saberem se não têm alguma maleita do sobrenatural e do espiritual. Procuram os bruxos para verem se têm a morada aberta, males de inveja, maus-olhados, cortes de vida e feitiçarias. Para compreender melhor o mau-olhado devemos ter em conta que este tem por detrás um ritual mais poderoso do que o do mal de inveja. Não chega, simplesmente, fazer algum comentário invejoso, por exemplo, «a vida de tal pessoa devia de correr mal». Para que a vida de uma pessoa comece a correr mal, para que lhe seja rogado um mau-olhado é preciso recorrer a um bruxo(a) do mal, que não está com Deus mas com o Demónio, e pagar-lhe os serviços. Quanto aos cortes de vida posso dizer-lhe que consiste em todo aquele ritual, feitiçaria, que é feito para destruir o caminho da pessoa, com o objectivo da pessoa ficar doente ao ponto de se suicidar. Já a morada aberta, assunto que me é muito querido, diz respeito a todo aquele espirita que tem poderes sobrenaturais para ajudar os outros. Faz a consulta, utiliza o seu poder, usa o seu espírito e usa as suas orações fazendo sair tudo aquilo que a pessoa possa ter. Caso não tenha nada deve ser encaminhada para o médico.

As pessoas procuram-nos porque não é normal uma pessoa estar bem e de repente começa a gastar tudo o que tem. Quando o dinheiro vai, apesar de ele ser do demónio, não podemos viver, não temos felicidade. Eu conheço milhares de casos que enquanto havia dinheiro existia muito amor. No entanto, o dinheiro acabou e com ele o amor, o casamento, passando a uma vida de maus-tratos. O amor é o principal motivo que trás as pessoas aqui. O amor é a trama da vida das pessoas, sem ele elas não podem viver.

Mas por vezes há pessoas que dizem ouvir e ver pessoas mortas. Os espíritos são bons. Estes espíritos bons vêm cá, simplesmente, porque não conseguem ir para o Reino dos Céus e aí o bruxo, como intermediário, procura fazer a sua vontade e encaminhá-lo para Deus. Porém, também há aqueles espíritos malignos que quando não querem ser libertados para o bem eu também os liberto para o mal, mandando-os para o mar coalhado, onde deixa de chatear imediatamente o ser humano. Quando os espíritos não querem vir a bem arretam todos os caminhos para chegar ao Reino de Deus. Face a isto uma pessoa só tem uma coisa a fazer, isto é, excomunga-lo e mandá-lo para o mar coalhado, onde o espírito vai permanecer toda a vida. Para que se possa proceder a isto temos que pedir às pessoas do mar se nos dão licença de fazer um ritual, porque este espírito não quer ser libertado para o bem. Para que seja reencaminhado para o reino imortal temos que utilizar os rituais satânicos. Posso dizer-lhe que faço este tipo de rituais. Tenho uma lista dos nomes das pessoas que fazem comigo os cânticos e as danças. Para procedermos a este rito vestimo-nos a rigor, para podermos rezar a

satanás para mandar o espírito para o mar calhado. Veja: se nós damos a possibilidade de sair do corpo do ser humano, para poder ser feliz com ele na terra, quando damos a possibilidade de fazer uma purificação para orar e entregar ao Pai, então se até isto não resultar procedo a este ritual.

11. Que tipo de soluções costuma apresentar para os motivos/problemas? Perante o diagnóstico que faz ao paciente, receita ou aconselha alguma coisa? Se sim, o que receita ou aconselha?

Se a pessoa estiver doente e que essa doença estiver dentro do meu âmbito eu atendo-a e procuro ajudar. Caso seja uma feitiçaria eu aconselho um purgante, onde procuro que a pessoa vomite essa feitiçaria ou por cima ou por baixo até que a feitiçaria saia fora. No caso de uma feitiçaria feita através de cantos satânicos, eu tenho que fazer um tratamento, que consiste em deitar na banheira as essências adequadas ao problema que lhe foi encontrado, para que a pessoa possa ficar purificada no seu espírito e dar-lhe uma protecção para um determinado tempo. Aqui entra água benta, velas e os defumadouros, que levam várias essências desde a arruda, mostarda, alecrim, essência em pó, coração, folha de oliveira, entre outras. O defumadouro para ser bom tem de ter trinta essências e depois de reunidas deve juntar-se o álcool e o fogo, que, por sua vez, deve ser benzido pelo próprio bruxo dizendo as palavras: - «Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo». De seguida em voz baixa, como manda Ezequiel, fazemos as nossas orações e defumamos o doente, sempre em caso de necessidade. Os defumadouros que eu tenho sou eu que os faço, as ervas são colhidas por mim em vários montes, na zona do Minho. Tenho sítios adequados onde sei que existem as ervas, para fazer os meus defumadouros, uma vez que nem sempre é preciso recorrer a esta prática.

Dentro dos problemas procuro responder aqueles que me pedem para fechar a morada. Por exemplo, uma pessoa como eu que tenha a morada aberta e não queira fazer estes trabalhos pode fazer um alinhamento, fechando-se a morada.

Eu fecho a morada com o poder que Deus me deu, com as orações, sendo que uma delas invoco São Pedro, que é o dono das chaves do Reino de Deus, para que abra as portas para uma pessoa entrar. Então pegando numas chaves do sacrário, que eu possuo, abro para a esquerda, faço a purificação das guias espirituais, faço as orações de limpeza, defumo a pessoa, benzo a pessoa e termino com as chaves para a direita, duas vezes, a fim de fechar.

12. Houve já alguma situação/caso em que tivesse sentido que não conseguia ajudar a pessoa? Qual?

Não, nunca, porque quem não consegue ajudar não tem poder. Quem tem poderes não pode afirmar que não consegue, que vê mas não pode. Quem assim o fizer é um falso vidente, um falso bruxo. Caso o problema não seja dentro deste âmbito deve ser encaminhado, mas aí já não temos nada a dizer.

13. Costuma cobrar algum montante pelos seus serviços?

Não! A única coisa que eu cobro é aquilo que as pessoas quiserem botar na cestinha. O povo que eu atendo e me conhece sabe que eu tenho consciência. Se eu tiver alguém que me diga que não pode dar nada, que neste momento não tem dinheiro, mas se verificar que veio de carro digo às pessoas que me devem pagar o que querem, pois se vieram de carro é porque têm dinheiro para o manterem. Dizerem que estão desgraçados e vêm de carro não pode ser verdade, eu a estes exijo que me paguem, têm que me dar se não chamo as autoridades. Caso me diga que veio de transporte a pagar e não tem dinheiro eu aí digo para ir com Deus, que a mim não me deve nada.

Bruxo 2

(doc. 2)

1. Como descreve e interpreta estas suas práticas?

Há uns tempos comecei a aperceber-me de que estava dotada de dons que, de certa forma, me obrigavam a ajudar as pessoas. Desde nova, ouvia muitos barulhos que me faziam tremer, mas como eu era nova não percebia nem falava acerca disto com ninguém, nem com os meus pais. Porém, quando decidi contar aos meus pais, eles disseram-me que eu já tinha problemas em bebé. Assim, de vez em quando, eles davam-me uma volta, eu tomava qualquer coisa e melhorava, mas aquilo foi sempre andando. A casa dos meus pais é um sítio muito sujeito a estas coisas; eu estava de noite a ver televisão e ouvia cavalos, mas quem viesse cá fora não via nem ouvia cavalos. A partir da meia-noite, às vezes, estando eu a dormir, pressentia que estava uma pessoa a entrar pelo quarto dentro. Essa pessoa abria a porta da sala, entrava e vinha espreitar ao meu quarto. Eu abria os olhos, via uma sombra e ela desaparecia. Como referi, nunca disse nada aos meus pais. Se calhar devia ter dito, porque podia ser logo tratada no começo.

Com o passar do tempo, as coisas andaram mais ou menos controladas, porém quando me casei comecei a ter mais problemas: não conseguia ir à igreja, nem cemitérios. Eu pensava

que eram problemas da minha cabeça. Andei por médicos, por bruxas que, fazendo trabalho como eu agora faço, diziam que eu que tinha a morada aberta. Pensei logo que haveria uma cura que não passasse por fazer este tipo de trabalhos. Todavia, foram tantos os anos que andei a fazer estes tratamentos, que sugeri ir a um padre. Primeiro, fui ao padre da paróquia, que foi muito bruto, abandonando-me no altar porque eu comecei a falar lá sozinha. Eu caía no chão, desmaiava e não sabia o que fazia. Depois continuava na minha vida, mas nunca a sentir-me bem. Por exemplo, se passasse por alguém começava a pressentir e dizia assim ao meu marido: aquele homem vai morrer, aquele senhor não está bem da cabeça. Também me virava para as minhas colegas e dizia-lhes que não estavam bem e elas perguntavam-se como eu sabia. Foi assim que os meus dias iam sendo vividos. Contudo, comecei a pensar que não podia viver assim. Então fui a um outro padre que ajuda pessoas como eu ajudo, que me disse que eu fui tarde de mais. Ele chegava a um certo ponto que não conseguia mais prosseguir as suas rezas, pois eu esperneava e começava a falar de pessoas mortas. Depois disto, fui a um senhor que me aconselhou a fazer estes trabalhos, para começar a ver e a sentir-me bem.

Já vão 11 anos desde que eu me decidi a realizar estes trabalhos. No início, nós temos um guia que nos ajuda a lidar e discernir tudo aquilo que pressentimos. Também nestes trabalhos devemos ter as nossas orações, no sentido de cultivar a nossa espiritualidade. Temos de estudar o nosso próprio corpo para sabermos como havemos de actuar com as pessoas. Os meus primeiros trabalhos foram com fotos, não com pessoas. Foi com fotos de pessoas conhecidas que comecei a melhorar o meu trabalho e com as minhas orações a captar as coisas. Com o passar do tempo, estas capacidades foram-se aperfeiçoando e tornando-se cada vez mais fortes.

Não obstante, acho que tudo isto que eu pratico é bom, porque as pessoas que recorrem a mim, depois de uma sessão, sentem-se bem. Elas dirigem-se ao local onde eu realizo os meus trabalhos e eu faço o que tenho a fazer ou recomendo algo. Sei que há muitas maneiras de realizar estes trabalhos – eu tenho a minha maneira – mas o que interessa é que as pessoas se sentem libertadas dos seus problemas.

2. Quais os rituais/práticas que utiliza nesta prática oculta?

Os meus rituais andam muito na base dos defumadouros. Por exemplo, quando me aparece uma pessoa que tem um familiar que morreu de repente e que não se anda a sentir bem, eu procuro entrar em contacto espiritual com o falecido para saber o que ele quer, quais as promessas que tem. Depois defumo as pessoas que recorreram a mim.

Outras práticas que eu utilizo são os feitiços para cortar outros feitiços. Sei que há muita gente que não acredita que as feitiçarias existem, mas o certo é que elas existem. Para as

feitiçarias como maus-olhados e feitiços de amarrações, conto com alguns produtos para desfazer estes males, mas quase sempre utilizo os defumadouros. Também uso produtos espirituais que contam sobretudo com as minhas orações. Estes, geralmente, são à base de chás e outros produtos que eu aconselho, mas há uma parte que só eu a posso fazer, isto é, as orações que vão libertar as pessoas.

3. Sente a necessidade de cultivar a sua espiritualidade? Como o faz?

Sim, sinto em mim uma necessidade de cultivar esta minha espiritualidade, porque se não o fizer não ando bem. Se eu parar de fazer este trabalho, deixo de conseguir entrar numa igreja. Por exemplo, às vezes vou de férias e, se eu não cultivar ou fizer estes trabalhos, começo a andar pior. Para isso, procuro fazer certas coisas para mim própria, normalmente com fotos que tenho sempre em casa, porque senão começo a inchar. Também conto com as minhas orações, que me ajudam a libertar. Estas orações têm um carácter secreto, mas são todas da religião católica. No fundo, as orações são sobre o Credo e outras que a Igreja contempla. Mas tenho uma oração que é mesmo minha, criada por mim e essa não revelo a ninguém.

4. Que tipo de crenças/fundamentos estão presentes nesta espiritualidade (magia branca, magia negra, pragas, entre outros)?

Nunca usei, nem uso, as magias negras. Logo que comecei a realizar estes trabalhos, jurei que iria sempre ajudar as pessoas e não fazer qualquer mal a alguém. Quem me pedir para fazer mal, a quem quer que seja é convidado a retirar-se. Todavia, já foram vários os casos de pessoas que solicitaram os meus serviços para fazer uma feitiçaria. Os pedidos geralmente baseavam-se em feitiços de amarrações, problemas entre namorados, problemas com os vizinhos, que no fundo suscitam mal-estar entre as pessoas. Ao início estes casos eram mais frequentes, como agora as pessoas já me conhecem – sabem que eu não faço nada disso – já não me pedem.

5. Considera clara a distinção entre magia branca e magia negra? Se sim, qual o teor dessa distinção?

Para mim, é clara a distinção entre magia branca e magia negra. A magia branca consiste na magia para ajudar as pessoas, é a magia do bem. Qualquer um pode fazer esta magia, até um padre. Eu tenho conhecimento de padres que dizem que não realizam magia branca, mas sei que a praticam. Eu própria tenho provas: já conversei com um padre, que me ajudou muito, e ele fazia magia sempre com a ressalva que era só para o bem. Nunca fiz nem faço para o mal, pois acho que aqueles que o fazem começam a perder os dons. Eu já ouvi

falar de pessoas que, depois de realizar a magia do mal, não conseguem ajudar mais e, por isso, dedicam o resto da sua vida a realizar o mal. Há pessoas que praticam só a magia do bem, mas depois chega a um certo ponto que passam também a fazer a magia do mal. Contudo, Deus castiga quem assim procede.

No que diz respeito à magia negra não tenho muito a dizer, pois nunca trabalhei nisso. Porém, surgem-me muitos casos de pessoas que praticaram e sofrem de alguns males. Estas pessoas colocam, muitas vezes, certos objectos e praticam certos rituais, cujo significado não sabem qual é. Por exemplo, aparecem-me algumas pessoas que se queixam que lhes apareceu à porta carne, ossos, pós, terra do cemitério e até velas. Estas magias revelam-se um duro trabalho para mim, pois eu sofro muito para as alagar. Elas implicam ir à própria casa da pessoa e trabalhar lá a fundo. Isto põe-me completamente doente.

Por conseguinte, muitos bruxos que se veem diante de um caso de magia negra têm a necessidade de passar para o lado de Lucifer, a fim de lhe pedir permissão para alagar essa feitiçaria, todavia eu não preciso de fazer isso porque eu capto logo. Quando passo além das portas das pessoas, consigo logo sentir se alguém fez alguma coisa, pois o meu corpo dá logo sinais, puxa-me. Também é bom dizer que, depois de sentir que alguém fez algo, sei qual a pessoa que o fez, mas não revelo a identidade para não haver mais problemas.

6. Pratica magia branca? E magia negra? Se sim, quais as práticas de uma e de outra?

Sim, pratico magia branca, e já conto com alguns anos de experiência. Nestes anos, fico feliz quando alguém me diz que está bem, que fui eu que a salvei. Mas eu digo que é Deus quem me ajudou a resolver o problema. Com as minhas práticas, eu sinto mais poder e sinto que Deus me está a ajudar, me está a agraciar com aquele dom.

Neste sentido, eu trabalho com qualquer pessoa que venha ter comigo. Todavia, quando é uma coisa já muito avançada, eu não faço trabalhos, mas reencaminho para outros lados. Tudo o que eu faço é simples, na base dos defumadouros, orações e banhos de unção. Eu não faço exorcismos, nem coisas muito pesadas. Só faço estes trabalhos para andar bem.

7. Utiliza símbolos nas suas práticas? Quais?

Para mim o símbolo fundamental é a cruz. A cruz é a minha proteção. Eu tenho-a sempre presente em minha casa e em frente às pessoas com quem trabalho. Uso o *Agnus Dei*, medalha milagrosa, imagens de santos e anjos, que são poderosos e eficazes. Uso velas brancas, que são uma ajuda nos momentos em que me sinto mais em baixo. Também uso água e o sal benzidos. Além destes, uso os amuletos, como por exemplo o olho turco, que

recomendo aos meus clientes. Eu comprei o olho turco e este começou a ter significado para mim para a minha própria casa, pois livrou-me de muita gente que nos quer mal de inveja.

8. Qual é para si o significado desses símbolos? Como os relaciona?

Para mim o significado da Cruz, como hei-de explicar, não é Deus, porque Ele não está ali. Para mim, tenho a cruz como um símbolo muito especial, porque ela ajuda-me a comunicar com Deus, que nela sofreu. Como na cruz está representado o que Deus sofreu, e como sofreu, tenho oportunidade de ali ganhar força para auxiliar, para mostrar um caminho àquela pessoa que me procura no seu desespero. A cruz de Jesus Cristo, como refiro sempre às pessoas, é um amparo e uma protecção na vida. Já o *Agnus Dei* e a medalha milagrosa recomendo mais para as crianças.

No que diz respeito aos santos, posso dizer-lhe que tenho como especial devoção a Senhora da Guia. Ela, todas as manhãs, nas minhas orações, é evocada, pois ajuda-me na questão das guias abertas. Para além desta devoção, uso, para os meus trabalhos, o Menino Jesus das Pragas e Santo António.

Tenho o Jesus das Pragas, para livrar das pragas, tenho o santo António, que sendo padroeiro de muitas coisas me ajuda nos problemas de casamento que as pessoas me trazem. Com o auxílio deste santo, tenho ajudado muitos casamentos que passam por crises, como por exemplo, maridos se envolveram com outras mulheres. Também quando aparece uma pessoa que é vítima de um feitiço, encomendo-a a Santo António.

Quanto à água benta, digo-lhe que a interpreto como sagrada. O mesmo acontece com o sal, que para mim tem um carácter sagrado. A água benta para mim significa a paz. Ela é benzida por um padre. Eu tenho água benta, não porque tenha sido eu a arranjar-la, mas tenho conhecimentos que ma arranjam. Não tento arranjar eu, junto de um padre, porque eles a mim não ma dão. A água benta tem um grande significado, porque nos lembra quando fomos baptizados. O sal tanto dá para o bem como para o mal. Quando eu vejo que as pessoas estão carregadas pelo mal, eu recomendo que elas tomem um banho com sal e folhas de oliveira. Não é preciso ser um sal especial, comprado nas ervanárias ou lojas exóticas, tem de ser sal puro, usado somente com a finalidade de libertar.

9. Na sua opinião, o número de «crentes» tem aumentado?

Sim, tenho clientes por todo o mundo: França, Alemanha, Brasil, Suíça, Holanda e Espanha. São mais mulheres do que homens e também crianças, trazidas pelos pais. Há crianças que nem sempre têm as suas defesas; há crianças que são mais frágeis, outras menos.

Às vezes, assustam-se com aqueles ares que se chamam os ares da noite. Os ares da noite são os espíritos que andam por aí prontos. O problema é quando são espíritos maus, quando não há salvação. Por exemplo, pessoas que têm familiares falecidos, os quais têm promessas por fazer, apoderam-se das pessoas mais frágeis para pedir ajuda. Face a isso eu procuro captar, falar com a própria pessoa, para saber o que ela quer.

Há 11 anos, comecei logo a ter pessoas. Nesse tempo, atendia em média umas 4 ou 5 pessoas por semana, mas estipulei uns horários, porque tenho outro trabalho. Aqui, atendia por mês uma média de 100. Com o passar dos anos, a clientela foi aumentando e nos dias que correm são cada vez mais. Hoje em dia, há meses que chego a atender 500 pessoas.

A crise que estamos a viver não fez descer o número de clientes, na verdade até aumentou. A crise não muda em nada o que recebo, porque eu não ponho preço: as pessoas dão o que quiser.

10. Quais os principais motivos/problemas que levam os «crentes» a procurá-la?

Os principais problemas que os crentes trazem a mim são: doenças, feitiçarias, problemas de amarrações, cisma das pessoas, desavenças com os vizinhos, algum azar que aconteceu na vida (como várias avarias ao mesmo tempo) geralmente associado ao diabo, barulhos dentro de casa, devido a almas que são difíceis de curar e de encaminhar e mal de inveja. Dentro destes problemas, destaco os de amor, que são os que aparecem com mais frequência. Estes estão associados a namorados que se zangam e que pensam que deve ter sido lançado um feitiço para os separar. Também aparecem muitas pessoas que me trazem problemas do seu casamento, que estão a viver uma crise conjugal, mas também divorciados que têm problemas com a ex-mulher ou ex-marido devido a magias negras.

11. Que tipo de soluções costuma apresentar para os motivos/problemas? Perante o diagnóstico que faz ao paciente, receita ou aconselha alguma coisa? Se sim, que tipo de coisas receita ou aconselha?

Há vários defumadouros. Há um defumadouro espiritual contra as invejas, contra as forças espirituais e o defumadouro do anjo da guarda, para uma criança com problemas. Estes defumadouros têm ervas próprias como: incenso, mirra, alecrim e alho seco, que são deitados num recipiente. Pode acrescentar-se mais qualquer coisa, como palha seca e barba de milho, que faz muito bem. Normalmente, na igreja, os padres põem incenso e carvão, mas eu gosto de utilizar mais o lume. Eu defumo a pessoa com uma cruz, colocada no seu corpo, e com as minhas rezas.

Para além dos defumadouros, uso água benta e receito banhos com sal e folhas de oliveira, para a pessoa se sentir mais liberta dos pesos que carrega. Porém, quando é um problema muito grave, tenho de utilizar uma espécie de purgante para a pessoa expulsar tudo o que tem para fora. Também mando acender umas velas brancas às pessoas que sonham com familiares falecidos. Digo sempre para as pessoas orarem e acenderem uma vela às alminhas do purgatório, que se encontram lá em sofrimento, para assim deixarem de sonhar.

De igual modo, aconselho produtos espirituais que contam sobretudo com as minhas orações. Estes, geralmente, são à base de chás e outros produtos que eu aconselho, mas há uma parte que só eu a posso fazer, isto é, as orações que vão libertar as pessoas. Todavia, as pessoas devem rezar, sempre à sua maneira. Se elas quiserem ir à missa, que o façam, mas que não seja só para dizer que está lá. Já disse a muita gente que não é por rezar um terço que se resolvem as coisas. Bastam umas pequenas palavras nas orações para a pessoa falar, com o próprio coração, aquilo que sente.

12. Houve já alguma situação/caso em que tivesse sentido que não conseguia ajudar a pessoa? Qual?

Já tive casos de pessoas que eu não consegui ajudar, pessoas que recorreram à minha ajuda e que tinham o mesmo problema do que eu, isto é, a morada aberta. Perante estes problemas, e na impossibilidade de ajudar, reencaminho as pessoas para o *Caminho da Luz*, em Braga.

Com a morada aberta, a pessoa nunca está bem, sente-se em baixo por tudo e por nada. Este mal-estar constante deve-se ao facto de as pessoas com morada aberta absorverem os males de todos que se cruzam no seu caminho. Diante este problema, eu indico uma outra ajuda, para que se possa resolver e não aconteça como no meu caso. Eu ainda não consigo resolver problemas de morada aberta, porque não tenho esse dom. Não é fácil qualquer pessoa fazer isso; é fundamental que haja tempo.

13. Costuma cobrar algum montante pelos seus serviços?

Não. É dentro das possibilidades de cada pessoa. Há produtos que eu tenho no meu local de atendimento para venda, a pessoa, se quiser, compra, ou não. No geral, eu digo às pessoas para darem aquilo que podem. Os montantes rondam entre os 10 e 20 €.

Frequentador 1

(doc. 3)

1. Idade, sexo, condição social e religião

38 anos, sexo feminino, condição social remediada, católica, professora de ensino superior e profissional e designer de moda.

2. Já alguma vez recorreu a alguma ajuda esotérica? A quem recorreu?

Já recorri a bruxos, Tarot, Centros Espíritas, Terreiros, Nova Era, Reiki, Yoga, entre outros.

3. Como obteve a informação sobre a existência desta(s) pessoa(s)?

Através de amigos e conhecidos.

4. Qual o motivo que a(o) levou até essa(s) pessoa(s)?

Por curiosidade, por fascínio, muitas vezes, dos “poderes” de adivinhação (para o trabalho, amor, preocupações...) dessas pessoas. Fui apanhada por uma fraqueza: O meu pai faleceu e essas pessoas falavam-me várias vezes dele, como estando “encostado” a mim. Uma das bruxas incorporava e falava como o meu pai. Mentira. O demónio, anjo caído, consegue saber algumas coisas da nossa vida e apanhar-nos pelos pontos fracos.

5. Durante a sua visita a(o) bruxa(o) fez algum tipo de ritual? Qual?

Estas pessoas faziam por vezes algumas orações estranhas e rituais com carne.

6. Mediante a dificuldade que expôs à(o) bruxa(o), quais os conselhos ou os remédios que ele lhe receitou? Que cuidados foi aconselhada a ter?

Os bruxos pediam para acendermos velas, rezarmos orações, rezarmos o salmo 91, infelizmente muito utilizado nestes locais por alguns destes agentes. Cheguei a concretizar alguns dos pedidos mais simples, pois pensava que não havia mal nenhum. Certa altura, um bruxo pediu-me 2000€ e sugeriu andar comigo um tempo, fazendo rituais com carne. Disse-me que a alma do meu pai precisava de ser encaminhada, caso contrário a minha vida não andaria para a frente. Achei tudo tão assustador que graças a Deus não o cheguei a fazer. Outro pediu-me 800€ e sugeriu-me algo semelhante mas ainda mais mórbido: a matança de uma galinha preta, sendo que ele próprio depois beberia o seu sangue. Não compactuei com

estes disparates, graças a Deus. Era por demais evidente que isto não vinha de Deus. Certa altura, visitei a igreja de Silva Escura, na Maia, aconselhada por alguém, onde uma senhora levava cerca de 30€, com a desculpa de que ia rezar pelos nossos assuntos. Fazia-nos também umas rezas estranhíssimas que nada tinham de católico.

Além disto acrescento que os bruxos davam-nos também pós e sal com rezas deles e aconselhavam a frequentarmos Igrejas, por exemplo, a Alexandra Solnado que dizia que podíamos entrar nas Igrejas ou ir a Fátima, mas não quando celebravam a Santa Missa, pois podíamos receber as más energias de toda aquela gente junta, ou seja, utilizavam os meios católicos como “isca”, mas quando Jesus estava presente (Santa Missa; Adoração) fugiam a sete pés!

7. Durante a sua visita, reparou em algum símbolo ou amuleto? Recebeu ou foi aconselhada a usar algum amuleto durante determinado período de tempo? Porquê?

Dependia dos locais. Alguns tinham imagens de Santos, Nossa Senhora, a Bíblia e a cruz. Estes símbolos cristãos facilmente se misturavam com amuletos, tais como: “olho da sorte”, pretos velhos com copo de cachaça à frente e sacos de água à porta. Cheguei a usar junto ao peito sal e uma cruz oferecida por uma bruxa, que com o tempo percebi que estava amaldiçoada e deitei-a fora. Uma destas mulheres, a certa altura, pediu que lhe levasse charutos cubanos de melhor e cachaça. Hoje à luz da fé, sei que esta mulher estava ligada a cultos demoníacos (Exús).

8. Sente que aquilo que a(o) bruxa(o) fez, disse e aconselhou, teve resultados na sua vida? Se sim, quais?

No meu caso, não teve nenhum resultado, mas antes a crescente confusão e vontade de procurar este tipo de ajudas. Era como uma droga. Quanto mais procurava, mais portas se abriam. A ”parada” ia aumentando. O demónio, através de certas pessoas conhecidas, ia-me convidando a frequentar certos locais, cada vez mais perigosos e cada vez mais “encobertos”, com a capa de Jesus/Nossa Senhora e Santos. Exemplo disso é o Vale do Amanhecer, onde se falava em São Francisco de Assis, como seu mentor espiritual, mas como se fosse um índio. Tinham uma imagem de Jesus enorme a que chamavam de Jesus caminheiro. Diziam ser ajudados também pelo dr. Sousa Martins (espírita falecido), entre outros. Trabalhavam neste local cerca de 30 bruxos e enfermeiros, ao mesmo tempo. Grande parte das pessoas que lá se encontravam eram católicas, como eu. Havia mesmo uma oração do “Pai Nosso” muito semelhante ao que conhecemos. “ Pai Nosso, que estás no Céu, santificado seja o Vosso

nome, venha a nós o Vosso reino, seja feita a Vossa Vontade, assim na Terra como nos círculos espirituais...” Muita gente que lá trabalha e frequenta, anda enganada como eu andava. O pior é que o demónio amarra estas pessoas e os que não tiverem a graça de serem resgatados como eu fui, podem lá ficar presos a vida toda e perderem a alma. Deus não amarra ninguém a este ponto. O amor é livre.

9. Pagou algum montante de dinheiro à(ao) bruxa(o) pelos seus serviços?

Pontualmente, alguns destes bruxos pediam dinheiro (30€; 40€; 20€...). Alexandra Solnado (curso de 2 dias custou-me cerca de 200€). Nos centros espíritas, terreiros, “Vale do amanhecer” não aceitavam qualquer contribuição. Eram muito “caridosos”. Mas estes, embora não cobrassem dinheiro, cobravam “a alma”, ou seja, ajudavam-nos e em troca “apoderavam-se do nosso corpo e alma”.

10. Foi aconselhada e aconselha a visita a um(a) bruxo(a)?

Fui aconselhada no passado por pessoas com uma “cegueira espiritual” como a minha – católicos cegos e intitulados “católicos – não praticantes”. Um cego não consegue conduzir outro cego. Se aconselho? Nunca mais. Tive a graça de ser resgatada e esclarecida pelo Senhor. Na minha caminhada de há 5 anos para cá, o Senhor abriu-me os olhos à Verdade! É claro como a água que todos estes locais (médiuns, bruxos, Yoga, Reiki e Nova Era) trabalham para o demónio. Não vêm de Deus! Afastam-nos da graça completamente.

11. Como descreve a experiência?

Foi como se tivesse vivido com uma venda nos olhos. Achava-me inteligente e incapaz de cair em “ciladas” ou parvoíces. O meu “Eu” falava mais alto. Na altura quase tudo me fascinava. Eu considerava-os “boas pessoas”. Esclarecendo: quando se intitulavam bruxos, eu fugia deles, pois eu considerava-me filha de Deus e não queria nada com essa gente. Só enfrentei um ou outro, mas com muitas desconfianças. Os que me enganavam realmente eram os médiuns (tanto os dos terreiros, espíritas, ou os que trabalhavam sozinhos), pois eu achava terem dons especiais e só estarem ali para ajudar as pessoas a libertarem-se dos seus problemas. Hoje, à luz da fé, sei que é “ tudo farinha do mesmo saco.” As pessoas “amarradas” são enganadas e “amarradas ao demónio” de várias formas. Como é que um pescador apanha o melhor peixe? Não é com o melhor isco?

12. Frequenta, além da(o) bruxa(o), os sacramentos: eucaristia e reconciliação? Se sim, como conjuga o facto de ir à missa e confessar-se, professando a fé num Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo, que nos cura, salva, perdoa e liberta, e ir ao bruxo? Se sim, como conjuga ambos?

No meu passado, raramente frequentava os sacramentos. Apenas em casamentos, funerais, baptizados e pouco mais. Dizia-me “católica - não praticante”. Infelizmente, vou conhecendo casos de pessoas que frequentam os sacramentos mas também utilizam outros meios. Se fizer directamente a pergunta a grande parte das pessoas que estão na missa, se costumam ver horóscopos, se acreditam em médiuns e vão a bruxos penso que se vai surpreender. Há casos de “bruxos e médiuns” que vão à missa todos os dias, como é fácil enganar o povo de Deus assim!

13. Antes de ir à(ao) bruxa(o), recorreu à Igreja Católica, por exemplo na pessoa do seu pároco?

No passado não recorri ao pároco. Achava que bastava ter o Senhor no coração, os Santos e anjos de Deus. Eu achava que não necessitava de confissão, pois fazia-o directamente a Deus.

Eu também entendia que sempre que falássemos de temas como “ médiuns, bruxos” com um padre, este não iria ouvir. Deixo um apelo aos sacerdotes que esclareçam mais as pessoas, que falem abertamente do assunto! Se não for na Santa Missa, que seja em formações. O silenciar e desviar os assuntos não é solução. Infelizmente, vou-me apercebendo com o tempo de que muitos sacerdotes nem acreditam que o demónio existe. Como podem esclarecer as pessoas assim? Eu vivi uma possessão diabólica aos 33 anos (depois de andar cerca de 10 anos por os mais variados locais que fui descrevendo). Foi nessa altura de grande aflição que procurei a Igreja. Fui ridicularizada e desacreditada até encontrar um sacerdote muito querido: Pe. Joaquim – Santa Maria de Airão – Guimarães que me disse o que estava a acontecer, e onde eu me alterei na sua presença. Entretanto, conheci o Pe. Duarte que me ajudou e libertou em nome de Jesus.

Infelizmente, tenho percebido que há mais gente aflita e presa ao demónio do que imaginamos. Muitas pessoas não procuram ajuda na Igreja, precisamente por medo de serem desacreditadas e ridicularizadas. Cheguei a ter respostas do género: “Não ligue a isso! Vá! Isso não é nada! Vá para casa, coma e descanse!” “Vá, levante-se!”, quando estava a ter um ataque à frente de um padre do Porto, “Quer que chame uma ambulância? Isso é tudo da sua cabeça!”

Quando o hospital melhor do mundo, a Igreja, não consegue dar respostas aos casos que lhe aparecem, as pessoas ou morrem, ou têm de procurar alguém que os ajude. É isto que acontece. Eu vivi na pele esse sofrimento e não desejo a ninguém o mesmo.

14. Quem é responsável pelo facto de as pessoas, que se professam católicas, procurarem ajuda nos bruxos? Porquê? (Caso não responda.) - Acha que os padres são, em certa medida, responsáveis por esta abertura das pessoas a esta espiritualidade?

Sim, hoje em dia vou tendo algumas conversas com amigos católicos, seminaristas, sacerdotes e, infelizmente, vamos sendo informados que os formadores são muitas vezes os culpados. A formação é pouco ou nada virada para esta realidade. Já cheguei a comentar várias vezes, que deveria ser obrigatório algum tipo de formação! Há muitos sacerdotes que se interessam em dinamizar as paróquias com jantares, convívios, teatros,...(também necessários e saudáveis), mas não incentivam as pessoas a práticas de oração, a confissões bem feitas, a leituras santas, a formações simples, básicas e necessárias. Por exemplo, entristece-me ver a minha paróquia a organizar festas de carnaval (permitindo a entrada de máscaras de todo o género) e organizar passagens de modelos (sem conteúdo cristão algum). Ao propormos a recitação diária do terço, confissões frequentes, grupos de oração, devoção das primeiras sextas ou primeiros sábados, entre outros, recebemos um “sorriso silenciado” da parte do pároco.

Os católicos vivem cada vez mais com uma “fé infantil”. Já me aconteceu, por várias vezes, ter pessoas aflitas que vêm ter comigo e me pedem ajuda para irem a um padre exorcista. Grande parte dos casos resolvem-se com uma boa caminhada cristã e só em casos extremos é necessário a ajuda de um sacerdote exorcista. Uma confissão bem feita, como sabe, é um exorcismo. Eu proponho que as pessoas vivam em obediência total e em estado de graça: Confissão, Missa diária, Terço diário e por vezes a oração de libertação. Grande parte das pessoas não o fazem, pois não consegue entender que assim o Senhor pode actuar e libertar. Querem, por vezes à força, o exorcismo ou um sacerdote exorcista, pois acham que basta ele lhes tocar e já está, quase como por magia. Há muitos casos de pessoas assim, pois cada vez são menos os párocos que esclarecem com simplicidade. É simples, só que é preciso haver um esforço.

15. Acha que a Igreja está receptiva a que os crentes frequentem estas práticas?

Espero bem que não! Infelizmente, no meu passado, vi um sacerdote a visitar uma bruxa. Há pouco tempo também me contaram que há um padre em Guimarães que diz que

fazer Reiki é óptimo. Nas paróquias por vezes anunciam aulas de Reiki e Yoga e muitas outras situações.

Isto é extremamente grave pois desvia as pessoas da graça de Deus! No tempos em que estamos, o veneno está espalhado para ser bebido mesmo pelos sacerdotes, por isso não me admira que alguns estejam receptivos a estas práticas.

16. Como pode a Igreja ajudar as pessoas a não procurarem estas práticas espirituais?

A rezar mais com o povo, a criar grupos de oração, a dar formação Simples, prática e directa.

17. Se fosse hoje voltava a ir à bruxa?

Como é óbvio, claro que não. Desde o momento em que tenho a graça de saber de onde vem essa ajuda (Satanás e os seus Anjos), teria de ser muito ingénua...

Se o voltasse a fazer, eis a resposta: “Quando o espírito impuro sai do homem, perambula, por lugares áridos, procurando repouso, mas não o encontra. Então diz: «Voltarei para a minha casa, de onde saí». Chegando lá, encontra-a desocupada, varrida e arrumada. Posto isso, vai e toma consigo outros sete espíritos piores do que ele e vêm habitar aí. E, com isso, a condição final daquele homem torna-se pior do que antes. Eis o que acontecerá a esta geração má” (Mt. 12, 43-45).

18. O que deseja que este seu testemunho faça?

Que o Senhor se possa servir dele para resgatar muitos irmãos católicos que se encontram a caminhar pela estrada larga que leva à perdição.

E também que o Senhor o utilize para mostrar aos sacerdotes o que se passa à nossa volta, ou seja, quando as aflições são grandes, as pessoas necessitam de bastante apoio também da parte deles. Caso isso não aconteça, o mais certo é as pessoas desviarem caminho à procura de ajuda onde não devem.

Quando procuram um sacerdote, seria bom acompanhar durante algum tempo a pessoa lesada e saber com profundidade a causa do problema para tentar resolver. Depois catequizá-la, sugerir oração e rezar com elas. Porque não, mais grupos de oração nas paróquias, com partilha entre as pessoas, com orações de cura?

Outro ponto importante, que tenho pedido ao Senhor, é que tenham mais formação prática nos seminários relativamente a estes assuntos. Eu sou da opinião que todos os sacerdotes deveriam assistir durante alguns meses a exorcismos por exemplo, para poderem

estar mais sensibilizados com o que acontece à nossa volta. Os casos não são assim tão pontuais quanto imaginamos.

Infelizmente, vou sabendo de alguns sacerdotes que não acreditam na existência do demónio, mas acreditam no poder de cura através do Reiki, Yoga, pêndulos e outros.

Frequentador 2

(doc. 4)

1. Idade, sexo, condição social e religião

55 anos, sexo feminino, condição social pobre, católica, doméstica.

2. Já alguma vez recorreu a alguma ajuda esotérica? A quem recorreu?

Não fui a nenhum feiticeiro, fui sim a uma bruxa. Já não sei a quantas fui, mas devo ter ido a umas seis bruxas. Conheço as bruxas como as palmas das minhas mãos: quando me estão a falar verdade e quando me estão a mentir.

Andei numa bruxa que descobri perfeitamente que ela trabalhava pelo diabo, apesar de ela me dizer que aquilo que fazia era para o bem e somente o bem. É impressionante, que eu não fui até ao fim das seções, mas andei lá bastante tempo. Ela não invocava o diabo, mas servia-se da Bíblia e do livro de São Cipriano. Era mais à noite que essa fulana trabalhava e era enorme a assembleia que lá se juntava. Nestas seções participava uma senhora que não tinha filhos e de repente ficou grávida, isto é, a bruxa é que dizia que ela estava grávida. Ela dizia que a menina se ia chamar Fátima e que ia ser a madrinha. Tudo, inclusive os médicos diziam que a senhora não estava grávida, mas o impressionante é que a senhora teve enjoos e a barriga cresceu-lhe. Como estes episódios outros aconteceram, mas neste momento já não me lembro.

Entretanto deixei de lá ir, porque vi que aquilo era um verdadeiro passatempo, uma fantochada. Mas eu não me dei conta logo disto. Demorei algum tempo a abrir os olhos para perceber o que lá se fazia.

Realmente, o que algumas pessoas faziam, nomeadamente aquela mulher que estava grávida, era impressionante. Essa mulher a certa altura, como nós nos encontrávamos em roda, ia bater a alguém e nós perguntávamos quem era e o que queria. Uma vez virou-se para mim e disse-me que eu tinha vindo tarde de mais a respeito da situação do meu filho. Com estas palavras eu procurava descobrir quem foi a pessoa que lhe fez algo e como fez. No entanto, nunca consegui obter uma resposta firme. Depois de todo este aparato levavam aquilo

ao mar e nós ficávamos ali à espera. Seguidamente, dava-se um cenário de real luta. Contudo, eu acreditava nas palavras desta mulher, pois ela ia para lá para se curar.

Todavia, outras pessoas contaram-me que ali houve muitos problemas. A barriga da tal Senhora cresceu, mas quando chegou à altura da criança nascer ela não tinha bebé nenhum. Perante isto, a judiciária na altura procedeu a inquéritos, mas não deu em nada. Para mim o que ali era feito era magia negra, era Satanás quem actuava.

3. Como obtive a informação sobre a existência dessa(s) pessoa(s)?

Eu obtive a informação por outras pessoas, que são da minha paróquia e da minha família e que têm muita ligação com a Igreja.

4. Qual o motivo que a(o) levou até essa(s) pessoa(s)?

O principal motivo foram as doenças graves e o medo. Começou na minha primeira filha. Levei-a a uma bruxa, e ela receitou-me um medicamento para eu ir levantar à farmácia, mas eu não fui. Aliás nem fui eu que me dirigi à farmácia, mas sim o meu marido e outra pessoa. E ela disse que tinha de tomar aquele medicamento. E o meu pai quando viu o medicamento disse-me para não o dar à minha filha. Portanto, eu levantei-o mas não o dei. Depois a minha filha foi operada. Mediante isto, tornei a levá-la à mesma bruxa que me perguntou: - Deste-lhe o medicamento que eu te receitei? E eu respondi-lhe que dei. Mas ela insistiu afirmando que eu não lhe tinha dado nada e que lhe estava a mentir. Depois disse: - Operaste a tua filha porque quiseste, porque senão fazias o que eu te tinha mandado. Terminei esta minha visita perguntando-lhe quanto era, mas ela disse-me que não era nada porque eu, para curar a minha filha, tinha que gastar muito dinheiro. E indicou um médico espanhol, mesmo um médico. Vendo bem as coisas, não sei se tivesse dado o medicamento à minha filha se teria valido.

Além desta situação tive outras, cuja protagonista fui eu. Um episódio dá-se quando, eu estando em casa, a porta do meu quarto se fechou à chave de repente, sem que ninguém lá estivesse. Face a isto chamei o meu pai, ele veio, e outra pessoa disse: - é partir um vidro! Ele ergueu a mão e disse: - calma não é preciso partir vidro nenhum! Ao bater o meio-dia ele deitou a mão ao puxador e ela abriu-se. Também assisti a outras situações como: a porta do meu quarto a abrir por ela, ver no quarto um gato preto a brincar com a colher de pau em cima do fogão. Pronto, lutei contra tudo isto pela doença dos meus filhos.

E depois noutro filho que tive, tinha ele três meses, ou ainda nem três meses, ele chegava a uma hora, e ele estacava os olhos no tecto e gritava, sem nunca parar. Perante este cenário, uma outra pessoa foi dar a volta por mim às bruxas. Não sei o que elas lhe fizeram,

mas o meu filho melhorou e deixou de gritar. Só que acho que esse episódio nas bruxas o acompanhou para toda a vida, porque ele foi andado, menino já de ciclo e chegava a uma certa hora da noite e ele, talvez em susto, batia com as mãos na cama. E eu como estava já tão habituada àquilo assustava-me também no meu quarto e levantava-me logo e ia à beira dele e perguntava-lhe: - o que é que estavas a sonhar? A reacção que ele tinha era, ir a casa de banho e chorar, não me respondia, e tornava para a cama. Eu ia dizendo sempre que não era nada e tal, ele dizia que alguém o ia espreitar ao quarto e fazia-lhe caretas, ao ponto de chegar mesmo a afirmar: - Mamã és tu! Eu disse-lhe: - Eu não! Ainda hoje ele me pergunta se era eu, e eu digo que não. Ele saía e dizia, alguém me acompanhou até casa, e mexeram-me no puxador da porta, e eu dizia-lhe sempre que não era nada, que era só impressão sua.

Face ao desespero do meu filho, porque não acreditávamos naquilo que ele dizia, e ao meu cheguei a ir com ele a outra bruxa, que me disse que o que ele tinha era uma sombra. Ele, segundo as palavras da bruxa, só conseguia ver uma sombra e fazer o que essa sombra manda. Por isso, se essa sombra o mandar ser mal criado ele é mal criado, se lhe disser assim para ele se atirar abaixo de alguma coisa, ele faz isso. O que a sombra o mandasse fazer ele fazia. O meu filho desde a nascença foi acompanhado por essa sombra e não conseguia ver mais nada, segundo ela. Uma certa altura eu fui à bruxa e quando cheguei a casa o meu filho disse-me assim: - o que é que se passou que de repente deu-me uma sede e senti no meu corpo uma reacção? Esta reacção deu-se porque essa bruxa só trabalhava para o bem e não para o mal. Essa bruxa, diante de tal facto, disse-me: - vou fazer sempre este trabalho, mas não garanto nada. Pode durar horas, pode durar dias, pode durar meses, pode durar anos, o certo é que eu notava a diferença. Outra altura fui com uma camisola, só para testemunhar, que grandes coisas e grandes mistérios há. Ele ficou no carro, porque eu não o queria levar, e ela começou a fazer o trabalho e ela só me disse assim: - esta camisola não é dele! Eu retorqui: é sim, foi ele que andou com ela! Ela porém disse-me: - ele pode ter andado com ela, mas esta camisola não é dele! Eu pus-me a pensar e analisei que aquela camisola tinha-me sido dada a mim, só depois é que ele começou a andar com ela. A bruxa continuou e acrescentou: - a camisola até pode ser dele agora, mas eu não posso trabalhar com ela, porque efectivamente não é dele. Então depois fui ao carro buscar uma outra camisola, para que ela pudesse realizar o seu trabalho.

Por conseguinte, todas as noites, já jovem, chamava por mim, para me perguntar as horas. Eu inocente dizia-lhe as horas, sem me questionar o porquê disto. Mas cheguei a um ponto em que lhe disse, que ia comprar um relógio e pô-lo no quarto, para ele perder a mania de me acordar de noite. Face a isto ele nada me respondia.

Quando começaram a aparecer-lhe os problemas e quando o levava aos sacerdotes e às bruxas, eu descobri que ele chamava por mim não para saber as horas, mas para se certificar que eu estava viva. O mesmo aconteceu quando ele esteve no estrangeiro, durante alguns anos. De facto, nos anos em que ele lá esteve ele ligava-me e dizia: - Oh mãe era só para ouvir a tua voz, e saber se estava tudo bem! Diante de tudo isto que se passava com o meu filho, eu cheguei a leva-lo a sacerdotes que, conversando com ele, me perguntavam: - Qual é a doença que os médicos dizem que ele tem? Os médicos dizem que é esquizofrenia. Nesse momento os padres fizeram um compasso de silêncio, não admitindo qualquer outra possibilidade, mas não fechando a hipótese.

5. Durante a sua visita a(o) bruxa(o) fez algum tipo de ritual? Qual?

Sim. Era uma espécie de reza que elas faziam. Também faziam defumadouros. Ora bem, o meu pai fazia-os, e a pessoa melhorava. O meu pai disse-me, que nunca esquecesse as palavras, para mais tarde fazer o mesmo. Não sei dizer essas palavras na íntegra. Há quem as saiba.

Todas as palavras que eram ditas enquanto se estava a defumar as pessoas eram a interceder a Jesus. As pequenas palavras que eu sei são as seguintes: - “Como Nossa Senhora defumou o seu divino filho, para ele bem cheirar, eu te defumo para te curar”. Parece-me que era assim. Eram mais palavras, mas invocavam-se ao Senhor. Com isto chegou o meu pai e mais pessoas a melhorar. Chegou a ir a uma casa em que tinha saído um médico naquele momento, ele não falava, e o meu pai foi lá, fez-lhe o tal defumadouro e a pessoa melhorou.

Eu cheguei a ver o que se punha nesses defumadouros, porque antes era tudo natural. Sei que tinha principalmente alecrim, incenso, mirra, talvez arruda e outras coisas. Era feito numa telha ou numa caldeirinhas e depois atirado ao rio, local onde aparecem os problemas. A gente apanha muitas vezes os problemas nos rios, porque a pessoa vai, e atira ao rio, e depois não pode olhar para trás, para que outra pessoa qualquer que passa pelo rio os apanhe.

De igual modo, quando me mandavam fazer alguma coisa que implicasse um custo, eu nunca aceitava, porque eu nunca tive dinheiro para pagar. No entanto, acreditava nisso. Agora que no meio de tanta seriedade há fantochada, isso ninguém duvida. Eu acredito que haja alguém que tem poder para curar, porque certas pessoas realmente foram e são curadas, mas eu nunca tive a sorte de os meus filhos serem curados.

6. Mediante a dificuldade que expôs à(ao) bruxa(o), quais os conselhos ou os remédios que ele lhe receitou? Que cuidados foi aconselhada a ter?

Para a minha filha foi um medicamento da farmácia, mais concretamente um purgante. Ora bem este medicamento consiste, como nós apelidamos actualmente, num laxante para o intestino. À parte deste, não me foi receitado nenhum outro medicamento.

Também me aconselharam uns banhos. Não são iguais a qualquer outro. Às vezes já traziam a água própria que eles tinham feito. Assim, no fim do banho rezávamos os pais-nossos que eles nos tinham indicado e deitávamos aquela água, deixando-a cair pela cabeça e corpo abaixo, enxugando posteriormente. Estes banhos poderiam ser com sal, com a própria água do mar, que liberta das impurezas. Olhando para a nossa vida, e eu sou testemunha, estamos em certos sítios e sentimos que não estamos bem, sentimos que alguma coisa está ali, embora vejamos, sintamos e ouçamos coisas. Eu tenho essa experiência!

Para o meu filho não fui aconselhada a fazer nada. As bruxas foram as únicas a fazerem trabalhos para que ele se sentisse melhor. Estes trabalhos ora duravam muito ora duravam pouco. Estes trabalhos eram feitos à minha frente. A bruxa pegava num cruxifixo grande, e com ele fazia aquelas rezinhas ao Senhor e passava na camisola, que o meu filho depois vestia.

Mas ainda a respeito do meu filho numa visita a uma bruxa ela perguntou ao meu filho: - No trabalho tu tens algum inimigo, apelidado pelos teus amigos como encarregado? O meu filho ficou a olhar para ela, mas percebeu logo a quem ela se estava a referir. Dizendo-nos quem era, a bruxa ordenou que o meu filho nunca mais voltasse para aquele local, nem que tivesse que pedir com um saco, porque essa pessoa queria enlouquecê-lo. Depois, aconselhou-me a levar o meu filho a outro psiquiatra, por causa da doença grave que ele tinha.

Noutra altura, por intermédio de uma amiga, veio de muito longe a minha casa um bruxo que, cumprimentando-nos, se dirigiu para a frente do meu filho perguntando-lhe se estava com medo dele. O meu filho logo respondeu que sim. Afirmando que não lhe queria fazer mal, mas somente bem o bruxo pôs o meu filho a vontade. Entramos para dentro de casa, ele fez o que tinha a fazer e no fim disse ao meu filho: - Agora vais dar um abraço a toda a gente. Vais começar pelos teus pais e depois vais acabar em mim, pedindo perdão por todo o mal que tu lhes fizeste e todo o mal que eles te causaram a ti. Ele deu um abraço ao pai, a mim e à minha amiga, ficando bastante tempo abraçados um ao outro, chorando os dois juntos. Perante isto, esta minha amiga disse-me que o meu filho estava em grande sofrimento.

Quando foi para abraçar o bruxo este perguntou-lhe: - Tu não me estás a ver a mim? Quem é que tu estás a ver? O meu filho disse-lhe que não era ele quem estava a ver, mas uma outra pessoa. Disse o bruxo: - Não tenhas medo dele, manda-o embora e diz-lhe que não

precisas dele. Isto foi verdade porque nós conhecíamos a pessoa a quem ele se referiu. Quando hoje nos debatemos com ele, ele não nos consegue olhar nos olhos. O meu filho chegava a casa e queixava-se de ferramentas escondidas e coisas mal feitas. No dia seguinte ia dizer ao patrão, que não acreditava no que ele dizia. Tanto que o meu filho insistiu nesta ideia que os patrões disseram que ele estava muito doente.

7. Durante a sua visita, reparou em algum símbolo ou amuleto? Recebeu ou foi aconselhada a usar algum amuleto durante determinado período de tempo? Porquê?

Aos que eu fui tinham somente a cruz de Jesus. Aquela que trabalhava com as forças demoníacas além da cruz tinha muitas imagens de Santos, inclusive a imagem da Sãozinha de Alenquer. Já os bruxos do bem estavam completamente despidos de qualquer símbolo ou amuleto, recebiam-nos numa sala com uma mesa e dois sofás ou cadeiras.

Quanto à segunda questão posso dizer-te que não fui nem eu nem os meus filhos aconselhados a usar qualquer amuleto. Eu principalmente é que gosto sempre da medalhinha milagrosa. E gosto que os meus filhos tenham o cruxifixo. Os símbolos são muito importantes para mim.

8. Sente que aquilo que a(o) bruxa(o) fez, disse e aconselhou, teve resultados na sua vida? Se sim, quais?

Resultados? Não tive resultados. Acredito e continuo a dizer que o que há é muito mistério. Essa é a palavra que eu tenho mais gravada na minha cabeça e na minha história de vida.

9. Pagou algum montante de dinheiro à(ao) bruxa(o) pelos seus serviços?

Não paguei nenhum montante de dinheiro às bruxas que frequentei. Porém, àquela bruxa que agia por Satanás não paguei com dinheiro, mas com outras coisas. O encontro promovido por esta bruxa era à noite e cada um levava comes e bebes para passarmos umas horas. Aquilo era um verdadeiro passatempo, uma fantochada. Mas eu não me dei conta logo disto. Demorei algum tempo a abrir os olhos para perceber o que lá se fazia.

Realmente, o que algumas pessoas faziam, nomeadamente aquela mulher que estava grávida, era impressionante. Essa mulher a certa altura, como nós nos encontrávamos em roda, ia bater a alguém e nós perguntávamos quem era e o que queria. Uma vez virou-se para mim e disse-me que eu tinha vindo tarde a respeito do meu filho. Contudo, eu procurava

descobrir quem foi a pessoa que lhe fez algo e como fez. Eu acreditava nas palavras desta mulher, pois ela ia para lá para se curar.

10. Foi aconselhada e aconselha a visita a um bruxo?

Sim eu fui aconselhada e não, não aconselho a ninguém a visita a um bruxo.

11. Como descreve a experiência?

Ridícula, sim ridícula! A experiência, daqueles verdadeiros não é uma experiência ridícula. Estes não se consideram bruxos. Um que veio a minha casa tem outro nome, eu é que não sei dizer. Não era um psicólogo. Eu acho que era um psiquiatra. Agora aqueles que são uma fantochada, é que são ridículos. Eu própria, como disse, passei por isso.

No seu todo considero a experiência nas bruxas uma experiência ridícula e sem sentido, tanto que até estou arrependida. Só que o nosso desespero, da nossa doença e da doença daqueles que nos são mais próximos, leva-nos a toda a parte. O desespero é tanto que a gente vai a todos os lados à procura de alguém que nos indique alguma cura.

12. Frequenta, além da(o) bruxa(o), os sacramentos: eucaristia e reconciliação? Se sim, como conjuga o facto de ir à missa e confessar-se, professando a fé num Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo, que nos cura, salva, perdoa e liberta, e ir ao bruxo? Se sim, como conjuga ambos?

O ir às bruxas era complicado. Eu às vezes dizia: - Não vou mais! Mas só que vinha alguém que me dizia que fulano se tinha curado e eu lá ia com a minha filha ou o meu filho. Por conseguinte, no final dessas minhas visitas eu questionava e dizia ao Senhor que me desse qualquer sinal para eu perceber se o ofendia ou não. Caso esse sinal se desse eu perceberia que não deveria recorrer a tais pessoas. Certo é que o Senhor deu-me alguns sinais, fazendo-me compreender que eu não mais deveria marcar presença nestas senhoras. Tudo isto foi para mim ocasião de arrependimento e de vontade de me aproximar do sacerdote para confessar tal ofensa a Deus.

Era, na verdade, grande a dificuldade de conjugar o ir à bruxa e o celebrar os sacramentos. Aliás não há conjugação possível ou se anda nos caminhos do Senhor, de alegria, paz, esperança e amor ou se anda nos caminhos das trevas, de sofrimento e mentira.

Olhando para a minha vida e fazendo o exame de consciência, vejo que o melhor é olharmos sempre para o Senhor, quer indo à missa, confissão e comunhão. No nosso dia-a-dia devemos dizer e repetir, continuamente, que Deus é o nosso auxílio, nosso escudo e nossa protecção, porque só Ele pode tudo. Ele está sempre ao nosso lado e não nos abandona. É Ele

quem cura, salva e liberta. Ele é o meu pai, o meu irmão, mestre, grande amigo e companheiro de todos os momentos da minha vida. Agora só confio em Deus, por isso, peço-lhe para Ele me indicar aquilo que quer e me dar força e coragem.

13. Antes de ir à(ao) bruxa(o), recorreu à Igreja Católica, por exemplo na pessoa do seu pároco?

Não recorri à Igreja. Efectivamente, primeiro fui aos bruxos, porque também foram os conselhos que me deram na altura, só depois é que comecei a recorrer a sacerdotes.

14. Quem é responsável pelo facto de as pessoas, que se professam católicas, procurarem ajuda nos bruxos? Porquê? (Caso não responda.) - Acha que os padres são, em certa medida, responsáveis por esta abertura das pessoas a esta espiritualidade?

A Igreja e os sacerdotes são culpados por muita gente abrir o seu mundo ao mundo dos bruxos e de outras ajudas esotéricas. As pessoas em tempo de aflição recorrem, sem pensar, a qualquer coisa que lhes possa dar uma resposta ou uma solução. Isto acontece porque muitas vezes a Igreja (bispo) não deixa os sacerdotes fazerem o trabalho que Jesus Cristo lhes ordenou.

Toda a Igreja sabe e Jesus deixou escrito, que no mundo o mal estaria presente, mas não prevaleceria face ao bem, pois para o mal, Jesus deixou a cura. – Mas onde é que está essa cura? A Bíblia fala sobre situações de pessoas aprisionadas pelo Demónio. Jesus Cristo, no tempo em que esteve entre nós, percorreu algumas cidades e libertou alguns demónios do corpo de possessos. Ele conferiu esse poder aos seus apóstolos, que perpetuaram a missão de Cristo sobre a terra. No agora, muita gente que se vê doente procura ajuda, mas a própria Igreja é a primeira a não dizer a verdade e a tratar o assunto com uma certa ironia.

Quanto aos padres só tenho a dizer que não têm muita paciência e quando a têm dizem-me e fazem coisas que nos deixam ainda mais magoadas, porque querem é despachar. Muitas vezes ouço da boca dos padres: - É o Senhor que quer que nós soframos! Não, para mim não é o Senhor que manda o sofrimento. No entanto, para mim é melhor sofrer aqui do que sofrer no outro mundo, como o meu filho.

Uma santa, que eu já não me recordo qual é, queixou-se ao Senhor do peso da sua cruz e do seu sofrimento e o Senhor disse-lhe que era assim que tratava dos seus amigos, sendo que lhe disse: - É por isso que tens tão poucos?! A gente sofre com a doença dos filhos, nós sofremos a nossa dor, e o Senhor deixa. – Porquê! Para mim tenho o sofrimento como salvação para a minha alma.

Com todas estas interrogações se nós fossemos mais ajudados por sacerdotes nós não recorriamos a bruxos. Só que os sacerdotes nunca têm tempo, estão sempre ocupados. Chegam ao ponto, para nos despacharem, de dizerem que não é nada. É, eles dizem que não é nada, que não há Demónio, no entanto, o mundo está cheio deles. Se pegámos na Sagrada Escritura lemos que existe. - É mentira o que está escrito? Para que é que os sacerdotes estão a mentir às pessoas? Acho que é porque têm medo e porque não são puros. A pureza é um requisito para se fazer o exorcismo, por isso muitos se recusam fazer porque sabem que não o cumprem e sabem que o Demónio se apodera dessa fraqueza para enfraquecê-los. Contudo, não tenho sabedoria, ou melhor, o Senhor não me deu essa graça de saber e poder ajudar. No caso do meu filho estou consciente que há mistério ali, porque sou eu que lido com ele, e sei como o coração dele é, e sei como ele fica, até no olhar.

Eu tenho pena deles e rezo por eles todos os dias, e sei que eles são mais tentados que outra pessoa qualquer, porque é a carne é fraca.

15. Acha que a Igreja está receptiva a que os crentes frequentem estas práticas?

Não. Claro que não. A Igreja não quer que as pessoas frequentem estas pessoas, mas não é capaz de dar resposta ou estar disponível para os problemas que surgem na vida das pessoas. Os padres não ajudam as pessoas a libertarem-se e a sentirem-se melhor até com uma conversa, uma palavra, que nós necessitamos. Muitas vezes precisamos, unicamente de ser ouvidos, pois aquilo que temos para dizer não o podemos dizer a mais ninguém senão a um sacerdote. A gente quer recorrer a um sacerdote para desabafar e eles não têm tempo para aceitar as pessoas. Isto é muito grave! - Quem é que vai dar contas a Deus por isto? Vão ser os sacerdotes que negam ouvir a palavra de quem está a necessitar ser ouvido. São eles os únicos que podem ajudar melhor que ninguém, nem que seja somente levar a pessoa à frente de um sacrário, e dizer ali umas palavras: Senhor, Vós tendes todo o poder, curai, libertai, porque só vós podeis Senhor! Eles nem isso fazem. Têm sempre os portões das suas residências fechados para não serem incomodados. Atenção nem todos são assim e eu na minha vida tive a sorte de encontrar bons sacerdotes.

Eu não sou contra a Igreja. Hoje o meu coração está puro. Tenho a minha consciência tranquila. Mais do que nunca estou feliz comigo e com o Senhor. Só a ele tenho a agradecer tudo, e não tenho palavras.

16. Como pode a Igreja ajudar as pessoas a não procurarem estas práticas espirituais?

A Igreja, na pessoa dos sacerdotes, devem procurar dedicar mais tempo ao atendimento e acolhimento das pessoas. Devem procurar semear o dom da paciência, da escuta, da palavra,

da amizade, da pureza, para poderem abençoar. É muito importante as bênçãos, o simples gesto de pôr a mão na cabeça e de dar um abraço, é tão bom a gente sentir essa misericórdia.

Se os padres começarem a fazer isso as pessoas vão deixar de recorrer às bruxas. Tanta gente que gasta balúrdios de dinheiro e só vão buscar o pior, porque depois Satanás aproxima-se delas.

17. Se fosse hoje voltava a ir à bruxa?

Não. Recorria ao sacerdote e impunha-me. Hoje caso o sacerdote não me pudesse atender eu em algum lado era capaz de o chamar à razão. Digo isto, porque é isto que sinto, porque a culpa é deles.

18. O que deseja que este seu testemunho faça?

Gostava que o meu testemunho fosse uma oportunidade para as pessoas compreenderem que as bruxas não são mais que uma fantasia e fantochada. Estas apenas são um malefício e uma droga que cria dependência no corpo e espírito das pessoas, que as aliena tanto da realidade, criando uma sensação de bem-estar, ao ponto destas pessoas não precisarem nem recorrerem a Deus, porque não precisam.

Além disto, gostava que o meu testemunho criasse nos padres maior consciência e sensibilidade para estes problemas e desesperos das pessoas. Os padres devem, no dia-a-dia, ser mais disponíveis para a escuta, acompanhamento e bênçãos daqueles que a eles se querem confiar totalmente. Os ministros de Cristo devem ser rosto visível de Cristo que é invisível.

Frequentador 3

(doc. 5)

1. Idade, sexo, condição social e religião

48 anos, sexo feminino, condição social remediada, católica, trabalhadora por conta própria.

2. Já alguma vez recorreu a alguma ajuda esotérica? A quem recorreu?

Sim. Já recorri muitas vezes, a mulheres e homens, conhecidos como bruxos e bruxas. A tudo aquilo que as pessoas me diziam para ir que ficava curada, eu fui. Ao longo da minha vida, concretamente no tempo em que estive com problemas, devo ter ido a umas vinte

bruxas, nomeadamente, a uma bruxa que praticou rituais de magia negra. Esta, quando começou os referidos rituais, aparatosos, transpirava muito.

3. Como obteve a informação sobre a existência desta(s) pessoa(s)?

Amigos e pessoas conhecidas viam-me doente e, achando que isso era fora do normal, aconselhavam-me a ir a uma e outra bruxa. Muitas destas pessoas que me aconselharam a recorrer à bruxa eram, e são, pessoas de fé e prática religiosa.

4. Qual o motivo que a levou até essa(s) pessoa(s)?

Foram muitos os motivos que me levaram até aos bruxos. Numa altura, sem que nada o fizesse prever, comecei a andar muito doente. As minhas forças foram abaixo, não conseguia dormir de noite, até que apanhei uma depressão. Esta situação não estabilizou, antes pelo contrário, continuou e piorou. Face a isto, começaram a dizer-me: “Olha vai à bruxa a tal lado porque tu o que tens não é doença, mas sim alguém que te fez algum malefício”. Eu no meu desespero e medo ia. Chegava, à bruxa ou ao bruxo e ela(e) dizia-me: “Tu vais ficar curada, não te preocupes, só tens que fazer o que eu mando e ficas curada”. Eu ia, fazia o que eles mandavam: que trouxesse velas para casa, ou outra coisa. Outras bruxas pediam-me balúrdios de dinheiro, não sei se 150€ de uma vez e 100€ de outra, para ficar curada, começar a dormir e o medo passar. O certo é que nada resultou. Cada vez fiquei pior! Eu ia à uma bruxa ficava pior. Mediante o sucedido, decidi ir à psiquiatra, que me medicou. Depois disto, continuei a não estar bem, pois sentia a minha cabeça cansada e muito medo. A minha cabeça achava que tinha mãos pelas paredes, pés a andar, pessoas. Sonhava sempre com mortos, em fim, pesadelos horríveis. O pouco que eu dormia não dava para descansar. Foi então que, ainda que tarde, procurei um padre para me ajudar com as suas orações, escuta e palavras.

5. Durante a sua visita a(o) bruxa(o) fez algum tipo de ritual? Qual?

O que eles faziam na sua maioria era umas rezas e uns defumadouros. Eu não conseguia bem entender o que eles rezavam. Uma ocasião, fui a uma bruxa que me pediu umas fotografias da minha casa. Com elas fez também umas rezas.

6. Mediante a dificuldade que expôs à(ao) bruxa(o), quais os conselhos ou os remédios que ele lhe receitou? Que cuidados foi aconselhada a ter?

Uma vez fui a uma bruxa que me receitou remédios, mas eu já não me lembro do nome deles, porque já foi há alguns anos. Eu andava um pouco doente e não dormia, já há alguns

anos, e disseram-me para eu ir a uma bruxa, que me deu uns remédios, mas eu tive medo de os tomar e pu-los logo de lado. Acho que se é bruxa não tem nada que dar remédios.

Outros bruxos diziam para eu fazer defumadouros em casa. Outros mandavam-nos comprar velas e colocá-las em casa com sal e um copo de água. Mas junto a estas receitas vinha sempre a ressalva de lá tornar, sempre para ganhar dinheiro com a nossa fraqueza. Também tive uma bruxa que me indicou a leitura do livro de São Cipriano!

Quanto aos cuidados, as bruxas diziam sempre que isto que eu tinha era provocado por pessoas mortas, mal de inveja ou feitiçarias. Por isso, pediam para eu ter cuidado, com os vizinhos e com a família. Eu acho que as bruxas também devem querer arranjar conflitos na família e na sociedade, porque se a gente disser que está zangado com uma cunhada, com uma irmã, elas aproveitam isso como desculpa para justificar o facto de alguém nos querer fazer mal.

7. Durante a sua visita, reparou em algum símbolo ou amuleto? Recebeu ou foi aconselhada a usar algum amuleto durante determinado período de tempo? Porquê?

Ela(e)s têm tudo aquilo que a Igreja católica tem, a saber: cruxifixos, imagens de Nossa Senhora e de Santos.

Fui também aconselhada a usar símbolos. Primeiro, aconselhavam-me a dormir com uma cruz debaixo da almofada, depois a andar com uma chave, dita do sacrário, presa a um fio colocado ao pescoço, para fechar a morada que estava aberta. Se esta chave fosse em ouro tinha um custo de 50€, se fosse em prata era mais barata. Elas tinham a vender, mas geralmente mandava-nos ir a um padre.

8. Sente que aquilo que a(o) bruxa(o) fez, disse e aconselhou, teve resultados na sua vida? Se sim, quais?

Não. Nunca teve resultados.

9. Pagou algum montante de dinheiro à(ao) bruxa(o) pelos seus serviços?

Sim, à excepção de uma bruxa, sempre dei dinheiro pelos serviços que os bruxos me prestaram.

10. Foi aconselhada e aconselha a visita a um bruxo?

Fui aconselhada, mas não aconselho.

11. Como descreve a experiência?

Penso que o que eles querem é levar a vida fácil! Dizem: “Eu não levo dinheiro! Eu quero ajudar-te! Eu não faço mal a ninguém! Tu vais ficar curada!” No fundo, acho que todas estas frases que eles diziam eram mentira e uma forma de levar dinheiro às pessoas. Eles dizem que é fulano ou sicrano o culpado e nós vamos convencidas que é, porque estamos doentes. Mas não é nada disso: é apenas um placebo para a gente ir mais descansada em casa, que se revela numa autêntica droga, porque não nos conseguimos mais desligar, tendo sempre mais e mais necessidade de lá voltar.

12. Frequenta, além da(o) bruxa(o), os sacramentos: eucaristia e reconciliação? Se sim, como conjuga o facto de ir à missa e confessar-se, professando a fé num Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo, que nos cura, salva, perdoa e liberta, e ir ao bruxo? Se sim, como conjuga ambos?

Nessa altura, quando eu ia à bruxa, não frequentava os sacramentos. Quando a gente anda nas bruxas não pensa muito em Deus. O esquema entre elas está tão bem montado que ninguém dá por ela que está a ser enganado. Com tudo o que elas fazem, achamos que não é Deus que vai curar as feridas da nossa vida, porque simplesmente elas dão-nos uma certa segurança e estabilidade, que ao fim ao cabo é mentira.

Certo é que eu nessa ocasião não pensava em rezar o terço, nem em ir à missa. Aliás, ia à missa quando me lembrava ou apetecia e porque achava que era uma obrigação, que era pecado se faltasse à missa.

Neste momento gosto de ir à missa e não consigo viver sem me aproximar deste sacramento. Acho que a missa é um momento de alegria, que nos põe bem-dispostos. Acho que faz mesmo parte da nossa vida.

13. Antes de ir à(ao) bruxa(o), recorreu à Igreja Católica, por exemplo na pessoa do seu pároco?

De facto, recorri primeiro às bruxas e só depois é que fui procurar ajuda na Igreja, na pessoa do meu pároco. Não fui primeiro à Igreja procurar ajuda, porque as pessoas incentivavam-me noutro sentido, com a conversa: “Vai a fulana que ela tem um poder de te curar, para tu poderes dormir à vontade!” Eu, no fundo, queria era ficar bem e poder dormir de forma tranquila. Para isso, eu pagava o que fosse preciso e ia aonde fosse preciso.

14. Quem é responsável pelo facto de as pessoas, que se professam católicas, procurarem ajuda nos bruxos? Porquê? (Caso não responda.) - Acha que os padres são, em certa medida, responsáveis por esta abertura das pessoas a esta prática?

Por um lado, acho que as grandes responsáveis são as próprias bruxas. Elas montam um esquema e cobrem-se com a carcaça da Igreja Católica para credibilizarem o seu trabalho. Elas têm pessoas que, fiéis aos seus trabalhos, se encarregam de difundir o seu nome para trazer consigo muita clientela. Assim, é muito fácil uma pessoa ser arrastada para aquele mundo, que visto bem de perto é só de trevas e charlatanice. Se elas se dizem com poder, porque não adivinham tudo em todos os casos? Porque é que só conseguem resolver alguns casos? É tudo uma fantochada e um esquema para ganhar rios de dinheiro.

Para além das bruxas, temos os padres como responsáveis. Há alguns anos fui procurar um padre, aconselhado por pessoas, para me confessar e pedir conselhos no que toca às minhas idas a bruxas. Posso dizer que esse padre foi muito grosseiro comigo ao ponto de me expulsar da igreja. Esta atitude foi para mim um convite e incentivo a continuar pelos caminhos das bruxas e me afastar cada vez mais da Igreja.

15. Considera que a Igreja está receptiva a que os crentes frequentem estas práticas?

A ir aos bruxos não. Quando falamos com um padre, ele não nos manda nunca ir à bruxa. A maior parte das vezes dá uma bênção, manda ler um livro e frequentar os sacramentos.

16. Como pode a Igreja ajudar as pessoas a não procurarem estas práticas espirituais?

A Igreja, concretamente os padres, quando veem que uma pessoa está em baixo, doente, a precisar de falar e de ser ouvida, deve colocar-se inteiramente ao dispor. É claro que o padre não vai adivinhar que a pessoa está doente, mas quando esta solicita os seus serviços, o padre nunca se deve negar nem fazer por fazer. Mesmo os leigos devem procurar ajudar estas pessoas que estão a passar por dificuldades. Por exemplo, estes dias uma colega, minha vizinha, começou a adoecer e eu perguntei-lhe se ela ia à missa ou rezava o terço. Ela respondeu-me que não. Eu então contei-lhe o meu caso e disse-lhe o quanto a prática sacramental da missa e a recitação do terço tinham mudado a minha vida, no sentido de a tornar mais feliz e autêntica.

17. Se fosse hoje voltava a ir à bruxa?

Não.

18. O que deseja que este seu testemunho transmita?

Eu desejava que as pessoas que passam por situações de doença não procurassem as bruxas e bruxos, mas sim a Igreja, na pessoa dos padres, freiras ou outros leigos preparados para ajudar. O que os bruxos fazem é por ambição, por dinheiro. Eles são capazes de montar um esquema para extorquir dinheiro aos desesperados e medrosos.

Ao contrário dos bruxos, a Igreja deve mostrar-se disponível para a escuta e o aconselhamento, sem ter em vista qualquer remuneração, como os agentes da magia.

Queria que muitas pessoas pudessem compreender o quanto a Igreja nos faz sentir bem e diferentes, perante um cenário que se mostra tudo menos de esperança.

Frequentador 4

(doc. 6)

1. Idade, sexo, condição social e religião

50 anos, sexo feminino, condição social remediada, católica, enfermeira.

2. Já alguma vez recorreu a alguma ajuda esotérica? A quem recorreu?

Sim. Recorri a uma pessoa que me disseram que ajudava os outros. Não sei bem quem era e que título lhe dar, mas depois da experiência que tive com essa pessoas, talvez a intitule de bruxa ou médium.

3. Como obteve a informação sobre a existência desta(s) pessoa(s)?

Através de um familiar muito próximo e em quem confiava.

4. Qual o motivo que a levou até essa(s) pessoa(s)?

O motivo que me levou a recorrer a essa pessoa foi um grande mal-estar físico. Após uma semana de procura de ajuda na medicina convencional e sem resolução para esse problema, que me estava também a perturbar emocionalmente, decidi procurar outras ajudas.

5. Durante a sua visita a(o) bruxa(o) fez algum tipo de ritual? Qual?

Não fez nenhum tipo de ritual. Ao chegar ao local onde essa pessoa me atendeu, ela apenas perguntou para quem era a consulta, uma vez que além de mim iam dois familiares a acompanhar-me. Depois disto disse-me para me sentar ao seu lado, sem questionar o que me levou a procurá-la. O espaço onde fui recebida era uma sala de estar da residência familiar, mobilada com os objectos usualmente utilizados por todos nós. Apenas reparei que durante a

consulta, que durou 8 horas, teve nas suas mãos, um crucifixo. Em alguns momentos parecia orar, sem que nada fosse perceptível.

6. Mediante a dificuldade que expôs à(ao) bruxa(o), quais os conselhos ou os remédios que ele lhe receitou? Que cuidados foi aconselhada a ter?

A orar, purificar o ambiente da casa com vapores de eucalipto, deitar umas sementes, que não recordo quais, em água corrente e dizer que esqueceria o nome da pessoa em causa. Referiu também para procurar um padre, dizendo que ela só, não conseguia resolver tudo, e que deveria levar sal grosso e água para ele benzer e ter sempre em minha casa.

7. Durante a sua visita, reparou em algum símbolo ou amuleto? Recebeu ou foi aconselhada a usar algum amuleto durante determinado período de tempo? Porquê?

Como já referi, segurava apenas um crucifixo nas suas mãos. Não me aconselhou a usar nada.

O senhor padre que visitei, colocou-me a mim, ao meu marido e aos meus filhos, a sua estola e orou. Benzeu a água e enviou-me um envelope para eu manter em casa fechado. Passado cerca de 10 anos, foi-me dito por pessoas amigas que isso que me foi enviado tinha duração limitada, tendo então decidido abrir, por curiosidade. Verifiquei que continha uma impressão com o sagrado coração de Jesus e algo escrito em latim, com cerca de 10-15 frases.

8. Sente que aquilo que a(o) bruxa(o) fez, disse e aconselhou, teve resultados na sua vida? Se sim, quais?

Sim. Nessa mesma noite deixei de sentir o que me atormentava e passei a dormir sossegada, sem recurso, nem necessidade, de qualquer tipo de medicação.

9. Pagou algum montante de dinheiro à(ao) bruxa(o) pelos seus serviços?

Sim, uma quantia pouco significativa, cerca de 20€. Aquela senhora esteve ocupada comigo durante 8 horas, não cobrou mais por isso e ainda deixou de receber todas as pessoas que esperavam para serem atendidas, pelo cansaço que apresentava no final. Eu ouvi essa senhora a informar o marido para dizer a toda a gente para ir embora, pois não conseguiria receber mais ninguém. Referiu, no final, que não aceitava marcações porque o terminar do atendimento da pessoa não estava dependente de si, não era ela quem decidia quando terminar.

Fui informada por outras pessoas que a conheciam há anos, de que só recentemente aceitava algum dinheiro, mas de pequenas quantias. Também ela dizia para que o seu marido aceitar, ou melhor, tolerar um pouco todo este trabalho que ela fazia, pois este opunha-se a tal, pelo facto de ela ficar muito debilitada.

10. Foi aconselhada e aconselha a visita a um bruxo?

Fui aconselhada por alguém muito próximo e que sentiu o meu desespero e aconselho a alguém em idêntica situação.

11. Como descreve a experiência?

Algo transcendente e inexplicável, uma novidade para mim. Fiquei muito impressionada, assim como quem me acompanhava, com tudo o que decorreu durante as longas horas que estive com essa senhora. Parecia que tinha o “livro da minha vida” na sua frente e que tudo visualizava sem que eu nada referisse. Agradeço muito a essa senhora, que não tive oportunidade de voltar a encontrar, por ter solucionado um grande problema da minha vida.

12. Frequenta, além da(o) bruxa(o), os sacramentos: eucaristia e reconciliação? Se sim, como conjuga o facto de ir à missa e confessar-se, professando a fé num Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo, que nos cura, salva, perdoa e liberta, e ir ao bruxo? Se sim, como conjuga ambos?

Frequento a eucaristia semanalmente, e, a ida ao “bruxo”, foi uma situação esporádica na minha vida e num momento de grande tormento, tendo sido a única solução que me foi dada como disponível.

Creio, com muita fé, num Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo, que nos cura, salva, perdoa e liberta, mas, talvez nesse momento da minha vida, tivesse que ter esse encontro com essa senhora, que além de resolver o meu problema que me perturbava, também me fez crescer espiritualmente, pois percebi a necessidade da oração como nossa prática diária, entre outras coisas. Penso que Deus coloca no nosso caminho o que precisamos para a nossa evolução.

13. Antes de ir à(ao) bruxa(o), recorreu à Igreja Católica, por exemplo na pessoa do seu pároco?

Não, nem sequer pensei nesse assunto, pois nunca verifiquei disponibilidade por parte dos padres para assuntos relacionados com o oculto, sentindo que nenhum padre me pudesse ou quisesse ajudar quando lhe contasse o que me estava a suceder na minha vida.

14. Quem é responsável pelo facto de as pessoas, que se professam católicas, procurarem ajuda nos bruxos? Porquê? (Caso não responda.) - Acha que os padres são, em certa medida, responsáveis por esta abertura das pessoas a esta espiritualidade?

Sim, como referi anteriormente, na minha opinião, os padres tratam o oculto como o “assunto proibido”, fazendo com que as pessoas tenham pouca abertura para dialogar com eles, procurando ajuda nas pessoas que sabem que estarão disponíveis para as ouvir e ajudar.

Conversei por diversas vezes com pessoas amigas que tinham familiares padres, as quais referiam que estes, evitavam sempre falar “nesses assuntos”.

15. Acha que a Igreja está receptiva a que os crentes frequentem estas práticas?

Na minha opinião não, apesar de pensar que há excepções, pois alguns padres colaboram com essas pessoas, como foi no meu caso.

16. Como pode a Igreja ajudar as pessoas a não procurarem estas práticas espirituais?

Ao mostrar-se mais aberta para conversar sobre o oculto e fazer sentir que estão disponíveis quando a pessoa precisa de ajuda.

17. Se fosse hoje voltava a ir à bruxa?

Apenas em situação de grande aflição, idêntica à que me fez recorrer anteriormente. Todavia, teria sempre em atenção de recorrer a alguém que me fosse referido como de grande confiança. Digo isto porque ainda hoje, e com alguma tristeza que o digo, continuo a não sentir disponibilidade por parte de qualquer pároco.

18. O que deseja que este seu testemunho faça?

Que consciencialize a Igreja, de que a melhor forma de ajudar as pessoas é escutando e conversando sobre todos os temas, não havendo temas tabus. A Igreja deve apresentar pessoas a quem um necessitado possa, numa situação limite, recorrer.

Frequentedor 5

(doc. 7)

1. Idade, sexo, condição social e religião

35 anos, sexo feminino, condição social remediada, católica, fisioterapeuta.

2. Já alguma vez recorreu a alguma ajuda esotérica? A quem recorreu?

Sim, já recorri a uma ajuda esotérica, porque na minha vida, promissora e feliz, atravessaram-se graves problemas de saúde. Não sei como lhe chamar a esta ajuda, se bruxa ou vidente. Logo que a bruxa foi abordada por mim, falou-me da minha vida profissional, que lhe era completamente desconhecida. Isto deixou-me de certa forma envolvida e curiosa, na tentativa de saber mais.

3. Como obteve a informação sobre a existência desta(s) pessoa(s)?

Foram pessoas que me indicaram esta ajuda e eu mesma que fui à procura de alguém que me pudesse ajudar.

4. Qual o motivo que a levou até essa(s) pessoa(s)?

Problemas de saúde. Eu estava bem até ao dia em que comecei a perder peso de uma forma abrupta. Depois desta perda de peso, fiquei cega e fui internada no hospital, porque todos fizeram crer que era um problema somático. Depois de vários exames, queriam operar-me à coluna, pois pensavam que os meus problemas advinham da coluna. Foi toda esta situação que me fez procurar por uma solução.

5. Durante a sua visita a(o) bruxa(o) fez algum tipo de ritual? Qual?

Apenas me tocou com uma cruz sobre a minha cabeça e fez uma oração breve, em voz baixa.

6. Mediante a dificuldade que expôs à(o) bruxa(o), quais os conselhos ou os remédios que ele lhe receitou? Que cuidados foi aconselhada a ter?

A bruxa não me receitou nenhum remédio, apenas me disse que eu estava a ser vítima de magias negras.

7. Durante a sua visita, reparou em algum símbolo ou amuleto? Recebeu ou foi aconselhada a usar algum amuleto durante determinado período de tempo? Porquê?

No local em que essa senhora me recebeu, tinha a cruz, Nossa Senhora e vários santos conhecidos, como por exemplo, Santo António e Beata Alexandrina de Balasar. Não fui aconselhada a usar nada.

8. Sente que aquilo que a(o) bruxa(o) fez, disse e aconselhou, teve resultados na sua vida? Se sim, quais?

Sim, senti que aquilo que a bruxa me fez surtiu efeito durante algum tempo. De facto, depois de ter ido àquela bruxa, durante um dado período de tempo, senti-me melhor.

9. Pagou algum montante de dinheiro à(ao) bruxa(o) pelos seus serviços?

A bruxa não me levou nenhum montante específico, deixou isso ao meu critério. Face a esta atitude e ao facto de eu me sentir melhor, porque tinha resposta, aparentemente, para a minha dificuldade eu deixei o montante de 10€.

10. Foi aconselhada e aconselha a visita a um bruxo?

Na minha vida fui aconselhada a procurar ajudas esotéricas, nomeadamente, uma bruxa. Porém, ao longo destes anos percorridos depois da minha visita à bruxa descobri outras formas de equilíbrio. Daí que não aconselharia a ninguém estas ajudas, mas antes os sacramentos da Eucaristia e da Penitência, a adoração do Santíssimo Sacramento e a procura de um sacerdote certo para falar.

11. Como descreve a experiência?

Na altura, como eu era muito ingénua e como estava por uma situação limite e intensa, eu procurei aquilo que de alguma forma me pudesse dar resposta, uma solução para o problema. Analisadas bem as coisas parece-me normal que eu, em situação de sofrimento e medo, procurasse qualquer coisa que me pudesse apontar um caminho possível para sair de tamanho sofrimento.

12. Frequenta, além da(o) bruxa(o), os sacramentos: eucaristia e reconciliação? Se sim, como conjuga o facto de ir à missa e confessar-se, professando a fé num Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo, que nos cura, salva, perdoa e liberta, e ir ao bruxo? Se sim, como conjuga ambos?

Além do bruxo, frequentava e frequento os sacramentos. Na altura em que fui ao bruxo e mantinha a minha prática sacramental, não tive muita sensibilidade para me aconselhar e as pessoas (padres) a quem bati à porta não tiveram igualmente muita sensibilidade. Sei que é uma contradição ir à bruxa e professar um Deus todo-poderoso, mas num caminho onde não se encontra mais saída, numa vida onde a luz da esperança deixa de brilhar todas as ajudas que vêm são bem-vindas, especialmente aquelas que me podem oferecer alguma resposta e algum alívio.

Eu emagreci e fiquei cega. Não tinha mais forças para continuar a viver. Face a isto, fui ter com alguns padres que não me souberam dar uma resposta ou sequer rezar comigo ou por mim. Antes, estes padres troçavam de mim, dizendo que tudo aquilo que se estava a passar era fruto da minha cabeça. Na verdade, procurei respostas junto dos ministros de Deus e não as encontrei, bati à porta desses ministros e não me abriram. Todavia, procurei resposta junto de uma bruxa e ela deu-ma, bati à sua porta e ela abriu-ma. Incoerente isto, mas é a mais pura verdade.

Deus pediu para que os apóstolos, por acção do Espírito, continuassem a sua missão na terra. Esta perpetuou-se no tempo pelos padres, através da missão: de ajudar, aconselhar, curar e libertar, contudo isto não se verifica em muitos casos. Na verdade, são muitos os padres que constroem grandes muros intransponíveis ao ser humano.

13. Antes de ir à(ao) bruxa(o), recorreu à Igreja Católica, por exemplo na pessoa do seu pároco?

Sim, antes de ir ao bruxo recorri à Igreja Católica, nomeadamente à pessoa de um padre, que não teve em nada sensibilidade para me aconselhar. Aliás, foi até um pouco irónico nas palavras que utilizou para falar da minha situação. O desprezo deste Senhor Padre foi tal que levou-o a dizer um chavão que, actualmente serve para tudo: - “É tudo da sua cabeça”. Este ministro de Cristo em nada aliviou o meu sofrimento, não foi capaz de me dar um pouco de ânimo e esperança, mas desconforto e revolta pela Igreja, que se diz acolhedora e mãe, sendo fria e estéril. Mas a contradição foi quando eu fui à bruxa e, bem recebida, os sintomas aliviaram.

No entanto, no meio de tanta distância por parte da Igreja surgem dois padres, que foram para mim esses pais na fé. Eles ajudaram-me muito e acompanharam-me em tudo, desde a minha ida ao hospital, onde me foram visitar, até à minha recuperação.

14. Quem é responsável pelo facto de as pessoas, que se professam católicas, procurarem ajuda nos bruxos? Porquê? (Caso não responda.) - Acha que os padres são, em certa medida, responsáveis por esta abertura das pessoas a esta espiritualidade?

Não encontro aqui, directamente, um responsável pelas pessoas recorrerem às bruxas. No entanto, no meu caso, salientaria que alguns padres, ao não ajudarem as pessoas como devem ser, com um bom acolhimento, sem despezos ou ironias pelas histórias expostas, tempo para escutar, levam a que surja, por parte das pessoas uma maior abertura a ajudas distintas da Igreja.

15. Acha que a Igreja está receptiva a que os crentes frequentem estas práticas?

Não. A Igreja não está de todo receptiva que os crentes frequentem estas práticas. Porém, no meu entender, também não se abre à problemática do bem e do mal. A Igreja, simplesmente, não aborda o tema das forças demoníacas, antes remete-as para tabu.

16. Como pode a Igreja ajudar as pessoas a não procurarem estas práticas espirituais?

Penso que se os padres comessem a rezar as orações que a Igreja tem contemplada para as diferentes situações, poderiam ajudar pessoas como eu que, tendo as forças em baixo, não conseguem ter vigor para rezarem sozinhas. Foram muitos os padres a quem eu recorri e que me leram a oração de Libertação (Exorcismo).

17. Se fosse hoje voltava a ir à bruxa?

Apesar de achar que a bruxa a que eu fui não foi má pessoa, se fosse hoje não voltaria a recorrer lá. O meu caso, no que toca à recorrência a bruxos, a comparar com outros os casos não é o mais grave. Existem pessoas que gastaram e continuam a gastar verdadeiras fortunas em bruxos. Não foi o meu caso.

Porém, para que isto no passado, presente e futuro não se dê mais e para que o equilíbrio esteja sempre presente na minha vida, eu conto com as orações de muitos padres, inclusive alguns padres de Fátima, com a eucaristia, confissão, adoração e a graça de Deus. Com todas estas protecções, é mais difícil que o inimigo (Demónio) entre.

18. O que deseja que este seu testemunho faça?

Gostava que este meu testemunho suscitasse na Igreja e na vida dos párocos uma maior abertura. Gostava que falassem mais sobre o poder do sacramento da reconciliação e mesmo do valor e graças que a Adoração do Santíssimo Sacramento traz para a vida de cada crente. Gostava que os padres estivessem mais disponíveis para escutarem e acompanharem as pessoas nas questões do dia-a-dia.

A Igreja não deve ter medo nem se deve esconder ou evitar dizer às pessoas para pararem de recorrer ao esoterismo porque, por vezes, este traz mais malefícios do que aqueles que aparentemente procura solucionar.

Queria que muitas pessoas, que estão a passar por situações limite e por medos, tivessem a sorte de encontrar padres como eu encontrei na minha vida que, com as orações em latim e orações ao Espírito Santo, ajudaram a libertar-me do mal-estar constante e das doenças. Sou, de facto, grata a esses padres que me ajudaram nessa altura e que, ainda hoje, são os meus maiores confidentes. É claro que nem todos os padres que se atravessaram na minha vida deram o melhor exemplo. Isto produziu e produz um efeito desviante em muitas pessoas, conduzindo-as, ainda que de forma indirecta, à bruxa e a outras práticas esotéricas.

Conheço casos de párocos que recusaram prestar qualquer ajuda, nomeadamente o sacramento da reconciliação, a jovens da sua paróquia, que estavam a passar por situações de enfermidade, como eu. Para acharem essa ajuda, os jovens, tiveram de andar quilómetros. Ao fim de tanto, andarem e procurarem encontraram alguns padres que lhes dispensaram um pouco do seu tempo. Tiveram sorte! O padre simplesmente conversou e ouviu a confissão dos jovens, procurando-os ajudar. Foi o suficiente! Actualmente, estes jovens encontram-se com uma vida estável, mas se naquela altura nenhuma porta se abrisse na Igreja eram mais uns tantos que entravam para as estatísticas daqueles cristãos que se abandonavam à prática do esoterismo.

Frequentador 6

(doc. 8)

1. Idade, sexo, condição social e religião

80 anos, sexo feminino, condição social remediada, católica, reformada.

2. Já alguma vez recorreu a alguma ajuda esotérica? A quem recorreu?

Sim. Depois de ter recorrido a muitos médicos, devido a problemas nas pernas, recorri a algumas bruxas. Uma das bruxas foi uma pessoa amiga que me aconselhou, outra bruxa foi uma minha sobrinha que me indicou com a ressalva de que aquela adivinhava tudo.

3. Como obteve a informação sobre a existência desta(s) pessoa(s)?

Isto correu já há muitos anos. Eu casei e fui morar para Boticas, onde o meu marido era capataz geral numa empresa de exploração de minério. A empresa começou a estar em riscos de fechar. Os empregados foram a um senhor que lhes indicou um campo, onde deviam colocar as máquinas para retirarem uma grande fortuna. Levando a cabo esta indicação, retiraram grandes quantidades de minério, que exportaram para Inglaterra, e a empresa sobreviveu. Este foi o meu primeiro contacto com bruxas e bruxos. Eu ao princípio não acreditava, porém depois comecei a acreditar em algumas coisas.

Por conseguinte, na minha vida fui tendo contacto com outros bruxos que me foram dados a conhecer por pessoas amigas e por familiares.

4. Qual o motivo que a levou até essa(s) pessoa(s)?

A algumas bruxas não fui pessoalmente, foram outras pessoas por mim, mas a outras fui. O motivo que me levou a recorrer a estas ajudas foi o facto de ter deixado de andar. Eu recorri a muitos médicos que não só me diziam que eu não tinha nada como não me receitavam qualquer medicamento. Eu realizei muitos exames médicos, excepto a ressonância magnética, por causa da pilha que tenho no coração, mas nada acusaram. Foi este o problema que me levou a estas pessoas.

Outro motivo pelo qual recorri às bruxas foi o meu filho. Quando morreu a minha mãe pedi ao meu filho para ir avisar uma senhora. No caminho o meu filho deparou-se com a figura de um homem desconhecido, que desapareceu na sua vista. Depois disto ele nunca mais conseguiu dormir no seu quarto, porque eram muitos os barulhos, semelhantes a um cão a rilhar ossos, que se faziam ouvir à porta do seu quarto.

5. Durante a sua visita a(o) bruxa(o) fez algum tipo de ritual? Qual?

A bruxa não fez nenhum ritual. Ela começou por dizer-me que me fizeram uma coisa má, portanto, deitaram-lhe terra do cemitério e eu calquei-a com os pés. Depois ela perguntou-me se eu queria saber quem era e eu respondi-lhe que sim. Então ela soltou uma forte risada e perguntou-me: - Sabe quem se ri assim? Quem lhe deitou a terra do cemitério tem esta gargalhada, mas não se preocupe que você vai sarar.

6. Mediante a dificuldade que expôs à(ao) bruxa(o), quais os conselhos ou os remédios que ele lhe receitou? Que cuidados foi aconselhada a ter?

A bruxa deu-me uma oração que eu não tive coragem de a rezar. Essa oração era ao “Misericordioso doutor Sousa Martins...” Ela disse-me que esta oração iria retirar todos os males que estavam a molestar a minha vida. Também me vendeu uma vela. Eu tinha de pôr o meu nome na vela e esta tinha de arder noite e de dia, até ao fim. Então eu deveria acender a vela e rezar essa oração ao Dr. Sousa Martins. No fim deveria levar a um jardim, não ao rio, deitar lá, sem olhar para trás e voltar por outra rua que não aquela que tinha utilizado para lá chegar. A companhia que eu levei estava toda atrapalhada, pois era de noite, mas eu cuidei que alguém estivesse a ver. Mediante isto, que contei só à minha sobrinha, tornei à bruxa que me disse que não fiz bem o que ela tinha mandado. Desta forma, deu-me um fio que eu deveria andar sempre. Este fio é com uma espécie de missangas sem qualquer amuleto.

Por conseguinte, outro bruxo, que dizia que eu sofria de mal de inveja, aconselhou-me a fazer uma novena a São Bento. Para isso deveria arranjar as pessoas para a fazer. Esse bruxo tinha lá umas mulheres e disse se eu queria. Face a isso dei-lhe o dinheiro e vim-me embora.

Também uma outra bruxa aconselhou-me que mandasse rezar um trintário de missas pelo meu marido, pois ele precisava. Perante tal aconselhamento eu respondi que não aceitava, uma vez que o meu marido era uma pessoa muito católica e trabalhadora e eu durante a minha vida tinha ido já a muitas missas por ele.

Por último, tive um bruxo que, perante um problema que tinha aparecido ao meu filho, me disse para eu o defumar e depois deitar ao rio. Então depois de defumar o meu filho fui a um rio, acompanhada com um cruxifixo, deitei lá o defumadouro e voltei sem olhar para trás.

7. Durante a sua visita, reparou em algum símbolo ou amuleto? Recebeu ou foi aconselhada a usar algum amuleto durante determinado período de tempo? Porquê?

Os bruxos no consultório tinham muitas cruces e imagens de santos. Já eu fui aconselhada a usar um fio com missangas, mas não sei o seu significado, pois a bruxa não mo disse.

8. Sente que aquilo que o bruxo fez, disse e aconselhou, teve resultados na sua vida? Se sim, quais?

Não teve nenhum resultado na minha vida.

9. Pagou algum montante de dinheiro à(ao) bruxa(o) pelos seus serviços?

Sim paguei. A uma bruxa dei cerca de 75€, a outra 65€ e a outra 50€.

10. Foi aconselhada e aconselha a visita a um bruxo?

Eu fui aconselhada, mas não aconselho ninguém a frequentar estas pessoas. Para receber aquilo que os bruxos fazem é melhor ficar em casa e dar o dinheiro aos pobres.

11. Como descreve a experiência?

Para mim foi uma experiência muito triste, sinto que fui burlada. Contudo, houve um bruxo que até me conseguiu resolver o problema que eu ali levava. Neste senti, no fundo, felicidade e alívio porque encontrei resposta para o meu problema.

12. Frequenta, além da(o) bruxa(o), os sacramentos: eucaristia e reconciliação? Se sim, como conjuga o facto de ir à missa e confessar-se, professando a fé num Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo, que nos cura, salva, perdoa e liberta, e ir ao bruxo? Se sim, como conjuga ambos?

Eu não tomei a minha visita aos bruxos por grande ofensa a Deus. Eu antes de ir disse: “Senhor eu vou aos bruxos, mas eu não vou fazer nada!” Sei que não há conjugação possível, mas nós precisamos e procuramos respostas para as nossas dificuldades.

Eu cuidei, antes de ir aos bruxos, ir aos médicos, mas nenhum deles me dizia qual o problema que tinha. Eu sei que todos nós morremos, porém naquele momento queria saber e encontrar mais forças para trabalhar e ajudar os outros.

13. Antes de ir à(ao) bruxa(o), recorreu à Igreja Católica, por exemplo na pessoa do seu pároco?

Não recorri ao meu pároco porque ele não está disponível para falar destes assuntos.

14. Quem é responsável pelo facto de as pessoas, que se professam católicas, procurarem ajuda nos bruxos? Porquê? (Caso não responda.) - Acha que os padres são, em certa medida, responsáveis por esta abertura das pessoas a esta espiritualidade?

Os padres de cada paróquia devem zelar pelo rebanho que lhe foi confiado, contudo eles não estão disponíveis para tal serviço, fazendo com que as pessoas recorram a estes comedores e fazedores de mezinhas. Os padres têm mais poder do que ninguém, por isso devem fazer-se valer por esse poder que Cristo lhes confiou.

15. Acha que a Igreja está receptiva a que os crentes frequentem estas práticas?

Na minha opinião não, porque é pecado.

16. Como pode a Igreja ajudar as pessoas a não procurarem estas práticas espirituais?

Já ouvia dos meus avós e dos meus pais: - “Os males ficaram no mundo, mas Deus deixou os remédios para os curar”. É aqui o campo de acção da Igreja. A Igreja, nos seus variados ministérios, deve procurar levar a cura aos doentes, oferecida por Deus. A Igreja não deve deixar que os bruxos se apoderem de uma missão que foi confiada unicamente aos apóstolos e aos seus sucessores.

17. Se fosse hoje voltava a ir à bruxa?

Não porque não senti melhora alguma. Não acreditei nem acredito em nada do que estas pessoas façam.

18. O que deseja que este seu testemunho faça?

Desejo que este meu testemunho acorde as pessoas que se encontram envoltas nas trevas. Desejo que as pessoas não caiam nas mentiras que os bruxos preparam. Desejo que as pessoas se encaminhem unicamente para Deus.

Frequentador 7

(doc. 9)

1. Idade, sexo, condição social e religião

52 anos, sexo feminino, condição social remediada, católica, missionária.

2. Já alguma vez recorreu a alguma ajuda esotérica? A quem recorreu?

Sim. Já recorri muitas vezes, a mulheres e homens, que lêem cartas e que fazem bruxarias.

3. Como obteve a informação sobre a existência desta(s) pessoa(s)?

Eu obtive a informação da existência destas pessoas através do meu pai, que fazia parte deste tipo de práticas, de *sites*, colegas e pessoas, que eu ouvia falar destes assuntos. Toda esta informação e todo este ambiente fez-me acordar para esta realidade ainda em tenra idade. De facto, esta temática era assunto recorrente entre as gentes daquela altura, era com muita frequência que eu escutava pessoas a falar sobre isto.

4. Qual o motivo que a levou até essa(s) pessoa(s)?

Em primeiro lugar, participava porque o meu pai também participava. O meu pai acreditava naquilo que estas pessoas da magia faziam, daí ter passado aos filhos esta crença. Por exemplo, eu comecei a acreditar nos momentos difíceis: quando precisava de passar num concurso; nas questões de estudo e na intenção de ser feliz. Na realidade, a questão da felicidade para mim era a questão fundamental. Eu quero, nós queremos ser felizes, então na busca dessa felicidade nós vamos buscar algumas coisas que nos possam satisfazer e dar respostas, sobretudo em relação ao futuro.

5. Durante a sua visita a(o) bruxa(o) fez algum tipo de ritual? Qual?

Sim, geralmente todos fazem rituais. O que eles faziam na sua maioria era o ritual de tomar banho com umas folhas, de palestrar e adorar os deuses, que tinham e indicavam, de dar um abraço, do toque, pois para eles o toque tem um poder, força e significado especiais. Portanto, o abraço e o toque é o mesmo que dizer: - “O senhor ou senhora, menino ou menina está a escutar, está a adorar-me, faz parte dos meus eleitos”. Para além destes rituais, os bruxos realizavam os tão afamados defumadouros, que tinham como finalidade a purificação, rituais de comida e oferta, como por exemplo de um animal. O meu pai chegou a realizar estes rituais, mas depois eu mesma quis fazer.

6. Mediante a dificuldade que expôs à(ao) bruxa(o), quais os conselhos ou os remédios que ele lhe receitou? Que cuidados foi aconselhada a ter?

A mim não foram ditos para ter muitos cuidados. A única questão que eles colocaram foi a minha fidelidade e identidade ao que eu estava à procura, eles não me pediam mais do que isso.

Efectivamente, não fui aconselhada a tomar os banhos, a fazer defumadouros ou qualquer outro tipo de mezinha. Porém, há que atender que as pessoas ligadas ao ramo da magia, bruxos e bruxas, querem assemelhar-se aos católicos, por isso, usam e aconselham velas, a participação na eucaristia em alguns dias e a utilização de certas roupas eclesiásticas. Foi o que aconteceu comigo. Ainda que não me tenha sido aconselhado nada, por culpa do meu pai havia dentro de mim uma unidade entre a bruxaria e a Igreja católica.

7. Durante a sua visita, reparou em algum símbolo ou amuleto? Recebeu ou foi aconselhada a usar algum amuleto durante determinado período de tempo? Porquê?

Ela(e)s, nos seus rituais, têm tudo aquilo que a Igreja católica tem, a saber: terços, imagens de santos e a cruz. Os agentes da magia utilizam os símbolos católicos para que possam estar em unidade, ou seja, unir uma coisa à outra.

Eu sei que não existiu nem existirá essa unidade, mas ao princípio, nós católicos, somos atraídos por estas imagens, que são as imagens dos santos, como por exemplo, Santa Bárbara e São Jorge. Por conseguinte, não fui aconselhada a usar qualquer amuleto.

8. Sente que aquilo que a(o) bruxa(o) fez, disse e aconselhou, teve resultados na sua vida? Se sim, quais?

Não, de forma alguma tudo aquilo que os bruxos e bruxas fizeram teve resultado na minha vida. Aliás, tudo aquilo que estes agentes fizeram foi uma autêntica ilusão.

9. Pagou algum montante de dinheiro à(ao) bruxa(o) pelos seus serviços?

Não, não paguei qualquer montante. Contudo, sei de muitas pessoas que pagaram depois da consulta. Os bruxos e bruxas vivem disto, daí pedirem algum dinheiro.

10. Foi aconselhada e aconselha a visita a um bruxo?

Eu fui aconselhada, mas não aconselho, nunca aconselhei nem nunca aconselharei ninguém a ir a um bruxo.

11. Como descreve a experiência?

Eu acho que foi um momento de conhecimento. A partir desta experiência, eu aprendi a viver os momentos, a distinguir entre o certo e o errado e a distinguir a verdade das trevas. Para mim, estes momentos são sobretudo de aprendizagem.

Eu não digo que foi um momento detestável, todavia não aconselho ninguém a participar. Porém, se vivemos alguma experiência deste estilo devemos olhar como uma oportunidade de nos voltarmos para Deus, ver a sua grandeza e o melhor do mundo.

12. Frequenta, além da(o) bruxa(o), os sacramentos: eucaristia e reconciliação? Se sim, como conjuga o facto de ir à missa e confessar-se, professando a fé num Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo, que nos cura, salva, perdoa e liberta, e ir ao bruxo? Se sim, como conjuga ambos?

Enquanto eu frequentava os bruxos, participava também na vida e fé da Igreja Católica, era como se visse dois senhores. Eu participava naquilo que a Igreja me pedia, mas não conseguia encontrar o sentido para a minha vida ali, não conseguia encontrar a minha felicidade na Igreja e na fé Católica, por isso fui procurar os bruxos. Eu queria algo mais, queria preencher o vazio da minha vida.

Hoje, graças a Deus eu não frequento, mas porque eu fiz a experiência de passagem, eu percebi que o que procurava nos dois caminhos, eu conseguia encontrar num só. Tudo aquilo por que eu esperava, encontrei um dia em Deus. Foi Ele quem me preencheu o vazio, a brecha aberta no meu coração.

Posso dizer que em mim aconteceu uma conversão do olhar. Antes era como se a Igreja me devesse algo, como se Jesus estivesse em dívida para comigo, como se eu sentisse que devia algo a Deus. Hoje já é diferente: eu vou à eucaristia por amor. Hoje já não penso se Deus me deve algo ou eu devo algo a Deus, mas procuro buscar aquilo que me preenche. Hoje, deixei de viver os sacramentos de uma forma mágica, no sentido do “toma lá dá cá”.

Eu acredito que muitas vezes quando nós vamos a estes lugares é porque nós não conhecemos verdadeiramente o sentido da nossa fé e então olhamos para Deus como um Deus de cobrança, um Deus de castigo, um Deus que está longe de nós. Mas nestes outros locais encontramos e é-nos oferecido alguém que está perto. Na Igreja, muitas vezes nós não sentimos Deus perto. Nós precisamos de fazer uma autêntica conversão da solidão para aquilo que nos preenche, para passarmos da solidão à presença.

13. Antes de ir à(ao) bruxa(o), recorreu à Igreja Católica, por exemplo na pessoa do seu pároco?

Não, recorri primeiro aos bruxos. Em alguns momentos da nossa vida, momentos dentro da Igreja, nós precisamos de viver de forma a testemunhar e transmitir a nossa fé. Por isso, é fundamental que os baptizados, os sacerdotes se interroguem: - Como eu estou a testemunhar? Como eu estou a viver? Estou a ser coerente com a minha vida e a minha fé?

Eu acredito que a Igreja precise de crescer e aprofundar alguns aspectos, para que as pessoas, que se encontram fora, tenham a oportunidade de ver e ouvir a coerência de vida. Estas pessoas precisam de ver firmeza, precisam de ver um Deus, não um Deus do passado, não um Deus que está morto, mas um Deus que está vivo e que podemos tocar. Nós

precisamos da presença, nós não queremos ausência. As vozes são muitas, mas a presença é pouca. Acredito que nós como Igreja precisamos de levar as pessoas à certeza da presença e toque de Deus nas suas vidas. Aqui eu volto-me para o Papa Francisco, no Ano da Misericórdia. Por vezes, esquecemos que Deus é Misericórdia, que Deus é um braço aberto. Deus é o olhar que se estende sobre todos os seus filhos, porque os quer salvar. A Igreja precisa de ser aberta ao olhar e toque de Deus. A Igreja deve falar a linguagem da Humanidade, não no sentido de fazer o que a Humanidade pedir, mas ir até onde o ser humano não tem coragem de ir: até onde as pessoas que sofrem estão e até aos pobres ou refugiados, que não têm dinheiro. Mas mais do que isto a Igreja deve é levantar esta Humanidade falando e testemunhando a Misericórdia, a vivência e a pertença de Deus. Por isso, precisamos de uma linguagem diferente. As pessoas estão cansadas de discursos bonitos e de livros muito belos. As pessoas desesperam perante o vazio que se vive nas palavras e gestos da Igreja, precisamos de preenche-los com Cristo, que cura e salva o coração.

14. Quem é responsável pelo facto de as pessoas, que se professam católicas, procurarem ajuda nos bruxos? Porquê? (Caso não responda.) - Acha que os padres são, em certa medida, responsáveis por esta abertura das pessoas a esta prática?

Eu, tu, nós, vós, eles, todos nós católicos. Como dizia na resposta anterior, se nós que somos católicos vivermos uma coerência devida, se nós assumirmos esse Cristo que tem um poder de mudar e de transformar, se sairmos dos belos discursos, dos belos livros, dos belos e irmos para o todo, as pessoas vão perceber que existe uma comunhão. Aqui volto mais uma vez ao Papa Francisco que nos tem pregado a Misericórdia. A Misericórdia não são palavras belas, a Misericórdia é a pessoa responsável pela humanidade começar a viver a coerência da Misericórdia, não com palavras belas, mas com o coração na indignação, na miséria. Assim, seremos capazes de transformar o Mundo que nós tocamos hoje.

Mas os padres também são responsáveis porque eles portam uma vocação, um chamamento, a eleição, eles são pastores. Eu falei no início que participei nas falsas doutrinas por causa do meu pai, mas depois do meu pai se converter eu mudei a minha vida. Assim, acontece com o pároco, ele é pai e ele vai levar os filhos para o caminho que ele próprio viver.

15. Considera que a Igreja está receptiva a que os crentes frequentem estas práticas?

Não, a Igreja não apoia, não quer. A Igreja não acolhe isso, para além de que nós precisamos de esclarecer, uma coisa que eu acho que a Igreja falha aqui em Braga, aqui em Portugal, é que a Igreja não fala destas coisas, os padres não falam destas coisas. A Igreja hoje em dia lida com as pessoas e com os jovens que estão fora, como se elas já conhecessem tudo.

Lida com estas pessoas como quem lida com crianças, “vem para aqui, senta, levanta”, mas não informa. A catequese está vazia daquilo que é essencial, mas é necessário hoje a formação de jovens, dos catequistas. Eu vejo pessoas que estão à minha beira na Eucaristia e depois vão para o esoterismo, para o yoga, para os bruxos, para tantas outras coisas que ofende o coração de Deus. Isto acontece porque nós já não informamos, já não falamos, é como se não existisse mais o mal. Nós estamos cegos ou talvez nem cegos, omissos, porque a omissão é pior do que a cegueira.

16. Como pode a Igreja ajudar as pessoas a não procurarem estas práticas espirituais?

Formando-as. Nós precisamos de voltar a falar sobre isto. O mundo fala de todas as tecnologias, porque é que a Igreja não fala destes temas? A Igreja já não fala de algumas coisas e os padres têm medo, os consagrados têm medo de falar dessas coisas. Com este medo, vamo-nos pegando às seitas e ao esoterismo. Estes fenómenos são cada vez mais crescentes, a cada dia a bruxaria aumenta, nós não formamos, nós não falamos, nós simplesmente vivemos como se tudo estivesse às mil maravilhas. Então uma forma de vencer este avanço é formar.

17. Se fosse hoje voltava a ir à bruxa?

Não.

18. O que deseja que este seu testemunho transmita?

Que transforme o meu coração, o teu coração e o coração daquelas pessoas que têm o poder de mudar um bocadinho as coisas, de mudar a vida de uma pessoa. Quando eu me consagrei a única coisa que eu pedia a Deus é a graça de ser testemunha do amor da Misericórdia de Deus, por isso, eu quero que o meu testemunho seja uma gota no oceano, para levar a Misericórdia e o amor de Deus às pessoas.

Frequentador 8

(doc. 10)

1. Idade, sexo, condição social e religião

18 anos, masculino, remediada, católica, estudante.

2. Já alguma vez recorreu a alguma ajuda esotérica? A quem recorreu?

Sim, já recorri a uma bruxa muito conhecida na minha região.

3. Como obteve a informação sobre a existência desta(s) pessoa(s)?

Eu obtive a informação da existência desta bruxa através das pessoas da minha terra, ela é uma mulher muito conhecida. Agora quem me levou à presença desta senhora foi a minha avó. Ela pediu-me para que eu a acompanhasse e aproveitei para também ser consultado.

4. Qual o motivo que o levou até essa(s) pessoa(s)?

Da parte da minha avó havia vários motivos. Um dos motivos era a situação de enfermidade de um filho da minha avó. Outro motivo prendia-se com o facto de eu ter reprovado no exame de condução. A minha avó queria saber se eu iria ou não reprovado posteriormente e caso isso se desse queria que a bruxa fizesse umas rezas para inverter a situação.

5. Durante a sua visita a(o) bruxa(o) fez algum tipo de ritual? Qual?

Sim, quando eu cheguei à presença da bruxa ela perguntou-me qual o motivo que me levou lá. Depois, benzeu-se e perguntou se eu queria que ela deitasse as cartas. Eu respondi afirmativamente, pois queria saber o que o futuro me reservava. Ela mandou-me tirar 13 cartas. Juntando-as, fez uma reza com o crucifixo.

Na minha avó, andava à sua volta também com um crucifixo, emitindo os sons estranhos e deitando sal. Ao longo da consulta à minha avó, ela dizia coisas que parecia que estava a ver o que se passava no interior: “Ai como ele está!” Depois pegou no sal e deitou-o numa banca, que existia dentro da sala, dizendo: “Vai para o mar coalhado!” Ainda dentro destes rituais, rezava a oração do Pai-nosso. Aquando da reza desta oração, voltava a emitir uns sons muito estranhos com grandes e fortes suspiros.

6. Mediante a dificuldade que expôs à(o) bruxa(o), quais os conselhos ou os remédios que ele lhe receitou? Que cuidados foi aconselhada a ter?

Perguntei acerca da minha carta de condução: se iria passar, ou não. Ela disse que nas cartas ainda não havia sinal se era desta vez que eu iria conseguir passar no exame de condução, visto que já tinha reprovado uma vez. Mas ela disse-me que no dia antes para lhe ligar que ela iria fazer uma reza para passar, como não acreditava não liguei e passei na mesma. Para a minha avó, aconselhou a fazer um defumadouro com a roupa do meu tio. Ele teria que andar com aquela roupa para melhorar. Ainda assim deixou a ressalva de lá voltar.

7. Durante a sua visita, reparou em algum símbolo ou amuleto? Recebeu ou foi aconselhada a usar algum amuleto durante determinado período de tempo? Porquê?

Sim, o escritório estava cheio de Santos, crucifixos, tachos para defumar. Sim, aconselhou-me a andar com um alho dentro de um saquinho que tinha um custo de 2€ e que ela própria vendia. Esta espécie de amuleto caseiro servia, segundo ela, para proteger do mal de inveja. Sim, ela disse-me que eu sofria um pouco deste mal.

8. Sente que aquilo que a(o) bruxa(o) fez, disse e aconselhou, teve resultados na sua vida? Se sim, quais?

Não, ela no fundo não conseguiu dizer ou adivinhar nada.

9. Pagou algum montante de dinheiro à(ao) bruxa(o) pelos seus serviços?

Sim, pela consulta levou 10€ e pelo amuleto 2€.

10. Foi aconselhada e aconselha a visita a um bruxo?

Fui aconselhado, mas não aconselho.

11. Como descreve a experiência?

Uma experiência muito peculiar. A bruxa naquilo que dizia e fazia tinha como objectivo montar uma cena de teatro para ver se as pessoas começam a acreditar. Foi também uma experiência um pouco assustadora. Todos aqueles suspiros fortes e as rezas foram para mim, ao primeiro, motivo de medo, mas depois até me ria daquilo.

12. Frequenta, além da(o) bruxa(o), os sacramentos: eucaristia e reconciliação? Se sim, como conjuga o facto de ir à missa e confessar-se, professando a fé num Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo, que nos cura, salva, perdoa e liberta, e ir ao bruxo? Se sim, como conjuga ambos?

Num primeiro momento, questionei a minha avó, dizendo-lhe que a recorrência à bruxa não é um acto católico. Depois questionei-me se devia ou não ir. A curiosidade de conhecer o que o futuro me reservava falou mais alto, acabando por me fazer ir. Mesmo assim, acho que esta prática é inconciliável com Deus e os seus sacramentos. Para mim, Deus basta. Só a ele pertence o futuro e nós temos que nos confiar à sua protecção.

13. Antes de ir à(ao) bruxa(o), recorreu à Igreja Católica, por exemplo na pessoa do seu pároco?

Não fui, uma vez que o padre não me ia dizer se ia, ou não, passar no exame de condução. A Igreja não tem resposta para estas nossas preocupações que nos prendem. No acto de desespero, com uma solução possível nas mãos, não hesitei.

14. Quem é responsável pelo facto de as pessoas, que se professam católicas, procurarem ajuda nos bruxos? Porquê? (Caso não responda.) - Acha que os padres são, em certa medida, responsáveis por esta abertura das pessoas a esta prática?

Na minha opinião, os grandes responsáveis pelo facto de as pessoas procurarem ajuda nos bruxos são os próprios bruxos. Montados e camuflados com o manto da Igreja católica, enganam muita gente. Eles dizem fazer em nome de Deus, dos santos e de Nossa Senhora, para que as pessoas se dirijam a eles sem reservas. Eles fazem com que muitas pessoas acreditem que não é o mal que ali está actuar, mas o bem na pessoa de Deus. As pessoas completamente alienadas da realidade afirmam que: “Deus deixou pessoas no mundo para curar esses males que nos atacam!” Por isso, se eu recorro a esta ajuda estou no fundo a recorrer a Deus, o que é uma completa mentira.

15. Considera que a Igreja está receptiva a que os crentes frequentem estas práticas?

Acho que não.

16. Como pode a Igreja ajudar as pessoas a não procurarem estas práticas espirituais?

Em primeiro lugar, acho que deve haver nas pessoas uma maior coragem para falar e confiar os seus problemas, doenças, angústias e medos. Depois, deve haver da parte da Igreja e, concretamente, dos padres maior disponibilidade para a escuta e aconselhamento das pessoas que estão com problemas. Caso as pessoas tenham já frequentado estas ajudas esotéricas e depois recorram a um padre, este deve mostrar como Deus é misericordioso e sempre pronto a acolher a ovelha tresmalhada.

17. Se fosse hoje voltava a ir à bruxa?

Não voltava a ir.

18. O que deseja que este seu testemunho transmita?

Gostava que as pessoas através deste meu testemunho deixassem de frequentar as bruxas e percebessem que aquilo não passa de uma farsa. Porém, é preciso perceber como colmatamos esta necessidade nas pessoas. Acho que a Igreja tem um grande papel a

desempenhar. Desta forma, deve ser mais aberta para falar destes assuntos com as pessoas. Depois os padres e leigos devem ser pessoas atentas ao próximo, para serem uma ajuda constante e fiel aos mais necessitados.

Padre 1

(doc. 11)

1. Quais os problemas que levam as pessoas a recorrerem às práticas ocultistas?

Questões de saúde, cientificamente não evidentes; questões monetárias associadas a factos estranhos; distúrbios no seio familiar, sem razão aparente; hipersensibilidade ao que os outros pensam; entre outras...

2. Acha que a Igreja tem culpa por as pessoas recorrerem à bruxa? Porquê?

Mais do que encontrar culpados considero que há uma responsabilidade não assumida pelos agentes eclesiais de acompanhar espiritualmente os fiéis, quer por falta de tempo quer por se sentirem sem recursos pessoais para o acompanhamento. Aliado a esse factor, há poucos espaços para se aprofundar a fé de um modo personalizado, já que andamos ocupados com outras coisas.

3. Acha que a Igreja e nomeadamente os padres estão a realizar o seu ministério, num tempo em que são cada vez mais as pessoas que se dirigem aos centros de ciências e artes ocultas? Sim ou não, porquê?

Os padres estão a realizar o seu ministério o melhor que conseguem. No entanto, há que redefinir prioridades. Aliás essas prioridades estão definidas nas conclusões do congresso internacional sobre o presbítero realizado em Braga há alguns anos.

4. Se a Igreja realiza o seu ministério por que que não está a resultar?

Não existe uma resposta unívoca. Por um lado a sociedade tem outros polos de agregação e de interesse; por outro não tem uma fé personalizada e consequentemente não tem recursos para avaliar as propostas de espiritualidade; por outro a fragmentação da vida eclesial por momentos mais ou menos desligados entre si provoca um vazio de respostas.

5. Quais os problemas que as pessoas trazem, quando vêm falar consigo?

Todos. Desde os conflitos intrafamiliares às questões de saúde, dos lutos não elaborados aos conflitos de vizinhança... Essencialmente buscam uma figura de mediação.

6. O que lhes indica e faz?

Cada caso é único. Transversalmente ofereço escuta activa, ajuda na releitura do problema, procuro despertar os recursos pessoais e familiares latentes (e muitas vezes adormecidos) e iluminação pela fé em Jesus Cristo e oração. Em algumas situações mais problemáticas são encaminhadas, paralelamente ao acompanhamento espiritual, para o âmbito da psicologia e mesmo da psiquiatria.

7. Qual é o sentir eclesial perante os mistérios do oculto e a resposta que a Igreja deve dar?

Não sei responder a “deveres”. Sei somente que as pessoas estão à espera de uma resposta à medida das suas inquietações e para isso não servem generalizações, por muito santas que pareçam. A missão, como em Jesus, é decisiva no tu-a-tu.

Padre 2

(doc. 12)

1. Quais os problemas que levam as pessoas a recorrerem às práticas ocultistas?

Os principais problemas que levam as pessoas a recorrerem às bruxas são as questões de doenças, de dinheiro e do âmbito familiar.

2. Acha que a Igreja tem culpa por as pessoas recorrerem à bruxa? Porquê?

Acho que sim! Os bispos devem nomear padres que fiquem encarregues de ajudar estas pessoas, nomeadamente exorcistas. Devia de haver um ou mais do que um. De igual modo, penso que os padres deveriam estar mais disponíveis para falarem com as pessoas e não terem os portões ou cães que impeçam estas de lá chegarem. Se isto acontecesse conseguiríamos fechar muitos consultórios de bruxas.

3. Acha que a Igreja e nomeadamente os padres estão a realizar o seu ministério, num tempo em que são cada vez mais as pessoas que se dirigem aos centros de ciências e artes ocultas? Sim ou não, porquê?

Penso que não. Constituindo uma situação triste e degradante, as pessoas que se entregam às artes ocultas procuram muitas vezes os padres que acham que não devem dar muita importância à situação que a pessoa está a passar. Este facto deve-se em muito à personalidade dos próprios padres que, achando-se muito importantes e detentores da verdade e poder de Deus, o que não é mentira, não se relacionam com os problemas e sobretudo com as pessoas, no sentido de as ajudar.

4. Se a Igreja realiza o seu ministério por que que não está a resultar?

Não está a resultar porque deveríamos procurar outras formas de ajudar as pessoas. Se à 20 ou 30 anos este modelo resultava neste momento os problemas sendo outros e as pessoas igualmente outras necessitam de novas respostas, de novos métodos para a ajuda.

5. Quais os problemas que as pessoas trazem, quando vêm falar consigo?

As pessoas que procuram a minha ajuda trazem-me problemas da sua própria vida como: dificuldades na vida conjugal, dificuldades na relação com os filhos e dos filhos com os pais, questões de desemprego e dinheiro e questões de saúde. Há que notar que muitas pessoas colocam problemas de dinheiro porque o gastaram em bruxas e bruxos. Estes agentes, ao contrário dos padres e da Igreja, querem dinheiro em troca da cura para o mal que a pessoa ali lhe traz e confia.

6. O que lhes indica e faz?

Com as pessoas que aqui vêm e primeiro eu escuto e falo com elas, para perceber qual o problema e inquietação que as levou até a mim e depois, caso seja preciso, rezo a chamada “Bênção dos Doentes” em latim, que não está proibida pela Igreja. Depois de rezar esta oração pergunto se as pessoas querem ser aspergidas com água benta, caso queiram eu faço. Sei que as pessoas no fim de eu estar com elas os seus problemas estão diminuídos, elas sentem-se melhores e com forças para continuar a percorrer a caminhada da vida. Não sou eu que o faço é Deus quem opera esta graça nas pessoas, mas para isto serve-se de um seu ministro. É pena que os Senhores Padres não queiram abrir os seus corações a este mandato do Senhor. É pena que ainda hoje muitas pessoas não encontrem na Igreja um lugar e uma pessoa onde possam reclinar a cabeça.

Não obstante, no encontro com as pessoas e as suas dificuldades pergunto: “Vão à Missa ao domingo e rezam o terço ao longo da semana?” Em geral respondem-me que não. Perante isto procuro apontar os benefícios que a Santa Missa e a meditação do terço podem ter para a vida e que estes são fundamentais para que a oração dos doentes traga benefícios para a vida. Neste seguimento são muitos os que não mudam de vida, mas são mais os que saem com vontade de dar outro rumo à sua história. Sei de casos de pessoas que saem daqui com esse intuito e que neste momento o realizam.

De maneira que é uma acção boa. Se os padres se abrissem a este ponto, com certeza que havia mais gente a frequentar a missa e a fé no povo avançava, penso eu.

Face a isto era muito importante que os padres se abrissem ao diálogo com as pessoas no sentido de as conduzir à eucaristia, centro da nossa fé e que fossem rostos visíveis de um Deus que salva, cura e liberta. Era fundamental que os padres cultivassem a humildade e rezassem as orações que a Igreja oferece para o bem de tantos fieis?! Há muitos casos de pessoas que vêm aqui dizer “resultou”, sem a gente lhes perguntar nada. Rezar pelas pessoas com dificuldades na vida resulta muito.

Por fim, são três as recomendações que eu deixo às pessoas que me procuram, a saber: primeira, a Santa Missa como culto mais importante do mundo é necessária para qualquer crente que se quer manter fiel ao mandamento do Senhor e quer alimentar a sua espiritualidade; segunda, a oração diária do terço, quer em família quer individual; terceira, não ir aos bruxos nem a qualquer tipo de ocultismo, porque eles são nefastos para a vida. Esta última recomendação é importante porque são muitas as pessoas que batem à porta dos padres e vão à bruxa.

7. Qual é o sentir eclesial perante os mistérios do oculto e a resposta que a Igreja deve dar?

A Igreja não vê na recorrência às práticas ocultas algo bom. Na verdade, as pessoas que se dedicam à prática das artes ocultas estão a enganar-se e a enganar os outros. Por exemplo, os bruxos até podem convencer que têm poderes capazes de resolver determinado problema das pessoas, mas isso não vai resultar porque tudo aquilo não passa de um teatro e de uma ilusão. As pessoas com tanta confusão de ritos, palavras, gestos ficam alienadas da realidade e pensam que tudo está resolvido, mas certo é que isto não faz mais do que prejudicar em muito as pessoas.

Neste sentido, são muitas as pessoas que depois de recorrerem a um agente da magia se desligam de Deus e de Nossa Senhora, contudo, Deus e aqueles a quem ele confiou a continuidade da Sua missão nunca as abandona e estão sempre disponíveis para acolher o

filho ou filha que, num momento de grande provação, se entregou às mãos dos bruxos, que querem cortar o vínculo com Deus.

Padre 3

(doc. 13)

1. Quais os problemas que levam as pessoas a recorrerem às práticas ocultistas?

São muitas as dificuldades que conduzem as pessoas até aos agentes das artes ocultas. Sendo de ordem muito prática, algumas dessas dificuldades são as seguintes: saúde (sua e de outras pessoas), dinheiro, emprego e a felicidade. Todas as dificuldades podem resumir-se nesta última, ou seja, a felicidade. De facto, por mais que as pessoas procurem uma só coisa buscam, a felicidade, que comporta em si muitos aspectos, como por exemplo as coisas materiais que escondem por trás este sublime desejo de felicidade.

De igual modo, são muitas as pessoas, concretamente mulheres, que vão aos bruxos em busca de marido e de homens. Muitas buscam no ocultismo a liberdade, isto é, a sua emancipação face aos maridos, que as fazem sofrer.

As pessoas mais do que o medo têm uma necessidade. Todavia é esta necessidade que funciona como locomotiva em direcção para as artes e agentes do oculto.

2. Acha que a Igreja tem culpa por as pessoas recorrerem à bruxa? Porquê?

Sim acho que a Igreja e concretamente os padres têm culpa das pessoas recorrerem às bruxas. Desde logo, porque a Igreja se fecha no rótulo da experiência de solidão, que não leva as pessoas à reflexão, mas à muralha da impossibilidade de sentir Deus e o calor humano no coração, e em belos discursos que, não sendo realistas, transparecem um Deus que não é de todos.

A falta de coerência de vida também é outro mal que se vive na Igreja e nos padres e que conduz muita gente para as bruxas. As pessoas recorrem a um padre que, tendo sido chamado por Deus, tem de ser rosto desse mesmo Deus que é misericórdia. Porém, se este não está a ser fiel ao seu chamamento, se não está disponível, se não mostra o verdadeiro rosto de Deus as pessoas não vão confiar, sentem-se defraudadas e procuram outra ajuda que se diga mais credível.

3. Acha que a Igreja e nomeadamente os padres estão a realizar o seu ministério, num tempo em que são cada vez mais as pessoas que se dirigem aos centros de ciências e artes ocultas? Sim ou não, porquê?

Na realidade, penso que os padres não estão a realizar o seu ministério. Eu acredito, não em acusação aos padres, que nos estamos a ocultar. As pessoas ao buscar o ocultismo e nós a não fazer nada para travar esta situação estamos a ter uma atitude de omissão de uma responsabilidade.

Assistindo a este crescente fenómeno nós continuamos atrás das secretárias, nas salas de aulas e na administração de grandes Centros Sociais, enfim verdadeiros e bons profissionais da fé. Porém, profissionais existem muitos, mas padres existem poucos. As pessoas precisam e querem caminhar nos trilhos da Igreja, mas os padres, a quem foi confiada a missão de conduzir o rebanho, escondem-se. Isto, na minha opinião, deve-se em muito ao medo, ao preconceito e até à falta de fé. Acho que os padres são os maiores ateus que a Igreja tem.

4. Se a Igreja realiza o seu ministério por que que não está a resultar?

A Igreja não está a realizar o ministério que Jesus ordenou. Quando falo da Igreja não falo do Magistério e da Igreja no seu todo, porque a Igreja vai procurando falar sobre os mais variados assuntos, inclusive deste. A Igreja vai buscando impor-se em determinadas matérias e, neste caso, não deixou de se pronunciar a respeito da sua posição. Eu quando me referia à Igreja falava de alguns padres que não acreditando deixam de cumprir o seu ministério.

Parece que hoje os padres já não têm tempo para escutar e falar.

Os problemas existem, mas é preciso atenção da nossa parte. Segundo o Papa Francisco: «Não há pecado algum que não possa ser perdoado!», todavia alguns padres não acreditam nisto. Por isso, é preciso que alguns padres acordem e tomem posse daquilo que lhes é dado e confiado na sua ordenação. A unção, o ser pai, o ouvir e o cuidar através do toque são fundamentais para que os pastores tenham o cheiro das ovelhas. Os padres não podem querer ter muitos cheiros menos o cheiro das ovelhas. É por causa disto que, actualmente, muitas ovelhas se estão a perder.

5. Quais os problemas que as pessoas trazem, quando vêm falar consigo?

Eu enfatizo os problemas de saúde, dinheiro e emprego, mas especialmente o problema da busca da felicidade. As pessoas além de quererem ser felizes estão à procura de Deus, mesmo nos caminhos do ocultismo. As pessoas quando vêm à minha procura, elas trazem toda a dor que as habita. À medida que vou falando e escutando dou conta que esta dor é uma

busca pela felicidade e uma busca de Deus. Por isso, quando elas se dirigem aqui vêm na certeza de que estão a caminhar para Deus, na amizade com Ele.

6. O que lhes indica e faz?

Nunca faço uma acusação quando falo com as pessoas que me confiam as suas dificuldades e os seus anseios. Procuro sempre escutar uma, duas, três, quantas vezes forem precisas. Também rezo com e pelas pessoas. Quando falamos e escutamos as pessoas fazemos com que elas percebam que o ocultismo e Deus são caminhos opostos. No entanto, não podemos esquecer que elas estão sempre numa procura constante por Deus.

Além disto procuro estar atenta às pessoas, isto é, procuro saber se há alguma coisa que necessitam, uma vez que muitas das pessoas que recorrem à nossa ajuda têm necessidades materiais e é preciso tentar suprir essas necessidades. Não faz falta só falar, mas também prover às necessidades. A partir daqui creio que está aberta uma porta para indicarmos às pessoas os sacramentos da Eucaristia e da Confissão, que trarão a cura e a reconciliação. Também indico a importância e o benefício de encontros de acompanhamento espiritual. Não são muitos os padres que eu indico para se confessarem porque nem todos estão disponíveis e são capazes de conduzir novamente as pessoas para os braços misericordiosos de Cristo. Aconselho nem todos os padres porque alguns ao invés de construírem só destroem o que nós andamos meses e até anos a construir.

Trago à memória um caso que passou pelas minhas mãos. Trata-se de uma senhora que começou a participar em alguns encontros promovidos pelo meu movimento. Estes encontros e o meu acompanhamento possibilitou-a de fazer uma grande experiência com Deus. Mas chegou a um tempo que ela se afastou de nós. Este afastamento deveu-se à força exercida e o contágio da frequência de práticas ocultas, nomeadamente os bruxos, praticados noutros tempos da sua vida. Isto está a retirar-lhe completamente as forças ao ponto de ela não se conseguir ver livre desta situação. Já num caminho de conversão, pela confissão e eucaristia, esta mulher dava sinais de recuperação, porém o mal ainda a mantém escrava. Perante isto cabe-me a mim não desistir, o que muitos padres não fazem. Nós não desistimos porque Deus e o seu amor é mais forte do que tudo.

7. Qual é o sentir eclesial perante os mistérios do oculto e a resposta que a Igreja deve dar?

A Igreja reprovava totalmente qualquer manifestação e prática do oculto. Agora a resposta que a Igreja deve dar a essas pessoas que frequentam práticas ocultas passa pela informação e formação e pela misericórdia. A Igreja tem de indicar quais os caminhos da misericórdia. A

nossa Igreja é muito bela e os passos que ela faz percorrer para a conversão de vida são igualmente belos. Acho que nós enquanto Igreja de Jesus Cristo precisamos de mostrar a todo o mundo estes passos, mas não de uma forma engessada. Nós temos tendência a engessar Jesus e o que Ele nos pede. Nós engessamos muito a graça e a misericórdia, que nos impossibilita de perceber e aproximar de Deus. Ninguém consegue perceber um Deus engessado e um Deus traidor. Lembro mais uma vez o Papa Francisco que nos falava da Igreja como alfandegária. Não é preciso tanto engessamento da Igreja para recebermos a graça e o perdão dos pecados. Deus é livre!